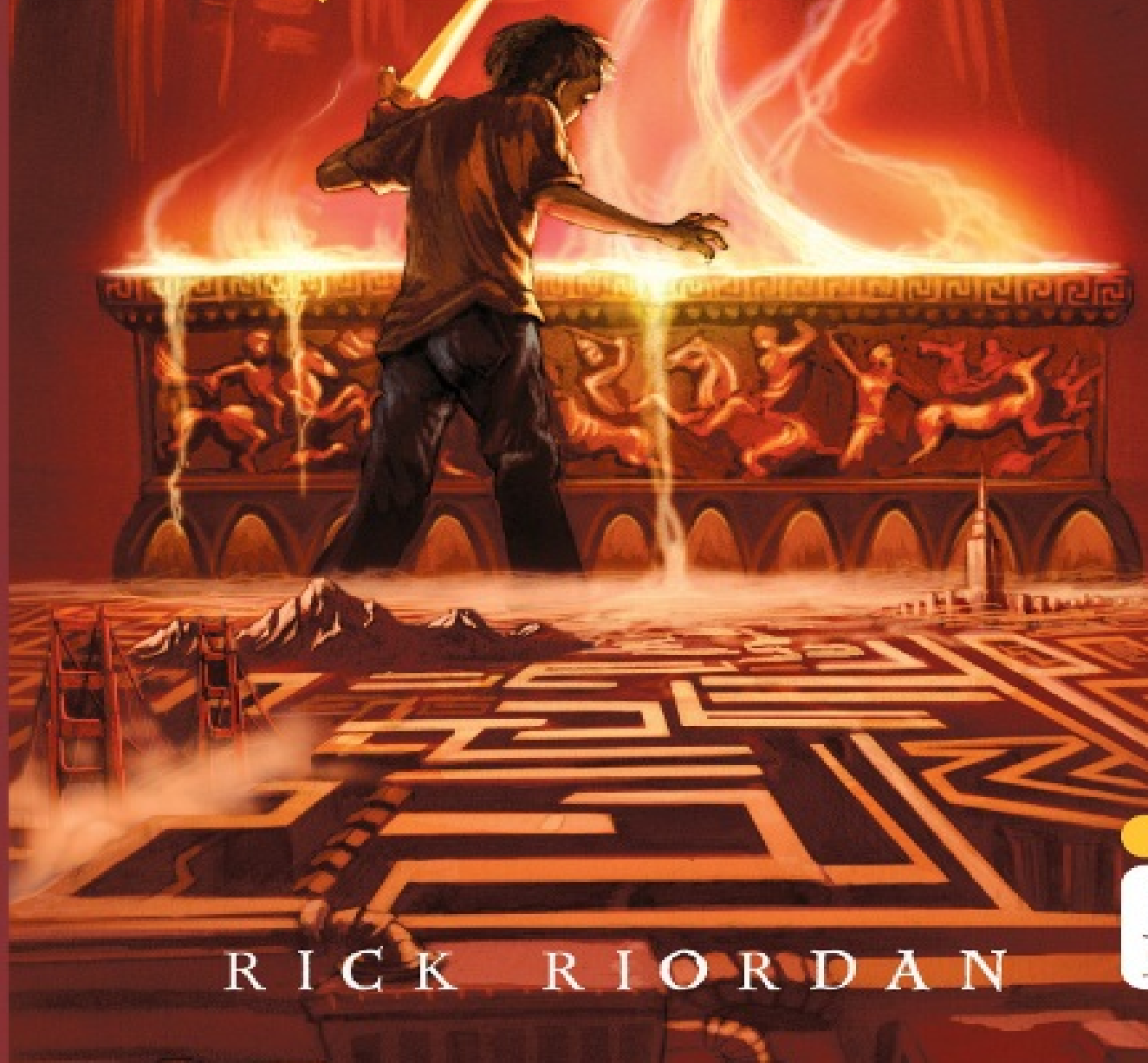


PERCY JACKSON & OS OLIMPIANOS  LIVRO QUATRO

*“Chega de procurar por seu próximo herói:
conheça Percy Jackson, escolhido por legiões de fãs.”*

KIRKUS REVIEWS

A BATALHA DO LABIRINTO



RICK RIORDAN


intrínseca



PERCY JACKSON & OS OLIMPIANOS
LIVRO QUATRO

A
BATALHA
DO
LABIRINTO



RICK RIORDAN

TRADUÇÃO DE RAQUEL ZAMPIL



Copyright © 2008 Rick Riordan
Edição em português negociada por intermédio de
Nancy Galt Literary Agency e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL

TÍTULO ORIGINAL
The Battle of the Labyrinth

PREPARAÇÃO
Líciane Corrêa

REVISÃO
Umberto Figueiredo
Pinto Maria da Glória Carvalho

REVISÃO DE EPUB
Danilo Crespo

GERAÇÃO DE EPUB
Simplíssimo

E-ISBN
978-85-8057-084-7

Edição digital: 2011

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Cávaa
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



*Para Becky, que sempre
me guia pelo labirinto*

UM

ENFRENTO AS LÍDERES DE TORCIDA

DOIS

O MUNDO INFERIOR ME LIGA A COBRAR

TRÊS

BRINCAMOS DE PEGA-PEGA COM ESCORPIÕES

QUATRO

ANNABETH TRANSGRIDE AS REGRAS

CINCO

NICO COMPRO McLANCHE FELIZ PARA OS MORTOS

SEIS

ENCONTRAMOS O DEUS DE DUAS CARAS

SETE

TYSON LIDERA UMA FUGA DA PRISÃO

OITO

VISITAMOS O RANCHO DE FÉRIAS DO DEMÔNIO

NOVE

EU REMOVO ESTRUME

DEZ

JOGAMOS O GAME DA MORTE

ONZE

EU PEGO FOGO

DOZE

TIRO FÉRIAS PERMANENTES

TREZE

CONTRATAMOS UM NOVO GUIA

QUATORZE

MEU IRMÃO DUELA COMIGO ATÉ A MORTE

QUINZE

ROUBAMOS ALGUMAS ASAS SEMINOVAS

DEZESSEIS

EU ABRO UM CAIXÃO

DEZESSETE

O DEUS PERDIDO FALA

DEZOITO

GROVER PROVOCA UMA DEBANDADA

DEZENOVE

O CONSELHO SE FENDE

VINTE

MÍNHA FESTA DE ANIVERSÁRIO SOFRE UMA SOMBRIA REVIRAVOLTA

UM
ENFRENTO AS LÍDERES DE TORCIDA

A última coisa que queria fazer nas férias de verão era destruir outra escola. Mas lá estava eu naquela manhã de segunda-feira, primeira semana de junho, sentado no carro da minha mãe diante da Goode High School, na rua 81 Leste.

A Goode ficava em um prédio grande de arenito com vista para o Rio East. Um monte de BMWs e Lincoln Towns estava estacionado diante dela. Olhando os elegantes arcos de pedra, eu me perguntei quanto tempo levaria até ser expulso daquele lugar.

— Relaxe. — A voz de minha mãe não parecia nada relaxada. — É só uma visita de orientação. E lembre, querido: esta é a escola de Paul. Portanto, tente não... Você sabe.

— Destruí-la?

— É.

Paul Blofis, namorado da minha mãe, estava de pé no portão da escola, recebendo os futuros alunos do primeiro ano do ensino médio à medida que subiam os degraus. Com seus cabelos grisalhos, roupa de brim e casaco de couro, parecia um ator de tevê, mas ele era só um professor de inglês. Paul conseguira convencer a Goode High School a me aceitar no primeiro ano, apesar de eu ter sido expulso de todas as escolas que frequentei. Tentei avisá-lo de que aquela não era uma boa ideia, mas ele não me deu ouvidos.

Olhei para minha mãe.

— Você não contou a ele a verdade sobre mim, contou?

Ela tamborilava os dedos nervosamente no volante. Estava vestida para uma entrevista de emprego — seu melhor vestido azul e sapatos de salto alto.

— Pensei que seria melhor esperarmos — ela admitiu.

— Para não o espantarmos.

— Tenho certeza de que vai dar tudo certo na visita de orientação, Percy. É só uma manhã.

— Ótimo — murmurei. — Posso ser expulso antes mesmo de começar o ano letivo.

— Pense positivo. Amanhã você vai para o acampamento! Depois da orientação, você tem o encontro...

— Não é um encontro! — protestei. — É só a Annabeth, mãe. Puxa!

— Ela está vindo do acampamento até aqui para ver você.

— É, eu sei.

— Vocês vão ao cinema.

— Sim.

— Só os dois.

— Mãe!

Ela ergueu as mãos em sinal de rendição, mas eu podia ver que estava fazendo força para não rir.

— É melhor entrar, querido. Até a noite.

Eu estava prestes a sair do carro quando olhei para a escadaria da escola. Paul Blofis cumprimentava uma garota de cabelos ruivos frisados. Ela vestia uma camiseta marrom e um jeans surrado customizado com desenhos feitos com caneta hidrográfica. Quando se virou, vi seu rosto de relance, e os pelos do meu braço se eriçaram.

— Percy? — chamou minha mãe. — O que foi?

— N-nada — gaguejei. — A escola tem uma entrada lateral?

— Descendo a rua, à direita. Por quê?

— Até mais tarde.

Mamãe começou a dizer algo, mas saltei do carro e corri, torcendo para que a garota ruiva não me visse.

O que *ela* estava fazendo ali? Nem mesmo a *minha* sorte poderia ser assim tão ruim.

Pois, sim. Eu estava prestes a descobrir que minha sorte poderia ser muito pior.

Entrar sorrateiramente na escola não deu muito certo. Duas líderes de torcida de uniforme roxo e branco estavam na entrada lateral, esperando para emboscar os calouros.

— Oi! — Elas sorriram, e eu deduzi que aquela era a primeira e a última vez que uma líder de torcida seria tão simpática comigo. Uma delas era loura, com gélidos olhos azuis. A outra era afro-americana, com cabelos escuros e enroscados como o da Medusa (e, pode acreditar, eu sei do que estou falando). Ambas tinham o nome bordado em letras cursivas no uniforme, mas, com a minha dislexia, as palavras pareciam espaguete, sem nenhum sentido.

— Bem-vindo à Goode — disse a loura. — Você vai amar *muito* isso aqui.

Mas, enquanto me olhava de cima a baixo, sua expressão parecia dizer algo como: *Argh, quem é este perdedor?*

A outra garota se aproximou tanto que me senti desconfortável. Examinei o bordado em seu uniforme e consegui decifrar *Kelli*. Ela cheirava a rosas e a algo que reconheci das aulas de equitação no acampamento — o cheiro de cavalos recém-lavados. Era um perfume estranho para uma líder de torcida. Talvez tivesse um cavalo, ou algo assim. De qualquer modo, ela estava tão perto de mim que tive a sensação de que ia tentar me empurrar escada abaixo.

— Qual o seu nome, calo?

— Calo?

— Calouro.

— Hã, Percy.

As garotas trocaram olhares.

— Ah, Percy Jackson — disse a loura. — Estávamos à sua espera.

Isso fez um intenso arrepio de *Ah, não!* percorrer minha espinha. Elas estavam bloqueando a entrada, sorrindo de uma forma nada amistosa. Minha mão instintivamente se dirigiu ao bolso onde eu guardava minha caneta esferográfica letal, Contracorrente.

Então outra voz veio do interior do prédio:

— Percy? — Era Paul Blofis, de algum ponto adiante no corredor.

Eu nunca me sentira tão feliz por ouvir a voz dele.

As líderes de torcida recuaram. Eu estava tão ansioso em passar por elas que acidentalmente esbarrei o joelho na coxa de Kelli.

Clang.

Sua perna emitiu um ruído metálico e oco, como se eu tivesse acabado de atingir o mastro de uma bandeira.

— Ai — murmurou ela. — Preste atenção, *calo*.

Olhei para baixo, mas aquela parecia uma perna comum. Eu estava apavorado demais para fazer perguntas. Avancei apressadamente para o corredor, as duas garotas rindo atrás de mim.

— Aí está você! — exclamou Paul. — Bem-vindo à Goode!

— Ei, Paul... hã, sr. Blofis. — Olhei para trás, mas as líderes de torcida esquisitas haviam desaparecido.

— Percy, você está com cara de quem viu fantasma.

— É, hã...

— Ouça, eu sei que está nervoso, mas não se preocupe. — Paul me deu um tapinha nas costas. — Temos uma porção de garotos aqui com dislexia, transtorno de déficit de atenção e hiperatividade. Os professores sabem como ajudar.

Eu quase tive vontade de rir. Como se meus maiores problemas fossem a dislexia, o transtorno de déficit de atenção e a hiperatividade... Bem, eu sabia que Paul estava tentando ajudar, mas, se eu lhe contasse a verdade, ou ele pensaria que eu estava louco ou sairia correndo e gritando. Aquelas líderes de torcida, por exemplo — eu estava com um mau pressentimento em relação a elas...

Então olhei mais adiante no corredor e me lembrei de que havia outro problema. A garota ruiva que eu vira na escadaria da frente estava passando pela entrada principal.

Não me veja, rezei.

Mas ela me viu. Seus olhos se arregalaram.

— Onde é a orientação? — perguntei a Paul.

— No ginásio. Por ali. Mas...

— Tchau.

— Percy? — ele chamou, mas eu já estava correndo.

Pensei que a tivesse despistado.

Um grupo de garotos e garotas estava seguindo para o ginásio, e logo eu era apenas um entre os trezentos adolescentes de 14 anos amontoados nas arquibancadas. Uma banda tocava um grito de guerra da escola, que soava desafinado como se alguém estivesse batendo em um saco de gatos com um taco de beisebol de metal. Garotos mais velhos, provavelmente membros do grêmio estudantil, estavam lá na frente, apresentando o uniforme da Goode, com cara de: *Ei nós somos o máximo*. Professores circulavam no local, sorrindo e apertando a mão dos alunos. As paredes do ginásio estavam cobertas por grandes bandeiras roxas e brancas onde se lia: BEM-VINDOS, FUTUROS ALUNOS DO PRIMEIRO ANO, A GOODE É LEGAL, SOMOS TODOS UMA FAMÍLIA, e um monte de outros *slogans* alegres que me davam vontade de vomitar.

Nenhum dos outros futuros alunos tampouco parecia entusiasmado por estar ali; afinal, apresentar-se aos orientadores em junho — enquanto as aulas só começam em setembro — não é nada legal. Mas na Goode “Preparamos para a excelência cedo!”. Pelo menos era o que dizia o folheto.

A banda parou de tocar. Um sujeito de terno de risca de giz dirigiu-se ao microfone e começou a falar, mas o som reverberava pelo ginásio e eu não tinha a menor ideia do que ele estava dizendo. Daria no mesmo se ele estivesse gargarejando.

Alguém agarrou meu ombro.

— O que você está fazendo aqui?

Era ela: meu pesadelo ruivo.

— Rachel Elizabeth Dare — eu disse.

O queixo dela caiu, como se não pudesse acreditar que eu tivera a ousadia de me lembrar de seu nome.

— E você é Percy não sei de quê. Não cheguei a saber seu nome todo dezembro passado, quando você tentou *me matar*.

— Olhe, eu não estava... eu não queria... O que *you* está fazendo aqui?

— O mesmo que você, eu acho. Orientação.

— Você mora em Nova York?

— Por quê? Achou que eu morasse na Barragem de Hoover?

Aquilo nunca me ocorrera. Sempre que eu pensava nela (e *não* estou dizendo que eu *pensava*; ela só me passava pela cabeça de tempos em tempos, está bem?), imaginava que morasse perto da Barragem de Hoover, já que fora lá que eu a conhecera. Havíamos passado acho que uns dez minutos juntos, e nesse meio-tempo eu acidentalmente a golpeará com uma espada, ela salvara minha vida e eu fugira correndo, perseguido por um bando de máquinas assassinas sobrenaturais. Sabe, um encontro assim... bem comum.

Um garoto atrás de nós murmurou:

— Ei, calem a boca. As líderes da torcida estão falando!

— Oi, pessoal! — disse efusivamente uma garota ao microfone. Era a loura que eu vira na entrada. — Meu nome é Tammi, e esta é, bem, Kelli. — Kelli deu uma estrela.

A meu lado, Rachel gritou como se alguém a tivesse espetado com um alfinete. Alguns garotos olharam na direção dela e soltaram uma risadinha abafada, mas Rachel continuou encarando fixamente as líderes de torcida, aterrorizada. Tammi não pareceu perceber a agitação. Ela começou a falar sobre todas as atividades maravilhosas nas quais poderíamos nos envolver em nosso primeiro ano.

— Corra — disse-me Rachel. — Agora.

— Por quê?

Ela não explicou. Abriu caminho até a lateral da arquibancada, ignorando os professores de testa franzida e os resmungos dos alunos nos quais pisava.

Eu hesitei. Tammi estava explicando que nos dividiríamos em pequenos grupos e faríamos um *tour* pela escola. O olhar de Kelli encontrou o meu e ela me dirigiu um sorriso divertido, como se estivesse esperando para ver o que eu ia fazer. Ficaria mal se eu sáísse naquele momento. Paul Blofis estava lá embaixo com os outros professores. Ele ficaria imaginando qual era o problema.

Então pensei em Rachel Elizabeth Dare, e na habilidade especial que ela demonstrara no último inverno na Barragem de Hoover. Ela conseguira enxergar um grupo de seguranças que não eram guardas de verdade, não eram nem humanos. Com o coração batendo forte, eu me levantei e a segui, saindo do ginásio.

Encontrei Rachel na sala de música. Ela estava escondida atrás de um tambor, na seção de percussão.

— Venha até aqui! — chamou. — Mantenha a cabeça baixa!

Eu me senti bastante bobo escondido atrás de alguns bongôs, mas me agachei ao lado dela.

— Elas seguiram você? — perguntou Rachel.

— Está se referindo às líderes de torcida?

Ela assentiu, nervosa.

— Acho que não — eu disse. — O que elas são? O que foi que você viu?

Seus olhos verdes brilhavam de medo. As sardas salpicadas no rosto me lembravam constelações. Sua camiseta marrom dizia DEPARTAMENTO DE ARTE DE HARVARD.

— Você... você não iria acreditar em mim.

— Ah, iria sim — garanti. — Sei que consegue ver através da Névoa.

— Do quê?

— Da Névoa. É... bem, é como um véu que esconde o que as coisas são de verdade. Alguns mortais nascem com a habilidade de enxergar através dela. Como você.

Ela me olhou com atenção.

— Você fez isso na Barragem de Hoover. Disse que eu era mortal. Como se você não fosse.

Tive vontade de dar um soco em um bongô. O que eu estava pensando? Nunca conseguiria explicar. Não deveria nem estar tentando.

— Fale para mim — ela implorou. — Você sabe o que isso quer dizer. Todas essas coisas horríveis que eu vejo?

— Olhe, isso vai soar estranho. Você sabe alguma coisa sobre mitologia grega?

— Como... o Minotauro e a Hidra?

— Sim, mas tente não dizer esses nomes quando eu estiver por perto, o.k.?

— E como as Fúrias — continuou ela, animando-se. — E como as sereias, e...

— O.k.! — Dei uma olhada pela sala de música, certo de que Rachel ia fazer um bando de criaturas asquerosas e sedentas de sangue pular das paredes; mas ainda estávamos sozinhos. Mais à frente, no corredor, ouvi um grupo de garotos saindo do ginásio. Estavam começando o *tour*. Não tínhamos muito tempo para conversar.

— Todos aqueles monstros — eu disse —, todos os deuses gregos... eles são de verdade!

— Eu sabia!

Teria me sentido mais à vontade se ela tivesse me chamado de mentiroso, mas a expressão de Rachel mostrava que eu acabara de confirmar suas piores suspeitas.

— Você não sabe como é difícil — disse ela. — Durante anos pensei que estivesse ficando maluca. Eu não podia contar a ninguém. Não podia... — Seus olhos se estreitaram. — Peraí. Quem é você? Quer dizer, *de verdade*?

— Eu não sou um monstro.

— Bem, disso eu sei. Eu *veria* se você fosse. Você parece... você. Mas não é humano, é?

Engoli em seco. Embora tivesse tido três anos para me acostumar a ser quem era, eu nunca havia falado a respeito disso com um mortal comum — isto é, exceto com minha mãe, mas ela já sabia. Não sei por quê, mas resolvi me arriscar.

— Sou um meio-sangue — eu disse. — Sou metade humano.

— E metade o quê?

Nesse momento Tammi e Kelli entraram na sala de música. As portas se fecharam atrás delas com estrondo.

— Aí está você, Percy Jackson — disse Tammi. — Chegou a hora da sua orientação.

— Elas são horríveis! — suspirou Rachel.

Tammi e Kelli ainda usavam o uniforme roxo e branco de líderes de torcida, segurando os pompons da apresentação.

— Qual é a aparência real delas? — perguntei, mas Rachel parecia perplexa demais para responder.

— Ah, deixe ela para lá! — Tammi me lançou um sorriso brilhante e começou a caminhar na minha direção. Kelli permaneceu na porta, bloqueando nossa saída.

Elas nos haviam apanhado em uma armadilha. Eu sabia que teríamos de lutar para escapar, mas o sorriso de Tammi era tão deslumbrante que me distraía. Seus olhos azuis eram lindos, e o modo como os cabelos balançavam nos ombros...

— Percy — advertiu Rachel.

Eu disse algo muito inteligente, do tipo:

— Hein?

Tammi estava se aproximando. Ela estendeu os pompons.

— Percy! — A voz de Rachel parecia vir de um lugar muito distante. — Dê o fora daí!

Precisei usar toda a minha força de vontade, mas consegui pegar a caneta no bolso e destampá-la. Contracorrente então se transformou em uma espada de bronze de noventa centímetros, a lâmina brilhando com uma suave luz dourada. O sorriso de Tammi tornou-se uma expressão de escárnio.

— Ah, pare com isso! — protestou ela. — Você não precisa disso. Que tal um beijo, em vez dessa coisa?

Ela cheirava a rosas e a pelo limpo de animal — um aroma estranho, mas de alguma forma intoxicante.

Rachel beliscou meu braço com força.

— Percy, ela quer morder você! Olhe para ela!

— Ela só está com ciúme. — Tammi olhou na direção de Kelli. — Posso, senhora?

Kelli ainda estava bloqueando a porta, lambendo os lábios, faminta.

— Vá em frente, Tammi. Está indo bem.

Tammi avançou mais um passo, mas apontei a espada contra seu peito.

— Para trás!

Ela rosnou.

— Calouros — disse, com desprezo. — Esta é a *nossa* escola, meio-sangue. Nós nos alimentamos de quem escolhemos!

Então ela começou a ficar diferente. A cor se esvaiu de seu rosto e de seus braços. A pele se tornou branca como giz, os olhos, completamente vermelhos. Os dentes cresceram e viraram presas.

— Uma vampira! — balbuciei. Então notei suas pernas. Abaixo da saia do uniforme, a perna esquerda era marrom e peluda, com um casco de burro. A direita tinha o formato de uma perna humana, mas era feita de bronze. — Hã, uma vampira com...

— Não fale das pernas! — disse Tammi. — É grosseiro zombar disso!

Ela avançou com suas pernas estranhas, descombinadas. Parecia totalmente bizarra, mais ainda com os pompons, mas eu não conseguia rir — não encarando aqueles olhos vermelhos e as presas afiadas.

— Uma vampira, você disse? — Kelli riu. — Essa lenda boboca foi inspirada em *nós*, seu tolo. Somos *empousai*, servas de Hécate.

— Hummm. — Tammi aproximou-se ainda mais. — A magia negra nos criou a partir de um animal, do

bronze e de fantasmas! Existimos para nos alimentar do sangue de homens jovens. Agora venha e me dê aquele beijo!

Ela mostrou as presas. Fiquei paralisado, sem conseguir me mover, mas Rachel jogou um tarol na cabeça da *empousa*.

O demônio sibilou e, com um golpe, desviou o tarol, que foi rolando pelos corredores entre os suportes de partituras, as molas chocalhando de encontro ao couro. Rachel lançou então um xilofone, mas o demônio também o desviou com um tapa.

— Geralmente não mato garotas — grunhiu Tammi. — Mas para você, mortal, vou abrir uma exceção. Você enxerga um pouquinho *demaís*!

Ela investiu contra Rachel.

— Não! — Desferi um golpe com Contracorrente. Tammi tentou esquivar-se à lâmina, mas consegui perfurar seu uniforme de líder de torcida, e com um gemido horrível ela explodiu em uma nuvem de pó sobre Rachel.

Rachel tossiu. Parecia que tinham acabado de jogar um saco de farinha em cima dela.

— Que nojo!

— Isso acontece com os monstros — eu disse. — Desculpe-me.

—Você matou minha estagiária! — gritou Kelli. — Precisa de uma lição sobre espírito esportivo, meio-sangue!

Então ela também começou a se transformar. Os cabelos crespos tornaram-se chamas bruxuleantes. Os olhos ficaram vermelhos. As presas cresceram. Ela veio em nossa direção, o pé de bronze e o casco ressoando descompassados no piso da sala de música.

— Eu sou a *empousa* sênior — grunhiu. — Nenhum herói me derrota há mil anos.

— Mesmo? — perguntei. — Então já passou da validade!

Kelli era bem mais rápida que Tammi. Esquivou-se ao meu primeiro golpe e rolou para a seção de metais, derrubando uma fileira de trombones com um ruído altíssimo. Rachel saiu do caminho. Coloquei-me entre ela e a *empousa*. Kelli nos rodeou, os olhos indo de mim para a espada.

— Uma laminazinha tão linda — disse ela. — Que pena que está entre nós dois.

Sua forma tremeluzia — às vezes um demônio, às vezes uma linda líder de torcida. Eu tentava manter a mente focada, mas aquilo era muito perturbador.

— Pobrezinho — riu Kelli. — Você não sabe nem o que está acontecendo, não é? Logo seu lindo acampamentozinho estará em chamas, seus amigos se tornarão escravos do Senhor do Tempo, e não há nada que possa fazer para evitar isso. Seria até misericordioso dar um fim à sua vida agora, antes que tenha tempo de assistir a tudo.

Eu ouvia vozes vindo do fim do corredor. Um grupo fazendo o *tour* se aproximava. Um homem falava algo sobre combinação de cadeados.

Os olhos da *empousa* se iluminaram.

— Excelente! Vamos ter companhia!

Ela apanhou uma tuba e a lançou contra mim. Rachel e eu nos abaixamos. A tuba voou sobre nossas cabeças e quebrou a janela.

As vozes no corredor se calaram.

— Percy! — gritou Kelli, fingindo-se assustada. — Por que você atirou aquilo?

Eu estava surpreso demais para responder. Kelli pegou um suporte de partitura e atingiu uma fileira de clarinetas e flautas. Cadeiras e instrumentos musicais desabaram no chão com um estrondo.

— Pare! — eu gritei.

As pessoas agora disparavam pelo corredor, vindo em nossa direção.

— Hora de cumprimentar os nossos visitantes! — Kelli arreganhou as presas e correu para as portas. Fui atrás dela com Contracorrente. Precisava evitar que ela ferisse os mortais.

— Percy, não! — gritou Rachel. Mas eu não percebi o que Kelli pretendia até que fosse tarde demais.

Kelli abriu as portas. Paul Blofis e um grupo de calouros recuaram, em choque. Eu ergui minha espada.

No último segundo, a *empousa* se virou para mim como uma vítima apavorada.

— Ah, não, por favor! — gritou.

Eu não podia parar a lâmina, que já estava em movimento.

Segundos antes de o bronze celestial atingi-la, Kelli explodiu em chamas como um coquetel molotov. Ondas de fogo lançaram-se sobre tudo. Eu nunca vira um monstro fazer algo assim, mas não tinha tempo para pensar no assunto. Recuei para a sala de música enquanto as chamas engoliam o vão de entrada.

— Percy? — Paul Blofis parecia totalmente atônito, fitando-me através do fogo. — O que você fez?

Adolescentes gritavam e corriam pelo corredor. O alarme de incêndio soava. Os *sprinklers* no teto silvavam, ganhando vida.

Em meio ao caos, Rachel me puxou pela manga da camisa.

— Você precisa sair daqui!

Ela estava certa. A escola estava em chamas e a culpa seria atribuída a mim. Os mortais não conseguiam ver com perfeição através da Névoa. Para eles, pareceria que eu atacara uma garota indefesa diante de um grupo de testemunhas. Não havia como eu explicar. Dei as costas para Paul e disparei para a janela da sala de música destruída.

Saí da viela na 8I Leste e dei de cara com Annabeth.

— Ei, você saiu cedo! — Ela riu, agarrando meus ombros para evitar que eu me estatelasse no chão. — Olhe para onde está indo, Cabeça de Alga.

Por uma fração de segundo ela estava de bom humor e tudo corria bem. Vestia jeans e a camisa laranja do acampamento, e usava o colar de contas de cerâmica. O cabelo louro estava preso em um rabo de cavalo. Os olhos cinzentos brilhavam. Ela parecia pronta para ir ao cinema e passar uma tarde divertida comigo.

Então Rachel Elizabeth Dare, ainda coberta de poeira de monstro, veio correndo pela viela, gritando:

— Percy, espere!

O sorriso de Annabeth se desfez. Ela olhou para Rachel e, em seguida, para a escola. Foi então que pareceu notar a fumaça negra e o som dos alarmes de incêndio.

Ela me olhou, franzindo a testa.

— O que foi que você fez dessa vez? E quem é essa?

— Ah, Rachel... Annabeth. Annabeth... Rachel. Hã, ela é uma amiga, acho.

Eu não sabia ao certo como chamar Rachel. Quer dizer, eu mal a conhecia, mas, depois de estarmos juntos duas vezes em situações de vida ou morte, eu não podia simplesmente dizer que ela não era ninguém.

— Oi — disse Rachel, e então se virou para mim: — Você está *muito* encrencado. E ainda me deve uma explicação!

As sirenes da polícia gemiam na FDR Drive.

— Percy — Annabeth falou com frieza. — Precisamos ir.

— Quero saber mais sobre meios-sangues — insistiu Rachel. — E monstros. E essa história dos deuses. —

Ela agarrou meu braço, pegou uma caneta permanente e escreveu um número de telefone em minha mão. — Vai me ligar e explicar tudo, o.k.? Você me deve isso. Agora vá.

— Mas...

— Vou inventar uma história — disse Rachel. — Vou dizer a eles que não foi culpa sua. Mas vá!

Ela voltou correndo para a escola, deixando-me na rua com Annabeth.

Annabeth me encarou por um segundo. Então se virou e começou a correr.

— Ei! — Fui atrás dela. — Lá dentro tinha duas *empousai* — tentei explicar. — Eram líderes de torcida,

sabe, e disseram que o acampamento ia pegar fogo, e...

— Você contou a uma garota mortal sobre os meios-sangues?

— Ela pode ver através da Névoa. Viu os monstros antes que eu os notasse.

— Então você contou a ela a verdade.

— Ela me reconheceu da Barragem de Hoover...

— Você a tinha encontrado *antes*?

— Hã... O inverno passado. Mas, sério, eu mal a conheço.

— Ela é bem bonitinha.

— Eu... eu nunca reparei nisso.

Annabeth continuava andando na direção da avenida York.

— Vou resolver a história da escola — prometi, ansioso para mudar de assunto. — De verdade, vai ficar tudo bem.

Annabeth nem mesmo me olhava.

— Acho que nossa tarde já era. É melhor tirarmos você daqui, agora que a polícia vai sair à sua procura.

Atrás de nós, a fumaça se erguia da Goode High School em ondas. Na coluna escura de cinzas tive a impressão de quase enxergar um rosto — um demônio feminino, de olhos vermelhos, rindo de mim.

Seu lindo acampamentozinho em chamas, dissera Kelli. *Seus amigos transformados em escravos do Senhor do Tempo*.

— Você tem razão — disse a Annabeth, com o coração apertado. — Precisamos ir para o Acampamento Meio-Sangue. *Agora*.

Nada melhor que um longo percurso de táxi com uma garota zangada para fechar uma manhã perfeita.

Tentei conversar com Annabeth, mas ela agia como se eu tivesse acabado de dar um soco em sua avó. Tudo o que consegui arrancar dela foi que tivera uma primavera infestada de monstros em São Francisco; que havia voltado ao acampamento duas vezes depois do Natal, mas não quis me dizer o motivo (o que me aborreceu, pois ela não tinha nem me dito que estava em Nova York); e que nada soubera sobre o paradeiro de Nico di Angelo (uma longa história).

— Alguma notícia de Luke? — perguntei.

Ela sacudiu a cabeça. Eu sabia que esse era um assunto delicado para ela. Annabeth sempre admirara Luke, o ex-conselheiro chefe do chalé de Hermes que havia nos traído e se unido ao maléfico Senhor Titã, Cronos. Ela não admitia, mas eu sabia que ela ainda gostava dele. Quando lutamos contra Luke no Monte Tamalpais no inverno passado, ele de alguma forma sobreviveu a uma queda de um penhasco de mais de quinze metros. Agora, até onde eu sabia, ele ainda estava navegando em seu cruzeiro infestado de demônios, enquanto seu dilacerado Lorde Cronos se refazia, pedaço por pedaço, em um caixão de ouro, esperando o momento em que terá poder suficiente para desafiar os deuses olímpianos. Na língua dos semideuses, chamamos isso de “problema”.

— O Monte Tam ainda está repleto de monstros — disse Annabeth. — Não tive coragem de me aproximar, mas não creio que Luke esteja lá. Acho que eu saberia se ele estivesse.

Isso não fez com que eu me sentisse muito melhor.

— E quanto a Grover?

— Está no acampamento — disse ela. — Vamos vê-lo hoje.

— Ele teve alguma sorte? Refiro-me à procura de Pã...

Annabeth mexia nas contas de seu colar, como sempre faz quando está preocupada.

— Você vai ver — disse ela. Mas não explicou.

Enquanto atravessávamos o Brooklyn, usei o telefone de Annabeth para ligar para minha mãe. Os meios-sangues evitam usar celulares, pois transmitir sua voz é como enviar um sinal luminoso para os monstros: *Eu estou aqui! Por favor, devore-me agora!* Mas achei que fazer essa ligação era importante. Deixei uma mensagem no correio de voz de casa, tentando explicar o que acontecera na Goode. Provavelmente não me saí muito bem. Afirmiei à mamãe que estava o.k., que ela não deveria se preocupar, mas que eu ficaria no acampamento até a situação esfriar. Disse a ela que pedisse desculpas a Paul Blofis por mim.

Seguimos em silêncio depois disso. A cidade foi ficando para trás, até que saímos da via expressa, atravessando a área rural no norte de Long Island, passando por pomares, vinícolas e barracas de produtos frescos.

Olhei para o número de telefone que Rachel Elizabeth Dare havia rabiscado na minha mão. Eu sabia que era loucura, mas tentei ligar para ela. Talvez pudesse me ajudar a entender o que a *empousa* falara — o acampamento pegando fogo, meus amigos aprisionados. E por que Kelli havia explodido em chamas?

Eu sabia que os monstros não morriam de verdade. Um dia — talvez dali a semanas, meses ou anos —

Kelli se recomporia a partir da imundície primordial que fervilhava no Mundo Inferior. Mas, ainda assim, em geral os monstros não se deixavam destruir tão facilmente. Se é que ela *foi* mesmo destruída.

O táxi saiu na rota 25A. Seguimos em meio aos bosques, contornando o litoral norte, até que uma serrania baixa surgiu à nossa esquerda. Annabeth disse ao motorista que nos deixasse na Estrada da Fazenda, 3.141, na base do Acampamento Meio-Sangue.

O motorista franziu a testa.

— Não tem nada aqui, senhorita. Tem certeza de que quer ficar aqui?

— Sim, por favor. — Annabeth entregou-lhe um rolo de dinheiro mortal, e o motorista preferiu não discutir.

Annabeth e eu andamos até o cume do morro. O jovem dragão que servia como guardião cochilava, enroscado em torno do pinheiro, mas quando nos aproximamos ergueu a cabeça cor de cobre e permitiu que Annabeth lhe coçasse o queixo. Um jato de vapor silvou, saindo de suas narinas como de uma chaleira, e ele fechou os olhos de prazer.

— Ei, Peleu — disse Annabeth. — Está mantendo tudo em segurança?

A última vez que eu vira o dragão ele tinha um metro e oitenta de comprimento. Agora tinha pelo menos duas vezes esse tamanho, e seu corpo estava tão roliço quanto a árvore. Acima de sua cabeça, no galho mais baixo do pinheiro, o Velocino de Ouro brilhava, sua magia protegendo a fronteira do acampamento de invasões. O dragão parecia relaxado, como se tudo estivesse bem. Lá embaixo, o Acampamento Meio-Sangue também parecia calmo — campos verdes, a floresta, as construções gregas, brancas e brilhantes. A casa principal de quatro andares, à qual chamávamos Casa Grande, erguia-se com imponência no meio dos campos de morangos. Ao norte, além da praia, o Estreito de Long Island cintilava à luz do sol.

No entanto... algo parecia errado. Havia tensão no ar, como se o próprio morro estivesse prendendo o fôlego, à espera de algum acontecimento ruim.

Descemos para o vale e encontramos a sessão de verão em plena atividade. A maioria dos campistas havia chegado na última sexta-feira, portanto, eu já me sentia excluído. Os sátiros tocavam suas flautas nos campos de morangos, fazendo com que as plantas crescessem com a magia silvestre. Os campistas estavam tendo aula de equitação alada, sobrevoando os bosques com seus pégasos. A fumaça se erguia das forjas, e os martelos retiniam enquanto os garotos faziam as próprias armas na aula de Artes e Artesanato. As equipes de Atenas e Deméter disputavam uma corrida de carruagem na pista, e mais além, no lago de canoagem, alguns garotos em uma trirreme grega lutavam contra uma grande serpente do mar de cor laranja. Um típico dia no acampamento.

— Preciso falar com Clarisse — disse Annabeth.

Olhei-a como se ela tivesse acabado de dizer que precisava comer uma bota grande e fedorenta.

— Para quê?

Clarisse, do chalé de Ares, era uma das pessoas de quem eu menos gostava. Era valentona, mesquinha e ingrata. Seu pai, o deus da guerra, queria me matar. Ela estava sempre tentando fazer picadinho de mim. Exceto por isso, era ótima.

— Estamos trabalhando em algo — disse Annabeth. — Vejo você mais tarde.

— Trabalhando em quê?

Annabeth olhou para a floresta.

— Vou dizer a Quíron que está aqui — afirmou ela. — Ele vai querer falar com você antes da audiência.

— Que audiência?

Mas Annabeth já corria pelo caminho na direção do campo de arco e flecha sem olhar para trás.

— Certo — murmurei. — Foi ótimo conversar com você também.

Enquanto atravessava o acampamento, disse oi a alguns de meus amigos. No caminho que levava à Casa Grande, Connor e Travis Stoll, do chalé de Hermes, estavam fazendo uma ligação direta no utilitário do acampamento. Silena Beauregard, conselheira chefe do chalé de Afrodite, acenou para mim de seu pégaso ao passar voando. Procurei Grover, mas não o vi. Finalmente entrei na arena de esgrima, aonde costumo ir quando estou de mau humor. Praticar com a espada sempre me acalma. Talvez porque a esgrima, sim, seja algo que eu posso entender.

Entrei no anfiteatro e meu coração quase parou. No meio da arena, de costas para mim, estava o maior cão infernal que eu já vira.

E olhe que já vi alguns cães infernais bem grandes. Um, do tamanho de um rinoceronte, tentou me matar quando eu tinha doze anos. Mas *esse* era maior que um tanque de guerra. Eu não tinha a menor ideia de como ele conseguira atravessar os limites mágicos do acampamento. Parecia em casa, deitado, rosnando contente enquanto mastigava a cabeça de um boneco de combate. O monstro ainda não me vira, mas eu sabia que, se emitisse um som, ele perceberia minha presença. Não havia tempo para buscar ajuda. Puxei Contracorrente e a destampeei.

— Aaaaaah! — Ataquei. Desci a lâmina, procurando atingir o enorme traseiro do monstro quando, do nada, outra espada aparou meu golpe.

CLANG!

O cão infernal levantou as orelhas.

— AU!

Saltei para trás e instintivamente ataquei o espadachim — um homem grisalho numa armadura grega. Ele se desviou do meu ataque sem qualquer problema.

— Eia! — disse ele. — Trégua!

— AU! — O latido do cão sacudiu a arena.

— Isso é um cão infernal! — gritei.

— Ela é inofensiva — disse o homem. — É a sra. O’Leary.

Eu pisquei.

— Sra. O’Leary?

Ao som de seu nome, o cão infernal tornou a latir. Percebi que ela não estava zangada. Estava animada. Focinou o boneco-alvo todo mastigado e babado na direção do espadachim.

— Boa menina — disse o homem. Com a mão livre ele agarrou o manequim de armadura pelo pescoço e o lançou na direção das arquibancadas. — Pegue o grego! Pegue o grego!

A sra. O’Leary partiu atrás de sua presa e saltou sobre o boneco, achatando-lhe a armadura. Então, começou a mastigar seu capacete.

O espadachim sorriu secamente. Tinha uns cinquenta e poucos anos, calculei, com cabelos grisalhos curtos e barba também grisalha aparada. Estava em boa forma para um homem mais velho. Usava calça de alpinismo preta e um peitoral de bronze sobre a camiseta laranja do acampamento.

Em seu pescoço via-se uma estranha marca, uma mancha arroxeadada, como um sinal de nascença ou uma tatuagem, mas antes que eu pudesse entender o que era ele ajeitou as tiras da armadura e a marca desapareceu sob a gola.

— A sra. O’Leary é meu bichinho de estimação — explicou. — Eu não podia deixar que você enfiasse uma

espada em seu traseiro, podia? Isso poderia tê-la assustado.

— Quem é você?

— Promete não me matar se eu guardar a espada?

— Acho que sim.

O homem embainhou a espada e estendeu a mão.

— Quintus.

Apertei-lhe a mão. Era áspera como uma lixa.

— Percy Jackson — eu disse. — Desculpe por... Como é que você... hã...

— Tenho um cão infernal de estimação? É uma longa história, envolvendo muitos esbarrões com a morte e um bocado de brinquedos gigantes mastigados. Sou o novo instrutor de esgrima, por falar nisso. Estou ajudando o Quíron enquanto o sr. D está fora.

— Ah! — Tentei não olhar enquanto a sra. O’Leary arrancava o escudo do boneco-alvo com o braço ainda preso a ele e o sacudia como se fosse um *frisbee*. — Espere, o sr. D está fora?

— Sim, bem... estes são tempos atarefados. Até mesmo Dioniso precisa ajudar. Ele foi visitar alguns velhos amigos. Certificar-se de que estão do lado certo. Acho que não devo falar mais do que isso.

Dioniso não estar ali era a melhor notícia daquele dia. Ele só era diretor de nosso acampamento porque Zeus o enviara ali como castigo por perseguir uma ninfa fora do limite do bosque. Ele odiava os campistas e tentava infernizar nossa vida. Com ele fora, esse verão deveria ser bem legal. Por outro lado, se Dioniso levantara o traseiro e de fato começara a ajudar os deuses a recrutar ajuda contra a ameaça do titã, a situação devia estar muito ruim.

À minha esquerda, ouvi um ruído alto. Seis caixotes de madeira do tamanho de mesas de piquenique empilhados ali perto estavam chocalhando. A sra. O’Leary inclinou a cabeça e dirigiu-se a eles.

— Ei, garota! — disse Quintus. — Esses não são para você. — Ele a distraiu com o escudo de bronze usado como *frisbee*.

Os caixotes martelavam e tremiam. Havia palavras impressas em suas laterais, mas, por causa da dislexia, levei alguns minutos para conseguir decifrá-las:

RANCHO TRIPLO G
FRÁGIL
ESTE LADO PARA CIMA

Na base, em letras menores: ABRA COM CUIDADO. O RANCHO TRIPLO G NÃO SE RESPONSABILIZA POR DANOS A PROPRIEDADES, MUTILAÇÕES OU MORTES EXCRUCIANTEMENTE DOLOROSAS.

— O que tem nos caixotes? — perguntei.

— Uma pequena surpresa — respondeu Quintus. — Atividade de treinamento para amanhã à noite. Você vai adorar.

— Hã, o.k. — eu disse, embora não estivesse muito seguro em relação à parte das “mortes excruciantemente dolorosas”.

Quintus atirou o escudo de bronze e a sra. O’Leary saiu correndo pesadamente atrás dele.

— Vocês jovens precisam de mais desafios. Não havia acampamentos assim quando eu era garoto.

— Você... você é um meio-sangue? — Eu não tinha a intenção de soar tão surpreso, mas nunca tinha visto um semideus velho.

Quintus deu uma breve risada.

— Alguns de nós sobrevivem, *sim*, até a idade adulta, você sabe. Nem todos somos objetos de terríveis profecias.

— Você sabe sobre minha profecia?

— Já ouvi alguns comentários.

Eu queria perguntar quais comentários, mas naquele exato momento Quíron entrou trotando na arena.

— Percy, aí está você!

Ele devia estar vindo da aula de arco e flecha. Tinha uma aljava e um arco cruzados sobre sua camiseta CENTAURO nº I. Aparara o cabelo castanho encaracolado e a barba para o verão, e sua metade inferior, que era um garanhão branco, estava suja de lama e grama.

— Vejo que já conheceu nosso novo instrutor. — O tom de Quíron era despreocupado, mas havia uma inquietação em seus olhos. — Quintus, importa-se se eu ficar a sós com Percy?

— Claro que não, Mestre Quíron.

— Não precisa me chamar de “mestre” — disse Quíron, embora sua voz tivesse um certo tom de satisfação. — Venha, Percy. Temos muito que conversar.

Dei mais uma olhada para a sra. O’Leary, que agora mastigava as pernas do boneco-alvo.

— Bem, até logo — eu disse a Quintus.

Quando estávamos nos afastando, sussurrei para Quíron:

— Quintus parece meio...

— Misterioso? — sugeriu ele. — Difícil de interpretar?

— Sim.

Quíron assentiu.

— Um meio-sangue muito qualificado. Excelente esgrimista. Eu só queria entender...

O que quer que fosse dizer, aparentemente mudou de ideia.

— Primeiro o mais importante, Percy. Annabeth me contou que você encontrou algumas *empousai*.

— Foi. — Contei-lhe sobre a luta na Goode, e como Kelli havia explodido em chamas.

— Humm — murmurou Quíron. — As mais poderosas podem fazer isso. Ela não morreu, Percy. Simplesmente escapou. Não é nada bom que os demônios femininos estejam se agitando.

— O que elas estavam fazendo lá? — perguntei. — Esperando por mim?

— Possivelmente. — Quíron franziu a testa. — É impressionante que você tenha sobrevivido. Os poderes ilusórios delas... praticamente todos os heróis do sexo masculino teriam caído sob seu feitiço e sido devorados.

— Eu também teria — admiti. — Se não fosse por Rachel.

Quíron assentiu.

— É irônico ser salvo por um mortal. Temos uma dívida com ela. O que a *empousa* disse sobre um ataque ao acampamento... teremos de discutir mais esse ponto. Por ora, contudo, venha, precisamos chegar ao bosque. Grover vai querer você lá.

— Onde?

— Em sua audiência formal — respondeu Quíron, soturno. — O Conselho dos Anciãos de Casco Fendido está reunido agora para decidir o destino dele.

Quíron disse que precisávamos nos apressar, então deixei que ele me desse uma carona em seu dorso. Enquanto passávamos pelos chalés a galope, olhei para o refeitório — um pavilhão grego ao ar livre, em uma colina que dava para o mar. Era a primeira vez que eu via o lugar desde o último verão, e ele me trouxe más recordações.

Quíron mergulhou no bosque. Ninfas espiavam das árvores enquanto passávamos. Grandes formas farfalhavam nas sombras — monstros que eram mantidos ali como desafio aos campistas.

Pensei que conhecesse bem a floresta depois de jogar captura da bandeira ali por dois verões, mas Quíron me levou por um caminho que eu não reconheci, por um túnel de velhos salgueiros, passando por uma pequena cachoeira e alcançando uma clareira coberta por flores silvestres.

Um grupo de sátiros estava sentado em um círculo na grama. Grover, de pé no meio, de frente para três sátiros muito velhos e muito gordos que se sentavam em troncos feitos de ramos de roseiras. Eu nunca vira os três velhos sátiros, mas deduzi que deviam ser o Conselho dos Anciãos de Casco Fendido.

Aparentemente, Grover lhes contava uma história. Ele torcia a barra da camiseta, apoiando-se nervosamente ora em uma pata de bode, ora em outra.

Grover não mudara muito desde o último inverno, talvez porque os sátiros envelhecem na metade da velocidade dos humanos. Sua acne havia se agravado. Os chifres estavam um pouco maiores e se projetavam acima dos cabelos encaracolados. Percebi com um sobressalto que agora eu era mais alto do que ele.

De pé ao lado do círculo estavam Annabeth, outra garota que eu nunca vira e Clarisse. Quíron deixou-me perto delas.

O cabelo castanho e crespo de Clarisse estava preso atrás com uma bandana com estampa de camuflagem. Se é que era possível, ela parecia ainda mais musculosa, como se estivesse malhando. Ela me fuzilou com o olhar e murmurou: “*Mané*”, o que devia significar que estava de bom humor. Em geral, seu “olá” é uma tentativa de me matar.

Annabeth tinha o braço em torno da outra garota, que aparentemente estivera chorando. Ela era pequena — *mignon*, acho que a chamariam assim —, com cabelos finos cor de âmbar e um rosto bonito e travesso. Usava túnica verde e sandálias de tiras, e enxugava os olhos com um lenço.

— Isso está indo muito mal — ela fungava.

— Não, não. — Annabeth lhe dava tapinhas no ombro. — Ele vai ficar bem, Juníper.

Annabeth olhou para mim e movimentou os lábios formando as palavras: *A namorada de Grover*.

Pelo menos foi o que pensei que ela disse, mas isso não fazia sentido algum. Grover com uma namorada? Então olhei para Juníper mais atentamente e percebi que as orelhas dela eram ligeiramente pontudas. Os olhos, em vez de estarem vermelhos de chorar, estavam tingidos de verde, a cor da clorofila. Ela era uma ninfa das árvores... uma dríade.

— Sr. Underwood! — o membro do conselho à direita gritou, interrompendo o que quer que Grover estivesse tentando dizer. — Espera mesmo que acreditemos nisso?

— M-mas, Sileno — gaguejou Grover —, é a verdade!

O sujeito do conselho, Sileno, voltou-se para os colegas e murmurou alguma frase. Quíron avançou rapidamente e se postou perto deles. Recordava que ele era um membro honorário do conselho, mas eu nunca pensara muito no assunto. Os anciãos não pareciam muito impressionantes. Lembravam-me os bodes em um minizoo — barrigas enormes, expressão sonolenta e olhos vidrados que não conseguiam ver além do próximo punhado de comida para bode. Eu não sabia por que Grover parecia tão nervoso.

Sileno puxou a camisa polo amarela sobre a barriga e ajeitou-se no trono de roseira.

— Sr. Underwood, há seis meses... *seis meses*... estamos considerando essas alegações escandalosas de que o

senhor ouviu o selvagem deus Pã falar.

— Mas eu ouvi!

— Descaramento! — exclamou o ancião à esquerda.

— Ei, Maron — disse Quíron. — Paciência.

— Paciência, está bem! — replicou Maron. — Já estou até os chifres com essa tolice. Como se o deus selvagem fosse falar com... com *ele*.

Juníper tinha a expressão de quem queria atacar o velho sátiro e surrá-lo, mas Annabeth e Clarisse a seguraram.

— Luta errada, garotinha — murmurou Clarisse. — Espere.

Não sei o que me surpreendeu mais: Clarisse conter alguém em uma briga, ou o fato de que ela e Annabeth, que se desprezavam, quase parecerem estar trabalhando juntas.

— Durante seis meses — continuou Sileno — fomos condescendentes com você, sr. Underwood. Nós o deixamos viajar. Permitimos que conservasse sua licença de buscador. Esperávamos que apresentasse provas de suas alegações ridículas. E o que você encontrou em seis meses de viagem?

— Eu só preciso de mais tempo — pediu Grover.

— Nada! — fez coro o ancião no meio. — Você nada encontrou.

— Mas, Leneu...

Sileno ergueu a mão. Quíron inclinou-se e disse algo aos sátiros, os quais não pareciam satisfeitos. Eles murmuravam e discutiam entre si, mas Quíron disse algo mais, e Sileno suspirou. Então assentiu, relutante.

— Sr. Underwood — anunciou Sileno —, vamos lhe dar mais uma chance.

Grover iluminou-se.

— Obrigado!

— Mais uma semana.

— O quê? Mas, senhor, isso é impossível!

— Uma semana a mais, sr. Underwood. E então, se não puder provar suas alegações, será a hora de seguir outra carreira. Algo que combine com seus talentos dramáticos. Teatro de marionetes, talvez. Ou sapateado.

— Mas, senhor, eu... eu não posso perder minha licença de buscador. Minha vida inteira...

— Esta reunião do conselho está suspensa — anunciou Sileno. — E agora vamos desfrutar nosso almoço!

O velho sátiro bateu as mãos, e um bando de ninfas surgiu das árvores com bandejas de vegetais, frutas, latas e outras iguarias de bode. O círculo de sátiros desfez-se e eles se foram, atrás da comida. Grover veio caminhando, desalentado, em nossa direção. Sua camiseta desbotada exibia a foto de um sátiro e dizia: bom de cascos?

— Oi, Percy — disse ele, tão deprimido que nem ofereceu a mão para eu apertar. — Correu tudo bem, hã?

— Aqueles bodes velhos! — exclamou Juníper. — Ah, Grover, eles não sabem o quanto você se esforçou!

— Tem outra opção — disse Clarisse, sombria.

— Não. Não. — Juníper sacudia a cabeça. — Grover, não vou deixar.

O rosto dele estava pálido.

— Eu... eu vou ter de pensar no assunto. Mas nem sabemos onde procurar.

— Do que vocês estão falando? — perguntei.

A distância, uma trombeta de concha soou.

Annabeth franziu os lábios.

— Eu explico tudo mais tarde, Percy. É melhor voltarmos para nossos chalés. Está na hora da inspeção.

Não parecia justo que meu chalé fosse inspecionado logo após eu chegar ao acampamento, mas era assim que funcionava. Toda tarde, um dos conselheiros seniores fazia a ronda com um rolo de pergaminho que listava itens a ser verificados. O melhor chalé ganhava a primeira hora no chuveiro, o que significava água quente garantida. O pior ganhava o trabalho na cozinha após o jantar.

O problema era que, em geral, eu era o único no chalé de Poseidon, e não sou exatamente o que se chamaria de caprichoso. As harpias da limpeza vinham apenas no último dia do verão, portanto meu chalé estava provavelmente do jeito que eu o havia deixado no intervalo do inverno: papéis de bala e sacos de batata frita ainda no beliche, as peças da armadura para a captura da bandeira espalhadas por todo o lugar.

Corri na direção da área comum, onde os doze chalés — um para cada deus olímpiano — formavam um U em torno de um gramado central. Os filhos de Deméter varriam o seu e faziam flores novas crescer nas jardineiras da janela. Com um simples estalo dos dedos eles podiam fazer trepadeiras de madressilva florescerem no alto da porta e margaridas cobrirem o telhado, o que era totalmente injusto. Acredito que jamais tenham ficado com o último lugar na inspeção. Os garotos no chalé de Hermes corriam para todos os lados em pânico, escondendo roupas sujas debaixo das camas e acusando uns aos outros de pegarem coisas. Eram desleixados, mas ainda levavam vantagem sobre mim, por terem saído na frente.

Silena Beauregard estava saindo do chalé de Afrodite, verificando itens no pergaminho de inspeção. Xinguei baixinho. Silena era legal, mas era absolutamente maníaca por arrumação, a pior das inspetoras. Gostava de tudo bonito. Eu não fazia nada “bonito”. Quase podia sentir meus braços ficando pesados com toda a louça que teria de esfregar à noite.

O chalé de Poseidon ficava no fim da fileira dos chalés de “deuses do sexo masculino”, no lado direito do gramado. Era feito de pedra cinzenta do mar incrustada de conchas, achatado e afundado como um *bunker*, mas tinha janelas que davam para o oceano e por onde sempre soprava uma brisa gostosa.

Entrei correndo, imaginando se não poderia fazer uma limpeza rápida do tipo “tudo embaixo da cama”, como os garotos do chalé de Hermes, e encontrei meu meio-irmão Tyson varrendo o chão.

— Percy! — gritou ele. Largou a vassoura e correu para mim. Se você nunca foi atacado por um ciclope entusiástico usando um avental florido e luvas de borracha, estou lhe dizendo: isso acorda você rapidinho.

— Ei, grandão! — exclamei. — Ai, cuidado com minhas costelas.

Consegui sobreviver a seu abraço de urso. Ele me colocou no chão, sorrindo feito louco, seu único olho castanho cor de bezerro cheio de animação. Seus dentes estavam amarelos e tortos, como sempre, e seu cabelo era um ninho de ratos. Ele usava jeans tamanho EGGG e uma camisa de flanela esfarrapada debaixo do avental florido, mas ainda era um colírio para os olhos. Fazia quase um ano que eu não o via, desde que ele fora para o fundo do mar trabalhar nas forjas dos ciclopes.

— Você está bem? — perguntou ele. — Não foi comido por monstros?

— Nem um pedacinho. — Mostrei-lhe que ainda tinha os dois braços e as duas pernas, e Tyson bateu palmas, feliz.

— Ei! — disse ele. — Agora podemos comer sanduíches de manteiga de amendoim e cavalgar peixes-pôneis! Podemos lutar contra monstros, ver Annabeth e fazer assim com as coisas: BUUM!

Eu esperava que ele não pretendesse fazer tudo ao mesmo tempo, mas lhe disse que, claro, nos divertiríamos bastante naquele verão. Não pude deixar de sorrir de tão animado que ele estava.

— Mas, primeiro — eu disse —, temos de nos preocupar com a inspeção. Precisamos...

Então olhei ao redor e percebi que Tyson estivera ocupado. O chão estava varrido. As camas no beliche estavam feitas. A fonte de água salgada no canto fora escovada recentemente, de modo que o coral brilhava. No peitoril das janelas, Tyson havia arrumado vasos com água e anêmonas-do-mar e estranhas plantas brilhantes do fundo do oceano, mais bonitas que qualquer buquê de flores que os filhos de Deméter pudessem criar.

— Tyson, o chalé está... impressionante!

Ele se alegrou.

— Está vendo os peixes-pôneis? Eu os coloquei no teto!

Um bando de miniaturas de cavalos-marinhos de bronze pendiam de arames presos no teto, fazendo parecer que estavam nadando no ar. Eu não podia acreditar que Tyson, com suas mãos imensas, pudesse fazer coisas tão delicadas. Então olhei para minha cama e vi meu velho escudo pendurado na parede.

— Você o consertou!

O escudo ficara seriamente danificado em um ataque de manticore no inverno anterior, mas agora estava perfeito de novo — sem um arranhão. Todas as imagens de minhas aventuras com Tyson e Annabeth no Mar de Monstros esculpidas no bronze estavam polidas e reluzentes.

Olhei para Tyson. Não sabia como lhe agradecer.

Então alguém atrás de mim disse:

— Ah, puxa!

Silena Beauregard estava de pé na porta com o pergaminho da inspeção. Ela entrou no chalé, deu um rápido giro e ergueu as sobrancelhas em minha direção.

— Bem, eu tinha minhas dúvidas. Mas você arruma direitinho, Percy. Vou me lembrar disso.

Então piscou para mim e saiu.

Tyson e eu passamos a tarde pondo os assuntos em dia e perambulando, o que era bom depois de uma manhã sendo atacado por demônios líderes de torcida.

Seguimos para a forja e ajudamos Beckendorf, do chalé de Hefesto, com seu trabalho em metal. Tyson nos mostrou como aprendera a fazer armas mágicas. Modelou um machado de guerra de lâmina dupla com tanta rapidez que até Beckendorf ficou impressionado.

Enquanto trabalhava, Tyson nos contou sobre seu ano no fundo do mar. Seu olho se iluminou quando ele descreveu as forjas dos ciclopes e o palácio de Poseidon, mas ele também nos contou como todos estavam tensos. Os antigos deuses do mar, que haviam governado durante a era dos titãs, estavam começando a declarar guerra contra nosso pai. Quando Tyson partiu, havia batalhas explodindo por todo o Atlântico. Ouvir isso me deixou ansioso, como se eu devesse estar ajudando, mas Tyson me garantiu que papai queria que nós dois ficássemos no acampamento.

— Tem muita gente má acima do mar também — disse Tyson. — Podemos fazer com que elas façam BUM.

Depois das forjas, passamos algum tempo no lago de canoagem com Annabeth. Ela ficou feliz de verdade em ver Tyson, mas pude perceber que estava distraída. Ficava olhando para a floresta, como se estivesse pensando no problema de Grover com o conselho. Eu não a culpava. Grover não estava em nenhum lugar à vista, e eu me sentia mal por ele. Achar o deus Pã perdido era o objetivo de sua vida. Seu pai e seu tio haviam ambos desaparecido perseguindo o mesmo sonho. No inverno anterior, Grover tinha ouvido uma voz em sua cabeça: *Eu o espero* — uma voz que ele tinha certeza ser de Pã —, mas aparentemente sua procura não havia levado a lugar algum. Se o conselho tirasse sua licença de buscador agora, isso acabaria com ele.

— O que é essa “outra opção”? — perguntei a Annabeth. — A que Clarisse se referiu.

Ela pegou uma pedra e a lançou do outro lado do lago.

— Algo que Clarisse descobriu em sua expedição. Eu a ajudei um pouco nessa primavera. Mas seria perigoso. Principalmente para Grover.

— O garoto-bode me assusta — murmurou Tyson.

Eu olhei para ele. Tyson havia intimidado touros que cuspiam fogo, monstros marinhos e gigantes canibais.

— Por que você teria medo de Grover?

— Cascos e chifres — murmurou Tyson, nervoso. — E pelo de bode faz meu nariz coçar.

E isso, por assim dizer, pôs fim à nossa conversa sobre Grover.

Antes do jantar, Tyson e eu fomos até a arena de esgrima. Quintus ficou feliz em ter companhia. Ele ainda não queria me dizer o que havia nos caixotes de madeira, mas me ensinou alguns movimentos com a espada. O cara era bom. Lutava da forma como algumas pessoas jogam xadrez — como se estivesse criando todos os movimentos e você não conseguisse perceber o padrão até ele dar o último golpe e ganhar, com a espada em sua garganta.

— Boa tentativa — disse-me. — Mas sua guarda está muito baixa.

Ele investiu e me desviei.

— Você sempre foi esgrimista? — perguntei.

Ele aparou minha cutilada aérea.

— Já fui muitas coisas.

Ele atacou e eu dei um passo para o lado. Sua ombreira escorregou e eu vi a marca em seu pescoço — a mancha roxa. Não era uma marca qualquer. Tinha uma forma definida — uma ave com asas fechadas, como uma codorna ou outra parecida.

— O que é isso em seu pescoço? — perguntei, o que provavelmente era uma descortesia, mas posso culpar minha TDAH. Tenho tendência a simplesmente falar o que me vem à cabeça.

Quintus perdeu o ritmo. Acertei o punho de sua espada e arranquei a lâmina de sua mão.

Ele esfregou os dedos. Então mudou a armadura de posição para esconder a marca. Não era uma tatuagem, percebi. Era uma queimadura antiga... como se ele tivesse sido marcado a ferro.

— Um lembrete. — Ele tornou a pegar a espada e forçou um sorriso. — Agora, vamos continuar?

Então jogou mais pesado, a fim de não me dar tempo para fazer outras perguntas.

Enquanto ele e eu lutávamos, Tyson brincava com a sra. O’Leary, a quem chamou de “cachorrinho”. Eles se divertiram lutando pelo escudo de bronze e brincando de Pegue o Grego. Quando o sol já se punha, Quintus não mostrava sinal algum de suor, o que me pareceu um pouco estranho; Tyson e eu, porém, estávamos suados e grudentos, portanto fomos para os chuveiros e nos aprontamos para o jantar.

Eu me sentia bem. Era quase um dia normal no acampamento. Então chegou o jantar e todos os campistas alinharam-se diante dos chalés e marcharam para o pavilhão do refeitório. A maioria ignorou a fissura vedada no piso de mármore na entrada — uma cicatriz irregular de três metros que não estava lá no último verão —, mas eu tomei o cuidado de não pisar nela.

— Rachadura grande — observou Tyson quando estávamos em nossa mesa. — Um terremoto, será?

— Não — eu disse. — Não foi um terremoto.

Eu não tinha certeza se devia contar a ele. Era um segredo que apenas Annabeth, Grover e eu sabíamos. Mas, olhando no grande olho de Tyson, soube que não podia esconder nada dele.

— Nico di Angelo — eu disse, baixando a voz. — É aquele garoto meio-sangue que trouxemos para o

acampamento no inverno passado. Ele, hã... ele me pediu que protegesse sua irmã numa busca, e eu fracassei. Ela morreu. Agora ele me culpa.

Tyson franziu a testa.

— Então ele fez uma rachadura no chão?

— Uns esqueletos nos atacaram — contei. — Nico lhes disse que fossem embora, e o chão simplesmente se abriu e os engoliu. Nico... — Olhei à volta para ter certeza de que ninguém estivesse ouvindo. — Nico é filho de Hades.

Tyson assentiu, pensativo.

— O deus dos mortos.

— É.

— Então esse garoto, Nico, foi embora?

— Eu... eu acho. Tentei procurá-lo nesta primavera. Annabeth também. Mas não tivemos sorte. Isto é segredo, Tyson, está bem? Se alguém descobrir que ele é filho de Hades, ele estará em perigo. Você não pode contar nem para Quíron.

— A profecia ruim — disse Tyson. — Os titãs poderiam usá-lo se soubessem.

Eu o fitei. Às vezes era fácil esquecer que, apesar de ser grande e infantil, Tyson era muito inteligente. Ele sabia que o próximo filho dos Três Grandes deuses — Zeus, Poseidon ou Hades — a completar dezesseis anos estava predestinado a salvar ou a destruir o Monte Olimpo. A maioria das pessoas tinha certeza de que a profecia referia-se a mim, mas se eu morresse antes de completar dezesseis anos ela poderia igualmente aplicar-se a Nico.

— Exatamente — eu disse. — Portanto...

— Boca fechada — prometeu Tyson. — Como a rachadura no chão.

Tive dificuldade para adormecer naquela noite. Fiquei deitado na cama, ouvindo as ondas na praia, e as corujas e os monstros nos bosques. Temia que se caísse no sono, teria pesadelos.

Entenda, para meios-sangues, os sonhos raramente são apenas sonhos. Nós recebemos mensagens. Vislumbramos fatos que estão acontecendo a nossos amigos ou inimigos. Às vezes, temos lampejos do passado ou do futuro. E, no acampamento, meus sonhos eram sempre mais frequentes e vívidos.

Assim, ainda estava acordado por volta da meia-noite, fitando o colchão da cama de cima do beliche, quando percebi que havia uma luz estranha no quarto. A fonte de água salgada estava brilhando.

Atirei as cobertas para o lado e andei cautelosamente na direção da luz. Um vapor saía da água salgada e quente. As cores do arco-íris bruxuleavam através dele, embora não houvesse luz alguma no quarto, exceto pela lua lá fora. Então uma agradável voz feminina falou em meio ao vapor: *Por favor, deposite um dracma.*

Olhei para Tyson, mas ele ainda estava roncando. O sono dele é tão pesado quanto o de um elefante sob efeito de sedativos.

Eu não sabia o que pensar. Nunca antes recebera uma mensagem de Íris a cobrar. Um dracma dourado brilhava no fundo da fonte. Eu o peguei e o atirei em meio à névoa. A moeda desapareceu.

— Ah, Íris, Deusa do Arco-íris — sussurrei. — Mostre-me... hã, o que quer que você precise me mostrar.

A névoa tremulou. Eu vi a margem escura de um rio. Fiapos de névoa carregados acima das águas negras. A praia era pontilhada de rochas vulcânicas pontudas. Um garoto estava agachado à margem do rio, cuidando de uma fogueira. As chamas queimavam com uma cor azul artificial. Então eu vi seu rosto. Era Nico di Angelo. Ele estava jogando pedaços de papel no fogo — figurinhas de Mitomagia, parte do jogo pelo qual ele estava

obcecado no último inverno.

Nico tinha apenas dez anos, ou talvez onze agora, mas parecia mais velho. Seu cabelo crescera. Estava desgrenhado e quase lhe chegava aos ombros. Os olhos eram escuros. A pele cor de oliva estava mais pálida. Ele usava jeans preto rasgado e casaco estilo aviador surrado vários tamanhos acima do dele, com o zíper aberto, sobre uma camisa preta. Seu rosto estava sombrio, os olhos, um tanto selvagens. Parecia um morador de rua.

Esperei que ele olhasse para mim. Não havia dúvida de que ficaria louco de raiva e começaria a me acusar de ter deixado sua irmã morrer. Mas ele não pareceu me notar.

Permaneci quieto, sem ousar sequer me mover. Se não tinha sido ele quem enviara essa mensagem de Íris, quem teria?

Nico atirou outra figurinha nas chamas azuis.

— Inútil — murmurou ele. — Não posso acreditar que um dia gostei dessa porcaria.

— Um jogo infantil, amo — concordou outra voz. Parecia vir de perto do fogo, mas eu não conseguia ver quem estava falando.

Nico olhou para o outro lado do rio. A margem mais distante era uma praia negra coberta pela neblina. Reconheci o lugar: o Mundo Inferior. Nico estava acampando na beira do Rio Estige.

— Eu fracassei — resmungou ele. — Não existe qualquer meio de trazê-la de volta.

A outra voz manteve silêncio.

Nico voltou-se para seu interlocutor, inseguro.

— Existe? Fale.

Algo tremeluziu. Pensei que fosse apenas a luz do fogo. Mas então percebi que tinha a forma de um homem — um fiapo de fumaça azul, uma sombra. Se você o olhasse de frente, ele não estava lá. Mas se olhasse com o canto do olho, podia distinguir a forma. Um fantasma.

— Isso nunca foi feito — disse o fantasma. — Mas pode haver um meio.

— Diga — ordenou Nico. Seus olhos brilhavam com uma luz feroz.

— Uma troca — disse o fantasma. — Uma alma por outra alma.

— Já ofereci!

— Não a sua — disse o fantasma. — Você não pode oferecer a seu pai uma alma que ele vai acabar colhendo de qualquer forma. Tampouco ele estará ansioso pela morte do filho. Eu me refiro a uma alma que já deveria ter morrido. Alguém que enganou a morte.

O rosto de Nico entristeceu-se.

— Não, isso de novo, não. Você está falando de assassinato.

— Estou falando de justiça — falou o fantasma. — Vingança.

— Não são a mesma coisa.

O fantasma riu secamente.

— Você vai pensar diferente à medida que for crescendo.

Nico fitou as chamas.

— Por que não consigo nem ao menos evocá-la? Quero falar com ela. Ela iria... ela iria me ajudar.

— *Eu* vou ajudá-lo — prometeu o fantasma. — Já não o salvei tantas vezes? Não o conduzi pelo Labirinto e o ensinei a usar seus poderes? Você quer vingança pela sua irmã ou não?

Não gostei do tom de voz do fantasma. Fazia-me lembrar de um garoto em minha antiga escola, um valentão que costumava convencer os outros garotos a fazer coisas estúpidas, como roubar o equipamento do laboratório e vandalizar os carros dos professores. O valentão nunca se metia em encrenca, mas levou dúzias de

outros garotos a serem suspensos.

Nico então afastou-se do fogo para que o fantasma não pudesse vê-lo, mas eu podia. Uma lágrima escorreu por seu rosto.

— Muito bem. Você tem um plano?

— Ah, sim — disse o fantasma, parecendo bastante satisfeito. — Temos muitos caminhos de trevas para seguir. Devemos começar...

A imagem tremeluziu. Nico desapareceu. A voz da mulher em meio à névoa disse: *Por favor, deposite um dracma para mais cinco minutos.*

Não havia outras moedas na fonte. Procurei nos bolsos, mas estava de pijama. Corri para a mesinha de cabeceira em busca de trocados, mas a mensagem de Íris já havia se apagado, e o quarto tornou a escurecer. A conexão havia sido interrompida.

Fiquei parado no meio do chalé, ouvindo o gorgolejo da fonte de água salgada e das ondas do oceano lá fora.

Nico estava vivo. Estava tentando trazer a irmã de volta do mundo dos mortos. E eu tinha o pressentimento de que sabia que alma ele queria trocar — alguém que enganara a morte. Vingança.

Nico di Angelo viria à minha procura.

BRINCAMOS DE PEGA-PEGA COM ESCORPIÕES

Na manhã seguinte era grande o alvoroço no café da manhã.

Aparentemente por volta das três da manhã um dragão etíope fora visto na fronteira do acampamento. Eu estava tão exausto que dormi direto, apesar do barulho. Os limites mágicos haviam mantido o monstro fora, mas ele perambulou pelas colinas, à procura de pontos fracos em nossas defesas, e não parecia ter pressa para ir embora até que Lee Fletcher, do chalé de Apolo, liderou dois de seus irmãos em sua perseguição. Após algumas dezenas de flechas se cravarem nas fendas da couraça do dragão, ele entendeu a mensagem e se retirou.

— Ainda está por aí — Lee nos advertiu durante a sessão de anúncios. — Vinte flechas no couro e só conseguimos deixá-lo com raiva. O bicho tinha dez metros de comprimento e era de um verde brilhante. Seus olhos... — Ele estremeceu.

— Vocês se saíram muito bem, Lee. — Quíron deu-lhe tapinhas no ombro. — Todos fiquem alerta, mas mantenham a calma. Isso já aconteceu antes.

— Sim — disse Quintus na cabeceira da mesa. — E vai acontecer de novo. Com frequência cada vez maior.

Os campistas murmuravam entre si.

Todos conheciam os boatos: Luke e seu exército de monstros estavam planejando uma invasão ao acampamento. A maioria de nós esperava que acontecesse neste verão, mas ninguém sabia como ou quando seria. Em nada ajudava o fato de nossa frequência estar baixa. Tínhamos apenas cerca de oitenta campistas. Há três anos, quando comecei, havia mais de cem. Alguns tinham morrido. Outros uniram-se a Luke. E outros, ainda, tinham simplesmente desaparecido.

— Essa é uma boa razão para novos jogos de guerra — continuou Quintus, com um lampejo nos olhos. — Vamos ver como todos vocês se saem esta noite.

— Sim... — disse Quíron. — Bem, chega de pronunciamentos. Vamos abençoar esta refeição e comer. — Ele ergueu sua taça. — Aos deuses!

Todos nós erguemos os copos e repetimos a bênção.

Tyson e eu levamos nossos pratos até o braseiro de bronze e jogamos uma porção de nossa comida nas chamas. Torci para que os deuses gostassem de torrada de passas e cereais coloridos.

— Poseidon — eu disse. E em seguida sussurrei: — Ajude-me com Nico, com Luke e com o problema de Grover...

Havia tantos motivos de preocupação que eu poderia ter ficado ali a manhã toda, mas voltei para a mesa.

Quando estavam todos comendo, Quíron e Grover vieram para a nossa mesa. Grover tinha os olhos vermelhos. A camisa estava para fora da calça. Ele deslizou o prato na mesa e desabou ao meu lado.

Tyson mexeu-se desconfortavelmente.

— Eu vou... hã... polir meus peixes-pôneis.

E se foi, andando pesadamente e deixando o café pela metade.

Quíron tentou dar um sorriso. Provavelmente queria transmitir confiança, mas, na forma de centauro, pairava acima de mim, lançando uma sombra sobre a mesa.

— Bem, Percy, como passou a noite?

— Hã, bem. — Fiquei imaginando por que havia feito aquela pergunta. Seria possível que ele soubesse algo da estranha mensagem de Íris que eu recebera?

— Eu trouxe Grover para cá — disse Quíron — porque pensei que vocês talvez quisessem, hã, discutir algumas questões. Agora, se me derem licença, tenho algumas mensagens de Íris para enviar. Vejo vocês mais tarde. — Ele lançou a Grover um olhar significativo, então seguiu a trote para o pavilhão.

— Do que ele está falando? — perguntei a Grover.

Grover mastigava os ovos. Dava para ver que estava distraído, porque mordia os dentes do garfo e os mastigava também.

— Ele quer que você me convença — resmungou.

Alguém mais sentou-se a meu lado: Annabeth.

— Vou lhe dizer do que se trata — disse ela. — O Labirinto.

Era difícil me concentrar no que ela estava dizendo, porque todos no pavilhão do refeitório nos olhavam pelo canto do olho, sussurrando. E Annabeth estava bem a meu lado. E quero dizer *bem* a meu lado.

— Você não deveria estar aqui — eu disse.

— Precisamos conversar — insistiu ela.

— Mas as regras...

Ela sabia tão bem quanto eu que os campistas não tinham permissão para trocar de mesa. Os sátiros eram diferentes. Eles não eram de fato semideuses. Mas os meios-sangues tinham de se sentar com os de seus chalés. Eu não tinha nem certeza de qual era a punição para quem trocava de mesa. Nunca vira isso acontecer. Se o sr. D estivesse ali, provavelmente teria estrangulado Annabeth com parreiras mágicas ou algo no gênero, mas ele não estava. Quíron já deixara o pavilhão. Quintus olhou em nossa direção e ergueu uma sobancelha, mas nada disse.

— Olhe — disse Annabeth. — Grover está em apuros. Só podemos imaginar um modo de ajudá-lo. É o Labirinto. É isso que Clarisse e eu estamos investigando.

Mudei de posição, tentando pensar com clareza.

— Você se refere ao Labirinto onde eles mantinham o Minotauro nos tempos antigos?

— Exatamente — disse Annabeth.

— Então... ele não fica mais debaixo do palácio do rei em Creta — adivinhei. — O Labirinto está debaixo de algum edifício nos Estados Unidos.

Vê? Só precisei de alguns anos para entender as coisas. Eu sabia que lugares importantes deslocavam-se com a civilização ocidental, como o Monte Olimpo, que agora estava em cima do Empire State Building, e a entrada para o Mundo Subterrâneo, que ficava em Los Angeles. Eu me senti muito orgulhoso de mim mesmo.

Annabeth revirou os olhos.

— Debaixo de um edifício? Pelo amor de Deus, Percy. O Labirinto é *imenso*. Não caberia debaixo de uma cidade, quanto mais de um único prédio.

Pensei em meu sonho com Nico e o Rio Estige.

— Então... o Labirinto faz parte do Mundo Inferior?

— Não. — Annabeth franziu a testa. — Bem, deve haver passagens do Labirinto para o Mundo Inferior. Não tenho certeza. Mas o Mundo Inferior é muito, muito mais baixo. O Labirinto fica logo abaixo da superfície do mundo mortal, como uma segunda pele. Ele vem crescendo há milhares de anos, tecendo seu caminho sob cidades do Ocidente, conectando tudo abaixo da superfície. Você pode chegar a qualquer lugar pelo Labirinto.

— Se não se perder — murmurou Grover — e for vítima de uma morte horrível.

— Grover, tem de haver uma forma — disse Annabeth. Minha impressão foi de que eles já haviam tido essa conversa antes. — Clarisse sobreviveu.

— Por pouco! — replicou Grover. — E o outro cara...

— Ele enlouqueceu. Não morreu.

— Ah, que felicidade. — O lábio inferior de Grover tremulou. — Isso faz com que eu me sinta muito melhor.

— Ei — eu disse. — Voltem. Que história é essa de Clarisse e um cara louco?

Annabeth lançou um olhar na direção da mesa de Ares. Clarisse observava-nos como se soubesse do que estávamos falando, mas naquele momento ela fixou os olhos no prato do café da manhã.

— Ano passado — disse Annabeth, abaixando a voz — Clarisse partiu em uma missão para Quíron.

— Eu lembro — respondi. — Era secreta.

Annabeth assentiu. Apesar de toda a seriedade em sua atitude, eu estava feliz por ela não estar mais com raiva de mim. E eu até gostava do fato de ela ter quebrado as regras e ter vindo sentar-se ao meu lado.

— Era segredo — concordou Annabeth — porque ela encontrou Chris Rodriguez.

— O cara do chalé de Hermes?

Eu o tinha conhecido dois anos antes. Nós havíamos espionado Chris Rodriguez a bordo do navio de Luke, o *Princesa Andrômeda*. Chris era um dos meios-sangues que haviam abandonado o acampamento e se unido ao exército do Titã.

— Exatamente — disse Annabeth. — No verão passado, ele simplesmente apareceu em Phoenix, no Arizona, perto da casa da mãe de Clarisse.

— O que quer dizer com simplesmente apareceu?

— Ele estava perambulando pelo deserto, a quase cinquenta graus, vestindo uma armadura grega completa, tagarelando sobre fio.

— Fio — repeti.

— Tinha enlouquecido completamente. Clarisse o levou para a casa da mãe dela, para que os mortais não o internassem em um manicômio. Ela tentou cuidar dele, ajudá-lo a se curar. Quíron foi até lá e conversou com ele, mas não foi de grande ajuda. A única informação que conseguiram foi: os homens de Luke estão explorando o Labirinto.

Estremeci, sem saber exatamente por quê. Pobre Chris... não era um garoto mau. O que poderia tê-lo feito enlouquecer? Olhei para Grover, que mastigava o restante do garfo.

— O.k. Por que eles estavam explorando o Labirinto? — perguntei.

— Não tínhamos certeza — disse Annabeth. — Foi por isso que Clarisse partiu em uma expedição de patrulha. Quíron manteve tudo em sigilo porque não queria ninguém em pânico. Ele me envolveu porque... bem, o Labirinto sempre foi um de meus temas favoritos. A arquitetura envolvida... — Sua expressão tornou-se um tantinho sonhadora. — O construtor, Dédalo, era um gênio. Mas a questão é que o Labirinto tem entradas por toda parte. Se Luke conseguir descobrir como se orientar nele, poderá deslocar seu exército com incrível velocidade.

— Exceto pelo fato de que se trata de um labirinto, certo?

— Cheio de armadilhas horríveis — concordou Grover. — Becos sem saída. Ilusões. Monstros psicóticos assassinos de bodes.

— Não se você tiver o fio de Ariadne — disse Annabeth. — Nos tempos antigos, o fio de Ariadne guiou

Teseu, ajudando-o a sair do Labirinto. Era um instrumento de navegação inventado por Dédalo. E Chris Rodriguez estava murmurando algo sobre fio.

— Então Luke está tentando encontrar o fio de Ariadne — eu disse. — Por quê? O que ele está planejando?

Annabeth sacudiu a cabeça.

— Não sei. Pensei que ele talvez quisesse invadir o acampamento pelo Labirinto, mas isso não faz sentido. As entradas mais próximas que Clarisse encontrou foram em Manhattan, o que não ajudaria Luke a atravessar nossas fronteiras. Clarisse explorou um pouco os túneis, mas... era muito perigoso. Ela passou por alguns apertos. Pesquisei tudo que pude encontrar sobre Dédalo. Mas acho que não foi de muita ajuda. Não compreendo exatamente o que Luke está planejando, mas uma certeza eu tenho: o Labirinto pode ser a chave para o problema de Grover.

Eu pisquei.

— Você acha que Pã está no subterrâneo?

— Isso explicaria por que é impossível encontrá-lo.

— Sátiros odeiam ir ao subterrâneo. Nenhum buscador jamais tentaria ir *àquele* lugar. Não há flores. Não há luz do sol. Não há cafés! — Grover estremeceu.

— No entanto — continuou Annabeth —, o Labirinto pode levá-lo a quase todos os lugares. Ele lê seus pensamentos. Foi projetado para enganá-lo, ludibriá-lo e matá-lo. Mas se você puder fazer o Labirinto trabalhar *para* você...

— Ele poderia levá-lo ao deus selvagem — eu disse.

— Não posso fazer isso. — Grover apertou a barriga. — Só de pensar já tenho vontade de vomitar meus talheres.

— Grover, pode ser sua última chance — disse Annabeth. — O conselho é sério. *Uma* semana ou você vai aprender sapateado!

Na mesa principal, Quintus pigarreou. Eu tinha a sensação de que ele não queria fazer uma cena, mas Annabeth estava indo longe demais, ficando à minha mesa por tanto tempo.

— Conversamos mais tarde. — Annabeth apertou meu braço um pouco forte demais. — Convença-o, está bem?

Ela voltou para a mesa de Atena, ignorando todos que a olhavam.

Grover enterrou a cabeça nas mãos.

— Não posso fazer isso, Percy. Minha licença de buscador. Pã. Vou perder tudo. Vou ter de abrir um teatro de marionetes.

— Não diga isso! Vamos encontrar uma solução.

Ele me olhou com os olhos cheios de lágrimas.

— Percy, você é meu melhor amigo. Já me viu no subterrâneo. Naquela caverna daquele ciclope. Acha mesmo que eu poderia...

Sua voz falhou. Lembrei-me do Mar de Monstros, quando ele ficara preso na caverna de um ciclope. Grover nunca fora fã de lugares subterrâneos, mas agora os odiava mesmo. Ciclopes também lhe davam calafrios. Até mesmo Tyson... Grover tentava esconder isso, mas podíamos praticamente ler as emoções um do outro por causa do elo de empatia que ele criara entre nós. Eu sabia como ele se sentia. Grover tinha pavor do grandão.

— Tenho de ir — disse Grover, infeliz. — Juníper está esperando por mim. É bom, isso de achar os covardes atraentes.

Depois que ele se foi, olhei para Quintus. Ele assentiu, sério, como se partilhássemos um segredo obscuro. Então voltou a cortar a salsicha com um punhal.

À tarde, eu fui até os estábulos dos pégasos para visitar meu amigo Blackjack.

Ei, chefe! Ele saltitava pela baia, as asas negras fustigando o ar. *Você me trouxe uns torrões de açúcar?*

— Você sabe que eles não lhe fazem bem, Blackjack.

É, então você trouxe alguns, não foi?

Sorri e lhe dei um punhado deles. Blackjack e eu tínhamos uma longa história. Eu ajudara a resgatá-lo do cruzeiro demoníaco de Luke havia alguns anos, e desde então ele insistia em me pagar com favores.

Então, temos alguma missão iminente?, perguntou Blackjack. *Estou pronto para voar, chefe!*

Acariciei-lhe o focinho.

— Não tenho certeza, cara. Estão todos falando de labirintos subterrâneos.

Blackjack relinchou com nervosismo.

Hã-hã. Não para este cavalo! Você não vai ser louco de entrar em nenhum labirinto, chefe. Vai? Vai acabar na fábrica de cola!

— Pode ser que você tenha razão, Blackjack. Vamos ver.

Blackjack mastigou seus torrões de açúcar. Então sacudiu a crina como se estivesse tendo um ataque hiperglicêmico.

Uau! Esses eram dos bons! Bem, chefe, se recobrar o juízo e quiser voar para algum lugar, basta assoviar. O velho Blackjack e seus amigos passam por cima de qualquer um por você!

Eu lhe disse que me lembraria disso. Então um grupo de campistas mais novos chegou aos estábulos para começar sua aula de equitação, e concluí que era hora de ir. Tinha o mau pressentimento de que não voltaria a ver Blackjack por muito tempo.

Naquela noite, após o jantar, Quintus mandou que nos equipássemos com armaduras de combate, como se estivéssemos nos preparando para a captura da bandeira, mas a disposição dos campistas era muito mais séria. Em algum momento durante o dia os caixotes na arena desapareceram, e eu tinha a impressão de que o que quer que estivesse dentro deles fora solto nos bosques.

— Certo — disse Quintus, de pé à mesa de jantar principal. — Reúnam-se aqui.

Ele estava vestido em couro negro e bronze. À luz das tochas, o cabelo grisalho fazia-o parecer um fantasma. A sra. O’Leary saltitava, feliz, em torno dele, à procura de restos do jantar.

— Vocês se dividirão em duplas — anunciou Quintus. Quando todos começaram a falar e a procurar seus amigos, ele gritou: — Que já estão determinadas!

— AHHHHH! — queixaram-se todos.

— Seu objetivo é simples: peguem a coroa de louros de ouro sem morrer. A coroa está embrulhada com seda, amarrada às costas de um monstro. São seis monstros ao todo. Cada um deles tem um pacote de seda. Apenas um carrega a coroa de louros. Vocês têm de encontrá-la antes das outras duplas. E, naturalmente...

vão precisar matar o monstro para pegá-la e se manter vivos.

Todos começaram a murmurar, excitados. A tarefa parecia bastante simples. Afinal, todos nós já havíamos matado monstros. Era para isso que treinávamos.

— Agora vou anunciar seus parceiros — disse Quintus. — Não haverá trocas. Nem negociações. Nem queixas.

— *Auuuuuu!* — A sra. O’Leary enterrou a cara em um prato de pizza.

Quintus surgiu como um grande rolo de pergaminho e começou a ler os nomes. Beckendorf ficaria com Silena Beauregard, o que o deixou bastante feliz. Os irmãos Stoll, Travis e Connor, ficariam juntos. Nenhuma surpresa. Eles faziam tudo juntos. Clarisse estava com Lee Fletcher, do chalé de Apolo — combate violento e organizado combinados, formariam uma dupla dura de vencer. Quintus continuou a anunciar rapidamente os nomes até que disse:

— Percy Jackson com Annabeth Chase.

— Legal. — Sorri para Annabeth.

— Sua armadura está torta — foi o único comentário dela, e rearrumou minhas correias.

— Grover Underwood — disse Quintus — com Tyson.

Grover quase saltou fora de sua pele de bode.

— O quê? M-mas...

— Não, não — choramingou Tyson. — Deve ser engano. O garoto-bode...

— Sem queixas! — ordenou Quintus. — Juntem-se a seu par. Vocês têm dois minutos para se preparar.

Tanto Tyson quanto Grover olharam para mim, suplicantes. Tentei lhes dirigir um aceno de cabeça encorajador e gesticulei, indicando que deviam se juntar. Tyson espirrou. Grover começou a mastigar nervosamente seu bastão de madeira.

— Eles vão ficar bem — disse Annabeth. — Venha. Vamos nos preocupar com o que faremos para nos manter vivos.

Ainda estava claro quando entramos no bosque, mas as sombras das árvores faziam parecer que já era meia-noite. Fazia frio, também, mesmo no verão. Annabeth e eu encontramos rastros quase imediatamente — marcas de corrida deixadas por algo com muitas pernas. Começamos a seguir a pista.

Saltamos um riacho e ouvimos o ruído de galhos se quebrando ali perto. Então nos agachamos atrás de uma pedra, mas eram apenas os irmãos Stoll tropeçando e xingando. O pai deles era o deus dos ladrões, mas eles eram quase tão sutis quanto búfalos-d’água.

Assim que os Stoll passaram, adentramos mais o lado oeste da floresta, onde os monstros eram mais selvagens. Estávamos de pé na saliência de uma pedra que se erguia em um lago pantanoso quando Annabeth parou, tensa.

— Foi aqui que paramos de procurar.

Levei um segundo para me dar conta do que ela falava. No inverno passado, quando estávamos procurando Nico di Angelo, foi ali que perdemos a esperança de encontrá-lo. Grover, Annabeth e eu subimos nessa mesma pedra, e eu os convenci a não contar a verdade a Quíron: que Nico era filho de Hades. Naquela ocasião, pareceu a decisão certa. Eu queria proteger a identidade dele. Queria que fosse eu a encontrá-lo e acertar a situação pelo que acontecera com a irmã dele. Agora, seis meses depois, eu não estava nem perto de encontrá-lo. Aquilo deixava um gosto amargo em minha boca.

— Eu o vi na noite passada — eu disse.

Annabeth franziu as sobrancelhas.

— O que quer dizer?

Contei-lhe sobre a mensagem de Íris. Quando terminei, ela fitou as sombras da floresta.

— Ele está evocando os mortos? Isso não é bom.

— O fantasma estava dando maus conselhos a ele — eu disse. — Dizendo-lhe que se vingasse.

— É... os espíritos nunca são bons conselheiros. Eles têm seus próprios planos. Velhos rancores. E se ressentem dos vivos.

— Ele virá atrás de mim — afirmei. — O espírito mencionou um labirinto.

Ela assentiu.

— Isso resolve tudo. *Precisamos* decifrar o Labirinto.

— Talvez — eu disse, num tom desconfortável. — Mas quem enviou a mensagem de Íris? Se Nico não sabia que eu estava lá...

Um galho partiu-se na floresta. Folhas secas farfalharam. Algo grande se movia entre as árvores, logo depois da elevação do terreno.

— Esses não são os irmãos Stoll — sussurrou Annabeth.

Sacamos a espada ao mesmo tempo.

Chegamos ao Punho de Zeus, uma imensa pilha de rochas no meio do bosque ocidental. Era um marco natural, onde os campistas se reuniam em expedições de caça, mas agora ninguém estava ali.

— Lá adiante — sussurrou Annabeth.

— Não, espere — eu disse. — Atrás de nós.

Era estranho. Ruídos apressados pareciam vir de várias direções. Estávamos circundando as pedras, espadas em punho, quando alguém bem atrás de nós disse:

— Oi.

Giramos e a ninfa das árvores Juníper gritou.

— Abaixem estas coisas! — protestou ela. — Dríades não gostam de lâminas afiadas, está bem?

— Juníper — disse Annabeth, expirando o ar. — O que está fazendo aqui?

— Eu moro aqui.

Baixei a espada.

— Nas pedras?

Ela apontou para os limites da clareira.

— No junípero. Dãh.

Fazia sentido, e eu me senti um tanto estúpido. Convivia com dríades havia anos, mas não conversava muito com elas. Sabia que não podiam se afastar muito de suas árvores, as quais eram sua fonte de vida. Mas não compreendia muito mais.

— Vocês estão ocupados? — perguntou Juníper.

— Bem — eu disse —, estamos no meio desse jogo contra um bando de monstros e estamos tentando não morrer.

— Não estamos ocupados — disse Annabeth. — Qual o problema, Juníper?

Ela fungou. Enxugou os olhos com a manga da camisa de seda.

— É Grover. Ele parece tão distraído. Ficou o ano todo fora, à procura de Pã. E cada vez que volta fica

pior. A princípio, pensei que talvez estivesse de olho em outra árvore.

— Não — disse Annabeth quando Juníper começou a chorar. — Tenho certeza de que não é isso.

— Uma vez ele teve uma quedinha por um arbusto de mirtilo — disse Juníper, infeliz.

— Juníper — disse Annabeth —, Grover nunca nem mesmo olharia para outra árvore. Ele só está tenso por causa da licença de buscador.

— Ele não pode ir ao subterrâneo! — protestou ela. — Vocês não podem deixá-lo ir.

Annabeth parecia desconfortável.

— Essa pode ser a única maneira de ajudá-lo. Se ao menos soubéssemos por onde começar.

— Ah! — Juníper enxugou uma grande lágrima verde em sua bochecha. — Sobre isso...

Outro ruído no meio da mata, e Juníper gritou:

— Escondam-se!

Antes que eu pudesse perguntar por quê, ela fez *puf!* e se transformou em névoa verde.

Annabeth e eu nos viramos. Saindo da mata vinha um artrópode cor de âmbar brilhante, de três metros de comprimento, com pinças dentadas, cauda encouraçada e um ferrão tão longo quanto minha espada. Um escorpião. Amarrado em suas costas havia um pacote de seda vermelha.

— Um de nós se aproxima por trás — disse Annabeth enquanto o bicho vinha ruidosamente em nossa direção — e decepa a cauda, enquanto o outro o distrai pela frente.

— Eu assumo a dianteira — falei. — Você tem o boné da invisibilidade.

Ela assentiu. Havíamos lutado juntos tantas vezes que conhecíamos os movimentos um do outro. Podíamos fazer aquilo com facilidade. Mas todo plano foi por água abaixo quando outros dois escorpiões surgiram da mata.

— *Três?* — disse Annabeth. — Não é possível! Um bosque inteiro e metade dos monstros vem para nós?

Engoli em seco. De um, nós podíamos dar conta. Dois, com um pouco de sorte. Três? Impossível.

Os escorpiões correram em nossa direção, açoitando as caudas com ferrão como se estivessem ali apenas para nos matar. Annabeth e eu colamos as costas contra a pedra mais próxima.

— Escalamos? — perguntei.

— Não dá tempo — respondeu ela.

Tinha razão. Os escorpiões já nos rodeavam. Estavam tão próximos que eu podia ver as bocas hediondas espumando, adivinhando uma bela e succulenta refeição de semideuses.

— Cuidado! — Annabeth aparou o ataque de um ferrão com a face da lâmina da espada.

Ataquei com Contracorrente, mas o escorpião recuou, saindo de meu alcance. Escalamos as rochas de lado, mas os escorpiões nos seguiram. Investi contra outro, mas tomar a ofensiva era perigoso demais. Se eu atacasse o corpo, a cauda apunhalava de cima para baixo. Se atacasse a cauda, as pinças do animal vinham de ambos os lados e tentavam me agarrar. Tudo o que podíamos fazer era nos defender, mas não conseguiríamos por muito mais tempo.

Dei mais um passo para o lado, e de repente não havia nada atrás de mim. Era uma fenda entre duas das rochas maiores, pela qual eu passara provavelmente um milhão de vezes, mas...

— Aqui — eu disse.

Annabeth deu um golpe em um dos escorpiões e então me olhou como se eu fosse louco.

Aí? É estreito demais.

— Eu lhe dou cobertura. Vá!

Ela abaixou-se atrás de mim e começou a se espremer entre as duas rochas. Então gritou e agarrou as tiras de minha armadura, e de repente eu me vi caindo em um fosso que não estava ali um segundo antes. Podia ver os escorpiões acima de nós, o céu púrpura do crepúsculo e as árvores. Em seguida o buraco se fechou como a lente de uma câmera, e ficamos na mais completa escuridão.

Nossa respiração ecoava na pedra. Estava molhado e frio. Eu me vi sentado em um chão irregular que parecia feito de tijolos.

Ergui Contracorrente. O leve brilho da lâmina foi suficiente para iluminar o rosto assustado de Annabeth e as paredes de pedra cobertas de limo que nos cercavam.

— O-onde estamos? — perguntou Annabeth.

— Seja lá onde for, a salvo dos escorpiões. — Tentei parecer calmo, mas estava morrendo de medo. A fenda entre as rochas não podia levar a uma caverna. Eu sabia se existisse uma cavidade ali; tinha certeza disso. Era como se o chão tivesse se aberto e nos engolido. Tudo que me vinha à cabeça era a fissura no pavilhão do refeitório, onde aqueles esqueletos haviam sido engolidos no verão passado. Perguntei-me se o mesmo havia acontecido conosco.

Ergui novamente a espada, em busca de luz.

— É uma sala comprida — murmurei.

Annabeth agarrou meu braço.

— Não é uma sala. É um corredor.

Ela tinha razão. A escuridão parecia... vazia à nossa frente. Havia uma brisa morna, como nos túneis do metrô, só que o lugar parecia ser mais antigo, de alguma forma mais perigoso.

Comecei a avançar, mas Annabeth me deteve.

— Não dê mais nenhum passo — alertou ela. — Precisamos encontrar a saída.

Ela agora parecia assustada de verdade.

— Está tudo bem — prometi. — É logo...

Olhei para cima e percebi que não conseguia ver de onde havíamos caído. O teto era de pedra sólida. O corredor parecia estender-se interminavelmente em ambas as direções.

A mão de Annabeth deslizou para a minha. Em outras circunstâncias, eu teria me sentido constrangido, mas ali na escuridão fiquei feliz em saber onde ela estava. Era praticamente minha única certeza.

— Dois passos atrás — advertiu ela.

Recuamos juntos, como se estivéssemos em um campo minado.

— O.k. — disse ela. — E me ajude a examinar as paredes.

— Para quê?

— A marca de Dédalo — disse ela, como se isso devesse fazer sentido.

— Hã, o.k. Que tipo de...

— Achei! — exclamou ela com alívio.

Annabeth pousou a mão na parede e pressionou uma minúscula fissura, que começou a emitir uma luz azul. Um símbolo surgiu: Δ. A letra delta, do grego antigo.

O teto deslizou, abrindo-se, e vimos o céu noturno, as estrelas cintilando. Estava bem mais escuro do que deveria. Degraus de metal surgiram na parede, levando para cima, e eu podia ouvir as pessoas gritando nossos nomes.

— Percy! Annabeth! — A voz de Tyson era a que soava mais alto, mas outras também chamavam.

Lancei um olhar nervoso para Annabeth, e começamos a subir.

Avançamos em meio às rochas e encontramos Clarisse e um grupo de outros campistas carregando tochas.

— Onde vocês dois se meteram? — perguntou Clarisse. — Estamos procurando vocês há séculos.

— Mas só desaparecemos por alguns minutos — eu disse.

Quíron aproximou-se, trotando, seguido por Tyson e por Grover.

— Percy! — exclamou Tyson. — Você está bem?

— Estamos bem — respondi. — Caímos em um buraco.

Os outros olharam, céticos, para mim e em seguida para Annabeth.

— É verdade! — exclamei. — Estávamos sendo atacados por três escorpiões, então corremos e nos escondemos nas rochas. Mas só nos ausentamos por um minuto.

— Vocês estão desaparecidos há quase uma hora — afirmou Quíron. — O jogo já acabou.

— É — murmurou Grover. — Teríamos vencido, mas um ciclope se sentou em cima de mim.

— Foi um acidente! — protestou Tyson, e espirrou.

Clarisse usava a coroa de louros de ouro, mas nem se gabou de tê-la conquistado, o que não era próprio dela.

— Um buraco? — perguntou, desconfiada.

Annabeth respirou fundo e olhou para os outros campistas à volta.

— Quíron... talvez devêssemos falar sobre isso na Casa Grande.

Clarisse respirou fundo.

— Vocês encontraram, não foi?

Annabeth mordeu o lábio.

— Eu... Sim. Sim, encontramos.

Vários campistas começaram a fazer perguntas, parecendo tão confusos quanto eu, mas Quíron ergueu a mão, pedindo silêncio.

— Esta noite não é o momento, e tampouco este é o lugar certo. — Ele olhou para as rochas como se tivesse acabado de perceber como eram perigosas. — Todos vocês, de volta para seus chalés. Durmam um pouco. Foi um jogo bem executado, mas já passou da hora de se recolherem!

Houve muitos murmúrios e queixas, mas os campistas se dispersaram, conversando entre si e me lançando olhares desconfiados.

— Isso explica muita coisa — disse Clarisse. — Explica o que Luke está procurando.

— Esperem um segundo — eu disse. — O que vocês estão dizendo? O que foi que encontramos?

Annabeth voltou-se para mim, os olhos turvos de preocupação.

— Uma entrada para o Labirinto. Uma rota de invasão saindo direto no coração do acampamento.

ANNABETH TRANSGRIDE AS REGRAS

Quíron insistira para que conversássemos sobre o assunto de manhã, o que era quase como dizer: *Ei, sua vida está correndo perigo. Durma bem!* Foi difícil adormecer, mas, quando finalmente consegui, sonhei com uma prisão.

Vi um garoto de túnica grega e sandálias, sozinho, agachado em uma imensa sala de pedra. O teto era aberto para o céu noturno, mas as paredes tinham seis metros de altura e eram de mármore polido, completamente lisas. Espalhados pela sala viam-se caixotes de madeira. Alguns estavam quebrados e virados, como se tivessem sido atirados ali. Ferramentas de bronze derramavam-se de um deles — um compasso, um serrote e um punhado de outras que eu não reconhecia.

O menino se encolhia em um canto, tremendo de frio, ou, talvez, de medo. Estava respingado de lama. Suas pernas, seus braços e seu rosto estavam arranhados, como se ele tivesse sido arrastado até ali com os caixotes.

Então as portas duplas de carvalho gemeram, abrindo-se. Dois guardas em armaduras de bronze entraram marchando, segurando um senhor idoso entre eles. Atiraram-no ao chão e ele ficou ali encolhido, como uma pilha de quinquilharia.

— Pai! — O garoto correu até ele. A túnica do homem estava em farrapos. O cabelo era riscado de cinza, e a barba, longa e frisada. O nariz estava quebrado. Os lábios, ensanguentados.

O garoto tomou a cabeça do idoso nos braços.

— O que fizeram com o senhor? — Então gritou para os guardas: — Eu vou matar vocês!

— Não haverá morte alguma hoje — disse uma voz.

Os guardas deram um passo para o lado. De trás deles surgiu um homem alto de túnica branca, com um fino aro de ouro na cabeça. Sua barba tinha a forma da ponta de uma lança. Seus olhos brilhavam cruelmente.

— Você ajudou o ateniense a matar meu Minotauro, Dédalo. Fez minha própria filha voltar-se contra mim.

— Fostes vós que fizestes isso, Vossa Majestade — grunhiu o senhor.

Um guarda plantou um chute nas costelas do velho, que gemeu em agonia.

— Pare! — gritou o garoto.

— Você ama tanto seu Labirinto — disse o rei. — Então decidi deixá-lo ficar aqui. Esta será sua oficina. Construa novas maravilhas para mim. Divirta-me. Todo Labirinto precisa de um monstro. Você será o meu!

— Não tenho medo de vós — gemeu o idoso.

O rei sorriu friamente e fixou os olhos no menino.

— Mas um homem ama seu filho, não é? Contrarie-me, velho, e da próxima vez que meus guardas infligirem um castigo será nele!

O rei deixou a sala com os guardas, e as portas se fecharam ruidosamente, deixando o garoto e o pai sozinhos na escuridão.

— O que vamos fazer? — choramingou o menino. — Pai, eles vão matá-lo!

O senhor engoliu com dificuldade. Tentou sorrir, mas a visão daquela boca ensanguentada era horripilante.

— Tenha coragem, meu filho. — Ele ergueu os olhos para as estrelas. — Eu... eu vou encontrar uma saída.

Uma barra baixou sobre as portas com um bum funesto, e eu acordei ensopado de suor frio.

Ainda me sentia abalado na manhã seguinte, quando Quíron convocou um conselho de guerra. Nós nos reunimos na arena de esgrima, o que me pareceu muito estranho — tentar discutir o destino do acampamento enquanto a sra. O’Leary mastigava um iaque de borracha cor-de-rosa, em tamanho natural, que emitia guinchos.

Quíron e Quintus estavam na frente, ao lado da estante de armas. Clarisse e Annabeth sentavam-se lado a lado e conduziram o relato dos fatos. Tyson e Grover sentaram-se o mais longe possível um do outro. Também presentes em torno da mesa: Juníper, a ninfa das árvores; Silena Beauregard; Travis e Connor Stoll; Beckendorf; Lee Fletcher, e até mesmo Argos, nosso chefe de segurança com uma centena de olhos. Isso me fez ver a gravidade da situação. Argos raramente aparece, a menos que algo muito importante esteja acontecendo. Durante todo o tempo em que Annabeth falou ele manteve os cem olhos azuis voltados para ela com tamanha intensidade que todo o corpo dele ficou rígido de tensão.

— Luke devia saber da entrada para o Labirinto — disse Annabeth. — Ele sabia tudo sobre o acampamento.

Achei ter percebido um certo orgulho em sua voz, como se ela ainda respeitasse o cara, por mais maligno que ele fosse.

Juníper pigarreou.

— Era isso que eu estava tentando lhes dizer ontem à noite. A entrada da caverna está ali há muito tempo. Luke costumava usá-la.

Silena Beauregard franziu a testa.

— Você sabia sobre a entrada do Labirinto e não disse nada?

O rosto de Juníper ficou verde.

— Eu não sabia que era importante. Para mim, era só uma caverna. Não gosto de cavernas velhas e nojentas.

— Ela tem bom gosto — observou Grover.

— Eu só prestei atenção... bem, porque era Luke. — Ela ficou um pouco mais verde.

— Esqueçam o que eu disse sobre bom gosto — bufou Grover.

— Interessante. — Quintus lustrava a espada enquanto falava. — E você acredita que esse rapaz, Luke, ousaria usar o Labirinto como uma rota de invasão?

— Seguramente — afirmou Clarisse. — Se ele pudesse introduzir um exército de monstros no Acampamento Meio-Sangue fazendo-os simplesmente surgir no meio do bosque, sem ter de se preocupar com nossos limites mágicos, nós não teríamos a menor chance. Ele poderia nos liquidar facilmente. Deve estar planejando isso há meses.

— Ele tem enviado exploradores ao Labirinto — informou Annabeth. — Sabemos porque... porque encontramos um.

— Chris Rodriguez — disse Quíron, e lançou um olhar expressivo a Quintus.

— Ah! — replicou Quintus. — Aquele no... Sim. Entendi.

— Aquele no quê? — perguntei. Clarisse me fuzilou com o olhar.

— A questão é que Luke vem procurando uma forma de navegar o Labirinto. Ele está procurando a oficina de Dédalo.

Lembrei-me de meu sonho na noite anterior — o idoso ensanguentado na túnica em farrapos.

— O cara que criou o Labirinto.

— É — disse Annabeth. — O maior dos arquitetos, o maior inventor de todos os tempos. Se as lendas forem verdadeiras, essa oficina fica no centro do Labirinto. Ele era o único que sabia se orientar perfeitamente

no emaranhado de caminhos. Se Luke conseguisse encontrar a oficina e convencer Dédalo a ajudá-lo, não precisaria andar às tontas procurando passagens ou arriscar perder seu exército nas armadilhas do Labirinto. Ele poderia ir para qualquer lugar que desejasse, com rapidez e segurança. Primeiro, para o Acampamento Meio-Sangue, para nos liquidar. Depois... para o Olimpo.

A arena ficou em silêncio, exceto pelo iaque de brinquedo da sra. O'Leary sendo estripado: *SQUIK! SQUIK!*

Finalmente Beckendorf pousou a imensa mão sobre a mesa.

— Esperem um pouco. Annabeth, você disse “convencer Dédalo”? Dédalo não está morto?

— Eu esperaria que sim. — Quintus grunhiu. — Ele viveu há quanto tempo? Uns três mil anos? E, mesmo que estivesse vivo, as histórias antigas não contam que ele fugiu do Labirinto?

Quíron, inquieto, apoiava-se ora nuns cascos ora nos outros.

— Esse é o problema, meu caro Quintus. Ninguém sabe. Existem boatos... bem, existem muitas fofocas inquietantes sobre Dédalo, mas uma delas é que ele tornou a desaparecer no Labirinto no fim de sua vida. Ele pode, sim, estar lá embaixo ainda.

Pensei no senhor em meu sonho. Ele parecia tão frágil que era difícil acreditar que tivesse durado mais uma semana, quanto mais três mil anos.

— Precisamos entrar lá — anunciou Annabeth. — Temos de achar a oficina antes de Luke. Se Dédalo estiver vivo, nós o convenceremos a nos ajudar, não a Luke. Se o fio de Ariadne ainda existe, precisamos nos certificar de que ele nunca caia nas mãos de Luke.

— Espere um segundo — eu disse. — Se estamos preocupados com um ataque, por que simplesmente não destruímos a entrada? Vedamos o túnel?

— Grande ideia! — exclamou Grover. — Vou buscar a dinamite.

— Não é tão fácil assim, estúpido — grunhiu Clarisse. — Tentamos isso na entrada que encontramos em Phoenix. Não deu certo.

Annabeth assentiu.

— O Labirinto tem uma arquitetura mágica, Percy. Seria preciso uma força imensa para selar uma única de suas entradas. Em Phoenix, Clarisse demoliu um prédio inteiro com uma imensa bola de ferro, e a entrada deslocou-se apenas alguns metros. O melhor que podemos fazer é evitar que Luke aprenda a se orientar no Labirinto.

— Poderíamos lutar — disse Lee Fletcher. — Agora sabemos onde é a entrada. Podemos criar uma linha defensiva e esperar por eles. Se um exército tentar passar, vai nos encontrar esperando com nossos arcos.

— Certamente vamos erguer defesas — concordou Quíron. — Mas temo que Clarisse esteja certa. Os limites mágicos mantiveram este acampamento em segurança por centenas de anos. Se Luke conseguir colocar um grande exército de monstros no centro do acampamento, evitando nossas fronteiras... talvez não tenhamos força para vencê-los.

Ninguém parecia muito contente com essa notícia. Quíron, em geral, tentava ser otimista e positivo. Se ele estava prevendo que não poderíamos refrear um ataque, isso não era nada bom.

— Precisamos chegar à oficina de Dédalo primeiro — insistiu Annabeth. — Encontrar o fio de Ariadne e impedir Luke de usá-lo.

— Mas, se ninguém consegue se orientar lá dentro — falei —, que chances nós temos?

— Eu estudo arquitetura há anos — ela disse. — Conheço o Labirinto de Dédalo melhor que qualquer outra pessoa.

— De ler sobre ele.

— Bem, é.

— Isso não basta.

— Tem de bastar!

— Não tem!

— Você vai me ajudar ou não?

Percebi que estavam todos observando a mim e Annabeth, como em uma partida de tênis. O iaque berrador da sra. O’Leary começou a emitir *IIIK!* enquanto ela lhe arrancava a cabeça de borracha cor-de-rosa.

Quíron limpou a garganta com um pigarro.

— Primeiro, o mais importante. Precisamos de uma missão. Alguém tem de entrar no Labirinto, encontrar a oficina de Dédalo e evitar que Luke use esse meio para invadir o acampamento.

— Todos sabemos quem deve liderar isso — disse Clarisse. — Annabeth.

Houve um murmúrio de concordância. Eu sabia que Annabeth vinha esperando sua própria missão desde que era uma garotinha, mas ela parecia constrangida.

— Você fez tanto quanto eu, Clarisse — replicou. — Você também deveria ir.

— Eu não vou voltar lá dentro. — Clarisse sacudiu a cabeça.

— Não me diga que está com medo. — Travis Stoll riu. — Clarisse, amarelando?

Clarisse se levantou. Pensei que fosse transformar Travis em pó, no entanto ela disse, com a voz trêmula:

— Você não entende nada, idiota. Eu nunca mais voltarei lá. Nunca!

E deixou a arena tempestuosamente.

Travis olhou à volta, envergonhado.

— Eu não queria...

Quíron ergueu a mão.

— A pobrezinha teve um ano difícil. Voltando a nosso assunto, estamos de acordo que Annabeth deve liderar a missão?

Todos assentimos, exceto Quintus. Ele cruzou os braços e olhava fixamente para a mesa, mas eu não tinha certeza se mais alguém havia notado.

— Muito bem. — Quíron voltou-se para Annabeth. — Minha querida, é sua vez de visitar o Oráculo. Supondo que você retorne inteira, vamos discutir o que fazer em seguida.

Esperar Annabeth era mais difícil do que ir pessoalmente visitar o Oráculo.

Eu já ouvira suas profecias duas vezes antes. A primeira fora no sótão poeirento da Casa Grande, onde o espírito de Delfos estava adormecido no corpo de uma hippie mumificada. Na segunda, o Oráculo saíra para uma pequena caminhada pelo bosque. Eu ainda tinha pesadelos com aquilo.

Nunca me sentira ameaçado pela presença do Oráculo, mas já tinha ouvido histórias: campistas que enlouqueceram ou que tiveram visões tão reais que morreram de medo.

Eu andava de um lado para outro na arena, esperando. A sra. O’Leary começou seu almoço — cinquenta quilos de carne moída e vários biscoitos de cachorro do tamanho de uma tampa de lixeira. Imaginei onde Quintus arranjava biscoitos de cachorro daquele tamanho. Eu não conseguia imaginar Quintus simplesmente indo até a seção de animais domésticos e colocando-os no carrinho de compras.

Quíron estava concentrado em uma conversa com Quintus e Argos. Parecia-me que discordavam em alguma questão. Quintus sacudia a cabeça o tempo todo.

Do outro lado da arena, Tyson e os irmãos Stoll apostavam corrida com miniaturas de bigas de bronze que Tyson fizera com sucata de armaduras.

Desisti de andar de um lado para outro e deixei a arena. Olhei além dos campos, para a janela do sótão da Casa Grande, escura e imóvel. Por que Annabeth estava demorando tanto? Eu tinha certeza de que não levaria esse tempo todo para obter minha resposta.

— Percy — sussurrou uma voz feminina.

Juníper estava de pé no meio dos arbustos. Era estranho como ela quase ficava invisível quando estava cercada de plantas.

Ela fez um sinal insistente para que eu me aproximasse.

— Você precisa saber: Luke não foi o único que eu vi nas proximidades da caverna.

— O que você quer dizer?

Ela lançou um olhar na direção da arena.

— Eu queria falar, mas ele estava lá.

— Quem?

— O mestre de esgrima — disse ela. — Ele estava bisbilhotando nas pedras.

Meu estômago contraiu-se.

— Quintus? Quando?

— Não sei. Não presto atenção no tempo. Talvez há uma semana, quando ele chegou aqui.

— O que ele estava fazendo? Ele entrou?

— Eu... eu não tenho certeza. Ele é estranho, Percy. Eu nem o vi chegar à clareira. De repente, ele estava ali. Você precisa dizer a Grover que é perigoso demais...

— Juníper? — chamou Grover da arena. — Cadê você?

Juníper suspirou.

— É melhor eu entrar. Mas lembre-se do que eu disse. Não confie naquele homem! — Ela voltou correndo para a arena.

Olhei para a Casa Grande, sentindo-me mais inquieto do que nunca. Se Quintus estivesse tramando algo... Eu precisava me aconselhar com Annabeth. Ela deveria saber o que fazer com a notícia de Juníper. Mas onde diabos ela estava? O que quer que estivesse acontecendo com o Oráculo, não deveria levar todo esse tempo.

Por fim, não pude mais aguentar.

Era contra o regulamento, mas ninguém estava vendo. Desci a colina correndo e atravessei os campos.

O salão da frente da Casa Grande estava estranhamente quieto. Eu me acostumara a ver Dioniso perto da lareira, jogando cartas, comendo uvas e importunando os sátiros, mas o sr. D ainda estava fora.

Atravessei o corredor, as tábuas do piso rangendo sob meus pés. Quando cheguei à base da escada, hesitei. Quatro andares acima havia um pequeno alçapão que levava ao sótão. Annabeth estava lá em cima, em algum lugar. Parei, em silêncio, e escutei. Mas o que ouvi não era o que eu esperava.

Soluços. E vinham de um lugar abaixo de mim.

Deslizei sorrateiramente para trás da escada. A porta do porão estava aberta. Eu nem mesmo sabia que a Casa Grande *tinha* um porão. Espiei lá dentro e vi, no canto mais remoto, duas figuras sentadas em meio a caixas empilhadas de ambrosia e de morangos em conserva. Uma era Clarisse. A outra era um adolescente de origem hispânica, vestido com uma calça camuflada esfarrapada e camiseta preta suja. O cabelo dele estava sebo e embaraçado. Ele abraçava os próprios ombros e soluçava. Era Chris Rodriguez, o meio-sangue que tinha ido trabalhar para Luke.

— Está tudo bem — Clarisse lhe dizia. — Experimente um pouco mais de néctar.

— Você é uma ilusão, Mary! — Chris recuou, encolhendo-se ainda mais no canto. — V-vá embora.

— Meu nome não é Mary. — A voz de Clarisse era gentil, porém muito triste. Nunca pensei que Clarisse pudesse falar daquele modo. — Meu nome é Clarisse. Lembre-se. Por favor.

— Está escuro! — gritou Chris. — Tão escuro!

— Venha para fora — Clarisse tentou persuadi-lo. — A luz do sol vai ajudá-lo.

— Mil... mil caveiras. A terra continua a curá-lo.

— Chris — implorou Clarisse. Parecia que ela estava à beira das lágrimas. — Você precisa melhorar. Por favor. O sr. D logo estará de volta. Ele é especialista em loucura. Agente firme.

Os olhos de Chris pareciam os de um rato encurralado — ferozes e desesperados.

— Não tem saída, Mary. Não tem saída.

Então ele me vislumbrou e emitiu um som sufocado e aterrorizado.

— O filho de Poseidon! Ele é horrível!

Recuei, torcendo para que Clarisse não tivesse me visto. Esperei que ela viesse correndo gritar comigo, mas em vez disso ela continuou falando com Chris naquele tom triste e suplicante, tentando fazê-lo beber o néctar. Talvez ela pensasse que fosse parte da alucinação de Chris, mas... *filho de Poseidon*? Chris estava olhando para mim, no entanto por que tive a sensação de que ele não estava falando de mim?

E a ternura de Clarisse... Nunca tinha me ocorrido que ela pudesse gostar de alguém; mas a maneira como pronunciava o nome de Chris... Ela o conheceu antes de ele mudar de lado. Conhecera-o bem mais do que eu imaginara. E agora ele estava tremendo em um porão escuro, com medo de sair, murmurando sobre alguém chamada Mary. Não era de espantar que Clarisse quisesse distância do Labirinto. O que havia acontecido com Chris lá dentro?

Ouvi um rangido vindo de cima — como o da porta do sótão se abrindo — e corri para a porta da frente. Precisava sair daquela casa.

— Minha querida — disse Quíron. — Você conseguiu.

Annabeth entrou na arena. Sentou-se em um banco de pedra e fitou o chão.

— E então? — perguntou Quintus.

Annabeth olhou primeiro para mim. Eu não sabia dizer se ela estava tentando me dar um aviso ou se a expressão em seus olhos era de puro medo. Então voltou-se para Quintus.

— Recebi a profecia. Vou liderar a busca à oficina de Dédalo.

Ninguém aplaudiu. Todos nós gostávamos de Annabeth e queríamos que ela tivesse sua missão, mas essa parecia insensatamente perigosa. Depois do que eu vira de Chris Rodriguez, não queria nem pensar em Annabeth descendo àquele estranho Labirinto outra vez.

Quíron raspou um dos cascos no chão de terra.

— O que a profecia dizia exatamente, minha querida? As palavras são importantes.

Annabeth respirou fundo.

— Eu, hã... bem, dizia: *Descerás na escuridão do labirinto infinito...*

Esperamos.

— ... o morto, o traidor e o perdido reerguidos.

Grover animou-se.

— O perdido! Isso deve se referir a Pã! É maravilhoso!

— Com o morto e o traidor — acrescentei. — Não é tão maravilhoso assim.

— E...? — perguntou Quíron. — E o restante?

— *Ascenderás ou cairás pelas mãos do rei espectral* — recitou Annabeth —, *da criança de Atena, a defesa final*.

Todos se entreolharam desconfortavelmente. Annabeth era uma filha de Atena, e uma última defesa não soava bem.

— Ei... não devemos tirar conclusões precipitadas — disse Silena. — Annabeth não é a única filha de Atena, certo?

— Mas quem é esse rei fantasma? — perguntou Beckendorf.

Ninguém respondeu. Pensei na mensagem de Íris que eu recebera, em que Nico evocava espíritos. Eu tinha o mau pressentimento de que a profecia estava ligada àquilo.

— Mais algum verso? — perguntou Quíron. — A profecia não parece completa.

Annabeth hesitou.

— Não lembro exatamente.

Quíron ergueu uma das sobrancelhas. Annabeth era conhecida por sua memória. Ela nunca se esquecia de nada que ouvisse.

Annabeth mudou de posição no banco.

— Algo sobre... *O último suspiro do herói acontecer*.

— E...? — insistiu Quíron.

Ela se levantou.

— Olhem, o ponto aqui é o seguinte: eu tenho de entrar lá. Vou encontrar a oficina e deter Luke. E... preciso de ajuda. — Ela se voltou para mim. — Você vem?

Eu nem sequer hesitei.

— Estou dentro.

Ela sorriu pela primeira vez em dias, e isso fez tudo valer a pena.

— Grover, você também? O deus selvagem está esperando.

Grover pareceu esquecer o quanto detestava o Mundo Inferior. O verso sobre “o perdido” o deixara completamente animado.

— Vou empacotar latas recicláveis extras para o lanche!

— E Tyson — disse Annabeth. — Vou precisar de você também.

— Iu-ru! Hora de arrebentar! — Tyson bateu palmas com tanta força que acordou a sra. O’Leary, que cochilava no canto.

— Espere, Annabeth — disse Quíron. — Isso vai contra as leis antigas. Ao herói só são permitidos dois companheiros.

— Preciso deles todos — ela insistiu. — Quíron, é importante.

Eu não sabia por que Annabeth tinha tanta certeza, mas fiquei feliz por ela ter incluído Tyson. Não podia imaginar deixá-lo para trás. Ele era grande e forte, e ótimo com máquinas. Diferentemente dos sátiros, os ciclopes não tinham qualquer problema no subterrâneo.

— Annabeth. — Quíron agitava a cauda nervosamente. — Pense bem. Você estaria transgredindo as leis antigas, e sempre há consequências. No inverno passado, cinco partiram em uma missão para salvar Ártemis.

Somente três voltaram. Pense nisso. Três é um número sagrado. São três Parcas, três Fúrias, três filhos olímpianos de Cronos. É um número bom e forte que resiste a muitos perigos. Quatro... isso é arriscado.

Annabeth respirou fundo.

— Eu sei. Mas precisamos. Por favor.

Dava para ver que Quíron não estava nada satisfeito com aquilo. Quintus nos estudava, como se estivesse tentando decidir qual de nós voltaria vivo.

— Muito bem. — Quíron suspirou. — Vamos encerrar a sessão. Os membros da missão devem se preparar. Na aurora de amanhã, mandaremos vocês para o Labirinto.

Quintus me puxou de lado enquanto o conselho se desfazia.

— Tenho um mau pressentimento em relação a isso — ele me disse.

A sra. O'Leary se aproximou abanando o rabo, feliz. Largou o escudo aos meus pés, e eu o lancei para que ela fosse buscar. Quintus a observou correr ruidosamente. Lembrei-me do que Juníper dissera sobre ele ter espionado o Labirinto. Eu não confiava nele, mas, quando olhou para mim, vi uma preocupação sincera em seus olhos.

— Não gosto da ideia de vocês descerem lá — comentou ele. — Nenhum de vocês. Mas se têm de fazer isso, quero que se lembrem de uma informação. O Labirinto existe para enganar vocês. Ele irá distraí-los. Isso é perigoso para meios-sangues. Somos facilmente distraídos.

— Você já esteve lá?

— Faz muito tempo. — Sua voz estava cansada. — Escapei vivo por um triz. A maioria dos que entram não tem essa sorte.

Ele me segurou pelo ombro.

— Percy, concentre sua mente no que mais importa. Se conseguir fazer isso, poderá encontrar o caminho. E aqui está: eu queria lhe dar algo.

Ele me entregou um pequeno tubo de prata. Era tão frio que quase o deixei cair.

— Um apito? — perguntei.

— Um apito para cães — disse Quintus. — Para a sra. O'Leary.

— Hã, obrigado, mas...

— Como ele vai funcionar no Labirinto? Não tenho cem por cento de certeza de que funcione. Mas a sra. O'Leary é um cão infernal. Ela pode aparecer quando chamada, não importa quanto esteja longe. Eu me sentiria melhor sabendo que você está com isso. Se precisar de ajuda, use-o; mas tome cuidado, o apito é feito de gelo estígio.

— Gelo o quê?

— Do Rio Estige. Muito difícil de fazer. Muito delicado. Não derrete, mas estilhaça quando assoprado, e portanto você só poderá usá-lo uma vez.

Pensei em Luke, meu velho inimigo. Pouco antes de eu partir em minha primeira missão, Luke também me deu um presente — sapatos mágicos, que haviam sido criados para me arrastar para a morte. Quintus parecia bem legal. Bastante preocupado. E a sra. O'Leary gostava dele, o que tinha de ter algum significado. Ela largou o escudo babado aos meus pés e latiu, excitada.

Senti vergonha por desconfiar de Quintus. Mas, por outro lado, eu havia confiado em Luke também.

— Obrigado — eu disse a Quintus.

Guardei o apito gelado no bolso, prometendo a mim mesmo que nunca o usaria, e saí correndo à procura

de Annabeth.

Desde que comecei a frequentar o acampamento, eu nunca fora ao chalé de Atena.

Era um prédio prateado, nada elegante, com cortinas brancas simples e uma coruja entalhada na pedra acima da porta. Os olhos de ônix da coruja pareciam me acompanhar à medida que eu me aproximava.

— Olá? — gritei lá para dentro.

Ninguém respondeu. Entrei e prendi a respiração. O lugar era uma oficina para crianças geniais. Os beliches estavam todos agrupados em uma parede, como se dormir não tivesse muita importância. A maior parte do quarto estava ocupada por bancadas de trabalho, mesas, estojos de ferramentas e armas. Os fundos eram uma imensa biblioteca entulhada com antigos pergaminhos, livros encadernados em couro e brochuras. Havia uma mesa de arquiteto com um jogo de réguas e transferidores e com algumas maquetes de prédios em 3-D. Mapas de guerra enormes e antigos cobriam as paredes até o teto. Armaduras pendiam sob as janelas, as placas de bronze cintilando ao sol.

Annabeth estava no fundo do quarto, revirando velhos pergaminhos.

Toque, toque — eu disse.

Ela levou um susto e se virou.

— Ah... oi. Não ouvi você.

— Está tudo bem? Ela franziu a testa, olhando o pergaminho em suas mãos.

— Só estou tentando fazer uma pesquisa. O Labirinto de Dédalo é imenso. As histórias em nada concordam. Os mapas simplesmente levam do nada a lugar nenhum.

Pensei sobre o que Quintus dissera, como o Labirinto tenta distrair você. Perguntei-me se Annabeth já saberia disso.

— Vamos conseguir — eu prometi.

O cabelo dela havia se soltado, e caía como uma cortina loura e emaranhada em volta do rosto. Os olhos cinzentos pareciam quase negros.

— Eu queria liderar uma missão desde que tinha sete anos — disse ela.

— Você vai se sair muito bem.

Ela olhou para mim agradecida, mas então baixou os olhos para todos os livros e pergaminhos que havia tirado das prateleiras.

— Estou preocupada, Percy. Talvez eu não devesse ter pedido a você que fosse. Nem ao Tyson ou ao Grover.

— Ei, nós somos seus amigos. Não perderíamos isso.

— Mas... — Ela se deteve.

— O que foi? — perguntei. — A profecia?

— Eu sei que está tudo bem — disse ela baixinho.

— Qual era o último verso?

Nesse momento ela fez algo que me surpreendeu de verdade. Ela piscou para evitar as lágrimas e estendeu os braços.

Dei um passo à frente e a abracei. Meu estômago se contorcia freneticamente.

— Ei, está... está tudo bem. — Dei tapinhas em suas costas.

Eu tinha consciência de tudo no quarto. Tinha a sensação de que podia ler as letrinhas mais miúdas de qualquer livro nas prateleiras. O cabelo de Annabeth tinha cheiro de sabonete de limão. Ela estava tremendo.

— Quíron talvez tenha razão — murmurou ela. — Estou transgredindo as regras. Mas não sei o que mais posso fazer. Preciso de vocês três. É o que parece certo.

— Então não se preocupe com isso — consegui dizer. — Tivemos um monte de problemas antes e conseguimos resolvê-los.

— Isso é diferente. Não quero que nada aconteça com... nenhum de vocês.

Atrás de mim, alguém pigarreou.

Era Malcolm, um dos meios-irmãos de Annabeth. O rosto dele tinha um tom vermelho vivo.

— Hã, desculpem — disse ele. — A prática de arco e flecha está começando, Annabeth. Quíron pediu que viesse buscá-la.

Afastei-me de Annabeth.

— Estávamos só olhando mapas — eu disse, um tanto tolo.

Malcolm me fitou.

— O.k.

— Diga a Quíron que já estou indo — pediu Annabeth, e Malcolm saiu apressado.

Ela esfregou os olhos.

— Vá em frente, Percy. É melhor eu me preparar para o arco e flecha.

Assenti, sentindo-me confuso como nunca me sentira em toda a vida. Eu queria sair correndo do chalé... mas, ao mesmo tempo, não queria.

— Annabeth? — eu disse. — Sobre sua profecia. O verso sobre o último suspiro de um herói...

— Você está se perguntando qual herói? Eu não sei.

— Não. Outra questão. Estava pensando que o último verso, em geral, rima com o penúltimo. Era algo sobre... ele terminava com a palavra *morrer*?

Annabeth baixou os olhos para os pergaminhos.

— É melhor ir andando, Percy. Prepare-se para a missão. Eu... eu vejo você de manhã.

Deixei-a ali, fitando os mapas que levavam do nada a lugar nenhum; mas não conseguia me livrar da sensação de que um de nós não voltaria vivo dessa expedição.

NICO COMPRA MCLANCHE FELIZ PARA OS MORTOS

Pelo menos tive uma boa noite de sono antes da missão, certo?

Errado.

Naquela noite, em meus sonhos, eu estava na cabine principal do *Princesa Andrômeda*. As janelas estavam

bertas para um mar iluminado pela lua. O vento frio revolia as cortinas de veludo.

Luke estava ajoelhado em um tapete persa diante do caixão dourado de Cronos. À luz do luar, o cabelo louro de Luke parecia totalmente branco. Ele usava uma antiga túnica grega e um *himation* branco, uma espécie de capa que pendia de seus ombros. As roupas brancas faziam Luke parecer atemporal e um pouco irreal, como um dos deuses menores do Monte Olimpo. Na última vez que eu o vira, ele estava ferido e inconsciente após uma grave queda do Monte Tam. Agora parecia perfeitamente bem. Quase saudável *demaís*.

— Nossos espiões relatam sucesso, meu senhor — disse ele.

— O Acampamento Meio-Sangue está enviando uma missão de busca, como previu. Nosso lado do acordo está quase completo.

Excelente. A voz de Cronos perfurava minha mente como uma adaga. Era gélida de crueldade. Assim que tivermos o meio de nos orientar, eu mesmo liderarei a vanguarda.

Luke fechou os olhos, como se estivesse organizando os pensamentos.

— Meu senhor, talvez seja cedo demais. Quem sabe Crio ou Hiperión não deversem liderar...

Não. A voz estava calma, mas absolutamente firme. Eu liderarei. Mais um coração se juntará à nossa causa, e isso será suficiente. Finalmente vou me erguer inteiro do Tártaro.

— Mas a forma, meu senhor... — A voz de Luke começou a tremer.

Mostre-me sua espada, Luke Castellan.

Um choque percorreu meu corpo. Percebi que eu nunca tinha ouvido o sobrenome de Luke. Isso nunca me ocorrera.

Luke sacou a espada. O gume duplo de Mordecostas brilhou perversamente — metade aço, metade bronze celestial. Várias vezes eu quase fui morto por aquela espada. Era uma arma maligna, letal tanto para mortais quanto para monstros. Era a única lâmina que eu temia de verdade.

Você se entregou a mim, Cronos lembrou-lhe. Ganhou esta espada como prova de seu juramento.

— Sim, meu senhor. É só que...

Você queria poder. Eu lhe dei poder. Agora está além de todo mal. Em breve você dominará o mundo dos deuses e dos mortais.

Não quer se vingar? Não quer ver o Olimpo destruído?

Um tremor percorreu o corpo de Luke.

— Sim.

O caixão brilhou, a luz dourada enchendo o ambiente.

Então prepare a força de ataque. Assim que o negócio estiver concluído, prosseguiremos. Primeiro, o Acampamento Meio-

Sangue será reduzido a cinzas. Assim que aqueles heróis importunos forem eliminados, marcharemos ao Olimpo.

Houve uma batida na porta da cabine. A luz do caixão enfraqueceu. Luke ergueu-se. Embainhou a espada, ajeitou as roupas brancas e respirou fundo.

— Entre.

As portas abriram-se. Duas *dracaenae* entraram coleando — mulheres-cobras com dois corpos de serpente no lugar das pernas. Entre elas vinha Kelli, a *empousa* líder de torcida de minha visita de orientação na escola.

— Olá, Luke. — Kelli sorriu.

Usava um vestido vermelho e estava sensacional, mas eu já conhecia sua verdadeira forma. Sabia o que ela estava escondendo: pernas assimétricas, olhos vermelhos, presas enormes e cabelos em chamas.

— O que foi, demônio? — A voz de Luke era fria. — Eu lhe disse que não me incomodasse.

Kelli fez beicinho.

— Isso não é muito simpático. Você parece tenso. Que tal uma boa massagem nos ombros?

Luke recuou.

— Se você tem algo a dizer, diga. Caso contrário, saia!

— Não entendo por que você está tão irritável ultimamente. Você *costumava* ser uma companhia legal.

— Isso foi antes de eu ver o que você fez com o garoto em Seattle.

— Ah, ele nada significava para mim — disse Kelli. — Só um lanchinho, sério. Sabe que meu coração pertence a você, Luke.

— Obrigado, mas eu dispenso. Agora fale logo ou vá embora. Kelli deu de ombros.

— Certo. A equipe de avanço está pronta, como você pediu. Podemos partir... — Ela franziu a testa.

— O que foi? — perguntou Luke.

— Uma presença — disse Kelli. — Seus sentidos estão ficando embotados, Luke. Estamos sendo observados.

Ela correu o olhar pela cabine. Seus olhos focaram em mim. Seu rosto enrugou-se como o de uma bruxa. Ela mostrou as presas e saltou sobre mim.

Acordei com um sobressalto, o coração disparado. Eu poderia ter jurado que as presas da *empousa* estavam a centímetros de meu pescoço.

Tyson roncava no beliche ao lado. Esse som me acalmou um pouco.

Eu não sabia como Kelli podia pressentir minha presença em um sonho, mas eu ouvira mais do que queria saber. Um exército estava pronto. Cronos pessoalmente o lideraria. Tudo o que eles precisavam era de um meio para orientar-se no Labirinto — então poderiam invadir e destruir o Acampamento Meio-Sangue, e aparentemente Luke acreditava que em breve aquilo aconteceria.

Fiquei tentado a ir acordar Annabeth e lhe contar, mesmo sendo madrugada. Então percebi que o quarto

estava mais claro do que deveria. Um brilho verde-azulado vinha da fonte de água salgada, mais claro e insistente do que na noite anterior. Era quase como se a água estivesse zumbindo.

Saí da cama e me aproximei.

Dessa vez, nenhuma voz surgiu da água pedindo uma moeda. Tive a sensação de que a fonte esperava que eu agisse primeiro.

Provavelmente, eu deveria ter voltado para a cama. Mas pensei no que tinha visto na noite anterior — a estranha imagem de Nico às margens do Rio Estige.

— Você está tentando me dizer algo — falei.

Nenhuma resposta da fonte.

— Muito bem — eu disse. — Mostre-me Nico di Angelo.

Não joguei um dracma na fonte, e dessa vez não precisava. Era como se alguma outra força além de Íris, a deusa mensageira, tivesse o controle da água. A superfície tremeluziu. Nico surgiu, mas não estava mais no Mundo Inferior. Estava de pé em um cemitério sob um céu estrelado. Salgueiros gigantes avultavam-se em torno dele.

Nico observava alguns coveiros trabalhando. Eu ouvia o ruído de pás e via terra voando de um buraco. Ele vestia um casaco preto. A noite era nevoenta. Estava quente e úmido, e sapos coaxavam. Uma sacola grande de mercado estava aos pés de Nico.

— Já está bastante fundo? — perguntou ele. Parecia irritado.

— Quase, meu amo. — Era o mesmo fantasma que eu vira antes com Nico, a imagem tênue e tremeluzente de um homem. — Mas, meu amo, eu lhe digo que isso é desnecessário. Você já tem a mim como conselheiro.

— Quero uma segunda opinião!

Nico estalou os dedos, e a escavação cessou. Duas figuras saíram do buraco. Não eram pessoas. Eram esqueletos com roupas esfarrapadas.

— Vocês estão dispensados — disse Nico. — Obrigado.

Os esqueletos desabaram em pilhas de ossos.

— Você pode também agradecer às pás — queixou-se o fantasma. — Elas têm tanto entendimento quanto eles.

Nico o ignorou. Pegou a sacola e dela tirou um engradado de doze latas de Coca-Cola. Abriu uma delas. Em vez de beber, despejou-a na cova.

— Que os mortos provem de novo este sabor — murmurou ele. — Que eles se levantem e aceitem esta oferenda. Que eles recordem.

Jogou o restante do refrigerante no túmulo e segurou uma sacola de papel decorada com desenhos. Havia anos eu não via uma daquelas, mas a reconheci — um McLanche Feliz.

Ele a virou de cabeça para baixo e despejou as batatas fritas e os hambúrgueres no túmulo.

— No meu tempo, usávamos sangue de animal — resmungou o fantasma. — É bom o bastante. Eles não percebem a diferença.

— Vou tratá-los com respeito — disse Nico.

— Pelo menos me deixe ficar com o brinquedo — pediu o fantasma.

— Fique quieto! — ordenou Nico.

Ele esvaziou outro engradado de latas de refrigerante e mais três McLanches Felizes na cova, então começou a cantar em grego antigo. Compreendi apenas algumas palavras: uma parte sobre os mortos, lembranças e a volta do túmulo. Assuntos bem alegres.

A cova começou a borbulhar. Um líquido marrom espumante chegou à borda, como se o lugar todo

estivesse cheio de refrigerante. A névoa tornou-se mais espessa. Os sapos pararam de coaxar. Dezenas de figuras começaram a surgir entre as pedras tumulares: formas azuladas vagamente humanas. Nico havia convocado os mortos com refrigerante e *cheeseburgers*.

— São muitos — disse o fantasma, nervoso. — Você não conhece seus próprios poderes.

— Tenho tudo sob controle — disse Nico, embora sua voz soasse frágil.

Ele puxou a espada, uma lâmina curta feita de um metal inteiramente preto. Eu nunca vira nada igual. Não era bronze celestial nem aço. Ferro, talvez? A multidão de sombras recuou diante daquela visão.

— Um de cada vez — comandou Nico.

Uma figura avançou flutuando, ajoelhou-se diante daquela piscina e bebeu ruidosamente. Suas mãos fantasmagóricas recolheram batatas fritas da cova cheia de líquido. Quando a forma tornou a se levantar, pude vê-la com muito mais clareza — um adolescente de armadura grega. Tinha cabelos encaracolados e olhos verdes, uma fivela no formato de concha fechava sua capa.

— Quem é você? — perguntou Nico. — Fale.

O garoto franziu a testa, como se tentasse lembrar. Então falou com uma voz que parecia papel áspero sendo amassado:

— Eu sou Teseu.

Sem essa, pensei. Aquele não podia ser o Teseu. Era só um garoto. Eu havia crescido ouvindo histórias sobre sua batalha contra o Minotauro e outras assim, mas sempre o visualizava como um homem grande e musculoso. O fantasma que eu via não era nem forte nem alto. Tampouco era mais velho do que eu.

— Como posso reaver minha irmã? — perguntou Nico.

Os olhos de Teseu eram sem vida, como vidro.

— Não tente. É loucura.

— Apenas me diga como!

— Meu padrasto morreu — lembrou Teseu. — Atirou-se no mar porque pensou que eu estivesse morto no Labirinto. Eu queria trazê-lo de volta, mas não consegui.

— Meu amo, a troca de alma! — silvou o fantasma. — Pergunte-lhe sobre isso!

— Essa voz. — Teseu franziu a testa. — Eu conheço essa voz.

— Não, não conhece, tolo! — disse o fantasma. — Responda às perguntas do amo e nada mais!

— Eu conheço você — insistiu Teseu, como se lutasse para lembrar.

— Quero saber sobre minha irmã — disse Nico. — Essa missão no Labirinto vai me ajudar a trazê-la de volta?

Teseu estava procurando o fantasma, mas aparentemente não conseguia vê-lo. Devagar, voltou os olhos para Nico.

— O Labirinto é traiçoeiro. Somente um fato me fez sair de lá vivo: o amor de uma jovem mortal. O fio era apenas parte da resposta. Foi a princesa que me guiou.

— Não precisamos dessa baboseira — disse o fantasma. — Eu o guiarei, meu amo. Pergunte a ele se é verdade a história da troca de almas. A você ele dirá.

— Uma alma por uma alma — disse Nico. — É verdade?

— Eu... eu devo dizer que sim. Mas o espectro...

— Apenas responda às perguntas, traste! — interrompeu o fantasma.

De repente, ao redor da poça, os outros fantasmas começaram a ficar inquietos. Eles se agitavam,

sussurrando em tom de nervosismo.

— Eu quero ver minha irmã! — Nico exigiu. — Onde ela está?

— Ele está vindo — disse Teseu, com medo. — Ele pressentiu seu chamado. Está vindo.

— Quem? — perguntou Nico.

— Ele vem investigar a origem do poder que está aqui — disse Teseu. — Você precisa nos deixar ir!

A água em minha fonte começou a tremer, zumbindo com aquela energia. Percebi que todo o chalé estava sacudindo. O barulho tornou-se mais alto. A imagem de Nico no túmulo começou a brilhar até que se tornou doloroso olhá-la.

— Pare — eu disse em voz alta. — Pare!

A fonte começou a rachar. Tyson murmurou em seu sono e se virou. Uma luz púrpura lançava sombras horríveis e fantasmagóricas nas paredes do chalé, como se os espectros estivessem escapando da fonte.

Desesperado, tirei a tampa de Contracorrente e golpeei a fonte, partindo-a em dois. A água salgada espalhou-se por todo lado, e a grande fonte de pedra espatifou-se no chão. Tyson roncou e resmungou, mas continuou dormindo.

Desabei no chão, tremendo. Tyson me encontrou ali de manhã, ainda olhando os restos da fonte de água salgada.

Logo depois do amanhecer o grupo de busca reuniu-se no Punho de Zeus. Eu havia arrumado a mochila — garrafa térmica com néctar, pacote de ambrosia, saco de dormir, corda, roupas, lanternas e muitas baterias extras. Contracorrente estava em meu bolso e o escudo/relógio mágico que Tyson fizera para mim, no pulso.

Era uma manhã clara. A neblina havia se dissipado e o céu estava azul. Os campistas teriam aulas, voariam nos pégasos e praticariam arco e flecha e escalada na parede de lava. Enquanto isso, nós estaríamos adentrando o subterrâneo.

Juníper e Grover estavam isolados do grupo. Ela andara chorando de novo, mas tentava se controlar, por causa dele. Mantinha-se ocupada com as roupas dele, alisando o boné de rastafári e tirando pelos de bode soltos da camisa. Como não tínhamos a menor ideia do que encontraríamos, ele estava vestido como humano, com o boné para esconder os chifres, jeans, pés falsos e tênis para esconder as pernas de bode.

Quíron, Quintus e a sra. O’Leary estavam com os outros campistas que tinham vindo nos desejar boa sorte. Mas havia agitação demais para transmitir a sensação de uma despedida feliz. Um par de tendas foi montado próximo às rochas para o serviço de guarda. Beckendorf e os irmãos trabalhavam em uma linha defensiva de espigões e trincheiras. Quíron decidira que precisaríamos vigiar a saída do Labirinto todo o tempo, só por segurança.

Annabeth verificava uma última vez seus suprimentos. Quando Tyson e eu nos aproximamos, ela franziu a testa.

— Percy, você está com uma cara horrível.

— Ele matou a fonte de água ontem à noite — confidenciou Tyson.

— O quê? — perguntou ela.

Antes que eu pudesse explicar, Quíron aproximou-se, trotando.

— Bem, parece que vocês estão prontos!

Ele tentava parecer otimista, mas dava para ver que estava ansioso. Eu não queria apavorá-lo ainda mais, mas pensei em meu sonho e, antes que mudasse de ideia, disse:

— Ei, hã, Quíron, posso lhe pedir um favor enquanto eu estiver fora?

— É claro, meu garoto.

— Volto já, pessoal.

Fiz um gesto na direção do bosque. Quíron ergueu uma sobrancelha, mas me seguiu até que pudéssemos falar sem que ninguém nos ouvisse.

— Noite passada — comecei —, sonhei com Luke e Cronos. — Contei-lhe os detalhes. A notícia pareceu pesar em seus ombros.

— Era o que eu temia — disse Quíron. — Em um combate contra meu pai, Cronos, não teríamos a menor chance.

Quíron raramente se referia a Cronos como pai. Bem, todos nós sabíamos disso. Todos no mundo grego — deus, monstro ou titã — tinham algum grau de parentesco. Mas não era exatamente algo de que Quíron gostasse de se gabar. *Ah, meu pai é o todo-poderoso Senhor Titã do mal que quer destruir a civilização ocidental. Eu quero ser igual a ele quando crescer!*

— Você sabe o que ele quis dizer quando falou de um acordo? — perguntei.

— Não tenho certeza, mas temo que estejam procurando fazer um acordo com Dédalo. Se o velho inventor estiver mesmo vivo, se não tiver enlouquecido após os milhares de anos no Labirinto... bem, Cronos pode encontrar meios de dobrar qualquer um à sua vontade.

— Não qualquer um — garanti.

Quíron conseguiu abrir um sorriso.

— Não. Talvez não qualquer um. Mas, Percy, você precisa ficar alerta. Há algum tempo me preocupo com a possibilidade de que Cronos possa estar procurando Dédalo por outra razão, não apenas a passagem pelo Labirinto.

— O que mais ele desejaria?

— Algo sobre o que Annabeth e eu estávamos discutindo. Você se lembra do que me contou a respeito de sua primeira viagem no *Princesa Andrômeda*, a primeira vez que você viu o caixão de ouro?

Assenti.

— Luke falava sobre reerguer Cronos, sobre pequenos pedaços dele que surgiam no caixão cada vez que alguém novo se juntava à sua causa — respondi.

— E o que foi que Luke disse que fariam quando Cronos tivesse ressuscitado por completo?

Um calafrio percorreu minha espinha.

— Disse que fariam um novo corpo para Cronos, digno das forjas de Hefesto.

— Exato — disse Quíron. — Dédalo foi o maior inventor em todo o mundo. Ele criou o Labirinto e muito mais. Autômatos, máquinas pensantes... E se Cronos quiser que Dédalo lhe dê uma nova forma?

Esse era um pensamento verdadeiramente agradável.

— Precisamos encontrar Dédalo primeiro — eu disse — e convencê-lo a não fazer isso.

Quíron fitava as árvores com o olhar perdido.

— Outra questão que não entendo... essa conversa de uma última alma juntando-se à causa deles. Isso não parece fazer sentido.

Mantive a boca fechada, mas me senti culpado. Eu tomara a decisão de não contar a Quíron que Nico era filho de Hades. A referência a almas, porém... E se Cronos soubesse sobre Nico? E se conseguisse torná-lo mau? Isso foi quase bastante para me fazer querer contar a Quíron, mas eu não disse nada. Para começar, não tinha certeza se Quíron poderia fazer algo a respeito. Eu mesmo tinha de encontrar Nico. Precisava explicar a ele, fazê-lo me ouvir.

— Não sei — eu disse, por fim. — Mas, hã, talvez você devesse saber um fato que Juníper contou. — E contei-lhe que a ninfa das árvores vira Quintus bisbilhotando perto das pedras.

— Isso não me surpreende. — O maxilar de Quíron retesou-se.

— Isso não o sur... quer dizer que já sabia?

— Percy, quando Quintus apareceu no acampamento oferecendo seus serviços... bem, eu teria de ser um tolo para não suspeitar dele.

— Então por que o deixou entrar?

— Porque, às vezes, é melhor ter alguém em quem não confia perto de você, para que possa ficar de olho nele. Ele pode ser exatamente o que diz: um meio-sangue em busca de um lar. Não fez abertamente nada que me levasse a questionar a lealdade dele. Mas, acredite, vou ficar de olho...

Annabeth aproximou-se, provavelmente curiosa por estarmos demorando tanto.

— Percy, está pronto?

Assenti. Minha mão deslizou para o bolso, onde mantinha o apito de gelo que Quintus me dera. Olhei para ele e vi Quintus observando-me com atenção. Ele ergueu a mão, dando adeus.

Nossos espiões relatam sucesso, dissera Luke. No mesmo dia em que decidimos organizar uma missão, Luke ficara sabendo dela.

— Tomem cuidado — disse-nos Quíron. — E boa caçada.

— Você também — desejei.

Caminhamos em direção às rochas, onde Tyson e Grover esperavam. Olhei para a fissura entre as pedras — a entrada que estava prestes a nos engolir.

— Bem — disse Grover, nervoso —, adeus, luz do sol.

— Olá, pedras — concordou Tyson.

E, juntos, nós quatro descemos para a escuridão.

ENCONTRAMOS O DEUS DE DUAS CARAS

Percorremos uns trinta metros antes de estarmos irremediavelmente perdidos.

O túnel em nada se parecia com aquele que Annabeth e eu tínhamos encontrado antes. Agora era redondo como um sistema de esgoto, construído com tijolos vermelhos, e tinha vigias protegidas por barras de ferro a cada três metros. Por curiosidade, dirigi a luz da lanterna através de uma das vigias, mas nada consegui ver. Ela se abria para a escuridão infinita. Pensei ouvir vozes do outro lado, mas pode ter sido apenas o vento frio.

Annabeth dava o melhor de si para nos guiar. Ela teve a ideia de nos mantermos próximos à parede esquerda.

— Se ficarmos com a mão na parede esquerda e a seguirmos — disse ela —, conseguiremos encontrar a saída fazendo o caminho inverso.

Infelizmente, assim que ela disse essas palavras, a parede esquerda desapareceu, e nos vimos no meio de uma câmara circular de onde saíam oito túneis, sem termos a menor ideia de como tínhamos chegado lá.

— Hã, por onde viemos? — perguntou Grover, nervoso.

— Façam meia-volta — disse Annabeth.

Cada um de nós virou-se para um túnel diferente. Era ridículo. Ninguém conseguia decidir que caminho levava de volta ao acampamento.

— Paredes esquerdas são malvadas — disse Tyson. — Que caminho seguir agora?

Annabeth lançou o feixe de sua lanterna sobre a arcada dos oito túneis. Até onde eu podia ver, eram idênticos.

— Por ali — disse ela.

— Como você sabe? — perguntei.

— Raciocínio dedutivo.

— Então... você está chutando.

— Venha, ande — disse ela.

O túnel que ela escolhera estreitou-se rapidamente. As paredes agora eram de cimento cinza, e o teto ficou tão baixo que logo estávamos andando curvados. Tyson foi forçado a engatinhar.

A respiração ofegante de Grover era o ruído mais alto no Labirinto.

— Não suporto mais — sussurrou ele. — Já chegamos?

— Estamos aqui embaixo talvez há cinco minutos — disse Annabeth.

— Faz mais tempo do que isso — insistiu Grover. — E por que Pã estaria aqui? Isto é o oposto do mundo selvagem!

Seguimos adiante nos arrastando. Exatamente quando achei que o túnel fosse ficar tão estreito que nos espremeria, ele se abriu em um salão imenso. Iluminei as paredes com minha lanterna.

— Uau! — exclamei.

O salão inteiro era coberto por mosaicos de azulejos. As imagens estavam sujas e desbotadas, mas ainda dava para distinguir as cores — vermelho, azul, verde, dourado. O friso mostrava os deuses olímpianos em um banquete. Lá estava meu pai, Poseidon, com seu tridente, estendendo uvas para Dioniso transformar em vinho. Zeus celebrava com os sátiros, e Hermes voava com suas sandálias aladas. As imagens eram lindas, mas não

muito precisas. Eu já vira os deuses. Dioniso não era assim tão bonito, e o nariz de Hermes não era tão grande.

No meio do salão havia uma fonte de três níveis, que parecia não conter água havia muito tempo.

— Que lugar é este? — murmurei. — Parece...

— Romano — disse Annabeth. — Estes mosaicos têm cerca de dois mil anos.

— Mas como é que podem ser romanos? — Eu não era assim tão bom em história antiga, mas tinha certeza de que o Império Romano nunca havia chegado a Long Island.

— O Labirinto é uma colcha de retalhos — explicou Annabeth. — Eu lhe disse, está sempre se expandindo, acrescentando pedaços. É a única obra de arquitetura que cresce por si só.

— Você fala como se isso aqui estivesse vivo.

Um som de lamento ecoou no túnel à nossa frente.

— Não vamos falar sobre isso estar vivo — choramingou Grover. — Por favor.

— Tudo bem — disse Annabeth. — Adiante.

— Pelo corredor com os sons ruins? — perguntou Tyson. Até ele parecia nervoso.

— Sim — respondeu Annabeth. — A arquitetura está envelhecendo. Isso é um bom sinal. A oficina de Dédalo deve ficar na parte mais antiga.

Isso fazia sentido. Mas logo o Labirinto estava zombando de nós — seguíamos quinze metros e o túnel voltava ao cimento, com canos de bronze descendo pelas paredes pichadas. Em um letreiro de neon lia-se MOZ RULZ.

— Estou achando que isso não é romano — eu disse, muito oportunamente.

Annabeth respirou fundo e seguiu em frente.

A cada poucos metros os túneis serpenteavam, mudavam de direção e se ramificavam. O piso abaixo de nossos pés mudava de cimento para lama para tijolos e de volta a cimento. Não havia lógica alguma em nada daquilo. Deparamos com uma adega — um punhado de garrafas empoeiradas em suportes de madeira —, como se estivessemos andando pelo porão de alguém, só que não havia qualquer saída acima de nós, apenas mais túneis prosseguindo.

Mais tarde o teto transformou-se em pranchas de madeira, e eu podia ouvir vozes e o rangido de passos acima de nós, como se estivessemos passando por algum bar. Era reconfortante ouvir vozes de pessoas, mas, por outro lado, não podíamos alcançá-las. Estávamos presos ali embaixo, sem saída. E então encontramos nosso primeiro esqueleto.

Estava vestido com roupas brancas, uma espécie de uniforme. Ao lado dele havia um caixote de madeira com garrafas de vidro.

— Um leiteiro — disse Annabeth.

— O quê? — perguntei.

— Antigamente eles entregavam o leite.

— Sim, eu sei o que eles são, mas... isso era quando minha mãe era pequena, um milhão de anos atrás. O que ele está fazendo aqui?

— Algumas pessoas entram por engano — afirmou Annabeth. — Outras vêm com o propósito de explorar e nunca mais voltam. Há muito tempo os cretenses mandavam gente para cá como oferendas de sacrifício humano.

Grover engoliu em seco.

— Ele está aqui faz muito tempo. — Apontou para as garrafas, cobertas por poeira branca. Os dedos do esqueleto agarravam-se à parede de tijolos, como se tivesse morrido tentando sair.

— São só ossos — disse Tyson. — Garoto-bode, não se preocupe. O leiteiro está morto.

— Não é o leiteiro que me perturba — replicou Grover. — É o cheiro. Monstros. Você não está sentindo? Tyson concordou.

— Muitos monstros. Mas o subterrâneo cheira assim. A monstros e a leiteiros mortos.

— Ah, bom — lamuriou-se Grover. — Pensei que eu pudesse estar enganado.

— Precisamos ir mais fundo no Labirinto — disse Annabeth. — Tem de haver um caminho até o centro.

Ela nos guiou para a direita, depois para a esquerda, por um corredor de aço inoxidável que parecia uma espécie de duto de ar, e voltamos ao salão de azulejos romanos com a fonte.

Desta vez, porém, não estávamos sozinhos.

O que notei primeiro foram os rostos. Ambos. Eles se projetavam das laterais da cabeça, olhando sobre os ombros, de modo que a cabeça era muito mais larga do que deveria ser, semelhante à de um tubarão-martelo. Olhando diretamente para ele, tudo que vi foram duas orelhas que se sobrepunham e costeletas como uma imagem refletida.

Estava vestido como um porteiro da cidade de Nova York: sobretudo preto, sapatos engraxados e uma cartola preta que de algum modo conseguia manter na cabeça dupla.

— E então, Annabeth? — disse o rosto da esquerda. — Ande logo!

— Não ligue para ele — disse o rosto da direita. — Ele é terrivelmente grosseiro. Por aqui, senhorita.

O queixo de Annabeth caiu.

— Hã... eu não...

— Aquele homem engraçado tem dois rostos. — Tyson franziu a testa.

— O homem engraçado tem ouvidos, sabia? — repreendeu o rosto da esquerda. — Agora venha, senhorita.

— Não, não — disse o rosto da direita. — Por aqui, senhorita. Fale *comigo*, por favor.

O homem de dois rostos examinava Annabeth o melhor que podia com o canto dos olhos. Era impossível olhar para ele diretamente sem focalizar um lado ou o outro. E de repente percebi que era isso que ele estava pedindo — ele queria que Annabeth escolhesse.

Atrás dele havia duas saídas, bloqueadas por portas de madeira com imensos cadeados de ferro. Elas não estavam ali da primeira vez que passamos pelo salão. O porteiro de dois rostos segurava uma chave de prata, que ficava passando da mão esquerda para a direita. Eu me perguntava se este não seria um salão completamente diferente, mas o friso dos deuses parecia exatamente o mesmo.

Atrás de nós, a porta por onde havíamos entrado desapareceu, substituída por mais mosaicos. Não voltaríamos pelo mesmo caminho que chegamos.

— As saídas estão fechadas — disse Annabeth.

— Dãh! — exclamou o rosto da esquerda.

— Para onde levam? — perguntou ela.

— Um, provavelmente, leva ao caminho que você deseja seguir — disse o rosto da direita, encorajador. — O outro leva à morte certa.

— Eu... eu sei quem você é — disse Annabeth.

— Ah, você é espertinha! — zombou o rosto da esquerda. — Mas você sabe que caminho escolher? Eu não tenho o dia todo.

— Por que vocês estão tentando me confundir? — perguntou Annabeth.

— Você está no comando agora, minha querida. — O rosto da direita sorriu. — As decisões estão todas sobre seus ombros. Era isso o que você queria, não era?

— Eu...

— Nós a conhecemos, Annabeth — disse o rosto da esquerda. — Sabemos contra o que você luta todos os dias. Conhecemos suas indecisões. Você terá de fazer sua escolha mais cedo ou mais tarde. E essa escolha poderá matá-la.

Eu não sabia do que eles estavam falando, mas parecia que se tratava de algo mais do que uma escolha entre portas. A cor sumiu do rosto de Annabeth.

— Não... eu não...

— Deixem-na em paz — eu disse. — Aliás, quem são vocês?

— Eu sou seu melhor amigo — disse o rosto da direita.

— Eu sou seu pior inimigo — disse o da esquerda.

— Eu sou Jano — disseram ambos em uníssono. — O Senhor das Portas. Dos Inícios. Dos Fins. Das Escolhas.

— Cuidarei de você logo, logo, Perseu Jackson — disse o rosto da direita. — Mas, por ora, é a vez de Annabeth. — Ele riu alegremente. — Isso é tão divertido!

— Cale a boca! — disse o rosto da esquerda. — Isso é sério. Uma escolha ruim pode arruinar toda a sua vida. Pode matar você e todos os seus amigos. Mas, sem pressão, Annabeth. Escolha!

Com um súbito calafrio, lembrei-me das palavras da profecia: *Da criança de Atena, a defesa final.*

— Não faça isso — eu disse.

— Receio que ela seja obrigada — disse o rosto da direita alegremente.

Annabeth umedeceu os lábios.

— Eu... eu escolho...

Antes que ela pudesse indicar uma das portas, uma luz brilhante inundou o salão.

Jano levou as mãos a ambos os lados da cabeça para cobrir os olhos. Quando a luz se dissipou, havia uma mulher de pé na fonte.

Era alta e graciosa, com cabelos longos cor de chocolate, presos com tranças e fitas de ouro. Usava um vestido branco simples, mas, quando se movia, o tecido oscilava com diferentes cores, como o óleo na água.

— Jano — disse ela —, estamos causando problema outra vez?

— N-não, senhora! — gaguejou o rosto direito de Jano.

— Sim! — disse o rosto da esquerda.

— Cale a boca! — disse o da direita.

— Como? — perguntou a mulher.

— Não a senhora! Eu estava falando comigo.

— Entendo — disse a dama. — Você sabe muito bem que sua visita é prematura. A hora da garota ainda não chegou. Então eu dou a *voce* uma escolha: deixe esses heróis comigo ou transformo *voce* em uma porta e a derrubo.

— Que tipo de porta? — perguntou o rosto da esquerda.

— Cale a boca! — repetiu o da direita.

— Portas duplas de vidro são bacanas — ponderou o rosto da esquerda. — Bastante luz natural.

— Cale a boca! — gemeu o da direita. — Não a senhora! É claro que vou embora. Só estava me divertindo um pouquinho. Fazendo meu trabalho. Oferecendo escolhas.

— Criando indecisão — corrigiu a mulher. — Agora vá!

— Estraga-prazeres — resmungou o rosto da esquerda, e então ergueu a chave de prata, introduziu-a no ar e desapareceu.

A mulher voltou-se para nós, e o medo envolveu meu coração. Seus olhos brilhavam com poder. *Deixe esses heróis comigo.* Isso não me soava bem. Por um segundo quase desejei que pudéssemos ter arriscado nossa sorte com Jano. Mas então a mulher sorriu.

— Vocês devem estar com fome — disse ela. — Sentem-se comigo e vamos conversar.

Ela acenou a mão e a velha fonte romana começou a jorrar. Jatos de água clara borrifavam o ar. Uma mesa de mármore surgiu, repleta de travessas de sanduíches e jarras de limonada.

— Quem... quem é você? — perguntei.

— Eu sou Hera. — A mulher sorriu. — A Rainha dos Céus.

Eu vira Hera uma vez em um Conselho dos Deuses, mas não prestara muita atenção nela. Na ocasião, eu estava cercado por vários outros deuses que debatiam se deviam ou não me matar.

Não me lembrava dela assim, tão normal. Naturalmente, os deuses costumam ter seis metros de altura quando estão no Olimpo, o que os faz parecer muito menos normais. Mas agora Hera parecia uma mãe comum.

Elas nos serviu sanduíches e limonada.

— Grover, querido — disse ela —, use o guardanapo. Não o coma.

— Sim, senhora — disse Grover.

— Tyson, você está definhando. Quer mais um sanduíche de manteiga de amendoim?

Tyson reprimiu um arroto.

— Sim, bondosa senhora.

— Rainha Hera — disse Annabeth. — Não posso acreditar. O que está fazendo no Labirinto?

Hera sorriu. Deu um peteleco e o cabelo de Annabeth penteou-se sozinho. Toda a sujeira e a fuligem desapareceram de seu rosto.

— Vim ver vocês, naturalmente — disse a deusa.

Grover e eu trocamos olhares nervosos. Em geral, quando os deuses vêm à sua procura, não é pela bondade em seu coração. É porque querem algo.

Ainda assim, isso não me impediu de comer sanduíches de peito de peru e queijo suíço, batata frita e limonada. Eu não havia percebido o quanto estava faminto. Tyson engolia um sanduíche de manteiga de amendoim atrás do outro, e Grover estava adorando a limonada, mastigando o copo plástico como se fosse um cone de sorvete.

— Eu não pensei... — A voz de Annabeth falhou. — Bem, não pensei que a senhora gostasse de heróis.

Hera sorriu com indulgência.

— Por causa daquela pequena rusga que tive com Hércules? Francamente, tive uma publicidade tão ruim por causa de um único desentendimento.

— A senhora não tentou matá-lo, hã, muitas vezes? — perguntou Annabeth.

— São águas passadas, minha querida. — Hera fez um gesto displicente com a mão. — Além disso, ele era filho de meu amado marido com *outra* mulher. Minha paciência estava desgastada, admito. Mas Zeus e eu temos tido ótimas sessões de aconselhamento conjugal desde então. Falamos de nossos sentimentos e chegamos

a um entendimento... especialmente depois daquele último pequeno incidente.

— Refere-se a quando ele gerou Thalia? — arrisquei, mas imediatamente desejei não tê-lo feito. Assim que eu disse o nome de nossa amiga, a meio-sangue filha de Zeus, os olhos de Hera voltaram-se, gélidos, para mim.

— Percy Jackson, não é? Um dos... filhos de Poseidon. — Tive a impressão de que ela estava pensando em outra palavra que não era *filhos*. — Pelo que me recordo, no solstício de inverno votei para que o deixassem vivo. Espero ter votado corretamente.

Ela voltou-se para Annabeth com um sorriso ensolarado.

— Seja como for, certamente não lhe desejo mal algum, minha menina. Sei da dificuldade de sua missão. Principalmente quando você tem de lidar com encenqueiros como Jano.

Annabeth baixou os olhos.

— Por que ele estava aqui? Estava me enlouquecendo.

— Tentando — concordou Hera. — Você precisa entender. Os deuses menores como Jano estão sempre frustrados com os pequenos papéis que desempenham no universo. Receio que alguns tenham pouco amor pelo Olimpo e possam facilmente ser levados a apoiar a ascensão de meu pai.

— Seu pai? — perguntei. — Ah. Claro.

Eu havia esquecido que Cronos era também pai de Hera, além de Zeus, de Poseidon e de todos os olímpianos mais velhos. Ocorreu-me que isso fazia de Cronos meu avô, mas esse pensamento era tão esquisito que o apaguei da mente.

— Precisamos ficar de olho nos deuses menores — disse Hera. — Jano. Hécate. Morfeu. Eles se dizem devotados ao Olimpo, e no entanto...

— Foi o que Dioniso fez — lembrei. — Confrontou os deuses menores.

— De fato. — Hera fitou os mosaicos desbotados dos olímpianos. — Como vocês veem, em tempos difíceis até os deuses podem perder a fé. Eles começam a depositar confiança nas escolhas erradas, os coitadinhos. Deixam de olhar o panorama e começam a agir com egoísmo. Mas eu sou a deusa do casamento, vocês sabem. Estou acostumada à perseverança. É preciso se erguer acima das discordâncias e do caos e continuar acreditando. É preciso manter os objetivos sempre em mente.

— E quais são seus objetivos? — perguntou Annabeth.

— Manter minha família, os olímpianos, unidos, é claro. — Ela sorriu. — No momento, a melhor forma de fazer isso é ajudando vocês. Zeus não permite que eu interfira muito, mas uma vez a cada século, aproximadamente, em uma missão que me interesse muito, ele permite que eu conceda um desejo.

— Um desejo?

— Antes que você o faça, deixe-me lhe dar alguns conselhos, o que posso fazer de graça. Sei que vocês estão procurando Dédalo. O Labirinto dele é um mistério para mim tanto quanto é para vocês. Mas, se querem conhecer o destino de Dédalo, eu faria uma visita a meu filho Hefesto, em sua forja. Dédalo era um grande inventor, o preferido de Hefesto. Nunca houve um mortal a quem Hefesto admirasse mais. Se alguém acompanhou a vida de Dédalo e pode lhe falar sobre o destino dele, esse é Hefesto.

— Mas como chegamos lá? — perguntou Annabeth. — Esse é meu desejo. Quero um meio de me orientar pelo Labirinto.

— Que assim seja. — Hera pareceu desapontada. — No entanto, você pede algo que já lhe foi dado.

— Não entendi.

— O meio já está a seu alcance. — Ela olhou para mim. — Percy sabe a resposta.

— Eu?

— Mas isso não é justo — disse Annabeth. — Você não está nos dizendo o que é!

Hera sacudiu a cabeça.

— Conseguir uma coisa e ter a sabedoria para usá-la... são posições bem diferentes. Estou certa de que sua mãe, Atena, concordaria.

O salão ribombou com um trovão distante. Hera pôs-se de pé.

— Esse é meu sinal. Zeus está ficando impaciente. Pense no que eu disse, Annabeth. Procure Hefesto. Vocês precisarão passar pelo rancho, imagino. Mas prossigam. E usem todos os meios a seu dispor, por mais triviais que pareçam.

Ela apontou na direção das duas portas e elas se desfizeram, revelando corredores gêmeos, abertos e escuros.

— Uma última observação, Annabeth. Eu só adiei o dia de sua escolha. Não o evitei. Logo, como disse Jano, você *terá* de tomar uma decisão. Até logo.

Ela fez um aceno com a mão e transformou-se em fumaça branca. O mesmo aconteceu com a comida, no momento exato em que Tyson mordida um sanduíche, que virou névoa em sua boca. A fonte gotejou até parar. As paredes de mosaico embaçaram-se e tornaram a ficar sujas e desbotadas. O salão não era mais um lugar onde se gostaria de fazer um piquenique.

Annabeth bateu o pé.

— Que tipo de ajuda foi essa? “Aqui, coma um sanduíche. Faça um pedido. Opa, não posso ajudá-la! *Puf!*”

— *Puf* — concordou Tyson, com tristeza, olhando o prato vazio.

— Bem — suspirou Grover —, ela disse que Percy conhece a resposta. Já é um início. Todos olharam para mim.

— Mas eu não sei — disse. — Não sei do que ela estava falando.

— Muito bem. — Annabeth suspirou. — Então vamos continuar.

— Por onde? — perguntei. Eu queria mesmo era perguntar o que Hera queria dizer sobre a escolha que Annabeth precisava fazer. Mas, nesse momento, Grover e Tyson se retesaram. Eles se levantaram juntos, como se tivessem ensaiado.

— Pela esquerda — disseram ambos.

Annabeth franziu a testa.

— Como podem saber?

— Porque algo está vindo pela direita — disse Grover.

— Algo grande — concordou Tyson. — Com pressa.

— A esquerda me parece bastante boa — decidi.

Juntos mergulhamos no corredor escuro.

TYSON LIDERA UMA FUGA DA PRISÃO

A boa notícia: o túnel da esquerda era reto, sem qualquer ramificação lateral, desvio ou curva. A má notícia: não tinha saída. Depois de correr por uns cem metros, demos de cara com uma pedra enorme bloqueando completamente nosso caminho. Atrás de nós, os sons de passos arrastando-se e da respiração pesada ecoavam pelo corredor. Algo — indiscutivelmente não humano — estava em nosso encalço.

— Tyson — eu disse —, você pode...

— Sim! — Ele jogou o ombro contra a pedra com tanta força que o túnel todo tremeu. Fios de poeira caíram do teto de pedra.

— Depressa! — disse Grover. — Não traga o teto abaixo, mas se apresse!

A pedra finalmente cedeu, com um rangido horrível. Tyson a empurrou para dentro de uma sala pequena e nós corremos para ali.

— Feche a entrada! — pediu Annabeth.

Do outro lado da pedra nós todos empurramos. O que quer que estivesse nos perseguindo, uivou, frustrado, enquanto forçávamos a pedra de volta ao lugar e vedávamos o corredor.

— Nós o prendemos — eu disse.

— Ou nos prendemos — observou Grover.

Eu me virei. Estávamos em uma sala de cimento de menos de dois metros quadrados e a parede oposta era feita de barras de metal. Tínhamos ido parar direto em uma cela.

— Que diabos...? — Annabeth puxava com força as barras, que nem se moveram.

Pelas frestas podíamos ver uma sequência de celas em formação circular em torno de um pátio escuro — pelo menos três andares de portas e passarelas de metal.

— Uma prisão — eu disse. — Talvez Tyson possa quebrar...

— Psiu — pediu Grover. — Ouçam.

Em algum ponto acima de nós, soluços profundos ecoavam pela edificação. Havia também outro som — uma voz áspera murmurando algo que eu não conseguia entender. As palavras eram estranhas, como pedras sacudidas em uma coqueteleira.

— Que língua é essa? — sussurrei.

Os olhos de Tyson se arregalaram.

— Não pode ser — disse ele.

— O quê? — perguntei.

Ele agarrou duas barras da porta de nossa cela e as entortou, abrindo-as o suficiente para que até um ciclope passasse.

— Espere! — pediu Grover.

Mas Tyson não estava disposto a esperar. Corremos atrás dele. A prisão era escura, apenas umas poucas lâmpadas fluorescentes às vezes brilhavam no teto.

— Eu conheço este lugar — disse-me Annabeth. — Isto aqui é Alcatraz.

— Está falando daquela ilha perto de São Francisco?

Ela assentiu:

— Minha escola veio aqui em uma excursão. É como um museu.

Não parecia possível que pudéssemos ter saído do Labirinto no outro lado do país, mas Annabeth morara em São Francisco todo aquele ano, para ficar de olho no Monte Tamalpais do outro lado da baía. Ela, certamente, sabia do que estava falando.

— Parem — avisou Grover.

Tyson, porém, prosseguiu. Grover agarrou-lhe o braço e o puxou de volta com toda a força.

— Pare, Tyson! — sussurrou ele. — Não está vendo?

Olhei para onde ele apontava e meu estômago se revirou. No balcão do segundo andar, do outro lado do pátio, estava um monstro mais horrível do que qualquer outro que eu já vira.

Era um pouco parecido com um centauro, com corpo de mulher da cintura para cima. Mas, em vez da parte inferior de um cavalo, tinha o corpo de um dragão — com pelo menos seis metros de comprimento, preto e coberto por escamas, com garras enormes e cauda serrilhada. Suas pernas pareciam estar enroladas em ramos de parreira, mas então percebi que eram cobras que germinavam, centenas de víboras dando botes, numa constante procura de algo para picar. O cabelo da mulher também era feito de cobras, como o da Medusa. O mais estranho de tudo é que, na altura da cintura, onde a parte mulher encontrava a parte dragão, a pele borbulhava e se transformava, produzindo ocasionalmente cabeças de animais — um lobo feroz, um urso, um leão, como se ela usasse um cinto de criaturas mutáveis. Tive a sensação de que estava olhando para algo feito pela metade, um monstro tão antigo que era do começo dos tempos, antes de as formas terem sido completamente definidas.

— É ela — choramingou Tyson.

— Abaixе-se! — disse Grover.

Nós nos agachamos nas sombras, mas o monstro não estava prestando atenção. Parecia estar falando com alguém dentro de uma cela no segundo andar. Era dali que vinham os soluços. A mulher-dragão disse alguma frase em sua estranha língua estrondosa.

— O que ela está dizendo? — murmurei. — Que língua é essa?

— A língua dos tempos antigos. — Tyson arrepiou-se. — Aquela que a Mãe Terra usava para falar com os titãs e... seus outros filhos. Antes dos deuses.

— Você entende? — perguntei. — Pode traduzir?

Tyson fechou os olhos e começou a falar com uma voz feminina estridente e horrível.

— Você vai trabalhar para o mestre ou vai sofrer.

Annabeth estremeceu.

— Odeio quando ele faz isso.

Como todos os ciclopes, Tyson tinha audição sobre-humana e uma habilidade incomum para imitar vozes. Era quase como se ele entrasse em um transe quando falava com outras vozes.

— Eu não vou servir — disse Tyson com uma voz grave e ofendida. Depois mudou para a voz do monstro:

— Então, vou desfrutar sua dor, Briareu. — Tyson gaguejou para falar aquele nome.

Eu nunca o vira manifestar-se ao imitar alguém, mas ele emitiu um arquejo estrangulado. Em seguida, prosseguiu com a voz do monstro:

— Se você pensa que sua primeira prisão foi insuportável, ainda está por experimentar o verdadeiro tormento. Pense nisso até eu voltar.

A mulher-dragão andou pesadamente na direção da escada, as víboras sibilando em torno de suas pernas como os fios de ráfia de uma saia havaiana. Ela abriu as asas que eu ainda não havia notado — imensas asas de

morcego que mantinha dobradas junto ao dorso de dragão. Então saltou da passarela e cruzou o pátio planando. Nós nos encolhemos ainda mais nas sombras. Um vento sulfuroso e quente atingiu meu rosto quando o monstro passou voando, desaparecendo depois em um corredor.

— Ho-ho-horrível — disse Grover. — Nunca senti um cheiro de monstro tão forte.

— O pior pesadelo dos ciclopes — murmurou Tyson. — Campe.

— Quem? — perguntei.

Tyson engoliu em seco.

— Todo ciclope a conhece. Histórias sobre ela nos assustam quando somos bebês. Ela era nossa carcereira nos anos ruins.

Annabeth assentiu.

— Agora eu lembro. Quando os titãs governavam, encarceraram os primeiros filhos de Gaia e Urano, os ciclopes e os hecatônqueires.

— Os heca... o quê?

— Os centímanos — disse ela. — Eram chamados assim porque... bem, tinham cem mãos. Eram os irmãos mais velhos dos ciclopes.

— Muito poderosos — disse Tyson. — Maravilhosos! Tão altos quanto o céu. Tão fortes que podiam partir montanhas!

— Legal — eu disse. — A menos que você seja uma montanha.

— Campe era a carcereira — contou ele. — Ela trabalhava para Cronos. Mantinha nossos irmãos trancafiados no Tártaro, torturava-os sempre, até que veio Zeus. Ele matou Campe e libertou os ciclopes e os centímanos para ajudarem a combater os titãs na grande guerra.

— E agora Campe está de volta — eu disse.

— Mau — resumiu Tyson.

— Então, o que há naquela cela? — perguntei. — Você disse um nome...

— Briareu! — Tyson se animou. — É um centímano. Eles são tão altos quanto o céu e...

— Já sei — eu disse. — Podem partir montanhas.

Olhei para as celas acima de nós, perguntando-me como alguém tão alto quanto o céu poderia caber em uma cela minúscula e por que estaria chorando.

— Acho que devíamos verificar antes que Campe volte — disse Annabeth.

À medida que nos aproximamos da cela, o choro foi ficando mais alto. No primeiro momento em que vi a criatura lá dentro, não sabia o que estava vendo. Tinha o tamanho de um ser humano e a pele muito pálida, da cor do leite. Usava uma tanga, parecida com uma grande fralda. Os pés pareciam grandes demais para o corpo, com unhas rachadas e sujas, oito dedos em cada pé. Mas a metade superior do corpo era a parte mais estranha. Fazia Jano parecer absolutamente normal. De seu tórax brotavam mais braços do que eu podia contar, em fileiras, na circunferência de todo o tronco. Os braços pareciam normais, mas eram tantos, todos emaranhados, que o tórax parecia um garfo em que alguém houvesse enrolado um punhado de espaguete. Várias das mãos cobriam o rosto enquanto ele chorava.

— Ou o céu não é mais alto como costumava ser — murmurei — ou ele é baixo.

Tyson não prestou muita atenção em mim. Ele ajoelhou-se.

— Briareu! — chamou.

O choro parou.

— Grande centímano! — disse Tyson. — Ajude-nos!

Briareu olhou para cima. O rosto era comprido e triste, o nariz torto e os dentes estragados. Tinha olhos castanhos profundos..., quero dizer, totalmente castanhos, sem nenhuma parte branca nem pupila preta, como olhos feitos de argila.

— Corram enquanto podem, ciclope — disse Briareu, infeliz. — Eu não posso ajudar nem a mim mesmo.

— Você é um centímiano! — insistiu Tyson. — Pode fazer qualquer coisa!

Briareu enxugou o nariz com cinco ou seis mãos. Várias outras manuseavam nervosamente pequenos pedaços de metal e de madeira de uma cama quebrada, da mesma forma que Tyson sempre brincava com peças soltas. Era impressionante observá-lo. As mãos pareciam ter vontade própria. Elas construíam um barco de brinquedo de madeira só para, em seguida, desmanchá-lo com a mesma rapidez. Outras mãos arranhavam o chão de cimento por nenhuma razão aparente. Outras brincavam de pedra, papel e tesoura. Outras, ainda, faziam sombras de patinhos e de cachorrinhos na parede.

— Eu não posso — gemeu Briareu. — Campe voltou! Os titãs vão se reerguer e nos atirar de volta ao Tártaro.

— Mostre sua cara de coragem! — disse Tyson.

Imediatamente o rosto de Briareu transformou-se. Os mesmos olhos castanhos, mas os traços eram totalmente diferentes. O nariz era arrebitado, as sobrancelhas arqueadas e o sorriso estranho, como se ele estivesse tentando agir com bravura. Mas, então, seu rosto voltou ao que era antes.

— É inútil — disse ele. — Minha cara de medo volta sempre.

— Como foi que você fez isso? — perguntei.

Annabeth me deu uma cotovelada.

— Não seja mal-educado. Os centímanos têm cinquenta rostos diferentes.

— Deve ser difícil fazer a foto de fim de ano na escola — eu disse.

Tyson ainda estava extasiado.

—Vai ficar tudo bem, Briareu! Nós vamos ajudá-lo! Você pode me dar um autógrafo?

Briareu fungou.

— Você tem cem canetas?

— Pessoal — interrompeu Grover —, temos de sair daqui. Campe vai voltar. Mais cedo ou mais tarde, ela vai sentir nossa presença.

— Quebre a grade — disse Annabeth.

— Sim! — disse Tyson, sorrindo, orgulhoso. — Briareu pode fazer isso. Ele é muito forte. Mais forte até do que os ciclopes! Observem!

Briareu choramingou. Uma dúzia de suas mãos começou a brincar de adoleta, mas nenhuma delas esboçou qualquer tentativa de quebrar a grade.

— Se ele é tão forte — eu disse —, por que está preso na cela?

Annabeth me cutucou de novo.

— Ele está aterrorizado — sussurrou ela. — Campe o manteve preso no Tártaro por milhares de anos. Como você se sentiria?

O centímiano tornou a cobrir o rosto.

— Briareu? — chamou Tyson. — Qual... qual é o problema? Mostre-nos sua imensa força!

— Tyson — disse Annabeth —, acho que é melhor você quebrar a grade.

O sorriso de Tyson desapareceu lentamente.

— Vou quebrar a grade — repetiu.

Ele agarrou a porta da cela e a arrancou das dobradiças como se fossem feitas de argila molhada.

— Venha, Briareu — disse Annabeth. — Vamos tirar você daqui.

Ela estendeu a mão. Por um segundo, o rosto de Briareu transformou-se, exibindo uma expressão de esperança. Vários de seus braços estenderam-se, mas um número duas vezes maior lhes deu um tapa, fazendo-os recuar.

— Não posso — disse ele. — Ela vai me castigar.

— Está tudo bem — garantiu Annabeth. — Você já lutou antes contra os titãs e venceu, lembra?

— Eu me lembro da guerra. — O rosto de Briareu transformou-se outra vez: testa e lábios franzidos. Cara de quem está pensando, eu acho. — Relâmpagos sacudiam o mundo. Nós atiramos muitas pedras. Os titãs e os monstros quase venceram. Agora estão se fortalecendo novamente. Foi o que Campe disse.

— Não dê ouvidos a ela — falei. — Vamos!

Ele não se mexeu. Eu sabia que Grover tinha razão. Não tínhamos muito tempo antes que Campe voltasse. Mas não podíamos simplesmente deixá-lo ali. Tyson choraria por semanas.

— Vamos jogar pedra, papel e tesoura — falei sem pensar. — Se eu ganhar, você vem conosco. Se eu perder, deixo você aqui preso.

Annabeth olhou-me como se eu estivesse louco.

O rosto de Briareu assumiu uma expressão de dúvida.

— Eu sempre ganho no pedra, papel e tesoura.

— Então vamos jogar! — Bati o punho na palma três vezes.

Briareu fez o mesmo com todas as suas cem mãos, o que soou como um exército marchando três passos à frente. Ele exibiu uma avalanche de pedras, uma coleção de tesouras para uma turma inteira e papel suficiente para construir uma esquadrilha de aviões.

— Eu lhe disse — afirmou ele com tristeza. — Eu sempre... — Seu rosto assumiu uma expressão de confusão. — O que é isso que você fez?

— Uma arma — respondi, mostrando-lhe minha arma de dedo. Era um truque que Paul Blofis me aplicara, mas eu não iria lhe contar isso. — Uma arma ganha de tudo.

— Isso não é justo.

— Eu não falei nada sobre ser justo. Campe não será justa se ficarmos aqui. Ela vai culpar você por arrancar a grade. Agora venha!

— Os semideuses são trapaceiros. — Briareu fungou.

Mas lentamente se levantou e nos seguiu, saindo da cela.

Comecei a ter esperanças. Tudo que precisávamos fazer era descer e encontrar a entrada do Labirinto. Mas então Tyson ficou paralisado.

No piso inferior, logo abaixo de nós, Campe rosnava, arreganhando os dentes para nós.

— Pelo outro lado — eu disse.

Sáímos correndo pela passarela. Dessa vez Briareu ficou animado em nos seguir. Na verdade, ele disparou à frente, uma centena de braços acenando em pânico.

Atrás de nós, ouvi o som de asas gigantes quando Campe alçou voo. Ela silvava e rosnava em sua língua antiga, mas eu não precisava de tradução para saber que pretendia nos matar.

Descemos a escada às pressas, atravessamos um corredor e passamos por um posto de guardas — saindo em outro conjunto de celas.

— Para a esquerda — disse Annabeth. — Lembro-me disso aqui na excursão.

Corremos e chegamos ao pátio da prisão, cercados por torres de segurança e arame farpado. Depois de tanto tempo lá dentro, a luz do dia quase me cegou. Turistas perambulavam por ali, tirando fotos. Soprava um vento frio, vindo da baía. Ao sul, São Francisco cintilava, clara e linda, mas ao norte, sobre o Monte Tamalpais, imensas nuvens de tempestade espiralavam. Todo o céu parecia um pião preto girando da montanha onde Atlas estava aprisionado e onde o titânico palácio do Monte Otris estava sendo reconstruído. Era difícil acreditar que os turistas não enxergassem a tempestade sobrenatural se formando, mas eles não davam o menor sinal de que algo estivesse errado.

— Está ainda pior — disse Annabeth, olhando para o norte. — As tempestades foram ruins o ano todo, mas esta...

— Continuem correndo — gemeu Briareu. — Ela está atrás de nós!

Corremos para a extremidade oposta do pátio, o mais longe possível do conjunto de celas.

— Campe é grande demais para passar pelas portas — eu disse, esperançoso.

Neste momento a parede explodiu.

Os turistas gritaram quando Campe surgiu da poeira e dos escombros, as asas abertas cobrindo todo o pátio. Ela segurava duas espadas — longas cimitarras de bronze que brilhavam com uma estranha aura esverdeada, filetes escaldantes de vapor que tinham um cheiro azedo e quente, perceptível mesmo do outro lado do pátio.

— Veneno! — gritou Grover. — Não deixem que toque em vocês ou...

— Ou morreremos? — adivinhei.

— Bem... depois de murchar lentamente até virar pó, sim.

— Vamos evitar as espadas — decidi.

— Briareu, lute! — encorajou Tyson. — Cresça ao seu tamanho máximo!

Em vez disso, Briareu dava a impressão de estar tentando encolher-se ainda mais. Parecia exibir seu rosto de *absolutamente aterrorizado*.

Campe veio como um raio em nossa direção, andando em suas pernas de dragão, centenas de cobras coleando em torno de seu corpo.

Por um segundo pensei em empunhar Contracorrente e enfrentá-la, mas meu coração veio à boca. Então Annabeth disse o que eu estava pensando:

— Corra.

Esse foi o fim do dilema. Não havia como lutar contra aquela coisa. Atravessamos correndo o pátio e os portões da prisão, o monstro em nosso encalço. Os mortais gritavam e corriam também. Sirenes de emergência começaram a soar.

Chegamos ao embarcadouro no momento exato em que um barco de turismo desembarcava passageiros. O novo grupo de visitantes congelou quando nos viu disparados na direção deles, seguidos por uma multidão de turistas assustados, seguida por... Não sei o que viam através da Névoa, mas não podia ser nada bom.

— O barco? — perguntou Grover.

— Lento demais — disse Tyson. — Vamos voltar ao Labirinto. É a única chance.

— Precisamos de uma distração — afirmou Annabeth.

Tyson arrancou do chão um poste de metal.

— Eu distraio Campe. Vocês continuam correndo.

— Eu vou ajudar você — falei.

— Não — replicou Tyson. — Você vai. O veneno machuca os ciclopes. Causa muita dor. Mas não mata.

— Tem certeza?

— Vá, irmão. Encontro vocês lá dentro.

Eu odiava aquela ideia. Uma vez quase perdi Tyson, e não queria correr esse risco novamente. Mas não havia tempo para discutir, e eu não tinha ideia melhor. Annabeth, Grover e eu, cada um pegou uma das mãos de Briareu e o arrastou na direção dos quiosques de comida, enquanto Tyson dava um grito, baixava o poste e investia contra Campe como um cavaleiro medieval.

Ela estava com os olhos fixos em Briareu, mas Tyson chamou sua atenção assim que a atingiu no peito com o poste, empurrando-a de volta até o muro. Campe gritou e agitou suas espadas, despedaçando o poste. O veneno gotejava em poças em torno dela, fervilhando no cimento.

Tyson recuou enquanto o cabelo de Campe açoitava e sibilava, e as víboras em torno de suas pernas dardejavam a língua em todas as direções. Entre as estranhas caras semiformadas em sua cintura um leão saltou e rugiu.

Enquanto corríamos para os conjuntos de celas, minha última visão foi de Tyson erguendo um quiosque de sorvete e atirando-o em Campe. Sorvete e veneno explodiram por toda parte, as cobrinhas no cabelo da criatura todas lambuzadas de *tutti frutti*. Entramos de novo no pátio da prisão.

— Não consigo — bufou Briareu.

— Tyson está arriscando a vida para ajudar você! — eu gritei para ele. — Você *vai* conseguir.

Quando chegamos à porta do conjunto de celas, ouvi um rugido feroz. Olhei para trás e vi Tyson correndo em nossa direção a toda a velocidade. Campe vinha logo atrás dele, coberta de sorvete e camisetas. Uma das cabeças de urso em sua cintura agora usava um par de óculos de sol de plástico de Alcatraz.

— Depressa! — gritou Annabeth, como se fosse preciso alguém me dizer isso.

Finalmente chegamos à cela pela qual havíamos entrado, mas a parede dos fundos estava completamente lisa — não havia qualquer sinal de pedra nem nada.

— Procurem a marca! — disse Annabeth.

— Ali! — Grover falou, e tocou um minúsculo arranhão, que se transformou na letra grega Δ. A marca de Dédalo emitiu uma luz azul, e a parede de pedra rangeu, abrindo-se.

Muito devagar. Tyson estava atravessando o conjunto de celas. As espadas de Campe açoitavam com violência atrás dele, cortando indiscriminadamente grades de ferro e paredes de pedra.

Empurrei Briareu para dentro do Labirinto e, em seguida, Annabeth e Grover.

— Você vai conseguir! — gritei para Tyson.

Mas imediatamente eu soube que não ia. Campe estava ganhando. Ela ergueu as espadas. Eu precisava de algo para distraí-la — algo grande. Dei um tapa em meu relógio de pulso, que cresceu, transformando-se em um escudo de bronze. Desesperadamente, atirei-o na cara do monstro.

CRÁS! O escudo atingiu-a no rosto e ela vacilou por tempo suficiente para que Tyson mergulhasse à minha frente e entrasse no Labirinto. Fui logo atrás dele.

Campe lançou-se à frente, mas chegou tarde demais. A porta de pedra fechou-se e sua magia nos selou lá dentro. Eu podia sentir o túnel todo sacudir enquanto Campe golpeava a pedra, rugindo furiosamente. No entanto, não ficamos ali para brincar de toque-toque com ela. Corremos para a escuridão, e pela primeira (e última) vez me senti feliz por estar de volta ao Labirinto.

VISITAMOS O RANCHO DE FÉRIAS DO DEMÔNIO

Finalmente paramos em uma sala cheia de quedas-d'água. O piso era um grande fosso, cercado por uma escorregadia passarela de pedra. À volta, nas quatro paredes, a água jorrava de canos imensos e tombava no fosso, e nem mesmo quando dirigi para ali o facho da lanterna consegui ver o fundo.

Briareu desabou contra a parede. Recolheu água em uma dezena de mãos e lavou o rosto.

— Este fosso vai direto para o Tártaro — murmurou ele. — Eu devia mergulhar e poupar problemas a vocês.

— Não fale assim — disse-lhe Annabeth. — Você pode voltar para o acampamento conosco. Pode ajudar a nos prepararmos. Sabe mais sobre como lutar contra os titãs do que qualquer outro.

— Nada tenho para oferecer — disse Briareu. — Perdi tudo.

— O que aconteceu com seus irmãos? — perguntou Tyson. — Os outros dois ainda devem ser altos como montanhas! Podemos levar você até eles.

A expressão de Briareu metamorfoseou-se em algo ainda mais triste: seu rosto de luto.

— Eles não existem mais. Desapareceram aos poucos.

As quedas-d'água trovejaram. Tyson fitou o fosso e piscou, fazendo as lágrimas rolarem.

— O que exatamente você quer dizer com “desapareceram aos poucos”? — perguntei. — Pensei que os monstros fossem imortais, como os deuses.

— Percy — disse Grover com a voz fraca —, até mesmo a imortalidade tem limites. Às vezes... às vezes os monstros são esquecidos e perdem o desejo de permanecer imortais.

Olhando para o rosto de Grover, perguntei-me se ele estaria pensando em Pã. Lembrei-me de algo que a Medusa nos dissera uma vez: que suas irmãs, as outras duas górgonas, haviam morrido, deixando-a sozinha. Depois, no ano passado, Apolo falou algo sobre o velho deus Hélios ter desaparecido e lhe deixado os deveres de deus do sol. Eu nunca pensara muito no assunto, mas naquele momento, olhando para Briareu, percebi como devia ser horrível ser tão velho — ter milhares e milhares de anos de idade — e totalmente sozinho.

— Preciso ir — disse Briareu.

— O exército de Cronos vai invadir o acampamento — afirmou Tyson. — Precisamos de ajuda.

Briareu deixou a cabeça pender.

— Eu não posso, ciclope.

— Você é forte.

— Não mais. — Briareu levantou-se.

— Ei. — Agarrei um de seus braços e o puxei para um lado, onde o rugido da água abafaria nossas palavras. — Briareu, nós precisamos de você. Caso não tenha notado, Tyson acredita em você. Ele arriscou a vida por você.

Contei-lhe tudo — o plano de invasão de Luke, a entrada para o Labirinto no acampamento, a oficina de Dédalo, o caixão de ouro de Cronos.

Briareu limitou-se a sacudir a cabeça.

— Eu não posso, semideus. Não tenho uma arma de dedo que possa vencer esse jogo. — Para provar seu ponto de vista, fez uma centena de revólveres de dedo.

— Talvez seja por isso que os monstros desaparecem — eu disse. — Talvez não seja uma questão de os mortais acreditarem ou não. Talvez seja porque *vocês* desistam de si mesmos.

Seus olhos castanhos e puros me fitaram. Seu rosto assumiu uma expressão que eu reconhecia — vergonha. Então, ele se virou e pôs-se a caminhar penosamente pelo corredor até desaparecer nas sombras.

Tyson soluçou.

— Está tudo bem. — Hesitante, Grover deu-lhe tapinhas no ombros. Deve ter reunido toda sua coragem para fazer isso.

Tyson espirrou.

— Não está nada bem, menino-bode. Ele era meu herói.

Eu queria ajudá-lo a sentir-se melhor, mas não sabia o que dizer.

Por fim, Annabeth levantou-se e colocou a mochila nas costas.

— Venham, meninos. Este fosso está me deixando nervosa. Vamos procurar um lugar melhor para passar a noite.

Nós nos acomodamos em um corredor formado por imensos blocos de mármore. Aquilo poderia fazer parte de um túmulo grego, pelos suportes de bronze para tochas presos às paredes. Devia ser uma parte mais antiga do Labirinto, e Annabeth concluiu que isso era um bom sinal.

— Devemos estar perto da oficina de Dédalo — disse ela. — Descansem um pouco, todos. Vamos prosseguir de manhã.

— Como vamos saber que é manhã? — perguntou Grover.

— Apenas descansem — insistiu ela.

Grover não precisava que lhe dissessem aquilo duas vezes. Tirou um monte de palha da mochila, comeu um pouco, fez um travesseiro com o restante e começou a roncar imediatamente. Tyson levou mais tempo para adormecer. Ficou remexendo nos pedaços de metal de seu *kit* de construção, mas o que quer que estivesse fazendo não o satisfazia, pois ele montava e desmontava as peças repetidamente.

— Lamento ter perdido o escudo — disse a ele. — Você se esforçou tanto para consertá-lo.

Tyson ergueu a cabeça. Seu olho estava vermelho de tanto chorar.

— Não se preocupe, irmão. Você me salvou. Não teria sido necessário se Briareu tivesse ajudado.

— Ele só estava assustado — eu disse. — Tenho certeza de que vai superar.

— Ele não é forte — disse Tyson. — Não é mais importante.

Deixou escapar um suspiro triste e profundo, então fechou o olho. Os pedacinhos de metal caíram de suas mãos, ainda desmontados, e Tyson começou a roncar.

Tentei dormir também, mas não consegui. A sensação de ser perseguido por uma enorme mulher-dragão com espadas venenosas dificultava a tentativa de relaxar. Peguei meu saco de dormir e o arrastei até onde Annabeth estava sentada, de vigília.

Sentei-me ao lado dela.

— Você deveria dormir — disse ela.

— Não consigo. Você está bem?

— Claro. Primeiro dia liderando a missão. Foi ótimo.

— Vamos conseguir — eu disse. — Vamos achar a oficina antes de Luke.

Ela tirou o cabelo do rosto. Tinha uma mancha de sujeira no queixo, e imaginei como ela devia ter sido

quando criança, perambulando pelo país com Thalia e Luke. Quando tinha apenas sete anos ela os salvara da mansão de um ciclope do mal. Mesmo se parecia assustada, como agora, eu sabia que ela era muito corajosa.

— Eu só queria que a missão fosse *lógica* — queixou-se ela. — Quer dizer, estamos prosseguindo sem ter a menor ideia de nosso destino. Como se pode andar de Nova York até a Califórnia em um dia?

— O espaço não é medido da mesma forma no Labirinto.

— Eu sei, eu sei. É só que... — Ela me olhou, hesitante. — Percy, eu estava enganando a mim mesma. Todo aquele planejamento e aqueles estudos. Não tenho a menor pista de aonde estamos indo.

— Você está se saindo muito bem. Além disso, nós nunca sabemos o que estamos fazendo. E sempre dá certo. Lembra-se da Ilha de Circe?

Ela riu.

— Você deu um porquinho-da-índia fofinho.

— E da Aqualândia, como você conseguiu nos lançar para fora daquele brinquedo?

— Eu nos lancei de lá? A culpa foi totalmente sua!

— Vê? Tudo vai dar certo.

Ela sorriu, e isso me deixou feliz, mas o sorriso desapareceu rapidamente.

— Percy, o que Hera quis dizer quando falou que você conhecia o caminho para sair do Labirinto?

— Eu não sei — admiti. — Sinceramente.

— Você me contaria se soubesse?

— Claro. Talvez...

— Talvez o quê?

— Talvez, se você me contasse a última linha da profecia, isso ajudasse.

— Aqui não. — Annabeth estremeceu. — Não no escuro.

— E quanto à escolha que Jano mencionou? Hera disse...

— Pare — cortou Annabeth. Então respirou fundo, trêmula. — Desculpe, Percy. Só estou estressada. Mas eu não... Eu preciso pensar sobre isso.

Ficamos sentados em silêncio, ouvindo os estranhos estalos e gemidos no Labirinto, o eco de pedras em atrito enquanto os túneis se transformavam, cresciam e se expandiam. A escuridão me fez pensar nas visões que tivera com Nico di Angelo, e de repente me dei conta.

— Nico está aqui embaixo, em algum lugar — eu disse. — Foi assim que ele desapareceu do acampamento. Ele encontrou o Labirinto. Depois achou uma passagem que descia ainda mais... para o Mundo Inferior. Mas agora ele está de volta ao Labirinto. Está vindo atrás de mim.

Annabeth ficou em silêncio por um longo tempo.

— Percy, espero que esteja errado. Mas, se tiver razão... — Ela olhou para o feixe de luz da lanterna, que lançava um círculo pálido na parede de pedra.

Tive a sensação de que ela estava pensando em sua profecia. Eu nunca a vira com uma aparência mais cansada.

— Que tal eu fazer a primeira vigília? — perguntei. — Acordo você se algo acontecer.

Pareceu que Annabeth ia protestar, mas depois ela simplesmente assentiu, tombou em seu saco de dormir e fechou os olhos.

Quando chegou minha vez de dormir, sonhei que estava de volta à prisão do idoso no Labirinto.

Agora se parecia mais com uma oficina. Havia mesas cobertas com instrumentos de medição. Uma forja

queimava, incandescente, a um canto. O garoto que eu vira no último sonho estava alimentando os foles, mas agora era mais alto, já quase da minha idade. Um estranho dispositivo semelhante a um funil estava acoplado à chaminé da forja, aprisionando a fumaça e o calor e desviando-os por meio de um cano para o chão, perto de uma grande tampa de bueiro feita de bronze.

Era dia. O céu acima era azul, mas as paredes do Labirinto lançavam sombras pesadas sobre a oficina. Depois de passar tanto tempo em túneis, eu achava estranho que parte do Labirinto pudesse ser aberta para o céu. De certa maneira, aquilo o tornava um lugar ainda mais cruel.

O senhor parecia doente. Estava terrivelmente magro, as mãos em carne viva de tanto trabalhar. O cabelo branco cobria-lhe os olhos, e a túnica estava suja de graxa. Estava curvado sobre uma mesa, trabalhando em uma espécie de colcha de retalhos de metal — como uma tira larga de malha metálica. Pegou uma delicada espiral de bronze e a posicionou no lugar.

— Pronto — anunciou. — Está pronto.

Então levantou seu projeto. Era tão bonito que meu coração deu um salto — asas de metal construídas com milhares de penas de bronze encadeadas. Havia dois pares. Um deles ainda estava sobre a mesa. Dédalo estendeu a estrutura, e as asas expandiram-se até alcançar sete metros. Parte de mim sabia que elas nunca poderiam voar. Eram pesadas demais, e não havia como sair do chão. Mas a perícia da construção era impressionante. As penas de metal captavam a luz e refletiam trinta diferentes tonalidades de dourado.

O garoto deixou os foles e correu para ver. Sorriu, apesar de estar imundo e suado.

— Pai, você é um gênio!

O senhor sorriu.

— Conte-me uma novidade, Ícaro. Agora se apresse. Vai levar pelo menos uma hora para prendê-las. Venha.

— Você primeiro — disse Ícaro.

O senhor protestou, mas o filho insistiu.

— Você as fez, pai. A honra de usá-las pela primeira vez deve ser sua.

O garoto prendeu um arnês de couro no peito do pai, semelhante a um equipamento de alpinismo, com tiras que iam dos ombros até os punhos. Então começou a prender as asas, usando um cilindro de metal que parecia uma enorme pistola de cola quente.

— O composto de cera deve resistir por várias horas — afirmou Dédalo, nervoso, enquanto o filho trabalhava. — Mas precisamos deixá-lo endurecer primeiro. E faríamos bem em evitar voar alto ou baixo demais. O mar molharia a cera...

— E o calor do sol a amoleceria — completou o garoto. — Sim, pai, já falamos sobre isso um milhão de vezes!

— Cuidado nunca é demais.

— Tenho confiança total em suas invenções, pai! Nunca existiu ninguém tão inteligente quanto você.

Os olhos do senhor brilharam. Era óbvio que ele amava o filho mais do que tudo no mundo.

— Agora vou fixar suas asas e dar às minhas a chance de fixar adequadamente. Venha!

O processo era lento. As mãos do idoso atrapalhavam-se com as tiras. Ele tinha dificuldade em manter as asas na posição certa enquanto as selava. Suas próprias asas de metal pareciam pesadas para ele, atrapalhando-o enquanto tentava trabalhar.

— Lento demais — murmurou o senhor. — Sou lento demais.

— Tenha calma, papai — disse o garoto. — Os guardas não devem chegar até...

BUM!

As portas da oficina estremeceram. Dédalo as bloqueara por dentro com uma braçadeira de madeira, mas ainda assim elas sacudiram nas dobradiças.

— Depressa! — disse Ícaro.

BUM! BUM!

Alguma coisa pesada chocava-se contra as portas. A braçadeira resistia, mas uma rachadura surgiu na porta da esquerda.

Dédalo trabalhava energicamente. Uma gota de cera quente caiu no ombro de Ícaro. O garoto encolheu-se, mas não gritou. Quando sua asa esquerda estava presa às tiras, Dédalo começou a trabalhar na direita.

— Precisamos de mais tempo — murmurou Dédalo. — Eles chegaram cedo demais! Precisamos de mais tempo para a cera se firmar.

Vai dar tudo certo — disse Ícaro, enquanto o pai finalizava a asa direita. — Ajude-me com o bueiro...

CRASH! As portas estilhaçaram-se e a ponta de um aríete de bronze surgiu pela brecha. Machados limpavam os destroços e dois guardas armados entraram no salão, seguidos pelo rei com a coroa de ouro e a barba em forma de lança.

— Ora, ora — disse o rei com um sorriso cruel. — Estão indo a algum lugar?

Dédalo e o filho pararam, as asas de metal cintilando nas costas.

— Estamos indo embora, Minos — disse o idoso.

— Estava curioso para ver até onde vocês iriam nesse projetinho antes que eu frustrasse suas esperanças. — O Rei Minos deu uma risadinha. — Devo dizer que estou impressionado.

O rei contemplou as asas.

— Vocês estão parecendo galinhas de metal — concluiu ele. — Quem sabe não devemos depená-los e fazer uma canja.

Os guardas riram como bobos.

— Galinhas de metal — um deles repetiu. — Canja.

— Cale a boca — disse o rei. Então voltou-se novamente para Dédalo. — Você deixou minha filha escapar, velho. Levou minha mulher à loucura. Matou meu monstro e me transformou em motivo de piada para todo o Mediterrâneo. Você nunca me escapará!

Ícaro pegou a pistola de cera e lançou um jato no rei, que recuou, sobressaltado. Os guardas investiram, mas cada um deles recebeu um jato de cera quente no rosto.

— O respiradouro! — gritou Ícaro para o pai.

— Pegue-os! — vociferou o Rei Minos.

Juntos, o senhor e o filho tiraram com dificuldade a tampa do bueiro, e uma coluna de ar quente explodiu do chão. O rei observou, incrédulo, o inventor e o filho serem lançados ao céu com suas asas de bronze, impulsionados pelo jato de ar.

— Atirem neles! — gritou o rei, mas os guardas não haviam levado arcos. Um deles atirou a espada em desespero, mas Dédalo e Ícaro já estavam fora de seu alcance. Eles voaram acima do Labirinto e do palácio do rei, afastando-se rapidamente da cidade de Knossos e passando, mais além, pela costa rochosa de Creta.

— Estamos livres, pai! Você conseguiu. — Ícaro ria.

O garoto abriu as asas em sua envergadura máxima e deixou-se levar, planando, pelo vento.

— Espere! — chamou Dédalo. — Tome cuidado!

Mas Ícaro já estava sobre o mar aberto, seguindo para o norte, deliciado com sua boa sorte. Subiu ainda mais e espantou uma águia em sua rota de voo, então mergulhou na direção do mar como se tivesse nascido

para voar, arremetendo no último segundo. Suas sandálias roçaram as ondas.

— Pare com isso! — gritou Dédalo, mas o vento carregou sua voz para longe. Seu filho estava embriagado na própria liberdade.

O senhor lutava para alcançá-lo, planando desajeitadamente atrás do filho.

Estavam a quilômetros de Creta, sobre mar aberto, quando Ícaro olhou para trás e viu a expressão preocupada do pai.

Ícaro sorriu.

— Não se preocupe, pai! Você é um gênio! Eu confio em sua obra...

A primeira pena de metal soltou-se da asa do filho e remoinhou no ar. Em seguida, outra. Ícaro oscilou em pleno voo. De repente, ele viu as penas de bronze se soltando e rodopiando no ar, fugindo dele como um bando de aves assustadas.

— Ícaro! — gritou o pai. — Plane! Abra as asas. Fique imóvel o máximo possível.

Mas Ícaro batia as asas, tentando desesperadamente recuperar o controle.

A asa esquerda se foi primeiro, ao se soltar das tiras.

— Pai! — Ícaro gritou. E então caiu, as asas desfazendo-se até que ele era apenas um garoto de arnês de alpinismo e túnica branca, os braços estendidos em uma tentativa inútil de planar.

Acordei com um sobressalto, com a sensação de que estava caindo. O corredor estava escuro. Em meio aos gemidos constantes do Labirinto, pensei ouvir o grito angustiados de Dédalo, chamando o filho pelo nome, enquanto Ícaro, sua única alegria, mergulhava em direção ao mar, cem metros abaixo.

Não havia manhã no Labirinto, mas assim que todos acordamos e tomamos um fabuloso café da manhã de barras de granola e suco de caixinha, continuamos avançando. Não mencionei o sonho. Algo nele havia me apavorado de verdade, e eu não achava que os outros precisassem saber disso.

Os antigos túneis de pedra transformaram-se em barro sustentado por vigas de cedro, como uma mina de ouro ou construção parecida. Annabeth começou a ficar agitada.

— Isso não está certo — disse ela. — Ainda deveria ser pedra.

Chegamos a uma caverna na qual as estalactites pendiam do teto até quase chegar ao chão. No centro do piso de terra havia um fosso retangular, como um túmulo.

Grover estremeceu.

— Aqui cheira como o Mundo Inferior.

Então vi um objeto cintilando na borda do fosso — uma embalagem de papel-alumínio. Corri o facho da lanterna pelo buraco e vi um *cheeseburger* mordido flutuando em um líquido marrom imundo gaseificado.

— Nico — eu disse. — Ele evocou os mortos novamente.

— Fantasmas estiveram aqui. — Tyson choramingou. — Eu não gosto de fantasmas.

— Precisamos encontrá-lo — falei.

Não sei por quê, mas estar na borda daquele fosso me deu um senso de urgência. Nico estava perto. Eu podia sentir isso. Não podia deixar que ele ficasse perambulando ali embaixo, sozinho, a não ser pelos mortos. Comecei a correr.

— Percy! — chamou Annabeth.

Entrei em um túnel e vi luz à frente. Quando Annabeth, Tyson e Grover me alcançaram, eu olhava a luz do dia que escoava de uma série de barras acima de minha cabeça. Estávamos debaixo de uma grade feita de tubos de aço. Dava para ver árvores e o céu azul.

— Onde estamos? — perguntei.

Então uma sombra cobriu a grade e uma vaca me olhou lá de cima. Parecia uma vaca normal, exceto por sua estranha cor — vermelho vivo, como uma cereja. Eu não sabia que vacas podiam ter aquela cor.

A vaca mugiu, pôs um casco nas barras e então recuou.

— É um mata-burro — disse Grover.

— Um o quê? — perguntei.

— Eles colocam as grades no chão, perto dos portões dos ranchos, para que o gado não possa sair. Os animais não conseguem andar sobre elas.

— Como você sabe disso?

Grover bufou, indignado.

— Acredite em mim, se você tivesse cascos, saberia sobre mata-burros. São irritantes!

Voltei-me para Annabeth.

— Hera não disse algo sobre um rancho? Precisamos dar uma olhada. Nico pode estar lá em cima.

Ela hesitou.

— Tudo bem. Mas como saímos?

Tyson resolveu o problema batendo no mata-burro com ambas as mãos. A grade soltou-se e voou para fora do campo de visão. Ouvimos um CLANG! e um *Muu!* assustado. Tyson enrubesceu.

— Desculpe, vaca! — pediu ele.

Então nos alçou para fora do túnel.

Estávamos, sim, em um rancho. Colinas ondulantes se estendiam até o horizonte, pontilhadas por carvalhos, cactos e pedras. Uma cerca de arame farpado saía do portão, seguindo em ambas as direções. Vacas cor de cereja vagavam por ali, pastando tufos de grama.

— Gado vermelho — disse Annabeth. — O gado do sol.

— O quê? — perguntei.

— São sagrados para Apolo.

— Vacas sagradas?

— Exatamente. Mas o que estão fazendo...

— Espere — pediu Grover. — Ouçam.

A princípio tudo parecia silencioso... mas então ouvi: o latido distante de cães. O som foi ficando mais alto. A vegetação rasteira começou a farfalhar e dois cães apareceram. Só que não eram dois cães. Era *um* cão com duas cabeças. Parecia um galgo, comprido, sinuoso e de pelo todo marrom, mas seu pescoço bifurcava-se em duas cabeças, ambas rosnando, prontas para abocanhar, no geral não muito contentes em nos ver.

— Cão de Jano malvado! — gritou Tyson.

— *Au!* — disse-lhe Grover, e ergueu a mão em uma saudação.

O cão de duas cabeças mostrou os dentes. Acho que não ficou muito impressionado com o fato de Grover falar sua língua. Então seu dono surgiu do meio do bosque, e percebi que o cão era o menor de nossos problemas.

Era um sujeito enorme, com cabelos completamente brancos, chapéu de palha de caubói e barba branca comprida — uma espécie de caipira gigante. Ele usava jeans, uma camiseta estampada NÃO CRIE PROBLEMAS NO TEXAS, e um casaco de brim com as mangas arrancadas, deixando seus músculos desnudos. No bíceps

direito havia uma tatuagem com espadas cruzadas. Ele segurava um porrete de madeira do tamanho de uma ogiva nuclear, com agulhões de quinze centímetros projetando-se da ponta.

— Junto, Ortro — disse ele ao cachorro.

O cão rosnou para nós mais uma vez, só para deixar claro suas impressões, e voltou até os pés do dono. O homem nos olhou de cima a baixo, mantendo o porrete de prontidão.

— O que é que temos aqui? — perguntou ele. — Ladrões de gado?

— Viajantes apenas — disse Annabeth. — Estamos em uma busca.

Os olhos do homem estreitaram-se.

— Meios-sangues, hein?

— Como é que você sabe... — comecei, mas Annabeth pôs a mão em meu braço.

— Sou Annabeth, filha de Atena. Este é Percy, filho de Poseidon, Grover o sátiro, Tyson o...

— Ciclope — completou o homem. — É, isso eu posso ver. — Ele olhou para mim, furioso. — E eu conheço meios-sangues porque *sou* um, filhinho. Sou Euritíon, o vaqueiro deste rancho. Filho de Ares. Vocês vieram pelo Labirinto como o outro, suponho.

— O outro? — perguntei. — Está falando de Nico di Angelo?

— Recebemos muitos visitantes do Labirinto — disse Euritíon, sombrio. — Não são muitos os que saem daqui.

— Uau — eu disse. — Agora me sinto muito bem-vindo.

O vaqueiro olhou para trás, como se alguém estivesse observando. Então baixou a voz.

— Só vou dizer isso uma vez, semideuses. Voltem para o Labirinto agora. Antes que seja tarde demais.

— Não vamos embora — insistiu Annabeth. — Não até virmos esse outro semideus. Por favor.

Euritíon grunhiu.

— Então não vai me restar outra escolha, senhorita. Terei de levá-los para ver o patrão.

Eu não me sentia como se fôssemos reféns ou situação parecida. Euritíon andava a nosso lado com o porrete atravessado no ombro. Ortro, o cão de duas cabeças, rosnava muito, farejava as pernas de Grover e de vez em quando disparava para o meio dos arbustos, para perseguir os animais, mas Euritíon o mantinha mais ou menos sob controle.

Descemos um caminho de terra batida que parecia seguir infinitamente. Devia estar fazendo perto de quarenta graus, o que era um choque térmico depois de São Francisco. O calor fazia o chão tremeluzir. Insetos zumbiam nas árvores. Não tínhamos ido muito longe e eu já suava feito louco. As moscas apinhavam-se a nosso redor. Volta e meia víamos um cercado cheio de vacas vermelhas ou animais ainda mais estranhos. A certa altura passamos por um curral cuja cerca era revestida de amianto. Lá dentro circulava uma manada de cavalos que lançavam fogo pelo nariz. O feno em sua gamela estava pegando fogo. O solo fumegava em torno de suas patas, mas os cavalos pareciam bastante dóceis. Um garanhão grande olhou para mim e relinchou, suas narinas lançando colunas de chama vermelha para o céu. Ponderei se aquilo não lhe causaria dor.

— Para que *eles* servem? — perguntei.

Euritíon franziu as sobrancelhas.

— Criamos animais para muitos clientes. Apolo, Diomedes e... outros.

— Como quem?

— Sem mais perguntas.

Por fim deixamos o bosque para trás. Empoleirada em uma colina acima de nós, erguia-se uma grande casa de fazenda — toda de pedra branca e madeira, com amplas janelas.

— Parece um projeto de Frank Lloyd Wright! — exclamou Annabeth.

Deduzi que estivesse falando de um arquiteto. Para mim, parecia apenas o tipo de lugar onde alguns semideuses poderiam se meter em encrenca séria. Subimos a colina.

— Não transgridam as regras — advertiu Euritíon quando subíamos os degraus que levavam à varanda da frente. — Nada de brigar. Nada de puxar armas. E não façam qualquer comentário sobre a aparência do patrão.

— Por quê? — perguntei. — Como é a aparência dele?

Antes que Euritíon pudesse responder, uma nova voz anunciou:

— Bem-vindos ao Rancho Triplo G.

O homem na varanda tinha uma cabeça normal, o que era um alívio. Seu rosto exibia as marcas do tempo e um bronzeado de anos no sol. Tinha cabelos pretos lisos e bigode fino, como os dos vilões de filmes antigos. Sorriu para nós, mas o sorriso não era amistoso; estava mais para divertido, do tipo: *Puxa, mais gente para torturar!*

Não pensei nisso por muito tempo, porém, porque então notei seu corpo... ou corpos. Eram três. Bem, você pensaria que, depois de Jano e Briareu, eu já estivesse acostumado a anatomias esquisitas, mas esse cara era três pessoas em uma só. Seu pescoço era ligado ao tórax central normalmente, mas havia dois outros tórax, um de cada lado, unidos pelos ombros, separados por poucos centímetros. O braço esquerdo saía do tórax da esquerda, o mesmo acontecendo do lado direito, de modo que ele tinha dois braços, mas quatro axilas, se isso faz algum sentido. Os tórax se conectavam, formando um enorme tronco, com duas pernas normais porém muito robustas, e ele usava a maior calça jeans que já vi. Cada um dos tórax vestia uma camisa de faroeste de cor diferente — verde, amarela, vermelha, como um sinal de trânsito. Eu me perguntei como ele vestia o tórax do meio, já que esse não tinha braços.

O vaqueiro Euritíon me cutucou.

— Diga olá para o sr. Geríon.

— Oi — eu disse. — Belo tórax... hã, rancho! Belo rancho o senhor tem.

Antes que o homem de três corpos pudesse responder, Nico di Angelo passou pelas portas de vidro, saindo na varanda.

— Geríon, eu não vou esperar por...

Nico ficou paralisado ao nos ver. Então puxou a espada. A lâmina era exatamente como eu vira em meu sonho: curta, afiada e escura como a meia-noite.

Geríon rosnou ao vê-la.

— Guarde isso, sr. Di Angelo. Não quero meus convidados se matando.

— Mas esse é...

— Percy Jackson — completou Geríon. — Annabeth Chase. E dois de seus amigos monstros. Sim, eu sei.

— Amigos monstros? — repetiu Grover, indignado.

— Aquele homem está usando três camisas — disse Tyson, como se tivesse acabado de se dar conta disso.

— Eles deixaram minha irmã morrer! — A voz de Nico tremia de fúria. — Estão aqui para me matar!

— Nico, não estamos aqui para matar você. — Ergui as mãos. — O que aconteceu com Bianca foi...

— Não pronuncie o nome dela! Você não é digno nem sequer de falar dela!

— Espere um pouco. — Annabeth apontou para Gerión. — Como você sabe nossos nomes?

O homem de três corpos piscou.

— Eu faço questão de me manter informado, querida. Todo o mundo aparece aqui no rancho de tempos em tempos. Todo o mundo precisa de algum favor do velho Gerión. Agora, sr. Di Angelo, guarde essa espada feia antes que eu faça Euritión tomá-la de você.

Euritión suspirou, mas ergueu o porrete cheio de agulhões. A seus pés, Ortro rosnou.

Nico hesitou. Parecia mais magro e mais pálido que nas mensagens de Íris. Perguntei-me se ele teria comido na última semana. Suas roupas pretas estavam empoeiradas da viagem no Labirinto e seus olhos escuros, cheios de ódio. Era jovem demais para ter tanta raiva. Eu ainda me lembrava dele como o garotinho alegre que brincava com as figurinhas de Mitomagia.

Relutante, ele embainhou a espada.

— Se chegar perto de mim, Percy, vou convocar ajuda. E você não vai querer conhecer meus ajudantes, garanto.

— Eu acredito — eu lhe disse.

Gerión deu tapinhas no ombro de Nico.

— Pronto, todos bem comportados. Agora venham, quero lhes mostrar o rancho.

Gerión tinha uma espécie de bonde — como um daqueles trenzinhos para crianças que se veem nos parques. Era pintado de preto e branco como o couro de uma vaca malhada. O vagão do condutor tinha um par de longos chifres presos ao teto, e a buzina soava como uma daquelas sinetas que se prendem no pescoço das vacas. Concluí que talvez fosse assim que ele torturasse as pessoas. Fazendo-as morrer de constrangimento ao circular por ali no mumóvel.

Nico sentou-se na parte de trás, provavelmente para ficar de olho em nós. Euritión arrastou-se até o lado dele com seu porrete de agulhões e puxou o chapéu de vaqueiro sobre os olhos, como se fosse tirar um cochilo. Ortro saltou no assento da frente, ao lado de Gerión, e começou a latir, contente, numa harmonia de duas vozes.

Annabeth, Tyson, Grover e eu nos sentamos nos dois vagões do meio.

— Temos uma imensa operação! — Gerión gabou-se enquanto o mumóvel avançava. — Cavalos e gado bovino, na maioria, mas variedades exóticas de todos os tipos também.

Chegamos a uma colina, e Annabeth arquejou.

— Hipaléctrions? Pensei que estivessem extintos!

No pé da colina havia um pasto cercado com uma dúzia dos animais mais estranhos que eu já vira. Cada um deles tinha a metade da frente de um cavalo e a metade posterior de um galo. Suas patas traseiras eram imensos pés de galinha amarelos. Tinham rabo de penas e asas vermelhas. Enquanto eu observava, dois deles começaram a brigar por causa de uma pilha de sementes. Erguiam-se nas patas traseiras, relinchavam e batiam as asas diante do outro, até que o menor deles se afastou a galope, as pernas traseiras fazendo-o parecer saltitar levemente.

— Galos-pôneis — disse Tyson, perplexo. — Eles põem ovos?

— Uma vez por ano! — Gerión riu no espelho retrovisor. — Muito procurados para omeletes!

— Isso é horrível! — exclamou Annabeth. — Deve ser uma espécie em extinção!

Gerión fez um gesto com as mãos.

— Ouro é ouro, querida. E você não provou as omeletes.

— Isso não está certo — murmurou Grover, mas Gerión continuou narrando o passeio.

— Agora, aqui — apontou ele —, temos nossos cavalos que põem fogo pelo nariz, que vocês já devem ter visto no caminho para a casa. São criados para a guerra, naturalmente.

— Que guerra? — perguntei.

Gerión sorriu, matreiro.

— Ah, a que aparecer. E mais além, obviamente, estão nossas vacas vermelhas premiadas.

De fato, centenas de vacas e bois cor de cereja pastavam na encosta de uma colina.

— São tantas — disse Grover.

— Sim, bem, Apolo é ocupado demais para cuidar delas — explicou Gerión —, então ele terceiriza. Nós as criamos em grande quantidade por causa da demanda.

— Para quê? — perguntei.

Gerión ergueu uma sobrancelha.

— Carne, é claro! Os exércitos precisam comer.

— Você mata as vacas sagradas do deus sol para fazer hambúrguer? — perguntou Grover. — Isso vai contra as leis antigas!

— Ah, não se exalte tanto, sátiro! São só animais.

— Só animais!

— Sim, e se Apolo se importasse, tenho certeza de que ele nos diria.

— Se ele soubesse — murmurei.

Nico inclinou-se para a frente.

— Não estou nem um pouco interessado nisso, Gerión. Tínhamos negócios para discutir, e isso não fazia parte deles!

— Tudo a seu tempo, sr. Di Angelo. Olhem deste lado aqui: algumas de minhas caças exóticas.

O campo seguinte era cercado por arame farpado. A área estava apinhada de escorpiões gigantes.

— Rancho Triplo G — eu disse, com a súbita lembrança. — Sua marca estava nos caixotes no acampamento. Quintus comprou os escorpiões de você.

— Quintus... — refletiu Gerión. — Esgrimista musculoso, de cabelos grisalhos curtos?

— É.

— Nunca ouvi falar dele — disse Gerión. — Agora, ali estão meus estábulos premiados! Vocês precisam vê-los.

Eu não precisava vê-los, porque a trezentos metros deles comecei a sentir o cheiro. Próximo às margens de um rio verde havia um curral de cavalos do tamanho de um campo de futebol. Estábulos alinhavam-se de ambos os lados. Uma centena de cavalos, aproximadamente, perambulavam em meio à imundície — e quando digo imundície, quero dizer cocô de cavalo. Era a cena mais asquerosa que eu já vira, como se uma tempestade de cocô tivesse caído e coberto o lugar com um metro daquilo da noite para o dia. Os cavalos estavam nojentos por andarem no meio daquilo, e os estábulos eram igualmente repulsivos. O lugar fedia de forma inacreditável — muito pior do que os barcos de lixo no Rio East de Nova York.

Até Nico sentiu náuseas.

— O que é isso?

— Meus estábulos! — disse Gerión. — Bem, na verdade, pertencem a Egeu, mas cuidamos deles por uma pequena remuneração mensal. Não são adoráveis?

— São nojentos! — exclamou Annabeth.

— Muito cocô — observou Tyson.

— Como podem manter animais assim? — gritou Grover.

— Vocês estão me dando nos nervos — disse Gerión. — Esses são cavalos carnívoros, não estão vendo? Eles gostam de viver nessas condições.

— Além disso, você é pão-duro demais para mandar limpá-los — murmurou Euritión debaixo do chapéu.

— Calado! — disse Gerión asperamente. — Está certo, talvez a limpeza dos estábulos seja um desafio considerável. Talvez eles me deixem enjoado, sim, quando o vento sopra na direção errada. Mas e daí? Mesmo assim meus clientes me pagam bem.

— Quais clientes? — perguntei.

— Ah, você se surpreenderia com o número de pessoas que paga por um cavalo carnívoro. São ótimos trituradores de lixo. Maravilhosos para aterrorizar os inimigos. Excelentes em festas de aniversário! Nós os alugamos o tempo todo.

— Você é um monstro — concluiu Annabeth.

Gerión parou o mumóvel e virou-se para olhá-la.

— O que foi que me denunciou? Foram os três corpos?

— Você precisa libertar esses animais — disse Grover. — Isso não é certo!

— E os clientes dos quais você tanto fala — disse Annabeth. — Um deles é o Cronos, não é? Está fornecendo ao exército dele cavalos, comida e o que precisarem.

Gerión deu de ombros, o que era muito estranho com seus três pares de ombros. Parecia que ele, sozinho, estava fazendo uma ola.

— Trabalho para qualquer um que tenha ouro, minha jovem. Sou um homem de negócios. E vendo tudo o que tenho aqui para oferecer.

Ele saltou do mumóvel e caminhou na direção dos estábulos, como se estivesse desfrutando do ar puro. Aquela seria uma bela vista, com o rio, as árvores e tudo, não fosse o brejo de estrume de cavalo.

Nico desceu do último vagão e avançou até Gerión. O vaqueiro Euritión não estava tão sonolento quanto parecia. Ergueu o porrete e foi atrás de Nico.

— Vim aqui tratar de negócios, Gerión — disse Nico. — E você ainda não me respondeu.

— Humm. — Gerión examinava um cacto. Seu braço esquerdo estendeu-se e coçou o tórax do meio. — Sim, faremos o acordo, está certo.

— Meu fantasma me disse que você poderia ajudar. Que poderia nos guiar até a alma de que precisamos.

— Espere um pouco — intervim. — Pensei que *eu* fosse a alma que você quisesse.

Nico olhou para mim como se eu fosse louco.

— Você? Por que eu iria querer você? A alma de Bianca vale mil vezes a sua! Bem, você pode me ajudar, Gerión, ou não?

— Ah, imagino que possa — disse o rancheiro. — Por falar nisso, seu amigo fantasma, onde ele está?

Nico parecia inquieto.

— Ele não pode tomar forma em plena luz do dia. É difícil para ele. Mas está por aí.

— Tenho certeza disso. — Gerión sorriu. — Minos gosta de desaparecer quando a situação fica... difícil.

— *Minos?* — Lembrei-me do homem que vira em meus sonhos, com a coroa de ouro, a barba pontuda e os olhos cruéis. — Você está falando do rei perverso? É *esse* o fantasma que vem aconselhando você?

— Isso não é da sua conta, Percy! — Nico virou-se para Gerión. — E o que você quer dizer com “quando

a situação fica difícil”?

O homem de corpo triplo suspirou.

— Bem, veja você, Nico... Posso chamá-lo de Nico?

— Não.

— Veja, Nico, Luke está oferecendo muito dinheiro por meios-sangues. Principalmente os poderosos. E tenho certeza de que quando souber seu segredinho, quem você é de verdade, ele vai pagar muito, muito bem.

Nico puxou a espada, mas Euritíon a arrancou da mão dele. Antes que eu pudesse me levantar, Ortro saltou sobre o meu peito e rosnou, seus focinhos a centímetros de meu rosto.

— Eu ficaria no bonde. Todos vocês — advertiu Geríon. — Ou Ortro vai rasgar a garganta do sr. Jackson. Agora, Euritíon, por gentileza, prenda Nico.

O vaqueiro cuspiu na grama.

— Preciso fazer isso?

— Sim, seu tolo!

Euritíon parecia aborrecido, mas envolveu Nico com um braço imenso e o levantou como faz um lutador.

— Pegue a espada também — disse Geríon, com aversão. — Não há nada que eu odeie mais do que ferro estígio.

Euritíon apanhou a espada, tomando cuidado para não tocar na lâmina.

— Bem — disse Geríon alegremente —, já demos o passeio. Vamos voltar à casa, almoçar e mandar uma mensagem de Íris para nossos amigos no exército dos Titãs.

— Seu demônio! — gritou Annabeth.

— Não se preocupe, minha querida. — Geríon sorriu para ela. — Assim que eu tiver entregado o sr. Di Angelo, você e seu grupo poderão partir. Eu não interfiro em missões. Além disso, fui muito bem pago para lhes assegurar uma passagem segura, o que lamentavelmente não inclui o sr. Di Angelo.

— Pago por quem? — perguntou Annabeth. — O que você quer dizer?

— Não se preocupe, querida. Vamos, está bem?

— Espere! — eu disse. E Ortro rosnou. Mantive-me perfeitamente imóvel para que ele não rasgasse minha garganta. — Geríon, você disse que é um homem de negócios. Faça um acordo comigo.

Geríon estreitou os olhos.

— Que tipo de acordo? Você tem ouro?

— Tenho algo melhor. Uma troca.

— Mas, sr. Jackson, o senhor nada tem.

— Podia fazê-lo limpar os estábulos — sugeriu Euritíon inocentemente.

— Eu faço isso! — eu disse. — Se eu falhar, você fica com todos nós. Entregue-nos todos a Luke em troca de ouro.

— Supondo que os cavalos não o comam — observou Geríon.

— De uma forma ou de outra, você fica com meus amigos — eu disse. — Mas, se eu conseguir, você tem de nos deixar partir, inclusive Nico.

— Não! — gritou Nico. — Não me faça nenhum favor, Percy. Eu não quero sua ajuda!

Geríon deu uma risadinha.

— Percy Jackson, aqueles estábulos não são limpos há milhares de anos... embora seja verdade que eu talvez possa vender mais espaço neles se todo aquele estrume for tirado de lá.

— Então, o que você tem a perder?

O rancheiro hesitou.

— Muito bem, aceito sua oferta, mas você precisa ter tudo limpo ao pôr do sol. Se fracassar, seus amigos serão vendidos, e eu ficarei rico.

— Feito.

Ele assentiu.

— Vou levar seus amigos comigo de volta à casa. Esperaremos você lá.

Eurítion lançou-me um olhar engraçado. Poderia ser de simpatia. Ele assoviou e o cachorro saiu de cima de mim, pulando para o colo de Annabeth, que deu um grito. Eu sabia que Tyson e Grover nada tentariam enquanto Annabeth fosse refém.

Desci do vagão e nossos olhos encontraram-se.

— Espero que saiba o que está fazendo — disse ela baixinho.

— Eu também espero.

Gerión acomodou-se atrás do volante. Eurítion rebocou Nico para o último assento.

— Pôr do sol — lembrou-me Gerión. — Não mais do que isso.

Ele riu de mim mais uma vez, tocou a buzina de sino, e o mumóvel afastou-se, ribombando pela trilha.

Perdi as esperanças quando vi os dentes dos cavalos.

Ao me aproximar mais da cerca, segurei a camisa sobre o nariz para bloquear o cheiro. Um garanhão atravessou com dificuldade a imundície e relinchou com fúria para mim, arreganhando os dentes pontudos como os de um urso.

Tentei conversar mentalmente com ele. Consigo fazer isso com a maioria dos cavalos.

Oi, eu lhe disse. Vou limpar seus estábulos. Não vai ser ótimo?

Sim!», disse o cavalo. Entre! Vamos comer você! Um saboroso meio-sangue!

Mas eu sou filho de Poseidon», protestei. Ele criou os cavalos.

Em geral, isso me garante tratamento VIP no mundo equestre, mas não daquela vez.

Certo!», concordou o cavalo, com entusiasmo. Que venha Poseidon também! Vamos comer os dois! Frutos do mar!

Frutos do mar!», fizeram coro os outros cavalos enquanto chapinhavam pelo campo. Moscas zumbiam por toda parte, e o calor do dia em nada melhorava o cheiro. Eu pensei que poderia realizar a tarefa porque me lembrara de como Hércules fizera. Ele havia canalizado um rio para os estábulos e os limpado assim. Achei que talvez eu pudesse controlar a água. Mas, se eu não conseguia me aproximar dos cavalos sem ser devorado, tinha um problema. E o rio ficava mais abaixo na colina, muito mais longe do que eu imaginara, a quase um quilômetro. O problema do estrume parecia muito maior de perto. Peguei uma pá enferrujada e, para testar, lancei um punhado para fora da linha da cerca. Ótimo. Só faltavam quatro bilhões de pazadas.

O sol já estava começando a descer. Eu tinha poucas horas, no máximo. Concluí que o rio era minha única esperança. Pelo menos seria mais fácil pensar na margem do rio do que ali. Parti colina abaixo.

Quando cheguei lá, encontrei uma garota à minha espera. Vestia jeans e camiseta verde, e seus longos cabelos castanhos estavam trançados com capim do rio. Tinha uma expressão severa, e os braços estavam cruzados.

— Ah, não, você não — disse ela.

Eu a fitei.

— Você é uma náíade?

Ela revirou os olhos.

— É claro!

— Mas você fala minha língua. E está fora d'água.

— Ora, não acha que podemos agir como humanos se quisermos?

Eu nunca pensara nisso. Senti-me meio estúpido, porém, pois vira muitas náíades no acampamento, e elas nunca faziam muito mais do que dar risadinhas e acenar para mim do fundo do lago de canoagem.

— Olhe — eu disse —, eu só vim perguntar...

— Eu sei quem você é — disse ela. — E sei o que você quer. E a resposta é não! Não vou deixar meu rio ser

usado novamente para limpar aqueles estábulos imundos.

— Mas...

— Ah, e me poupe, garoto do mar. Vocês deuses do oceano pensam sempre que são muuuuuito mais importantes do que um riozinho, não é? Bem, deixe-me dizer então que *esta* náíade aqui não vai se intimidar só porque seu papaizinho é Poseidon. Isto aqui é território de água doce, senhor. O último cara que me pediu esse favor, ah, e ele era muito mais bonito que você, me convenceu, e aquele foi o pior erro de toda a minha vida! Você tem alguma ideia do que todo aquele adubo de cavalo causa ao meu ecossistema? Por acaso eu lhe pareço uma estação de tratamento de esgoto? Meus peixes morrerão. Eu *nunca* vou conseguir tirar o estrume das minhas plantas. Vou ficar doente por anos. NÃO, OBRIGADA!

Seu modo de falar me fez lembrar minha amiga mortal, Rachel Elizabeth Dare — quase como se ela estivesse me socando com palavras. Eu não podia culpar a náíade. Agora que eu pensava no assunto, ficaria com muita raiva se alguém jogasse dois milhões de quilos de estrume em minha casa. No entanto...

— Meus amigos estão em perigo — disse a ela.

— Bem, é uma pena! Mas não é problema meu. E você não vai arruinar meu rio.

Ela parecia pronta para uma luta. Os punhos estavam cerrados, mas pensei ter ouvido um leve tremor em sua voz. De repente percebi que, apesar da atitude furiosa, ela sentia medo de mim. Provavelmente, pensava que eu lutaria contra ela pelo controle do rio, e temia perder.

Esse pensamento me deixou triste. Senti-me um valentão, um filho de Poseidon fazendo valer sua vontade pelo uso da força.

Sentei-me em um toco de árvore.

— O.k., você venceu.

A náíade parecia surpresa.

— De verdade?

— Não vou lutar contra você. É seu rio.

Ela relaxou os ombros.

— Ah! Ah! Ótimo. Quer dizer... ótimo para você!

— Mas meus amigos e eu seremos vendidos para os titãs se eu não limpar aqueles estábulos até o pôr do sol. E eu não sei como.

O rio gorgolejava correnteza abaixo alegremente. Uma cobra que deslizava pela água afundou a cabeça. Por fim, a náíade suspirou.

— Vou lhe contar um segredo, filho do deus do mar. Pegue um pouco de terra.

— O quê?

— Você me ouviu.

Abaixei-me e peguei um punhado de terra do Texas. Era seca, escura e pontilhada de pedaços minúsculos de pedra branca... Não, era outro material, não era pedra.

— São conchas — disse a náíade. — Conchas petrificadas. Há milhões de anos, antes até do tempo dos deuses, quando apenas Gaia e Urano reinavam, esta terra ficava debaixo d'água. Fazia parte do mar.

De repente vi o que ela queria dizer. Havia pequenos pedaços de antigos ouriços-do-mar e de conchas de moluscos em minha mão. Mesmo as pedras de calcário tinham impressões de conchas do mar gravadas nelas.

— O.k. — eu disse. — Para que isso me serve?

— Você não é muito diferente de mim, semideus. Mesmo quando estou fora d'água, a água está dentro de

mim. É a fonte de minha vida. — Ela recuou, pôs os pés no rio, e sorriu. — Espero que encontre uma forma de resgatar seus amigos.

E com isso se transformou em líquido e dissolveu-se no rio.

O sol tocava as colinas quando voltei para os estábulos. Alguém devia ter vindo alimentar os cavalos, pois eles estavam devorando carcaças de animais enormes. Não dava para ver que tipo de animal era, e, no fundo, eu não queria saber. Se era possível aqueles estábulos ficarem mais repugnantes, cinquenta cavalos dilacerando carne crua conseguiam isso.

Fruto do mar!, um deles pensou ao me ver. *Entre! Estamos com fome!*

O que eu deveria fazer? Não podia usar o rio. E o fato de que aquele lugar estivera debaixo d'água um milhão de anos antes não me ajudava muito naquele momento. Olhei para a pequenina concha calcificada na palma da mão, depois para a imensa montanha de estrume.

Frustrado, atirei a concha no meio do estrume. Estava prestes a virar as costas para os cavalos quando ouvi um ruído.

PFFFFFFFT! Como o som de um balão de gás que tivesse sido furado.

Olhei para onde eu havia atirado a conchinha. Um minúsculo esguicho de água subia da imundície.

— Impossível — murmurei.

Hesitante, dei um passo na direção da cerca.

— Cresça — eu disse ao esguicho d'água.

SPOOOOOOOSH!

A água jorrou um metro no ar e continuou a fluir. Era impossível, mas estava acontecendo. Alguns cavalos aproximaram-se para ver o que era. Um levou a boca à fonte e recuou.

Argh!, disse ele. *É salgada!*

Era água do mar, no meio de um rancho no Texas. Peguei mais um punhado de terra e catei os fósseis de conchas. Eu não sabia bem o que estava fazendo, mas corri ao longo do perímetro de todo o estábulo, atirando conchas nas pilhas de cocô. Em cada ponto onde uma concha caía, irrompia uma fonte de água salgada.

Pare!, gritavam os cavalos. *Carne é bom! Banho é ruim!*

Então percebi que a água não saía do estábulo ou corria morro abaixo como normalmente aconteceria. Ela simplesmente borbulhava em torno de cada fonte e penetrava no solo, levando a sujeira com ela. O estrume de cavalo se dissolvia na água salgada, deixando apenas terra comum molhada.

— Mais! — gritei.

A sensação era de algo repuxando o interior de meu abdome, e as fontes de água explodiram, como no maior lava a jato do mundo. A água salgada jorrou mais de cinco metros no ar. Os cavalos enlouqueceram, correndo de um lado para o outro à medida que os gêiseres os borriavam por todos os lados. Montanhas de cocô começaram a se dissolver como gelo.

O repuxo na barriga tornou-se mais intenso, até mesmo doloroso, mas havia algo de divertido em ver toda aquela água salgada. Eu fizera aquilo. Eu trouxera o oceano para aquela encosta de morro.

Pare, senhor!, gritou um cavalo. *Pare, por favor!*

Agora a água manava de toda parte. Os cavalos estavam encharcados, e alguns, em pânico, escorregavam na lama. O cocô já havia desaparecido por completo, toneladas dele simplesmente absorvidas pela terra, e agora a

água começava a formar poças, escorrendo do estábulo, criando uma centena de riachos que corriam na direção do rio.

— Pare! — eu disse à água.

Nada aconteceu. A dor em minha barriga aumentava. Se eu não interrompesse os gêiseres logo, a água salgada alcançaria o rio e envenenaria os peixes e as plantas.

— Pare! — Concentrei toda minha força para interromper a força do mar.

De repente os gêiseres cessaram. Desabei de joelhos, exausto. À minha frente havia um estábulo limpo e reluzente, um campo de lama salgada e cinquenta cavalos tão completamente lavados que o pelo deles brilhava. Até os restos de comida entre os dentes haviam sido limpos.

Não vamos comê-lo!, gemiam os cavalos. Por favor, senhor! Chega de banho salgado!

— Com uma condição — eu disse. — De hoje em diante vocês só comerão o que seus tratadores lhes derem. Pessoas, não. Caso contrário, voltarei com mais conchas do mar!

Os cavalos relincharam e fizeram um monte de promessas de que seriam bons carnívoros dali em diante, mas não fiquei para o bate-papo. O sol já estava baixando. Virei e corri a toda para a sede do rancho.

Senti o cheiro de churrasco antes de alcançar a casa, e isso me deixou ainda mais furioso, pois eu adorava churrasco.

O deque estava arrumado para uma festa. Faixas e balões decoravam a cerca. Geríon virava hambúrgueres em uma imensa churrasqueira feita com um velho tambor de óleo. Eurítion espreguiçava-se a uma mesa, cutucando as unhas com uma faca. O cão de duas cabeças farejava as costeletas e os hambúrgueres que grelhavam. E então vi meus amigos: Tyson, Grover, Annabeth e Nico, todos amontoados em um canto, como animais em um rodeio, com tornozelos e punhos amarrados, e amordaçados.

— Solte-os! — gritei, ainda sem fôlego por causa da corrida. — Eu limpei os estábulos!

Geríon virou-se. Usava um avental em cada tórax, com uma palavra em cada um deles, de modo que se podia ler nos três juntos: BEIJE – O – COZINHEIRO.

— Você limpou? Agora? Como conseguiu.

Apesar de bastante impaciente, contei a ele.

Ele assentiu, admirado.

— Muito engenhoso. Teria sido ainda melhor se você tivesse envenenado aquela náíade irritante, mas não tem importância.

— Solte meus amigos — eu disse. — Fizemos um acordo.

— Ah, estive pensando no assunto. O problema é que, se eu os libertar, não recebo o dinheiro.

— Você prometeu!

Geríon negou com um *tsc-tsc*.

— Mas você me fez jurar pelo Rio Estige? Não, não fez. Então não vale. Ao conduzir um negócio, filhinho, deve-se sempre exigir o juramento.

Puxei minha espada. Ortro rosnou. Uma cabeça aproximou-se da orelha de Grover e arreganhou os dentes.

— Eurítion — disse Geríon —, esse garoto está começando a me aborrecer. Mate-o.

Eurítion olhou para mim. Não me agradavam minhas chances contra ele e aquele imenso porrete.

— Mate-o você mesmo — replicou Eurítion.

Geríon ergueu as sobrancelhas.

— Como?

— Você me ouviu — grunhiu Euritíon. — Você fica me mandando fazer seu trabalho sujo. Provoca brigas sem motivo, e eu estou cansado de morrer por você. Quer lutar contra o garoto, lute você mesmo.

Era a frase menos típica de Ares que eu já ouvira um filho de Ares dizer.

Geríon largou sua espátula.

— Você ousa me desafiar? Eu devia demiti-lo agora mesmo!

— E quem cuidaria de seu gado? Ortro, junto.

O cão imediatamente parou de rosar para Grover e foi se sentar junto aos pés do vaqueiro.

— Está bem! — grunhiu Geríon. — Cuidarei de você depois, quando o garoto estiver morto!

Ele pegou duas facas de trinchar e as atirou em mim. Desviei uma com minha espada. A outra fincou-se na mesa, a um centímetro da mão de Euritíon.

Parti para o ataque. Geríon aparou meu primeiro golpe com um pegador de metal incandescente e investiu contra meu rosto com um garfo de churrasco. Adiantei-me à sua arremetida seguinte e atravessei seu tórax do meio.

— Aiiii! — Ele caiu de joelhos. Esperei que ele se desintegrasse, como costuma acontecer com os monstros. Mas ele apenas fez uma careta e começou a se levantar. O ferimento em seu avental de *chef* começou a cicatrizar.

— Bela tentativa, filhinho — disse ele. — O negócio é que tenho três corações. O sistema perfeito de *backup*.

Ele tropeçou na churrasqueira e espalhou carvão para todo lado. Um caiu perto do rosto de Annabeth, que deixou escapar um grito abafado. Tyson lutava para se soltar das cordas, mas nem mesmo sua força era suficiente para rompê-las. Eu precisava pôr fim àquela luta antes que meus amigos se machucassem.

Espetei Geríon no tórax esquerdo, mas ele apenas riu. Acertei o estômago direito. Nada. Pela reação dele, daria na mesma que espetar a espada em um ursinho de pelúcia.

Três corações. O sistema perfeito de *backup*. Furar um de cada vez não adiantava...

Corri para dentro da casa.

— Covarde! — ele gritou. — Volte e morra com honra!

As paredes da sala de estar eram decoradas com um punhado de troféus de caça horríveis — cabeças de alce e de dragão empalhadas, uma caixa de arma, um mostruário de espadas e um arco com uma aljava.

Geríon atirou seu garfo de churrasco, que atingiu a parede com um ruído surdo, bem perto de minha cabeça. Ele puxou duas espadas do mostruário na parede.

— Sua cabeça vai para ali, Jackson! Ao lado da do urso-cinzento!

Tive uma ideia louca. Larguei Contracorrente e agarrei o arco, arrancando-o da parede.

Eu era o pior atirador de arco e flecha do mundo. Não conseguia acertar os alvos no acampamento, muito menos a mosca. Mas não tinha escolha. Não conseguiria vencer aquela luta com uma espada. Rezei para Ártemis e Apolo, os arqueiros gêmeos, esperando que pelo menos uma vez eles tivessem pena de mim. *Por favor, caras. Só um tiro. Por favor.*

Preparei uma flecha.

Geríon riu.

— Seu tolo! Uma flecha não é melhor que uma espada.

Ele ergueu a espada e atacou. Mergulhei de lado, e antes que ele pudesse se virar, disparei a flecha na lateral de seu tórax direito. Ouvi TUMP, TUMP, TUMP, à medida que a flecha atravessava cada um de seus tórax. Saiu do lado esquerdo, cravando na testa do urso-cinzento.

Gerión largou as espadas. Voltou-se e me fitou.

— Você não sabe atirar. Disseram-me que não consegue...

Seu rosto adquiriu um tom doentio de verde. Ele caiu de joelhos e começou a se desfazer em areia, até que tudo o que restava dele eram apenas três aventais de cozinha e um enorme par de botas de caubói.

Desamarrei meus amigos. Euritión não tentou me impedir. Então aticei o fogo na churrasqueira e atirei a comida nas chamas, como uma oferenda para Ártemis e Apolo.

— Obrigado, caras — eu disse. — Devo essa a vocês.

O céu trovejou ao longe, então deduzi que os hambúrgueres deviam estar bons.

— Um viva para Percy! — disse Tyson.

— Podemos prender esse vaqueiro agora? — perguntou Nico.

— É! — concordou Grover. — E aquele cachorro quase me matou!

Olhei para Euritión, que ainda estava sentado, relaxado, à mesa. Ortro tinha as duas cabeças no colo do vaqueiro.

— Quanto tempo vai levar para Gerión se refazer? — perguntei-lhe.

Euritión deu de ombros.

— Cem anos? Ele não é daqueles que se refazem rapidamente, graças aos deuses. Você me fez um favor.

— Você disse que já tinha morrido por ele antes — lembrei. — Como?

— Trabalho para aquela aberração há mil anos. Comecei como um meio-sangue comum, mas escolhi a imortalidade quando meu pai a ofereceu para mim. O pior erro que já cometi. Agora estou preso aqui neste rancho. Não posso ir embora. Não posso pedir demissão. Eu só cuido das vacas e luto no lugar de Gerión. De certa forma, estamos presos um ao outro.

Talvez você possa mudar isso — eu disse.

Euritión estreitou os olhos.

— Como?

— Seja bom com os animais. Cuide bem deles. E pare de vendê-los como alimento. Pare de negociar com os titãs.

Euritión pensou em minhas palavras.

— Isso seria bom.

— Traga os animais para o seu lado, e eles vão ajudá-lo. Quando Gerión voltar, quem sabe não é ele quem vai trabalhar para você?

Euritión sorriu.

— Bem, com *isso* eu posso conviver.

— Você não vai tentar nos impedir de ir embora?

— Claro que não.

Annabeth esfregou os pulsos machucados. Ela ainda olhava desconfiada para Euritión.

— Seu patrão disse que alguém pagou para que passássemos em segurança. Quem foi?

O vaqueiro deu de ombros.

— Talvez ele só tenha dito aquilo para enganar vocês.

— E quanto aos titãs? — perguntei. — Você já enviou para eles a mensagem de Íris a respeito de Nico?

— Não. Geríon ia fazer isso depois do churrasco. Eles nada sabem dele.

Nico fuzilava-me com os olhos. Eu não sabia o que fazer em relação a ele. Duvidava que ele concordasse em ir conosco. Por outro lado, não podia simplesmente deixá-lo perambular por aí sozinho.

— Você poderia ficar aqui até concluirmos nossa missão — eu lhe disse. — Seria seguro.

— Seguro? — replicou Nico. — Que importância tem para você a minha segurança? Você foi o responsável pela morte de minha irmã!

— Nico — disse Annabeth —, aquilo não foi culpa do Percy. E Geríon não estava mentindo sobre Cronos querer capturar você. Se ele soubesse quem você é, faria de tudo para levá-lo para o lado dele.

— Eu não estou do lado de ninguém. E não tenho medo!

— Deveria ter — disse Annabeth. — Sua irmã não iria querer...

— Se você se importasse mesmo com minha irmã me ajudaria a trazê-la de volta!

— Uma alma por uma alma? — perguntei.

— Sim!

— Mas se você não queria minha alma...

— Não vou explicar nada a você! — Ele piscou, tentando reprimir as lágrimas. — E eu *vou* trazê-la de volta.

— Bianca não iria querer voltar — eu disse. — Não assim!

— Você não a conhecia! — gritou ele. — Como sabe do que ela gostaria?

Olhei para as chamas na churrasqueira. Pensei no verso da profecia de Annabeth: *Tu ascenderás ou cairás pela mão do rei fantasma*. Este só podia ser Minos, e eu *precisava* convencer Nico a não dar ouvidos a ele.

— Vamos perguntar a Bianca.

O céu pareceu escurecer de repente.

— Eu tentei — respondeu Nico, infeliz. — Ela não responde.

— Tente de novo. Tenho a sensação de que ela vai responder, comigo aqui.

— Por que ela faria isso?

— Porque ela tem me enviado mensagens de Íris — eu disse, de repente sendo tomado por essa certeza. — Ela vem tentando me avisar o que você está tramando, para que eu possa protegê-lo.

— Isso é impossível. — Nico sacudiu a cabeça.

— Só tem uma forma de descobrir. Você disse que não tem medo. — Voltei-me para Euritíon. — Vamos precisar de um buraco, parecido com um túmulo. E comida e bebida.

— Percy — disse Annabeth, em tom de advertência —, não creio que isso seja uma boa...

— Está certo — disse Nico. — Vou tentar.

Euritíon coçou a barba.

— Tem um buraco aberto lá atrás, para a fossa séptica. Poderíamos usá-lo. Garoto-ciclope, pegue o isopor com gelo na cozinha. Espero que os mortos gostem de cerveja preta.

Fizemos nossa evocação depois que a noite caiu, em um buraco de cerca de sete metros de comprimento diante da fossa séptica. A fossa era de um amarelo vivo, com uma carinha do Smiley e palavras pintadas em tinta vermelha na lateral: COMPANHIA DESCARGA FELIZ. Não combinava muito com o tema evocação de mortos.

A lua estava cheia. Nuvens prateadas deslizavam pelo céu.

— Minos deveria estar aqui agora — disse Nico, franzindo o cenho. — Já é noite fechada.

— Talvez ele tenha se perdido — falei, esperançoso.

Nico despejou cerveja preta e atirou churrasco na cova, então começou a cantar em grego antigo. Imediatamente os insetos no bosque pararam de zumbir. Em meu bolso, o apito de gelo estígio começou a ficar mais frio, congelando a lateral de minha perna.

— Faça ele parar — sussurrou Tyson para mim.

Parte de mim também queria fazê-lo parar. Isso era anormal. O ar noturno estava frio e ameaçador. Mas antes que eu pronunciasse qualquer palavra os primeiros espíritos surgiram. Uma névoa sulfurosa subia do solo. As sombras se tornaram mais densas, assumindo formas humanas. Uma sombra azul deslizou até a borda do buraco e se ajoelhou para beber.

— Detenham-no! — disse Nico, interrompendo por um momento seu canto. — Apenas Bianca pode beber!

Saquei Contracorrente. Os fantasmas recuaram com uma vaia coletiva diante da visão da lâmina de bronze celestial. Mas era tarde demais para deter o primeiro espírito, que já havia se materializado na forma de um homem barbudo de túnica branca. Um aro de ouro coroava a cabeça dele, e mesmo na morte seus olhos eram vivos de maldade.

— Minos! — disse Nico. — O que está fazendo?

— Minhas desculpas, amo — disse o fantasma, embora não parecesse arrependido. — O sacrifício tinha um cheiro tão bom que não pude resistir. — Ele examinou as próprias mãos e sorriu. — É bom me ver outra vez em forma quase sólida...

— Você está atrapalhando o ritual! — protestou Nico. — Saia...

Os espíritos dos mortos começaram a tremeluzir, ficando perigosamente claros, e Nico precisou retomar o canto para mantê-los afastados.

— Sim, certo, amo — disse Minos, divertindo-se. — Continue cantando. Eu só vim para protegê-lo desses *mentirosos* que querem enganá-lo.

Ele se voltou para mim como se eu fosse uma espécie de barata.

— Percy Jackson... ora, ora. Os filhos de Poseidon não se aperfeiçoaram muito com o passar dos séculos, não é mesmo?

Eu queria socá-lo, mas deduzi que meu punho atravessaria seu rosto.

— Estamos procurando Bianca di Angelo — eu disse. — Dê o fora.

O fantasma deu uma risadinha.

— Sei que certa vez você matou meu Minotauro com as próprias mãos. Mas surpresas piores o aguardam no Labirinto. Acredita mesmo que Dédalo vai ajudá-los?

Os outros espíritos se agitaram. Annabeth sacou a faca e me ajudou a mantê-los longe do buraco. Grover ficou tão nervoso que se agarrou ao ombro de Tyson.

— Dédalo não se importa nem um pouco com vocês, meios-sangues — advertiu Minos. — Não podem confiar nele. Ele está velho além da conta, e é ardiloso. A culpa pelo assassinato o tornou amargo e ele é amaldiçoado pelos deuses.

— Culpa pelo assassinato? — perguntei. — Quem ele matou?

— Não mude de assunto! — grunhiu o fantasma. — Vocês estão atrasando Nico. Estão tentando persuadi-lo a desistir do objetivo dele. *Eu* faria dele um senhor!

— Já chega, Minos — ordenou Nico.

O fantasma fez uma expressão de desprezo.

— Amo, esses são seus inimigos. Não deve lhes dar ouvidos! Deixe-me protegê-lo. Vou enlouquecê-los, como fiz com os outros.

— Os outros? — arquejou Annabeth. — Está se referindo a Chris Rodriguez? Então foi *você*?

— O Labirinto é minha propriedade — disse o fantasma —, não de Dédalo! Os intrusos merecem a loucura.

— Vá embora, Minos! — exigiu Nico. — Quero ver minha irmã!

— Como quiser, amo. — O fantasma engoliu sua fúria. — Mas estou avisando. Não pode confiar nesses heróis.

Com isso, ele desapareceu na névoa.

Outros espíritos se aproximaram, mas Annabeth e eu os detivemos.

— Bianca, apareça! — entoou Nico. Ele começou a cantar mais rápido, e os espíritos mexeram-se, inquietos.

— A qualquer momento — murmurou Grover.

Então uma luz prateada bruxuleou nas árvores — um espírito que parecia mais brilhante e mais forte que os outros. Ele se aproximou, e algo me disse que o deixasse passar. Ajoelhou-se para beber no buraco. Quando se ergueu, era a forma espectral de Bianca di Angelo.

A voz de Nico cantando falhou. Baixei minha espada. Os outros espíritos começaram a avançar, mas Bianca ergueu os braços e eles recuaram para o bosque.

— Olá, Percy — disse ela.

Parecia a mesma que fora em vida: um boné verde de lado sobre o espesso cabelo preto, olhos escuros e pele morena como a do irmão. Usava jeans e uma jaqueta prateada, a roupa de uma Caçadora de Ártemis. Trazia um arco a tiracolo. Sorriu ligeiramente, e toda a sua forma estremeceu.

— Bianca — falei. Minha voz estava tensa. Eu me sentira culpado por sua morte durante muito tempo, mas vê-la diante de mim era cinco vezes pior, como se a perda fosse recente. Lembrei-me de tê-la procurado nos destroços do guerreiro de bronze gigante a cuja derrota ela sacrificara a vida e de não encontrar sinal algum dela.

— Desculpe-me — eu disse.

— Você não tem nada do que se desculpar, Percy. Fiz minha própria escolha. E não me arrependo.

— Bianca! — Nico cambaleou para a frente, como se tivesse acabado de sair de um transe.

Ela se voltou na direção do irmão. Sua expressão era de tristeza, como se temesse aquele momento.

— Olá, Nico. Você cresceu tanto...

— Por que você não me respondeu antes? — ele gritou. — Estou tentando há meses!

— Eu esperava que você desistisse.

— Desistir? — Ele parecia desapontado. — Como pode dizer isso? Estou tentando salvar você!

— Não pode, Nico. Não faça isso. Percy está certo.

— *Não!* Ele deixou você morrer. Não é seu amigo.

Bianca estendeu a mão, como se quisesse tocar o rosto do irmão, mas ela era feita de névoa e evaporou ao se aproximar da pele viva.

— Você precisa me ouvir — ela disse. — Guardar rancor é perigoso para um filho de Hades. É nosso defeito fatal. Você precisa perdoar. Tem de me prometer isso.

— Não posso. Nunca.

— Percy se preocupa com você, Nico. Ele pode ajudar. Mostrei a ele o que você estava planejando, na esperança de que ele o encontrasse.

— Então *era* você — eu disse. — Você enviou aquelas mensagens de Íris.

Bianca assentiu.

— Por que está ajudando a ele, e não a mim? — gritou Nico. — Não é justo!

— Você está perto da verdade agora — disse-lhe Bianca. — Não é de Percy que você sente raiva, Nico. É de mim.

— Não.

— Você sente raiva de mim porque o abandonei para me tornar uma Caçadora de Ártemis. Está com raiva porque morri e o deixei sozinho. Sinto muito por isso, Nico. Sinto mesmo. Mas você precisa superar a raiva. E pare de culpar Percy por minhas escolhas. Isso vai ser sua perdição.

— Ela tem razão — interveio Annabeth. — Cronos está se erguendo, Nico. E vai levar quem puder para a causa dele.

— Não me importo com Cronos — afirmou Nico. — Só quero minha irmã de volta.

— Isso você não pode ter, Nico — disse-lhe Bianca com carinho.

— Eu sou filho de Hades! Eu *posso*.

— Não tente — pediu ela. — Se você me ama, não...

Sua voz tornou-se fraca. Os espíritos haviam começado a se juntar à nossa volta outra vez e pareciam agitados. Suas sombras se moviam. As vozes sussurravam: *Perigo!*

— O Tártaro está se revolvendo — disse Bianca. — Seu poder chama a atenção de Cronos, Nico. Os mortos devem voltar para o Mundo Inferior. Não é seguro para nós ficarmos aqui.

— Espere — insistiu Nico. — Por favor...

— Adeus, Nico — disse Bianca. — Eu amo você. Lembre-se do que eu disse.

A forma dela tremeluziu e os fantasmas desapareceram, deixando-nos sozinhos com um buraco, uma fossa séptica *Descarga Feliz* e uma fria lua cheia.

Nenhum de nós estava ansioso por viajar naquela noite, então decidimos esperar até a manhã. Grover e eu desabamos nos sofás de couro na sala de estar de Gerión, bem mais confortáveis que um saco de dormir no chão do Labirinto. Mas isso em nada aliviou meus pesadelos.

Sonhei que estava com Luke, andando pelo palácio escuro no topo do Monte Tam. Agora era um edifício de verdade — não uma ilusão semiacabada como eu vira no inverno anterior. Chamas verdes queimavam em braseiros ao longo das paredes. O piso era de mármore preto polido. Um vento frio soprava pelo corredor, e acima de nós, além do teto aberto, o céu redemoinhava com nuvens cinzentas de tempestade.

Luke estava vestido para a batalha. Usava calça camuflada, camiseta branca e um peitoral de bronze. Mas sua espada, Mordecostas, não estava em seu flanco — apenas a bainha vazia. Chegamos a um pátio amplo onde dezenas de guerreiros e *dracaenae* se preparavam para a guerra. Quando o viram, os semideuses se perfilaram e fizeram as espadas soar nos escudos.

— Essstá na hora, meu senhor? — perguntou uma *dracaena*.

— Logo — prometeu Luke. — Continuem o trabalho.

— Meu senhor — disse uma voz atrás dele. Kelli, a *empousa*, sorria para ele. Usava um vestido azul e estava perversamente linda. Seus olhos brilhavam, ora castanho-escuros, ora de um vermelho vivo. O cabelo descia pelas costas em uma trança e parecia captar a luz das tochas, como se ansiasse voltar a ser chamas.

Meu coração martelava no peito. Esperei que Kelli me visse, que me afugentasse do sonho como antes, mas dessa vez ela não pareceu me notar.

— Você tem uma visita — ela disse a Luke. Deu um passo para o lado, e até Luke pareceu atônito com o que viu.

O monstro Campe erguia-se acima dele. Suas cobras sibilavam em torno das pernas. Cabeças de animais grunhiam na cintura. Ela empunhava as duas espadas, que cintilavam com o veneno, e tomava todo o corredor com as asas de morcego estendidas.

— Você. — A voz de Luke soava um pouco trêmula. — Eu lhe disse que ficasse em Alcatraz.

As pálpebras de Campe piscaram de lado, como as de um réptil. Ela falou na estranha língua ribombante, mas dessa vez, em algum lugar no fundo da mente, eu compreendi: *Eu venho lhe servir. Dê-me a chance de me vingar.*

— Você é uma carcereira — disse Luke. — Sua função...

Eu vou matá-los. Ninguém escapa de mim.

Luke hesitou. Um fio de suor correu pela lateral de seu rosto.

— Muito bem — disse ele. — Você irá conosco. Pode carregar o fio de Ariadne. Essa é uma posição de grande honra.

Campe sibilou para as estrelas. Embainhou as suas espadas, virou-se e seguiu pesadamente pelo corredor com suas enormes pernas de dragão.

— Devíamos ter deixado essa no Tártaro — resmungou Luke. — É caótica demais. Poderosa demais. Kelli riu suavemente.

— Você não deveria temer o poder, Luke. Use-o!

— Quanto mais cedo partirmos, melhor — afirmou Luke. — Quero acabar logo com isso.

— Ahh! — compadeceu-se Kelli, correndo um dedo pelo braço dele. — Acha desagradável destruir seu velho acampamento?

— Eu não disse isso.

— Você não está com dúvidas em relação à sua, hã, participação especial, está?

O rosto de Luke tornou-se duro.

— Conheço meu dever.

— Isso é bom — disse o demônio. — Acha que nossa força de ataque é suficiente? Ou será que preciso pedir a ajuda de Mãe Hécate?

— Temos mais que o suficiente — disse Luke, sombrio. — O acordo está quase completo. Tudo o que preciso fazer agora é negociar a passagem segura pela arena.

— Humm — disse Kelli. — Isso vai ser interessante. Eu odiaria ver sua bela cabeça empalada, caso você fracasse.

— Eu não vou fracassar. E você, demônio, não tem mais do que cuidar?

— Ah, sim. — Kelli sorriu. — Estou levando desespero a nossos inimigos bisbilhoteiros. É o que estou fazendo neste exato momento.

Ela voltou os olhos diretamente para mim, expôs as garras e interrompeu meu sonho.

De repente me vi em outro lugar.

Estava no topo de uma torre de pedra, acima de penhascos rochosos e do oceano lá embaixo. O velho Dédalo encontrava-se curvado sobre uma mesa de trabalho, lutando com algum tipo de instrumento de navegação, como um imenso compasso. Desde a última vez que eu o vira, parecia anos mais velho. Estava corcunda e tinha as mãos calejadas. Xingava em grego antigo e estreitava os olhos como se não conseguisse ver o trabalho, embora fosse um dia de sol.

— Tio! — chamou uma voz.

Um garoto sorridente de idade próxima à de Nico subiu os degraus saltitando, carregando uma caixa de madeira.

— Olá, Perdiz — disse o senhor, embora sua voz soasse fria. — Já terminou com seus projetos?

— Já, tio. Eram fáceis!

Dédalo olhou mal-humorado para ele.

— Fáceis? O problema de deslocar água morro acima sem uma bomba era fácil?

— Ah, sim! Olhe!

O garoto entornou o conteúdo da caixa e o revirou. Pegou uma tira de papiro e mostrou ao inventor idoso alguns diagramas e anotações. Não faziam nenhum sentido para mim, mas Dédalo assentiu, de má vontade.

— Entendi. Nada mau.

— O rei adorou! — contou Perdiz. — Disse que talvez eu seja mais inteligente que o senhor!

— Foi?

— Mas não acredito nisso. Estou tão feliz por mamãe ter me mandado para estudar com o senhor! Quero saber tudo o que o senhor sabe.

— Sim — murmurou Dédalo. — Para que você possa ficar em meu lugar quando eu morrer, não é?

Os olhos do garoto se arregalaram.

— Ah, não, tio! Mas eu estive pensando... por que o homem precisa morrer, afinal?

O inventor franziu o cenho.

— É assim que é, rapaz. Tudo morre, com exceção dos deuses.

— Mas *por quê?* — insistiu o garoto. — Se pudéssemos capturar a *animus*, a alma em outra forma... Bem, o senhor me falou sobre seus autômatos, tio. Touros, águias, dragões, cavalos de bronze. Por que não a versão em bronze do homem?

— Não, meu garoto — replicou Dédalo asperamente. — Você é ingênuo. Tal feito é impossível.

— Eu não acho — insistiu Perdiz. — Com o uso de um pouco de magia...

— Magia? Ora!

— Sim, tio! Magia e mecânica, juntas... Com um pouco de trabalho seria possível criar um corpo que pareceria humano, só que melhor. Fiz algumas anotações.

Ele estendeu para o idoso um grosso pergaminho. Dédalo o desenrolou e leu por um longo tempo. Seus olhos se estreitaram. Olhou de soslaio para o garoto, então fechou o pergaminho e pigarreou.

— Nunca funcionaria, meu garoto. Quando você for mais velho, verá.

— Posso consertar aquele astrolábio, então, tio? Suas juntas voltaram a inchar?

O velho apertou os maxilares.

— Não. Obrigado. Agora, por que você não vai embora?

Perdiz não pareceu notar a raiva do velho. Ele pegou um besouro de bronze de seu monte de sucata e correu até a beira da torre. Um peitoril baixo, à altura apenas do joelho do menino, a circundava. O vento soprava forte.

Volte, eu queria lhe dizer. Mas minha voz não saía.

Perdiz deu corda no besouro e o atirou para o céu. O inseto abriu as asas e saiu voando, zumbindo. Perdiz riu, encantado.

— Mais inteligente do que eu — resmungou Dédalo, baixo demais para que o garoto ouvisse.

— É verdade que seu filho morreu voando, tio? Ouvi dizer que o senhor fez asas enormes para ele, mas que elas falharam.

As mãos de Dédalo se cerraram.

— Ficar em meu lugar — murmurou ele.

O vento em torno do garoto o fustigava, sacudindo as roupas, agitando o cabelo dele.

— Eu gostaria de voar — disse Perdiz. — Faria minhas próprias asas, que não falhariam. O senhor acha que eu seria capaz?

Talvez fosse um sonho dentro de meu sonho, mas de repente imaginei Jano, o deus de duas cabeças, dançando no ar perto de Dédalo, sorrindo enquanto passava uma chave de prata de uma das mãos para a outra. *Escolha*, ele sussurrou para o velho inventor. *Escolha*.

Dédalo pegou outro dos insetos de metal do garoto. Os olhos do inventor estavam vermelhos de raiva.

— Perdiz — ele chamou. — Pegue.

Atirou o besouro de bronze na direção do garoto. Encantado, Perdiz tentou pegá-lo, mas o lançamento havia sido muito longo. O besouro deslizou para o céu aberto, e Perdiz esticou-se um pouquinho demais. O vento o apanhou.

Ao cair, ele conseguiu agarrar a borda da torre com os dedos.

— Tio! — ele gritou. — Ajude-me!

O rosto do homem era uma máscara. Ele não se moveu.

Vá em frente, Perdiz — disse Dédalo baixinho. — Faça suas próprias asas. E seja rápido.

Tio! — gritou o garoto quando suas mãos se soltaram e ele despencou em direção ao mar.

Houve um momento de silêncio mortal. O deus Jano tremeluziu e desapareceu. Então um trovão sacudiu o céu. A voz severa de uma mulher falou, vinda do alto: *Você vai pagar por isso, Dédalo*.

Eu já ouvira aquela voz antes. Era a mãe de Annabeth: Atena.

Dédalo fechou a cara para os céus.

— Eu sempre a honrei, Mãe. Sacrifiquei tudo para seguir seu caminho.

Mas o garoto também tinha minha bênção. E você o matou. Por isso terá de pagar.

— Eu já paguei, e muito! — grunhiu Dédalo. — Perdi tudo. Sofrerei no Mundo Inferior, não tenho dúvidas. Mas enquanto isso...

Ele pegou o pergaminho do garoto, estudou-o por um momento e o enfiou sob a manga.

Você não compreende, disse Atena com frieza. *Você pagará agora e para sempre.*

De repente, Dédalo desabou em agonia. Eu senti o que ele sentia. Uma dor excruciante fechou-se em torno de meu pescoço, como uma coleira de metal quente se fundindo — interrompendo minha respiração, fazendo tudo escurecer.

Acordei no escuro, as mãos agarrando com força o pescoço.

— Percy? — chamou Grover do outro sofá. — Está tudo bem?

Esperei até minha respiração normalizar. Não sabia como responder. Acabara de ver o sujeito que estávamos procurando, Dédalo, assassinar o próprio sobrinho. Como eu poderia estar bem? A televisão estava ligada. Uma luz azul bruxuleava pela sala.

— Que... que horas são? — perguntei, a voz aguda.

— Duas da manhã — disse Grover. — Não consegui dormir. Estava assistindo ao Nature Channel. — Ele fungou. — Estou com saudade de Juníper.

Esfreguei os olhos, espantando o sono.

— É, bem... você logo a verá.

Grover sacudiu a cabeça com tristeza.

—Você sabe que dia é hoje, Percy? Acabei de ver na tevê. Treze de junho. Já saímos do acampamento há sete dias.

— O quê? — perguntei. — Não pode ser.

— O tempo passa mais devagar no Labirinto — lembrou-me Grover. — A primeira vez que você e Annabeth desceram lá, vocês pensaram que tivessem sumido por apenas alguns minutos, não foi? Mas foi por uma hora.

— Ah! — eu disse. — Verdade. — Então compreendi o que ele estava dizendo, e minha garganta voltou a queimar. — Seu prazo com o Conselho dos Anciãos de Casco Fendido.

Grover pôs o controle remoto na boca e mastigou a extremidade dele.

— Meu tempo se esgotou — disse com a boca cheia de plástico. — Assim que eu voltar, eles vão cancelar minha licença de buscador. Nunca permitirão que eu saia de novo.

— Vamos falar com eles — prometi. — Fazer com que deem mais tempo para você.

— Eles nunca aceitarão. O mundo está morrendo, Percy. A cada dia piora. O mundo selvagem... posso senti-lo desaparecendo. Eu *preciso* encontrar Pã — Grover disse, e engoliu em seco.

— Você encontrará, cara. Eu sei que sim.

Grover me olhou com olhos tristes de bode.

— Você sempre foi um bom amigo, Percy. O que fez hoje, salvar os animais do rancho de Gerión, foi impressionante. Eu... eu queria ser igual a você.

— Ei — eu disse. — Não diga isso. Você é tão heró...

— Não sou, não. Vivo tentando, mas... — Ele suspirou. — Percy, não posso voltar para o acampamento sem encontrar Pã. Simplesmente não posso. Você compreende isso, não compreende? Não poderei encarar Juníper se falhar. Não poderei encarar nem a mim mesmo.

Sua voz soava tão infeliz que doía ouvi-la. Já havíamos passado por muitas juntos, mas eu nunca o ouvira tão abatido.

— Vamos encontrar uma solução — eu disse. — Você não fracassou. Você é o menino-bode campeão, certo? Juníper sabe disso. E eu também.

Grover fechou os olhos e murmurou, desalentado:

— Menino-bode campeão...

Muito tempo depois de ele adormecer eu ainda estava acordado, olhando a luz azul do Nature Channel desbotar os troféus de cabeças empalhadas nas paredes de Gerión.

Na manhã seguinte andamos até o mata-burro e nos despedimos.

— Nico, você poderia vir conosco — falei sem raciocinar. Acho que estava pensando em meu sonho e em como o menino Perdiz me lembrava Nico.

Ele sacudiu a cabeça. Não creio que algum de nós tivesse dormido bem na casa do demônio, mas Nico parecia o pior de todos. Seus olhos estavam vermelhos, e o rosto, sem cor. Estava envolto em um manto negro que devia ter pertencido a Gerión, pois era três vezes maior que o tamanho normal para um homem adulto.

— Preciso de tempo para pensar. — Ele não me olhava nos olhos, mas eu podia perceber por seu tom de voz que ainda estava com raiva. O fato de a irmã ter saído do Mundo Inferior por mim, não por ele, parecia não tê-lo deixado satisfeito.

— Nico — disse Annabeth —, Bianca só quer que você fique bem.

Ela pôs a mão no ombro dele, mas ele se afastou e subiu a estrada na direção da casa do rancho. Talvez fosse minha imaginação, mas a névoa matinal parecia grudar em Nico enquanto ele andava.

— Estou preocupada com ele — disse-me Annabeth. — Se voltar a falar com o fantasma de Minos...

— Ele vai ficar bem — prometeu Euritíon. O vaqueiro tinha uma aparência mais asseada. Vestia um jeans novo e uma camisa de caubói limpa, e tinha até mesmo aparado a barba. Calçava as botas de Gerión. — O garoto pode ficar aqui e pôr os pensamentos em ordem pelo tempo que quiser. Ele vai ficar em segurança, eu prometo.

— E quanto a você? — perguntei.

Euritíon coçou embaixo de um queixo de Ortro, em seguida do outro.

— As regras serão um pouco diferentes neste rancho daqui para a frente. Nada mais de carne de gado sagrado. Estou pensando em hambúrguer de carne de soja. E vou ser amigo daqueles cavalos carnívoros. Talvez até mesmo me inscreva para o próximo rodeio.

A ideia me fez estremecer.

— Bem, boa sorte.

— Sim. — Euritíon cuspiu na grama. — Imagino que vocês agora vão procurar a oficina de Dédalo.

Os olhos de Annabeth se iluminaram.

— Você pode nos ajudar?

Euritíon examinou o mata-burro, e fiquei com a impressão de que falar sobre a oficina de Dédalo o deixava pouco à vontade.

— Não sei onde fica. Mas Hefesto provavelmente saberia.

— Foi o que Hera disse — concordou Annabeth. — Mas como encontramos *Hefesto*?

Eurítion puxou algo de baixo da gola de sua camisa. Era um colar, um disco liso de prata em uma corrente também de prata. O disco tinha uma depressão no meio, como a impressão digital de um polegar. Ele o entregou a Annabeth.

— Hefesto vem aqui de vez em quando — disse Eurítion. — Estuda os animais para fazer cópias autômatas de bronze. Da última vez, eu... hã... fiz um favor a ele. Um pequeno truque que ele queria preparar para meu pai, Ares, e para Afrodite. Ele me deu essa corrente em agradecimento. Disse que se eu um dia precisasse encontrá-lo, o disco me levaria até suas forjas. Mas só uma vez.

— E você o está dando a mim? — perguntou Annabeth.

Eurítion enrubesceu.

— Eu não preciso ver as forjas, senhorita. Já tenho o bastante para fazer por aqui. Basta pressionar o botão e estarão a caminho.

Annabeth apertou o botão e o disco ganhou vida. Nele surgiram oito pernas metálicas. Annabeth gritou e o deixou cair, para confusão de Eurítion.

— Uma aranha! — ela gritou.

— Ela tem, hã, um pouco de medo de aranhas — explicou Grover. — Aquele velho ressentimento entre Atena e Aracne.

— Ah! — Eurítion parecia constrangido. — Desculpe-me, senhorita.

A aranha dirigiu-se ao mata-burro e desapareceu entre as barras.

— Depressa — eu disse. — Aquela coisa não vai esperar por nós.

Annabeth não estava ansiosa para segui-la, mas não tínhamos escolha. Dissemos adeus a Eurítion, Tyson tirou o mata-burro do buraco e pulamos de volta para o Labirinto.

Desejei ter colocado a aranha mecânica em uma coleira. Ela seguia pelos túneis tão rápido que na maior parte do tempo eu nem conseguia vê-la. Não fosse pela excelente audição de Tyson e de Grover, nunca saberíamos em que direção estava indo.

Percorremos um túnel de mármore, então disparamos para a esquerda e quase caímos em um abismo. Tyson me agarrou e me puxou de volta antes que eu despencasse. O túnel continuava à nossa frente, mas não havia piso por cerca de trinta metros, apenas a escuridão vazia e uma série de traves de ferro no teto. A aranha mecânica estava no meio do caminho, lançando uma fibra de teia metálica e balançando-se de barra em barra.

— Barras — disse Annabeth. — Sou ótima nelas.

Ela pulou, agarrou a primeira trave e começou a atravessar. Tinha medo de aranhas minúsculas, mas não de mergulhar de uma série de barras para a morte. Vá entender.

Annabeth chegou ao lado oposto e correu atrás da aranha. Eu a segui. Quando alcancei o outro lado, olhei para trás e vi Tyson dando uma carona a Grover. O grandão atravessou em três balançadas — o que foi ótimo, pois no momento exato em que ele aterrissava a última barra de ferro soltou-se com seu peso.

Continuamos seguindo em frente e passamos por um esqueleto encolhido no túnel. Ele usava os restos de uma camisa social, calça e gravata. A aranha não reduziu o ritmo. Escorreguei em uma pilha de destroços de madeira, mas quando virei o facho da lanterna na direção dela percebi que eram lápis — centenas deles, todos quebrados ao meio.

O túnel abriu-se em uma ampla sala. Uma luz intensa nos atingiu. Assim que meus olhos se ajustaram, de primeira notei os esqueletos. Dezenas deles cobriam o chão à nossa volta. Alguns eram velhos e descoloridos.

Outros eram mais recentes e bem mais asquerosos. Não cheiravam tão mal quanto os estábulos de Gerión, mas quase.

Então eu vi o monstro. Ele se erguia em um tablado resplandecente do outro lado da sala. Tinha o corpo de um imenso leão e a cabeça de uma mulher. Seria bonita, mas o cabelo estava preso atrás, em um coque apertado, e ela usava tanta maquiagem que me fez lembrar da professora de canto da terceira série. Usava um distintivo de fita azul preso ao peito, e levei um tempo para ler: ESTE MONSTRO FOI AVALIADO COMO EXEMPLAR.

— A Esfinge — Tyson choramingou.

Eu sabia exatamente por que ele estava com medo. Quando era pequeno, Tyson foi atacado por uma esfinge em Nova York. Ainda tinha as cicatrizes nas costas para provar.

Holofotes brilhavam de ambos os lados da criatura. A única saída era o túnel logo atrás do tablado. A aranha mecânica passou por entre as patas da Esfinge e desapareceu.

Annabeth começou a avançar, mas a Esfinge rugiu, mostrando as presas no rosto que, pelos demais aspectos, parecia humano. Grades desceram nas entradas de ambos os túneis, atrás de nós e na frente.

Imediatamente o rugido do monstro tornou-se um sorriso brilhante.

— Bem-vindos, felizes competidores! — anunciou ela. — Preparem-se para jogar... RESPONDAM AO ENIGMA!

Aplausos gravados irromperam, vindos do teto, como se houvesse alto-falantes invisíveis. Os holofotes varreram a sala e refletiram no tablado, lançando luzes de discoteca sobre os esqueletos no chão.

— Prêmios fabulosos! — disse a Esfinge. — Passem no teste e poderão continuar! Fracassem, e eu como vocês. Quem será nosso competidor?

Annabeth agarrou meu braço.

— Deixem comigo — ela sussurrou. — Eu sei o que ela vai perguntar.

Não insisti muito. Não queria que Annabeth fosse devorada por um monstro, mas deduzi que se a Esfinge estava propondo enigmas, Annabeth era nossa melhor chance.

Ela avançou até o tablado dos competidores, onde havia um esqueleto em uniforme escolar debruçado. Ela empurrou o esqueleto, tirando-o do caminho, e ele desabou com um barulho.

— Desculpe-me — disse-lhe Annabeth.

— Bem-vinda, Annabeth Chase! — gritou o monstro, embora Annabeth não tivesse dito seu nome. — Está pronta para seu teste?

— Sim — ela respondeu. — Apresente seu enigma.

— São vinte enigmas, na verdade! — disse a Esfinge com alegria.

— O quê? Mas antigamente...

— Ah, elevamos nossos padrões! Para passar, você precisa mostrar proficiência em todos os vinte. Não é ótimo?

Aplausos soavam e cessavam, como se alguém abrisse e fechasse uma torneira.

Annabeth me olhou, nervosa. Dirigi-lhe um gesto de cabeça encorajador.

— O.k. — disse ela à Esfinge. — Estou pronta.

Um rufo de tambores soou, vindo do alto. Os olhos da Esfinge brilharam de excitação.

— Qual... é a capital da Bulgária?

Annabeth franziu a testa. Por um momento terrível pensei que estivesse em dúvida.

— Sofia — respondeu ela —, mas...

— Correto! — Mais aplausos gravados. A Esfinge sorriu tanto que suas presas apareceram. — Não se

esqueça de marcar sua opção com clareza na folha de respostas com um lápis número dois.

— O quê? — Annabeth parecia perplexa. Então um livreto surgiu no pódio na frente dela, ao lado de um lápis apontado.

— Além disso, marque cada resposta de forma clara com um círculo — disse a Esfinge. — Se precisar apagar, apague completamente, ou a máquina não conseguirá ler suas respostas.

— Que máquina? — perguntou Annabeth.

A Esfinge apontou com a pata. Perto do holofote via-se uma caixa de bronze com um punhado de acessórios e alavancas e uma grande letra grega eta na lateral, a marca de Hefesto.

— Agora — disse a Esfinge —, a próxima pergunta...

— Espere um segundo — protestou Annabeth. — E cadê “O que anda de quatro pela manhã...”?

— Como? — perguntou a Esfinge, agora nitidamente aborrecida.

— O enigma sobre o homem. Ele anda de quatro de manhã, como um bebê; em duas pernas à tarde, como um adulto, e em três pernas à noite, como um idoso com a bengala. Era esse enigma que você costumava perguntar.

— Exatamente por isso mudamos o teste! — exclamou a Esfinge. — Você já sabe a resposta. Agora, a segunda pergunta: qual a raiz quadrada de dezesseis?

— Quatro — disse Annabeth —, mas...

— Correto! Qual presidente americano assinou a Proclamação de Emancipação?

— Abraham Lincoln, mas...

— Correto! Enigma número quatro: quanta...

— Espere! — gritou Annabeth.

Eu queria lhe dizer que parasse de reclamar. Ela estava se saindo muito bem! Deveria simplesmente responder às perguntas para que pudéssemos ir embora.

— Essas perguntas não são enigmas — afirmou Annabeth.

— O que quer dizer? — replicou a Esfinge. — É claro que são. Esse teste foi especialmente formulado...

— É só um punhado de fatos tolos e aleatórios — insistiu Annabeth. — Enigmas têm de fazer pensar.

— Pensar? — A Esfinge franziu a testa. — Como posso testar se você sabe pensar? Isso é ridículo! Agora, quanta força é necessária...

— Pare! — insistiu Annabeth. — Esse teste é ridículo.

— Hã, Annabeth — interveio Grover, nervoso. — Quem sabe você não devesse simplesmente, hã, terminar primeiro e reclamar depois?

— Sou filha de Atena — insistiu ela. — E isso é um insulto à minha inteligência. Não vou responder a essas perguntas.

Parte de mim estava impressionada com ela por manter-se firme daquele jeito. Mas outra parte achava que o orgulho dela acabaria levando todos nós à morte.

Os holofotes brilhavam. Os olhos da Esfinge reluziam, negros.

— Pois bem, minha querida — disse o monstro com calma.

— Se você não passa, então está reprovada. E como não podemos permitir que nenhuma criança não faça o teste, você será comida!

A Esfinge mostrou as garras, que cintilaram como aço inoxidável. E saltou sobre o tablado.

— Não! — Tyson atacou. Ele odeia quando alguém ameaça Annabeth, mas eu não podia acreditar que ele tivesse tanta coragem, principalmente por causa da péssima experiência que tivera com uma esfinge.

Ele se atracou com a Esfinge em pleno ar, e ambos desabaram de lado em cima de uma pilha de ossos, o que deu a Annabeth tempo suficiente para pôr as ideias em ordem e sacar a faca. Tyson se levantou, a camisa em farrapos. A Esfinge rugiu, procurando uma oportunidade.

Saquei Contracorrente e me pus na frente de Annabeth.

— Fique invisível — disse a ela.

— Eu posso lutar!

— Não! — gritei. — A Esfinge quer *voce*! Deixe que a gente cuide dela.

Como se quisesse confirmar minhas palavras, a Esfinge jogou Tyson para o lado e tentou passar por mim. Grover a atingiu no olho com o osso da perna de alguém. Ela gritou de dor. Annabeth pôs o boné e desapareceu. A Esfinge aterrissou exatamente onde ela estava, mas ficou de patas vazias.

— Não é justo! — choramingou a Esfinge. — Trapaceira!

Com Annabeth fora de vista, a Esfinge voltou-se para mim. Ergui a espada, mas antes que eu pudesse golpeá-la Tyson arrancou do chão a máquina de correção e a atirou na cabeça da Esfinge, arruinando-lhe o coque. A máquina despedaçou-se em torno dela.

— Minha máquina de correção! — gritou ela. — Não posso ser exemplar sem meus gabaritos!

As barras nas saídas foram suspensas e todos disparamos para o túnel mais distante. Só podia torcer para que Annabeth estivesse fazendo o mesmo.

A Esfinge começou a nos perseguir, mas Grover começou a tocar sua flauta de bambu. De repente os lápis lembraram que costumavam ser parte de uma árvore. Reuniram-se em torno das patas da Esfinge, criaram raízes e galhos e começaram a envolver as pernas do monstro. A Esfinge rompeu-os, mas isso nos fez ganhar tempo.

Tyson puxou Grover para o túnel, e as barras fecharam-se pesadamente às nossas costas.

— Annabeth! — gritei.

— Aqui! — disse ela, bem a meu lado. — Continuem correndo!

Atravessamos em disparada túneis escuros, ouvindo o rugir da Esfinge lá atrás, queixando-se de todos os testes que precisaria corrigir à mão.

Pensei que tivéssemos perdido a aranha, mas então Tyson ouviu um zunido distante. Dobramos algumas esquinas, retrocedemos algumas vezes e, por fim, encontramos a aranha batendo a minúscula cabeça em uma porta de metal.

A porta parecia uma daquelas antigas escotilhas de submarino — oval, com rebites de metal na borda e uma espécie de volante como maçaneta. Onde deveria estar o portal havia uma grande placa de latão, esverdeada pelo tempo, com a letra grega eta inscrita no meio.

Todos nos entreolhamos.

— Preparados para o encontro com Hefesto? — perguntou Grover, nervoso.

— Não — admiti.

— Sim! — disse Tyson alegremente, e girou o volante.

Assim que a porta se abriu, a aranha entrou, apressada, com Tyson logo atrás dela. O restante de nós seguiu, sem tanta ansiedade.

A sala era enorme. Parecia uma oficina mecânica, com vários elevadores hidráulicos. Em alguns viam-se carros, mas em outros havia coisas mais estranhas: um hipaléctrion de bronze com a cabeça de cavalo solta e um punhado de arames pendendo de sua cauda de galo, um leão de metal que parecia ligado a um carregador de bateria e uma carruagem grega de guerra feita inteiramente de chamas.

Projetos menores atravancavam uma dúzia de bancadas de trabalho. Viam-se ferramentas penduradas ao longo das paredes. Cada uma delas tinha o contorno desenhado em um quadro, mas nada parecia estar no lugar certo. O martelo pendia no lugar da chave de parafuso. O grampeador encontrava-se onde deveria estar a serra de metal.

Sob o elevador hidráulico mais próximo, onde estava um Toyota Corolla 98, projetava-se um par de pernas — a parte inferior de um homem enorme com uma calça cinza imunda e sapatos ainda maiores do que os de Tyson. Uma das pernas tinha uma braçadeira de metal.

A aranha seguiu direto para debaixo do carro, e o martelar cessou.

— Ora, ora — uma voz profunda retumbou sob o Corolla. — O que temos aqui?

O mecânico deslizou em uma esteira mecânica e sentou-se. Eu vira Hefesto uma vez, rapidamente, no Olimpo; assim, pensei que estivesse preparado, mas sua aparência me fez engolir em seco.

Acho que ele havia se lavado quando o vi no Olimpo, ou usado magia para fazer a aparência parecer um pouco menos horrível. Aqui, em sua oficina, parecia não dar a mínima importância a isso. Usava um macacão sujo de óleo e fuligem. No bolso do peito estava bordado *Hefesto*. Sua perna rangeu e estalou na braçadeira de metal quando ele se levantou. O ombro esquerdo era mais baixo que o direito, de modo que ele parecia inclinado mesmo quando estava ereto, de pé. A cabeça era imensa e deformada. A fisionomia estava permanentemente carregada. A barba preta silvava e soltava fumaça. De vez em quando, um pequeno fogo-fátuo irrompia de seu bigode, apagando em seguida. Suas mãos eram do tamanho das luvas de um apanhador de beisebol, mas ele segurava a aranha com uma habilidade incrível. Desmontou-a em dois segundos e então tornou a montá-la.

— Pronto — murmurou para si mesmo. — Muito melhor.

A aranha deu um feliz salto mortal na palma da mão dele, lançou uma teia metálica para o teto, e se foi, balançando-se.

Hefesto nos lançou um olhar ameaçador.

— Eu não fiz você, fiz?

— Hã — disse Annabeth —, não, senhor.

— Bom — grunhiu o deus. — Trabalho sem qualidade.

Examinou Annabeth e a mim.

— Meios-sangues — resmungou. — Poderiam ser autômatos, é claro, mas provavelmente não.

— Já nos vimos antes, senhor — eu lhe disse.

— É mesmo? — perguntou o deus, distraído. Tive a impressão de que ele não estava nem um pouco interessado. Só estava tentando entender como meu maxilar funcionava, se era uma dobradiça, uma alavanca ou outro sistema. — Bem, se da primeira vez que nos vimos eu não o esmaguei e o transformei em polpa, suponho que não preciso fazer isso agora.

Olhou para Grover e franziu a testa.

— Sátiro. — Então olhou para Tyson e seus olhos piscaram. — Bem, um ciclope. Bom, bom. Por que está viajando com este grupo?

— Hã... — disse Tyson, olhando maravilhado para o deus.

— Certo, muito bem dito — concordou Hefesto. — Então, é melhor que haja uma boa razão para vocês me perturbarem. A suspensão deste Corolla não é um problema fácil, sabiam?

— Senhor — disse Annabeth, hesitante —, estamos procurando Dédalo. Pensamos...

— *Dédalo?* — rugiu o deus. — Querem aquele velho patife? Ousam procurá-lo?

Sua barba irrompeu em chamas e seus olhos negros cintilaram.

— Hã, sim, senhor, por favor — disse Annabeth.

— Humpf. Estão perdendo tempo.

Ele franziu a testa ao olhar para algum objeto na bancada de trabalho e dirigiu-se, mancando, até lá. Pegou um monte de molas e placas de metal e pôs-se a brincar com elas. Em alguns segundos, segurava um falcão de bronze e prata, que abriu as asas de metal, piscou os olhos de obsidiana e voou pelo salão.

Tyson riu e bateu palmas. A ave pousou em seu ombro e beliscou-lhe a orelha afetuosamente.

Hefesto o observou. A carranca do deus não mudou, mas acho que vi um brilho mais gentil em seus olhos.

— Sinto que você tem algo a me dizer, ciclope.

O sorriso de Tyson desapareceu.

— S-sim, senhor. Encontramos um centímano.

Hefesto assentiu, não parecendo surpreso.

— Briareu?

— Sim. Ele... ele estava com medo. Não quis nos ajudar.

— E isso o aborreceu.

— Foi! — A voz de Tyson vacilou. — Briareu devia ser forte! Ele é mais velho e maior do que os ciclopes. Mas fugiu.

— Houve uma época em que eu admirava os centímanos. — Hefesto resmungou. — Nos tempos da primeira guerra. Mas as pessoas, os monstros e até mesmo os deuses mudam, jovem ciclope. Não se pode confiar neles. Veja minha amorosa mãe, Hera. Vocês a encontraram, não foi? Ela lhes sorri e fala sobre a importância da família, não é? Mas isso não a impediu de me atirar do Monte Olimpo quando viu meu rosto

feio.

— Mas pensei que tivesse sido Zeus quem fez isso — eu disse.

Hefesto pigarreou e cuspiu em uma escarradeira de bronze. Estalou os dedos e o falcão-robô voltou para a bancada.

— Mamãe gosta de contar essa versão da história — ele grunhiu. — Faz com que ela pareça mais simpática, não é? Botar a culpa toda em meu pai. A verdade é que minha mãe gosta de família, mas de determinado tipo: a família *perfeita*. Ela olhou para mim e... bem, não me enquadro na cena, não é mesmo?

Ele puxou uma pena das costas do falcão e o autômato desmontou todo.

— Acredite em mim, jovem ciclope — disse Hefesto —, não se pode confiar em ninguém. Só se pode confiar no trabalho das próprias mãos.

Parecia um estilo de vida muito solitário. Além disso, eu não confiava exatamente no trabalho de Hefesto. Uma vez, em Denver, suas aranhas mecânicas quase mataram Annabeth e a mim. E no ano passado, uma estátua defeituosa de Talos custara a vida de Bianca — mais um dos projetinhos de Hefesto.

Ele me olhou e estreitou os olhos, como se estivesse lendo meus pensamentos.

— Ah, esse aqui não gosta de mim — falou, pensativo. — Nada demais, já estou acostumado a isso. O que vocês gostariam de me pedir, pequeno semideus?

— Já lhe dissemos — respondi. — Precisamos encontrar Dédalo. Tem um cara, Luke, que está trabalhando para Cronos. Ele está tentando encontrar uma forma de se orientar no Labirinto para poder invadir nosso acampamento. Se não encontrarmos Dédalo antes...

— E eu já disse a *vocês*, garoto. Procurar Dédalo é perda de tempo. Ele não vai ajudá-los.

— Por que não?

Hefesto deu de ombros.

— Alguns de nós são lançados de montanhas. Outros... bem, aprendem a não confiar nas pessoas de maneira ainda mais dolorosa. Peçam-me ouro. Ou uma espada em chamas. Ou um corcel mágico. Isso eu posso lhes dar facilmente. Mas o caminho até Dédalo? Esse é um favor muito caro.

— Então você sabe onde ele está — pressionou Annabeth.

— Não é inteligente procurá-lo, garota.

— Minha mãe diz que a procura é a natureza da sabedoria.

Hefesto estreitou os olhos.

— Quem é sua mãe, então?

— Atena.

— Era de imaginar. — Ele suspirou. — Excelente deusa, Atena. Pena que jurou não se casar. Muito bem, meio-sangue. Eu posso lhes dizer o que vocês querem saber. Mas isso tem um preço. Preciso que me façam um favor.

— Diga — disse Annabeth.

Hefesto chegou mesmo a rir — um som trovejante como um imenso fole atijando o fogo.

— Vocês, heróis, sempre fazendo promessas ousadas — disse ele. — Que reconfortante!

Ele pressionou um botão na bancada de trabalho e persianas de metal abriram-se ao longo da parede. Era uma imensa janela ou um telão de tevê, supus. Estávamos diante de uma montanha cinza cercada de florestas. Devia ser um vulcão, pois de seu topo subia fumaça.

— Uma de minhas forjas — disse Hefesto. — Tenho muitas, mas aquela costumava ser minha predileta.

— É o Monte Santa Helena — afirmou Grover. — Ótimas florestas por lá.

— Já esteve lá? — perguntei.

— Procurando... você sabe. Pã.

— Espere — disse Annabeth, olhando para Hefesto. — Você disse que *costumava ser* sua predileta. O que aconteceu?

Hefesto coçou a barba em chamas.

— Bem, é lá que o monstro Tífon está preso, sabem? Costumava ser debaixo do Monte Etna, mas quando nos mudamos para a América, sua força foi aprisionada sob o Monte Santa Helena. Grande fonte de fogo, mas um pouco perigoso. Existe sempre uma possibilidade de ele escapar. Há muitas erupções atualmente, o vulcão arde o tempo todo. Ele está inquieto com a rebelião dos titãs.

— E o que você quer que a gente faça? — perguntei. — Lutar contra ele?

Hefesto riu com desdém.

— Isso seria suicídio. Os próprios deuses corriam de Tífon quando ele estava livre. Não, rezem para que nunca precisem vê-lo, muito menos lutar contra ele. Mas ultimamente tenho pressentido intrusos em minha montanha. Alguém ou algo está usando minhas forjas. Quando vou até lá, encontro a oficina vazia, mas vejo que tem sido usada. Eles pressentem minha chegada e desaparecem. Envio meus autômatos para investigar, mas eles não voltam. Alguma coisa... antiga está lá. Maligna. Quero saber quem ousa invadir meu território, e se pretendem libertar Tífon.

— Você quer que a gente descubra quem — eu disse.

— Sim — assentiu Hefesto. — Vão até lá. Talvez eles não pressintam a chegada de vocês, pois não são deuses.

— Que bom que percebeu — murmurei.

— Vão e descubram o que puderem — disse Hefesto. — Depois voltem, e então eu lhes direi o que precisam saber sobre Dédalo.

— Muito bem — disse Annabeth. — Como chegamos lá?

Hefesto bateu palmas. A aranha desceu dos caibros do telhado. Annabeth encolheu-se quando ela pousou no chão, aos seus pés.

— Minha criação vai lhes mostrar o caminho — informou Hefesto. — Não fica longe indo pelo Labirinto. E tentem se manter vivos, está bem? Os humanos são muito mais frágeis do que os autômatos.

Estávamos nos saindo bem até chegarmos às raízes das árvores. A aranha corria pelo caminho e nós acompanhávamos, mas então avistamos um túnel lateral cavado na terra e revestido de raízes grossas. Grover parou de repente.

— O que foi? — perguntei.

Ele não se mexeu. Olhava boquiaberto para dentro do túnel escuro. Seu cabelo encaracolado esvoaçava na brisa.

— Venham! — chamou Annabeth. — Precisamos prosseguir.

— É este o caminho — murmurou Grover, estupefato. — É por aqui.

— Que caminho? — perguntei. — Você quer dizer... até Pã?

Grover olhou para Tyson.

— Não está sentindo o cheiro?

— De terra — disse Tyson. — E de plantas.

— Sim! É este o caminho. Tenho certeza!

Adiante a aranha ia se afastando cada vez mais pelo corredor de pedra. Mais alguns segundos e nós a perderíamos.

— Nós vamos voltar — prometeu Annabeth. — Quando retornarmos até Hefesto.

— A essa altura o túnel terá desaparecido — disse Grover. — Eu preciso seguir por aqui. Uma passagem dessa não se manterá aberta!

— Mas não podemos — disse Annabeth. — As forjas!

Grover olhou para ela com tristeza.

— Eu preciso, Annabeth. Você não entende?

Ela parecia desesperada, como se não compreendesse mesmo. A aranha estava quase fora de vista. Mas pensei em minha conversa com Grover na noite anterior e soube o que devíamos fazer.

— Vamos nos dividir — eu disse.

— Não! — disse Annabeth. — Assim é perigoso demais. Como vamos nos reencontrar? E Grover não pode ir sozinho.

Tyson pôs a mão no ombro de Grover.

— Eu... eu vou com ele.

Eu não conseguia acreditar que estivesse ouvindo aquilo.

— Tyson, tem certeza?

O grandão assentiu.

— O menino-bode precisa de ajuda. Vamos encontrar o deus selvagem. Não sou como Hefesto. Eu confio nos amigos. Grover respirou fundo.

— Percy, vamos nos reencontrar. Ainda temos o elo de empatia. Eu... preciso fazer isso.

Eu não o culpava. Era o objetivo de sua vida. Se ele não encontrasse Pã naquela jornada, o conselho jamais lhe daria outra chance.

— Espero que você esteja certo — falei.

— Sei que estou. — Eu nunca o ouvira falar com tanta confiança, exceto talvez que as *enchiladas* de queijo eram melhores do que as de frango.

Tenha cuidado — eu disse. Então olhei para Tyson, que engoliu um soluço e me deu um abraço que quase fez meus olhos saltarem das órbitas. Então ele e Grover desapareceram pelo túnel de raízes e se perderam na escuridão.

— Isso é ruim — disse Annabeth. — Separar o grupo foi uma ideia muito, muito ruim.

— Vamos tornar a vê-los — falei, tentando parecer confiante. — Agora venha. A aranha está indo embora!

Não demorou muito para que o túnel começasse a esquentar.

As paredes de pedra brilhavam. O ar dava a sensação de que andávamos por um forno. O túnel começou a descer e passei a ouvir um rugido, como o de um rio de metal. A aranha deslocava-se rapidamente, com Annabeth logo atrás dela.

— Ei, espere — gritei.

Ela olhou para trás.

— Sim?

— Algo que Hefesto falou... sobre Atena.

— Ela jurou nunca se casar — disse Annabeth. — Como Ártemis e Héstia. É uma das deusas donzelas. Pisquei. Nunca antes ouvira aquilo de Atena.

— Mas então...

— Como é que ela tem filhos semideuses?

Assenti. Eu devo ter ficado vermelho de vergonha, mas estava tão quente que talvez Annabeth não tenha percebido. Assim eu esperava.

— Percy, você sabe como Atena nasceu?

— Ela surgiu da cabeça de Zeus, vestindo uma armadura de combate completa, ou algo assim.

— Exatamente. Ela não nasceu da maneira habitual. Nasceu literalmente de pensamentos. Os filhos dela nascem da mesma forma. Quando Atena se apaixona por um mortal, é puramente intelectual, assim como ela amou Odisseu nas histórias antigas. É um encontro de mentes. Ela lhe diria que esse é o tipo de amor mais puro.

— Então seu pai e Atena... então você não...

— Fui uma filha do cérebro — disse Annabeth. — Literalmente. Os filhos de Atena nascem dos pensamentos divinos de nossa mãe e da engenhosidade mortal de nossos pais. Presume-se que sejamos um presente, uma bênção de Atena aos homens que ela favorece.

— Mas...

— Percy, a aranha está escapando. Você quer mesmo que eu explique os detalhes de como nasci?

— Hã... não. Está tudo bem.

Ela forçou um sorriso.

— Foi o que pensei. — E saiu correndo à frente.

Eu a segui, mas não tinha certeza se algum dia olharia para Annabeth da mesma forma. Concluí que era melhor que algumas informações permanecessem secretas.

O rugido ficou mais alto. Depois de aproximadamente mais um quilômetro, saímos em uma caverna do tamanho do estádio Super Bowl. Nossa aranha-guia parou e se fechou como uma bola. Havíamos chegado à forja de Hefesto.

Não havia piso, apenas lava borbulhando centenas de metros abaixo. Estávamos na borda rochosa que circundava a caverna. Uma rede de pontes de metal se estendia por ela. No centro havia uma imensa plataforma com máquinas, caldeirões e forjas de todos os tipos, e a maior bigorna que eu já tinha visto — um bloco de ferro do tamanho de uma casa. Criaturas moviam-se por ali — várias formas escuras e estranhas, mas estavam muito distantes para que pudéssemos distinguir detalhes.

— Nunca vamos conseguir nos aproximar deles sem sermos vistos — falei.

Annabeth pegou a aranha de metal e a guardou no bolso.

— Eu posso. Espere aqui.

— Ei! — eu disse, mas antes que eu pudesse argumentar ela pôs o boné dos Yankees e ficou invisível.

Não me atrevi a chamá-la, mas não me agradava a ideia de que ela se aproximasse da forja sozinha. Se aquelas criaturas lá podiam pressentir um deus se aproximando, Annabeth estaria a salvo?

Olhei para trás, para o túnel do Labirinto. Já sentia falta de Grover e de Tyson. Enfim cheguei à conclusão de que não podia ficar ali parado. Rastejei furtivamente pela beira do lago de lava, na esperança de conseguir um ângulo melhor para ver o que estava acontecendo no centro.

O calor era horrível. O rancho de Gerión era um paraíso invernal comparado àquilo. Logo eu estava encharcado de suor. Meus olhos ardiam com a fumaça. Avancei, tentando me manter longe da beira, até que meu caminho foi bloqueado por uma caçamba com rodas de metal, como aquelas usadas em túneis de minas.

Levantei a lona e vi que estava carregada até a metade com sucata. Eu estava prestes a contorná-la quando ouvi vozes vindo de cima, provavelmente de um túnel lateral.

— Levo para dentro? — alguém perguntou.

— Sim — outro respondeu. — O filme está praticamente no fim.

Entrei em pânico. Não tinha tempo para recuar. Não havia lugar algum onde me esconder, exceto... na caçamba. Subi rapidamente e me cobri com a lona, torcendo para que ninguém tivesse visto. Fechei os dedos em torno de Contracorrente, para o caso de ter de lutar.

A caçamba deu um solavanco à frente.

— Ai — disse uma voz rouca. — Isso pesa uma tonelada.

— É bronze celestial — disse outra. — O que você esperava?

Fui puxado. Dobramos uma esquina, e pelo som das rodas ecoando nas paredes percebi que tínhamos passado por um túnel e entrado em uma sala menor. Torcia para que não estivessem prestes a me despejar em um tanque de fundição. Se comesçassem a virar a caçamba, eu teria de sair rapidamente. Ouvi muita conversa, vozes que não pareciam humanas tagarelando — algo entre o grito de uma foca e o rosnado de um cão. Havia outros sons também, como os de um projetor de filmes antigo, e uma narração com voz metálica.

— Ponha isso lá no fundo — ordenou uma nova voz do outro lado da sala. — Agora, jovens, por favor, assistam ao filme. Haverá tempo para as perguntas depois.

As vozes se aquietaram, e eu pude ouvir o filme.

À medida que um jovem demônio do mar amadurece, dizia o narrador, ocorrem mudanças no corpo do monstro. Vocês percebem que as presas vão ficando mais compridas e podem sentir um súbito desejo de devorar seres humanos. Essas mudanças são perfeitamente normais e acontecem com todos os monstros jovens.

Rosnados de excitação encheram a sala. O instrutor — acho que devia ser um instrutor — disse aos jovens que ficassem quietos, e o filme prosseguiu. Não entendi a maior parte, e não ousei olhar. O filme continuou falando sobre estirões de crescimento, problemas de acne causados pelo trabalho nas forjas e a higiene adequada das nadadeiras, e finalmente chegou ao fim.

— Bem, jovens — disse o instrutor —, qual é o nome apropriado à nossa espécie?

— Demônios do mar! — gritou um deles.

— Não. Alguém mais?

— Telquines! — grunhiu outro monstro.

— Muito bem — disse o instrutor. — E por que estamos aqui?

— Vingança! — gritaram vários.

— Sim, sim, mas por quê?

— Zeus é do mal! — disse um monstro. — Ele nos condenou ao Tártaro só porque usávamos magia!

— Exatamente — disse o instrutor. — Depois de termos feito muitas das melhores armas dos deuses. O tridente de Poseidon, por exemplo. E, é claro, fizemos a melhor de todas as armas dos titãs! No entanto, Zeus nos exilou e passou a confiar nos desajeitados ciclopes. É por isso que estamos assumindo o comando das forjas daquele Hefesto usurpador. E logo vamos controlar as fornalhas submarinas, nosso lar ancestral!

Apertei minha caneta-espada. Aquelas criaturas rosnadoras tinham criado o tridente de Poseidon? Do que eles estavam falando? Eu nunca sequer ouvira falar de telquines.

— E, então, jovens — continuou o instrutor —, a quem servimos?

— A Cronos! — eles gritaram.

— E quando vocês crescerem e se tornarem telquines adultos vão fazer armas para o exército dele?

— Sim!

— Excelente. Bem, trouxemos aqui um pouco de sucata para vocês praticarem. Vamos testar a sua criatividade.

Houve uma precipitação de movimentos e de vozes excitadas na direção da caçamba. Preparei-me para destampar Contracorrente. A lona foi puxada. Eu me ergui de um salto, a espada de bronze ganhando vida em minhas mãos, e me vi diante de um bando de... cães.

Bem, pelo menos as cabeças eram de cães, com focinhos pretos, olhos castanhos e orelhas pontudas. Os corpos eram lisos e negros como o dos mamíferos marinhos, com pernas curtas e grossas, que eram meio nadadeiras, meio pés, e mãos semelhantes às de humanos, com garras afiadas. Caso fosse feito o cruzamento de um garoto, um *dobermann* e um leão-marinho, teríamos algo parecido com o que eu estava vendo.

— Um semideus! — um deles rosnou.

— Vamos comê-lo — gritou outro.

Mas isso foi o mais longe que chegaram antes que eu desenhasse um amplo arco com Contracorrente e transformasse em pó toda a fileira da frente de monstros.

— Para trás! — gritei para os restantes, procurando soar ameaçador.

Atrás deles estava o instrutor, um telquine de dois metros de altura, arreganhando presas de *dobermann* para mim. Fiz o melhor que pude para olhá-lo de cima.

— Nova lição, turma — anunciei. — A maioria dos monstros será pulverizada quando ferida com uma espada de bronze celestial. Essa mudança é perfeitamente normal e vai acontecer com vocês *agora mesmo* se não

RECUAREM!

Para minha surpresa, funcionou. Os monstros recuaram, mas havia pelo menos vinte deles. O medo não duraria muito tempo.

Saltei da caçamba, gritei “AULA ENCERRADA!” e corri para a saída.

Os monstros começaram a me perseguir, latindo e rosnando. Esperava que eles não conseguissem correr muito rápido com aquelas pequenas pernas roliças e as nadadeiras, mas tinham o passo manco bastante veloz. Graças aos deuses havia uma porta no túnel que levava à caverna principal. Fechei-a com força e girei a maçaneta para trancá-la, mas duvidava de que isso os detivesse por muito tempo.

Eu não sabia o que fazer. Annabeth estava ali em algum lugar, invisível. A chance de uma missão de reconhecimento discreta tinha ido por água abaixo. Corri para a plataforma no centro do lago de lava.

— Annabeth! — gritei.

— Shhh! — Uma palma de mão invisível cobriu minha boca e me forçou a me abaixar atrás de um grande caldeirão de bronze. — Quer que nos matem?

Encontrei sua cabeça e tirei o boné dos Yankees. Ela tremeluziu, surgindo diante de mim de testa franzida, o rosto sujo de cinza e de fuligem.

— Percy, qual é seu problema?

Vamos ter companhia!

Expliquei rapidamente sobre a aula de orientação dos monstros. Os olhos dela se arregalaram.

— Então é isso que eles são — disse ela. — Telquines. Eu devia saber. E estão fazendo... Veja.

Espiamos acima do caldeirão. No centro da plataforma havia quatro demônios marinhos, já adultos, com

quase dois metros e meio de altura. A pele negra reluzia à luz do fogo à medida que trabalhavam, faíscas voando enquanto eles se alternavam martelando em um longo pedaço de metal incandescente.

— A lâmina está quase completa — disse um deles. — Precisa de novo resfriamento em sangue para fundir os metais.

— É — disse um segundo. — Vai ficar ainda mais afiada do que antes.

— O que é aquilo? — sussurrei.

Annabeth sacudiu a cabeça.

— Eles falam o tempo todo de fundir metais. Imagino...

— Comentaram sobre a maior arma dos titãs — contei. — E... falaram que fizeram o tridente de meu pai.

— Os telquines traíram os deuses — disse Annabeth. — Estavam praticando magia negra. Não sei por que exatamente, mas Zeus os banuiu para o Tártaro.

— Com Cronos.

Ela assentiu.

— Precisamos sair...

Nem acabara de falar, a porta que levava à sala de aula explodiu e jovens telquines surgiram aos montes. Tropeçavam uns nos outros, tentando descobrir que caminho seguir para me pegar.

— Ponha o boné de novo — eu disse. — Saia!

— O quê? — gritou Annabeth. — Não! Eu não vou abandonar você.

— Eu tenho um plano. Vou distraí-los. Você pode usar a aranha de metal... talvez ela a leve de volta para Hefesto. Você precisa contar a ele o que está acontecendo.

— Mas você vai ser morto!

Vou ficar bem. Além disso, não temos escolha.

Annabeth me olhou, furiosa, como se fosse me dar um soco. E então fez algo que me surpreendeu ainda mais. Ela me beijou.

— Tenha cuidado, Cabeça de Alga.

Ela pôs de volta o boné e desapareceu.

Provavelmente eu teria ficado sentado lá o restante do dia, encarando a lava e tentando lembrar meu nome, mas os demônios marinhos me trouxeram de volta à realidade.

— Lá! — um deles gritou.

A turma toda de telquines atravessou correndo a ponte, em minha direção. Corri para o meio da plataforma, assustando os quatro demônios marinhos mais velhos, que deixaram cair a lâmina incandescente. Tinha quase dois metros e era curva como uma lua crescente. Eu já tinha visto muitos objetos aterrorizantes, mas aquele sei-lá-o-quê inacabado me apavorou mais que tudo.

Os demônios mais velhos recuperaram-se do susto rapidamente. Havia quatro rampas que saíam da plataforma, e antes que eu pudesse disparar em qualquer direção cada um deles tinha coberto uma saída.

O mais alto rosnou.

— O que temos aqui? Um filho de Poseidon?

— Sim — grunhiu outro. — Posso sentir o cheiro do mar no sangue dele.

Levantei Contracorrente. Meu coração estava disparado.

— Acerte um de nós, semideus — disse o terceiro demônio —, e os outros farão picadinho de você. Seu pai nos traiu. Ele tirou nosso dom e se calou quando fomos mandados para o abismo. Vamos vê-lo cortado em

pedaços. Ele e todos os outros olímpianos.

Desejei ter um plano. Desejei não ter mentido para Annabeth. Queria que ela saísse em segurança e esperava que tivesse sido suficientemente sensata para fazer isso. Mas agora eu começava a entender que aquele poderia ser o lugar onde eu morreria. Nada de profecias para mim. Eu seria derrotado no coração de um vulcão por uma matilha de homens-leões-marinhos com cabeça de cachorro. Os jovens telquines agora também estavam na plataforma, rosnando e esperando para ver como seus quatro membros seniores lidariam comigo.

Senti algo queimando na lateral de minha perna. O apito de gelo em meu bolso estava ficando mais frio. Se algum dia eu precisara de ajuda, era aquele. Mas hesitei. Não confiava no presente de Quintus.

— Vamos ver quanto ele é forte — disse o telquine mais alto, antes que eu pudesse me decidir. — Vamos ver quanto tempo ele leva para queimar!

Ele pegou um pouco de lava da fornalha mais próxima. Aquilo ateou fogo em seus dedos, mas isso em nada pareceu incomodá-lo. Os outros telquines mais velhos fizeram o mesmo. O primeiro atirou em mim um punhado de pedra derretida, que ateou fogo à minha calça. Dois outros acertaram meu peito. Larguei a espada completamente aterrorizado e comecei a bater em minhas roupas. O fogo estava me tragando. Para meu estranhamento, de início parecia apenas morno, mas a cada instante ficava mais quente.

— A natureza de seu pai o protege — um deles disse. — Torna você difícil de queimar. Mas não impossível, jovem. Não impossível.

Atiraram mais lava em mim, e eu me lembro de gritar. Meu corpo todo estava pegando fogo. A dor era pior do que qualquer sensação que eu já tivera. Eu estava sendo consumido. Desabei no piso de metal e ouvi os filhos dos demônios marinhos gritando de satisfação.

Então me lembrei da voz da náíade do rio no rancho: *A água está dentro de mim.*

Eu precisava do mar. Senti um repuxo no abdome, mas não havia nada à volta que pudesse me ajudar. Nenhuma torneira ou um rio. Dessa vez, nem mesmo uma concha petrificada. E, além disso, da última vez em que liberei meu poder, nos estábulos, houve aquele momento aterrador quando ele quase me escapou.

Eu não tinha escolha. Convoquei o mar. Voltei-me para dentro de mim e lembrei-me das ondas e das correntes, do infinito poder do oceano. E liberei tudo em um único e horrível grito.

Nunca consegui descrever exatamente o que aconteceu depois disso. Uma explosão, um *tsunami*, um furacão de poder simultaneamente me levantando e me atirando dentro da lava. Fogo e água colidiram, o vapor foi superaquecido e eu fui lançado do coração do vulcão em uma explosão imensa. Eu era apenas um dos despojos atirados para o alto por centenas de milhares de quilos de pressão. Minha última lembrança antes de perder a consciência foi de voar, voar tão alto que Zeus jamais teria me perdoado, e então comecei a cair. Fumaça, fogo e água fluíam de mim. Eu era um cometa que despencava na direção da Terra.

TIRO FÉRIAS PERMANENTES

Acordei com a sensação de que ainda estava pegando fogo. Minha pele ardia. Minha garganta parecia tão seca quanto areia.

Vi um céu azul e árvores acima de mim. Ouvi uma fonte gorgolejando e senti o cheiro de junípero, de cedro e de mais um punhado de outras plantas que têm aroma adocicado. Também ouvi ondas quebrando delicadamente em uma costa rochosa. Cogitei se não estaria morto, mas sabia que não. Eu já estivera na Terra dos Mortos, e lá não havia céu azul.

Tentei me sentar. Tinha a sensação de que meus músculos estavam derretendo.

— Fique quieto — disse uma voz de garota. — Você está fraco demais para se levantar.

Ela pôs um pano molhado em minha testa. Uma colher de bronze pairou acima de mim e um líquido gotejou em minha boca. A bebida aliviou minha garganta e deixou um agradável sabor achocolatado. Néctar dos deuses. Então o rosto da garota surgiu.

Os olhos eram amendoados, e o cabelo cor de caramelo estava arrumado em uma trança que caía sobre um dos ombros. Tinha... quinze anos? Dezesseis? Era difícil dizer. O rosto era daqueles que pareciam atemporais. Ela começou a cantar, e minha dor se dissipou. Estava fazendo magia. Eu podia sentir a música penetrando minha pele, curando e recuperando minhas queimaduras.

— Quem? — perguntei, a voz áspera.

— Psiu, destemido — disse ela. — Descanse e se recupere. Nada de mau vai lhe acontecer aqui. Eu sou Calipso.

Quando tornei a acordar, estava em uma gruta; mas, em se tratando de grutas, eu havia estado em muitas piores. O teto brilhava com formações de cristal de cores diferentes — branco, púrpura e verde, como se eu estivesse dentro de um daqueles pedaços de geode que se veem em lojas de lembrancinhas. Estava deitado em uma cama confortável com travesseiros de plumas e lençóis de algodão branco. A gruta era dividida em cômodos por cortinas de seda branca. Encostados em uma das paredes estavam um grande tear e uma harpa. Em outra, havia prateleiras onde se viam jarros de frutas em conserva bem arrumadinhos. Ervas secas pendiam do teto: alecrim, tomilho e um punhado de outras. Minha mãe saberia dizer o nome de todas.

Havia uma lareira embutida na parede, e uma panela borbulhava sobre as chamas. Tinha um cheiro delicioso, como o de ensopado de carne.

Sentei-me, tentando ignorar a dor latejante na cabeça. Olhei para meus braços, certo de que estariam horrivelmente marcados, mas pareciam normais. Um pouco mais rosados do que de costume, nada de mais. Eu usava uma camiseta de algodão e calça branca com cadarços, que não eram minhas. Meus pés estavam descalços. Em um momento de pânico, perguntei-me o que havia acontecido com Contracorrente, mas tateei o bolso e lá estava minha caneta, exatamente onde sempre reaparecia.

Não só ela, mas também o apito para cães de gelo estígio. De alguma forma, ele havia me seguido. E isso não exatamente me tranquilizava.

Com dificuldade fiquei de pé. O chão de pedra era congelante. Eu me virei e me vi diante de um espelho de bronze polido.

— Santo Poseidon — murmurei.

Parecia que eu havia perdido dez quilos que eu não podia me dar o luxo de perder. Meu cabelo estava um ninho de ratos. Estava chamuscado nas pontas, como a barba de Hefesto. Se eu visse alguém com esse rosto pedindo dinheiro no cruzamento de uma estrada, teria trancado as portas do carro.

Dei as costas para o espelho. A entrada da gruta ficava à minha esquerda. Segui na direção da luz do dia.

A gruta tinha saída para uma campina verde. À esquerda havia um pequeno bosque de cedros e, à direita, um imenso jardim florido. Quatro fontes gorgolejavam na campina, todas com água jorrando das flautas de pedra de sátiros. Mais adiante, o gramado descia até uma praia rochosa. As ondas de um lago quebravam nas pedras. Eu sabia que era um lago porque... bem, eu simplesmente sabia. Água doce. Não salgada. O sol cintilava na água e o céu era do mais puro azul. Parecia um paraíso, o que imediatamente me deixou nervoso. Se você lida com questões mitológicas por alguns anos, aprende que os paraísos são, em geral, lugares onde você pode ser morto.

A garota de cabelo caramelo trançado, a que dissera se chamar Calipso, estava de pé na praia, conversando com alguém. Eu não podia vê-lo muito bem com a claridade resultante do sol refletido na água, mas pareciam estar discutindo. Tentei lembrar o que sabia sobre Calipso dos velhos mitos. Já ouvira aquele nome antes, mas... não conseguia lembrar. Seria um monstro? Será que ela aprisionava heróis e os matava? Mas, se ela era do mal, por que eu ainda estava vivo?

Andei na direção dela lentamente, porque minhas pernas ainda estavam doloridas. Quando a grama deu lugar ao cascalho, olhei para o chão a fim de manter o equilíbrio, e ao levantar o rosto outra vez a garota estava sozinha. Usava um vestido sem mangas no estilo grego com um decote redondo baixo debruado em ouro. Ela esfregou os olhos, como se estivesse chorando.

— Bem — disse ela, tentando dar um sorriso —, o dorminhoco finalmente acordou.

— Com quem você estava falando? — Minha voz soava como um sapo que ficara algum tempo em um micro-ondas.

— Ah... era só um mensageiro — respondeu ela. — Como está se sentindo?

— Quanto tempo fiquei apagado?

— Tempo — ponderou Calipso. — O tempo é sempre uma questão difícil aqui. Honestamente, não sei, Percy.

— Você sabe meu nome?

— Você fala enquanto dorme.

Fiquei vermelho.

— É. Já me... hã, disseram isso antes.

— Sim. Quem é Annabeth?

— Hã... Uma amiga. Estávamos juntos quando... Espere! Como foi que cheguei aqui? Onde estou?

Calipso estendeu o braço e correu os dedos por meu cabelo danificado. Recuei, nervoso.

— Desculpe-me — disse ela. — É que me acostumei a cuidar de você. Quanto a como chegou aqui, você caiu do céu. Aterrissou na água, bem ali. — Ela apontou para o outro lado da praia. — Não sei como sobreviveu. Parece que a água amorteceu sua queda. Em relação a onde está, aqui é Ogígia.

Ela pronunciou bem devagar.

— Isso fica perto do Monte Santa Helena? — perguntei, pois era muito ruim em geografia.

Calipso riu. Foi uma risada contida, como se me achasse muito engraçado mas não quisesse me deixar constrangido. Era bem bonita quando ria.

— Não fica perto de nada, destemido — respondeu ela. — Ogígia é minha ilha-fantasma. Existe por si só, em qualquer lugar e em lugar nenhum. Você pode se curar aqui em segurança. Não precisa ter medo.

— Mas meus amigos...

— Annabeth — disse ela. — E Grover e Tyson?

— Sim! — respondi. — Preciso voltar até eles. Eles estão em perigo.

Ela tocou meu rosto, e dessa vez não recuei.

— Descanse, antes. Não será útil a seus amigos até que fique curado.

Assim que ela disse isso, percebi quanto estava cansado.

— Você não... você não é uma feiticeira do mal, é?

Ela sorriu, tímida.

— Por que você pensaria isso?

— Bem, uma vez encontrei Circe, que também tinha uma ilha bem bacana. Exceto pelo fato de ela gostar de transformar homens em porquinhos-da-índia.

Calipso deu a mesma risadinha.

— Prometo não transformá-lo em um porquinho-da-índia.

— Ou em qualquer outra coisa?

— Não sou uma feiticeira do mal — disse Calipso. — E não sou sua inimiga, destemido. Agora descanse. Seus olhos já estão fechando.

Ela estava certa. Meus joelhos cederam, e eu teria caído de cara no cascalho se Calipso não tivesse me segurado. Seu cabelo tinha aroma de canela. Ela era muito forte, ou talvez eu estivesse mesmo muito fraco e magro. Levou-me até um banco acolchoado perto da fonte e me ajudou a me deitar.

— Descanse — ordenou.

E eu adormeci ao som das fontes e com o aroma de canela e de junípero.

Quando acordei já era noite, mas eu não sabia se era do mesmo dia ou muitas noites depois. Estava na cama na gruta, levantei-me, enrolei um roupão no corpo e saí. As estrelas brilhavam — milhares delas, como só se veem no campo. Eu podia distinguir todas as constelações que Annabeth me ensinara: Capricórnio, Pégaso, Sagitário. E lá, perto do horizonte meridional, estava uma nova constelação: a Caçadora, um tributo a uma amiga morta no último inverno.

— Percy, o que está olhando?

Voltei meus olhos para a terra. Por mais incríveis que estivessem as estrelas, Calipso estava duas vezes mais brilhante. Bem, eu já vira a própria deusa do amor, Afrodite, e nunca diria isso em voz alta, sob pena de ela me transformar em cinzas, mas para mim Calipso era muito mais bonita, por parecer tão natural, como se não estivesse tentando parecer bonita e nem mesmo ligasse para isso. Ela simplesmente era. Com o cabelo trançado e o vestido branco, parecia brilhar ao luar. Segurava uma planta minúscula, de flores prateadas e delicadas.

— Eu só estava olhando... — Surpreendi-me fitando o rosto dela. — Hã... esqueci.

Ela riu com doçura.

— Bem, já que está de pé, pode me ajudar a plantar isto.

Ela me entregou a planta, que tinha um torrão de terra nas raízes. As flores cintilavam enquanto eu as segurava. Calipso pegou a pá de jardinagem e levou-a à extremidade do jardim, onde começou a cavar.

— Isto é enlace lunar — explicou Calipso. — Só pode ser plantada à noite.

Observei a luz prateada tremeluzir em torno das pétalas.

— O que ela faz?

— Faz? — refletiu Calipso. — Na verdade, ela não *faz* nada, eu suponho. Ela vive, dá luz, oferece beleza.

Precisa fazer algo mais?

— Creio que não — eu disse.

Ela pegou a planta, e nossas mãos se encontraram. Seus dedos eram quentes. Ela plantou o enlace lunar e deu um passo atrás, examinando o trabalho.

— Adoro meu jardim.

— É incrível — concordei. Bem, eu não era exatamente fã de jardins, mas Calipso tinha caramanchões cobertos com rosas de seis cores diferentes, treliças cheias de madressilvas, fileiras de videira repletas de uvas vermelhas e roxas que teriam feito Dioniso se ajoelhar.

— Lá em casa — eu disse —, minha mãe sempre quis um jardim.

— Por que ela não planta um?

— Bem, moramos em Manhattan. Em um apartamento.

— Manhattan? Apartamento?

Fitei-a.

— Você não sabe do que estou falando, sabe?

— Receio que não. Eu não saio de Ogígia há... há muito tempo.

— Bem, Manhattan é uma cidade grande, sem muito espaço para jardins.

Calipso franziu a testa.

— Que triste. Hermes aparece aqui de vez em quando. E me conta que o mundo lá fora mudou muito. Mas eu não sabia que tinha mudado tanto que não se pode ter jardins.

— Por que você não sai da ilha?

Ela baixou os olhos.

— É meu castigo.

— Por quê? O que você fez?

— Eu? Nada. Mas receio que meu pai tenha feito muito. O nome dele é Atlas.

O nome fez um arrepio percorrer minhas costas. Eu havia conhecido o titã Atlas no inverno anterior, e não fora um encontro feliz. Ele tentara matar quase todo mundo de quem eu gostava.

— Ainda assim — eu disse, hesitante —, não é justo punir você pelo que seu pai fez. Conheci outra filha de Atlas. O nome dela era Zoë. Era uma das pessoas mais corajosas que já vi.

Calipso me observou por um longo momento. Seus olhos estavam tristes.

— O que foi? — perguntei.

—Você... você já está curado, meu destemido? Acha que estará pronto para partir em breve?

— O quê? — perguntei. — Não sei. — Movimentei minhas pernas. Ainda estavam doloridas. Eu já estava me sentindo tonto por ficar tanto tempo de pé. — Quer que eu vá?

— Eu... — Sua voz falhou. — Vejo você de manhã. Durma bem.

E saiu correndo para a praia. Eu estava confuso demais para tomar qualquer providência além de observá-la até que desaparecesse na escuridão.

Não sei exatamente quanto tempo se passou. Como disse Calipso, era difícil precisá-lo na ilha. Eu sabia que deveria ir embora. Na melhor das hipóteses, meus amigos estariam preocupados. Na pior, poderiam estar em grave perigo. Eu nem sabia se Annabeth tinha conseguido sair do vulcão. Tentei usar meu elo de empatia com Grover várias vezes, mas não conseguia fazer contato. Odiava não saber se todos estavam bem.

Por outro lado, eu estava mesmo fraco. Não conseguia ficar de pé mais que algumas horas. O que quer que

eu tivesse feito no Monte Santa Helena, havia me esgotado como nenhuma outra experiência anterior.

Não me sentia um prisioneiro ou algo assim. Lembrei-me do Hotel e Cassino Lótus, em Las Vegas, onde eu fora seduzido por um incrível mundo de jogos até quase esquecer tudo que me interessava. Mas a Ilha de Ogígia não era em nada semelhante àquilo. Pensava em Annabeth, Grover e Tyson com frequência. Lembrava exatamente por que eu precisava ir embora. Eu simplesmente... não podia. E ainda havia Calipso.

Ela nunca falava muito sobre si mesma, mas isso só me fazia querer saber mais. Eu me sentava na campina, bebericando néctar, e tentava me concentrar nas flores, nas nuvens ou nos reflexos no lago, mas na verdade estava era olhando Calipso enquanto ela trabalhava, a forma como jogava o cabelo sobre o ombro e a mecha que lhe caía no rosto sempre que se ajoelhava para cavar a terra. Às vezes, ela estendia a mão e pássaros vinham da floresta para pousar em seu braço — periquitos, papagaios, pombos. Ela lhes dava bom-dia, perguntava como estava o ninho, eles gorjeavam por um tempo e então voavam cantando alegremente. Os olhos de Calipso brilhavam. Ela me olhava e trocávamos um sorriso, mas quase imediatamente ela ficava de novo com aquela expressão triste e desviava os olhos. Eu não compreendia o que a chateava.

Uma noite estávamos jantando juntos na praia. Criados invisíveis haviam arrumado a mesa com ensopado de carne e sidra, o que pode não parecer muito apetitoso — mas só se você nunca tiver experimentado. Eu não havia notado os criados invisíveis ao chegar à ilha, mas depois de algum tempo comecei a perceber que as camas se arrumavam sozinhas, refeições surgiam do nada, roupas eram lavadas e dobradas por mãos transparentes.

Bem, Calipso e eu estávamos sentados à mesa, e ela estava linda à luz de velas. Eu lhe contava sobre Nova York e o Acampamento Meio-Sangue e então comecei a falar sobre a ocasião em que Grover comeu a maçã com que brincávamos de bobo. Ela riu, exibindo seu incrível sorriso, e nossos olhos se encontraram. Então ela baixou o olhar.

— De novo — eu disse.

— O quê?

—Você fica fugindo, como se estivesse tentando não se divertir.

Ela manteve os olhos fixos no copo de sidra.

— Como eu lhe disse, Percy, fui punida. Amaldiçoada, se preferir.

— Como? Diga. Quero ajudar.

— Não diga isso. Por favor, não diga isso.

— Diga-me qual é a punição.

Ela cobriu o ensopado ainda pela metade com um guardanapo, e imediatamente um servo invisível retirou a tigela.

— Percy, esta ilha, Ogígia, é meu lar, o lugar onde nasci. Mas também é minha prisão. Eu vivo sob... prisão domiciliar, acho que vocês chamariam assim. Nunca visitarei essa sua Manhattan. Nem nenhum outro lugar. Estou sozinha aqui.

— Porque seu pai é Atlas.

Ela assentiu.

— Os deuses não confiam em seus inimigos. E com toda razão. Eu não devo me queixar. Algumas das prisões não são nem de longe tão boas quanto a minha.

— Mas isso não é justo — eu disse. — Só porque você é parente não quer dizer que o apoie. Essa outra filha dele que conheci, Zoë Doce-Amarga, lutou contra ele. Não vivia aprisionada.

— Mas, Percy — disse Calipso num tom delicado —, eu o apoiei, *sim*, na primeira guerra. Ele é meu pai.

— O quê? Mas os titãs são maus!

— São? Todos eles? O tempo todo? — Ela franziu os lábios. — Diga-me, Percy. Eu não tenho nenhuma vontade de discutir com você. Mas você apoia os deuses porque eles são bons ou porque são sua família?

Não respondi. O argumento dela fazia sentido. No inverno passado, depois de Annabeth e eu termos salvado o Olimpo, os deuses reuniram o Conselho para decidir se deviam ou não me matar. Aquilo não fora exatamente bom. Mas, ainda assim, eu tinha a sensação de que os apoiava, porque Poseidon era meu pai.

— Talvez eu estivesse errada na guerra — disse Calipso. — E, justiça seja feita, os deuses têm me tratado bem. Eles me visitam de tempos em tempos. Trazem-me notícias do mundo lá fora. Mas podem ir embora. E eu não.

— Você não tem amigos? — perguntei. — Quer dizer, ninguém mais gostaria de viver aqui com você? É um lugar legal.

Uma lágrima escorreu por seu rosto.

— Eu... eu prometi a mim mesma que não falaria sobre isso. Mas...

Ela foi interrompida por um estrondo, vindo de algum lugar no lago. Um ponto luminoso surgiu no horizonte e foi ficando cada vez mais brilhante, até que pude ver uma coluna de fogo deslizando sobre a superfície da água, vindo em nossa direção.

Levantei-me e levei a mão à espada.

— O que é aquilo?

Calipso suspirou.

— Um visitante.

Quando a coluna de fogo alcançou a praia, Calipso ficou de pé e lhe fez uma mesura formal. As chamas se dissiparam e, de pé diante de nós, estava um homem de macacão cinza, com uma braçadeira de metal na perna, a barba e o cabelo em lenta combustão.

— Senhor Hefesto — disse Calipso. — Esta é uma honra rara.

O deus do fogo grunhiu.

— Calipso. Linda como sempre. Você poderia nos dar licença, por favor, minha querida? Preciso ter uma palavrinha com nosso jovem Percy Jackson.

Hefesto sentou-se, desajeitado, à mesa do jantar e pediu uma Pepsi. O criado invisível trouxe uma lata, abriu-a rápido demais e espirrou a bebida por toda a roupa de trabalho do deus. Hefesto rugiu, cuspiu algumas maldições e lançou a lata longe.

— Criados estúpidos — ele murmurou. — Bons autômatos, é disso que ela precisa. Eles nunca erram!

— Hefesto — eu disse —, o que está acontecendo? Annabeth...

— Ela está bem — ele respondeu. — Garota engenhosa, aquela. Encontrou o caminho de volta. Contou-me toda a história. Está morta de preocupação, você sabe.

— Não lhe disse que estou bem?

— Isso não cabe a mim — afirmou Hefesto. — Todos pensam que você está morto. Eu precisava ter certeza de que você voltaria antes de começar a dizer a todos onde você estava.

— O que quer dizer? — perguntei. — É claro que vou voltar!

Hefesto me fitou com ceticismo. Pegou algo no bolso — um disco de metal do tamanho de um iPod. Apertou um botão e o objeto se expandiu, tornando-se uma minitevê de bronze. Na tela, via-se a imagem do Monte Santa Helena, uma imensa pluma de fogo e cinzas ascendendo ao céu.

— Ainda não há certeza quanto a outras erupções — dizia o apresentador do telejornal —, as autoridades ordenaram a evacuação de quase meio milhão de pessoas como precaução. Enquanto isso, as cinzas já alcançaram o Lago Tahoe e Vancouver, e toda a área do Monte Santa Helena está fechada ao tráfego em um raio de cento e cinquenta quilômetros. Embora nenhuma morte tenha sido notificada, ferimentos leves e doenças incluem...

Hefesto desligou o aparelho.

— Você causou uma explosão e tanto.

Eu fitava a tela de bronze apagada. Meio milhão de pessoas evacuadas? Ferimentos. Doenças. O que eu tinha feito?

— Os telquines foram dispersados — disse-me o deus. — Alguns acabaram pulverizados. Outros escaparam, sem dúvida. Não creio que usarão minha forja tão cedo agora. Por outro lado, tampouco eu posso usá-la. A explosão fez Tífon agitar-se em seu sono. Precisamos esperar e ver...

— Eu não poderia tê-lo libertado, poderia? Quer dizer, não sou assim tão poderoso!

— Ah, não é tão poderoso? — o deus resmungou. — Está brincando comigo. Você é filho do deus dos terremotos, rapaz. Não conhece sua própria força.

Essa era a última coisa que eu queria que ele falasse. Eu não tivera controle sobre mim mesmo naquela montanha. Havia liberado tanta energia que quase me transformara em vapor, drenara de mim toda a vida. Agora eu descobria que quase destruíra o noroeste americano e quase acordara o monstro mais terrível já aprisionado pelos deuses. Talvez eu fosse perigoso demais. Talvez fosse mais seguro para meus amigos pensar que eu estava morto.

— E quanto a Grover e Tyson? — perguntei.

Hefesto sacudiu a cabeça.

— Nenhuma notícia, lamento. Suponho que ainda estejam no Labirinto.

— Então, o que devo fazer?

Hefesto estremeceu.

— Nunca peça conselho a um velho aleijado, rapaz. Mas isso eu vou lhe dizer. Conhece minha mulher?

— Afrodite.

— Ela mesma. Ela é astuta, rapaz. Tome cuidado com o amor. Ele distorce suas ideias e faz você pensar que em cima é embaixo e que o certo é errado.

Pensei em meu encontro com Afrodite no deserto, no banco traseiro de um Cadillac branco, no ano anterior. Ela me dissera que tinha um interesse especial por mim e que dificultaria minha vida amorosa simplesmente porque gostava de mim.

— Isto faz parte do plano dela? — perguntei. — Foi ela quem me fez cair aqui?

— Possivelmente. É difícil dizer quando se trata dela. Mas para o caso de você resolver sair daqui, e não estou dizendo que isso seja certo ou errado, eu havia lhe prometido uma resposta, por sua missão. Prometi-lhe o caminho até Dédalo. Bem, a questão é: minha resposta nada tem a ver com o fio de Ariadne. Não mesmo. Certamente, o fio funciona. É atrás dele que o exército do Titã irá. Mas a melhor forma de se orientar no Labirinto... Teseu teve a ajuda da princesa. E ela era uma simples mortal. Nem uma gota de sangue dos deuses nas veias. Mas era inteligente, e conseguiu enxergar, rapaz. Conseguiu enxergar com muita clareza. Então, o que eu estou dizendo... é que acho que você sabe como se nortear no Labirinto.

Finalmente entendi. Por que não vira isso antes? Hera tinha razão. A resposta estava ali o tempo todo.

— Sim — eu disse. — Sim, eu sei.

— Então você precisa decidir se vai embora ou não.

— Eu...

Eu queria dizer que sim. É claro que iria. Mas as palavras ficaram presas na minha garganta. Peguei-me olhando para o lago, e de repente a ideia de partir me pareceu muito difícil.

— Não resolva ainda — aconselhou Hefesto. — Espere até o dia amanhecer. O nascer do dia é uma boa hora para tomar decisões.

— Dédalo vai nos ajudar? — perguntei. — Quer dizer, se ele der a Luke um meio de se orientar no Labirinto, estamos liquidados. Vi em um sonho que... Dédalo matou o sobrinho. Tornou-se um homem amargo, colérico e...

— Não é simples ser um inventor brilhante — resmungou Hefesto. — Sempre sozinho. Sempre incompreendido. É fácil tornar-se amargo, cometer erros horríveis. É mais difícil trabalhar com pessoas que com máquinas. E quando você destrói uma pessoa, não pode consertá-la.

Hefesto limpou as últimas gotas de Pepsi do macacão.

— Dédalo começou muito bem. Ajudou a Princesa Ariadne e Teseu porque teve pena deles. Tentou fazer uma boa ação. E tudo na vida dele deu errado por causa disso. É justo? — O deus deu de ombros. — Não sei se Dédalo vai ajudar vocês, rapaz, mas não julgue ninguém até ter estado em sua forja e trabalhado com seu martelo, o.k.?

— Eu vou... vou tentar.

Hefesto ficou de pé.

— Até logo, rapaz. Você fez bem ao destruir os telquines. Para mim, sempre será lembrado por isso.

Aquele “até logo” soou bastante conclusivo. Então ele se transformou em uma coluna de chamas, e o fogo deslizou sobre a água, voltando para o mundo lá fora.

Caminei ao longo da praia por várias horas. Quando finalmente voltei à campina, era já muito tarde, talvez umas quatro ou cinco da manhã, mas Calipso ainda estava no jardim, cuidando das flores à luz das estrelas. Seu enlace lunar brilhava, prateado, e as outras plantas respondiam à magia, brilhando vermelhas, amarelas e azuis.

— Ele ordenou que você voltasse — adivinhou Calipso.

— Bem, não exatamente ordenou. Ele me deu uma escolha.

Os olhos dela encontraram os meus.

— Prometi que não ofereceria.

— Oferecer o quê?

— A você que fique.

— Ficar — eu disse. — Tipo... para sempre?

— Você seria imortal nesta ilha — ela disse baixinho. — Nunca envelheceria ou morreria. Poderia deixar a luta para os outros, Percy Jackson. Poderia escapar à sua profecia.

Eu a fitei, atônito.

— Assim, simplesmente?

Ela assentiu.

— Assim, simplesmente.

— Mas... meus amigos.

Calipso se levantou e segurou minha mão. Seu toque enviou uma onda de calor por meu corpo.

— Você perguntou sobre a minha maldição, Percy. Eu não queria lhe dizer, mas a verdade é que os deuses me mandam companhia de tempos em tempos. A cada mil anos, aproximadamente, eles permitem que um herói seja trazido até minhas praias, alguém que precise de minha ajuda. Cuido dele e me torno sua amiga, mas nunca é por acaso. As Parcas cuidam para que o tipo de herói que enviam...

Sua voz tremeu, e ela teve de parar.

Apertei mais a mão dela.

— O que foi? O que eu fiz para deixar você triste?

— Elas enviam uma pessoa que não pode ficar — ela sussurrou. — Que não pode aceitar minha oferta de companhia por mais do que algum tempo. Elas me mandam um herói por quem eu não consigo... o tipo de pessoa por quem não consigo evitar me apaixonar.

A noite estava silenciosa, exceto pelo gorgolejo das fontes e pelas ondas batendo na praia. Levei muito tempo para perceber o que ela estava dizendo.

— Eu? — perguntei.

— Se pudesse ver seu rosto. — Ela reprimiu um sorriso, embora os olhos ainda estivessem lacrimosos. — É claro que é você.

— É por isso que você vem fugindo de mim o tempo todo?

— Tentei com afinco. Mas não consegui. As Parcas são cruéis. Elas me mandaram você, meu destemido, sabendo que você partiria meu coração.

— Mas... eu sou apenas... quer dizer, sou apenas *eu*.

— Isso basta — garantiu Calipso. — Disse a mim mesma que não falaria disso. Deixaria você ir sem lhe oferecer que ficasse. Mas não posso. Suponho que as Parcas sabiam disso também. Você poderia ficar comigo, Percy. Receio que esta seja a única maneira de me ajudar.

Olhei para o horizonte. Os primeiros veios vermelhos da aurora iluminavam o céu. Eu poderia ficar ali para sempre, desaparecer da Terra. Poderia viver com Calipso, com criados invisíveis satisfazendo todas as minhas necessidades. Poderíamos cultivar flores no jardim, conversar com os pássaros e andar pela praia sob um céu perfeitamente azul. Sem guerras. Sem profecias. Sem tomar partido.

— Não posso — eu lhe disse.

Ela baixou os olhos, triste.

— Eu nunca faria nada para magoá-la — continuei —, mas meus amigos precisam de mim. Sei como ajudá-los agora. Preciso voltar.

Ela colheu uma flor do jardim — um pequeno ramo de enlace lunar prateado. Seu brilho se apagava à medida que o sol se erguia. *O nascer do dia é uma boa hora para tomar decisões*, dissera Hefesto. Calipso enfiou a flor no bolso de minha camiseta.

Ela ficou na ponta dos pés e me deu um beijo na testa, como uma bênção.

— Então venha para a praia, meu herói. E vamos colocá-lo em seu caminho.

A jangada era uma plataforma de um metro quadrado feita de troncos amarrados, com um poste como mastro e uma simples vela de linho branco. Não parecia resistente o bastante para o mar, ou mesmo para o lago.

— Vai levá-lo aonde você quiser — prometeu Calipso. — É bastante segura.

Peguei sua mão, mas ela a puxou da minha.

— Talvez eu possa visitá-la — disse.

Ela sacudiu a cabeça.

— Nenhum homem encontra Ogígia duas vezes, Percy. Quando partir, nunca mais o verei.

— Mas...

— Vá, por favor. — Sua voz falhou. — As Parcas são cruéis, Percy. Apenas se lembre de mim. — Então um leve vestígio de seu sorriso voltou. — Plante um jardim em Manhattan por mim, o.k.?

— Eu prometo.

Subi na jangada. Imediatamente ela começou a se afastar da praia.

Enquanto velejava, avançando no lago, eu me dei conta de que as Parcas eram mesmo cruéis. Elas enviavam para Calipso alguém que ela não conseguiria deixar de amar. Mas era uma via de mão dupla. Pelo restante da vida eu pensaria nela. Calipso seria sempre meu maior “e se...”.

Em minutos a Ilha de Ogígia estava perdida na névoa. Eu velejava sozinho em direção ao sol nascente.

Então disse à jangada para onde ir. Falei o nome do único lugar que me ocorreu, pois eu precisava de consolo e de amigos.

— Acampamento Meio-Sangue — anunciei. — Leve-me para casa.

Horas mais tarde minha jangada alcançou o Acampamento Meio-Sangue. Como cheguei lá, não tenho a menor ideia. Em algum ponto, a água do lago simplesmente se transformou em água salgada. O familiar litoral de Long Island surgiu à frente, e dois grandes e amistosos tubarões-brancos subiram à superfície e me conduziram na direção da praia.

Quando desembarquei, o acampamento parecia deserto. Era fim de tarde, mas a área para a prática de arco e flecha estava vazia. A parede de escalada vertia lava e ribombava, sem ninguém. Pavilhão: nada. Chalés: todos vazios. Então percebi a fumaça que subia do anfiteatro. Cedo demais para uma fogueira, e não achei que estivessem assando *marshmallows*. Corri naquela direção.

Antes mesmo de chegar lá ouvi Quíron fazendo um anúncio. Parei subitamente quando percebi o que ele estava falando.

— ... presumimos que ele esteja morto — disse Quíron. — Depois de tanto tempo em silêncio, é pouco provável que nossas preces sejam atendidas. Pedi à sua melhor amiga sobrevivente que fizesse as honras finais.

Aproximei-me pelos fundos do anfiteatro. Ninguém me viu. Estavam todos olhando para a frente, observando Annabeth pegar um longo manto mortuário de seda verde bordado com um tridente e atear fogo nele. Estavam queimando minha mortalha.

Annabeth virou-se de frente para os ouvintes. Tinha uma aparência horrível. Seus olhos estavam inchados de chorar, mas ela conseguiu dizer:

— Ele provavelmente foi o amigo mais corajoso que já tive. Ele... — E então me viu. Seu rosto ficou vermelho como sangue. — Ele está ali!

Cabeças se viraram. Pessoas arfavam.

— Percy! — Beckendorf sorriu.

Um bando de outros garotos se amontoou à minha volta, dando-me tapinhas nas costas. Ouvi algumas maldições do chalé de Ares, mas Clarisse limitou-se a revirar os olhos, como se não acreditasse que eu tivera o descaramento de sobreviver. Quíron aproximou-se galopando e todos abriram caminho para ele.

— Bem — ele suspirou com alívio óbvio. — Não creio que já tenha me sentido tão feliz com a volta de um campista. Mas você precisa me dizer...

— ONDE VOCÊ ESTAVA? — interrompeu Annabeth, empurrando os outros campistas. Pensei que ela fosse me dar um soco, mas em vez disso me abraçou com tanta força que quase quebrou minhas costelas. Os outros ficaram em silêncio. Annabeth pareceu perceber que estava fazendo uma cena e então me afastou. — Eu... nós pensamos que estivesse morto, Cabeça de Alga!

— Desculpem-me — eu disse. — Estava perdido.

— PERDIDO? — ela gritou. — Por duas semanas, Percy? Em que raios...

— Annabeth — interrompeu-a Quíron. — Talvez devêssemos discutir isso em um lugar mais discreto, não? Vocês todos, de volta a suas atividades normais!

Sem esperar que protestássemos, ele pegou Annabeth e a mim tão facilmente quanto se fôssemos gatinhos, atirou-nos sobre seu dorso e partiu a galope para a Casa Grande.

Não contei a eles toda a história. Eu simplesmente não consegui falar sobre Calipso. Expliquei como provoquei a explosão no Monte Santa Helena e fui expelido do vulcão. Contei-lhes que fiquei isolado em uma ilha até que Hefesto me encontrou e me disse que podia partir. Uma jangada mágica me levou de volta ao acampamento.

Tudo isso era verdade, mas, enquanto contava, fiquei com a palma das mãos suada.

— Você ficou desaparecido por duas semanas. — A voz de Annabeth agora estava mais firme, mas ela ainda parecia bastante abalada. — Quando ouvi a explosão pensei...

— Eu sei — eu disse. — Desculpe-me. Mas descobri como se orientar no Labirinto. Conversei com Hefesto.

— Ele lhe disse a resposta?

— Bem, de certa forma. Ele disse que eu já sabia. E eu sei. Agora entendi.

Contei-lhes minha ideia.

O queixo de Annabeth caiu.

— Percy, isso é loucura!

Quíron recostou-se em sua cadeira de rodas e afagou a barba.

— Há precedentes, porém. Teseu teve a ajuda de Ariadne. Harriet Tubman, filha de Hermes, usou muitos mortais em sua Ferrovia Clandestina pela mesma simples razão.

— Mas essa é a *minha* missão — disse Annabeth. — *Eu* preciso liderá-la.

— Minha querida, é sua missão. — Quíron parecia pouco à vontade. — Mas você precisa de ajuda.

— E espera que *isso* ajude? Por favor! É errado. É covarde. É...

— É difícil admitir que precisamos da ajuda de um mortal — eu disse. — Mas é verdade. Annabeth me olhou, furiosa.

— Você é a *pessoa mais irritante* que já conheci! — E saiu da sala, enfurecida.

Fiquei olhando o vão da porta. Minha vontade era de chutar algo.

— Já era a história de ser o amigo mais corajoso que ela teve...

— Ela vai se acalmar — garantiu Quíron. — Ela está com ciúme, meu garoto.

— Isso é estupidez. Ela não é... não é como...

Quíron deu uma risada.

— Isso não importa. Annabeth é muito possessiva em relação aos amigos, caso não tenha percebido. Ficou muito preocupada com você. E agora que você está de volta, acho que ela suspeita onde esteve isolado.

Olhei-o nos olhos e vi que Quíron havia descoberto sobre Calipso. Era difícil esconder algum segredo de um cara que vinha treinando heróis havia três mil anos. Ele já vira praticamente de tudo.

— Não vamos discutir suas escolhas — disse Quíron. — Você voltou. É o que importa.

— Diga isso a Annabeth.

Quíron sorriu.

— De manhã vou pedir a Argos que leve vocês dois a Manhattan. Você deve ir ver sua mãe, Percy. Ela está... perturbada, o que é compreensível.

Meu coração palpitou. Em todo aquele tempo na ilha de Calipso eu nunca nem pensei em como minha mãe estaria se sentindo. Provavelmente, pensava que eu estivesse morto. Devia estar arrasada. O que havia de errado comigo, que nem sequer considerara isso?

— Quíron — falei —, e quanto a Grover e Tyson? Você acha...

— Não sei, meu garoto. — Quíron olhou para a lareira vazia. — Juníper está bastante aflita. Os galhos dela estão ficando todos amarelos. O Conselho dos Anciãos de Casco Fendido revogou *in absentia* a licença de buscador de Grover. Supondo-se que ele volte vivo, irão forçá-lo a um exílio vergonhoso. — Ele suspirou. — No entanto, Grover e Tyson são muito engenhosos. Ainda podemos ter esperanças.

— Eu não devia tê-los deixado ir.

— Grover tem seu próprio destino, e Tyson foi bravo em segui-lo. Você saberia se Grover estivesse em perigo mortal, não acha?

— Suponho que sim. O elo de empatia. Mas...

— Tem mais um fato que eu preciso lhe contar, Percy — afirmou ele. — Na verdade, dois fatos desagradáveis.

— Ótimo.

— Chris Rodriguez, nosso hóspede...

Lembrei-me do que tinha visto no porão, Clarisse tentando conversar com ele enquanto Chris balbuciava frases sobre o Labirinto.

— Ele morreu?

— Ainda não — disse Quíron, sombrio. — Mas está muito pior. Agora está na enfermaria, fraco demais até para se mexer. Precisei mandar Clarisse retornar às atividades regulares porque ela ficava o tempo todo na cabeceira dele. Ele não reage a nada. Não come nem bebe. Nenhum de meus medicamentos ajuda. Ele simplesmente perdeu a vontade de viver.

Estremeci. Apesar de todos os problemas que tive com Clarisse, eu me senti péssimo por ela. Ela se empenhara tanto em ajudá-lo. E agora que eu já estivera no Labirinto, podia entender por que fora tão fácil para o fantasma de Minos levar Chris à loucura. Se eu estivesse perambulando por lá sozinho, sem a ajuda de meus amigos, nunca teria conseguido sair.

— Lamento dizer — continuou Quíron — que a outra notícia é ainda menos agradável. Quintus desapareceu.

— Desapareceu? Como?

— Há três noites ele entrou furtivamente no Labirinto. Juníper viu. Parece que você estava certo sobre ele.

— Ele é espião de Luke. — Conteí a Quíron sobre o Rancho Triplo G, onde Quintus havia comprado seus escorpiões, e que Geríon vinha fornecendo suprimentos para o exército de Cronos.

— Não pode ser coincidência.

Quíron suspirou profundamente.

— Tantas traições! Eu tinha esperanças de que Quintus provasse que era um amigo. Parece que julguei mal.

— E quanto à sra. O'Leary? — perguntei.

— O cão infernal ainda está na arena. Não deixa ninguém se aproximar. Não tive coragem de colocá-lo à força em uma jaula... ou de destruí-lo.

— Quintus não a deixaria para trás assim, simplesmente.

— Como eu disse, Percy, parece que estávamos enganados a respeito dele. Agora você precisa se preparar para amanhã cedo. Você e Annabeth ainda têm muito que fazer.

Deixei-o em sua cadeira de rodas, fitando a lareira com o olhar triste. Imaginei quantas vezes ele havia se sentado ali, esperando heróis que nunca voltaram.

Antes do jantar, passei na arena de esgrima. Como previ, lá estava a sra. O'Leary, enroscada como um enorme monte de pelo preto no meio do estádio, mastigando, indiferente, a cabeça de um boneco-alvo.

Quando ela me viu, latiu e veio saltitando em minha direção. Pensei que eu fosse virar um cadáver. Só tive tempo de dizer “Ô!” antes que ela me derrubasse e começasse a lamber meu rosto. Em geral, por ser filho de Poseidon, eu só fico molhado quando quero, mas meus poderes aparentemente não se estendem a saliva de cachorro, porque tomei um bom banho.

— Ô, garota! — gritei. — Não consigo respirar. Deixe-me ficar de pé!

Por fim, consegui tirá-la de cima de mim. Cocei-lhe as orelhas e encontrei para ela um biscoito gigante de cachorro.

— Onde está seu dono? — perguntei. — Como ele pôde abandoná-la, hein?

Ela choramingou, como se também quisesse a resposta. Eu estava pronto para acreditar que Quintus fosse inimigo, mas ainda não conseguia compreender por que ele deixara a sra. O'Leary para trás. Se eu tinha uma certeza, era de que ele gostava de verdade daquele megacachorro.

Fiquei pensando naquilo e limpando de meu rosto a baba do cão com uma toalha quando uma voz feminina disse:

— Você tem sorte de ela não ter arrancado sua cabeça com uma mordida.

Clarisse estava de pé, com a espada e o escudo, do outro lado da arena.

— Ontem vim aqui treinar — resmungou ela. — Essa cadela tentou me engolir.

— Ela é inteligente — eu disse.

— Engraçado.

Clarisse veio em nossa direção. A sra. O'Leary rosnou, mas eu lhe dei uns tapinhas na cabeça e a acalmei.

— Estúpido cão infernal — disse Clarisse. — Não vai me impedir de treinar.

— Eu soube do Chris — falei. — Sinto muito.

Clarisse deu uma volta pela arena. Quando se aproximou do boneco que estava mais perto, ela o atacou violentamente, arrancando-lhe a cabeça com um único golpe e atravessando com a espada seu abdome. Ela puxou a espada de volta e continuou a caminhar.

— É, bem, às vezes as coisas dão errado. — Sua voz estava trêmula. — Heróis se machucam. Eles... eles morrem, e os monstros continuam voltando.

Ela pegou um dardo e o atirou do outro lado da arena, cravando-o no capacete do boneco, bem entre os orifícios para os olhos.

Ela havia chamado Chris de herói, como se ele nunca tivesse passado para o lado dos titãs. Isso me fez lembrar como Annabeth, às vezes, se referia a Luke. Resolvi não comentar o assunto.

— Chris era corajoso — eu disse. — Espero que melhore.

Ela me lançou um olhar furioso, como se eu fosse seu próximo alvo. A sra. O'Leary rosnou.

— Faça-me um favor — pediu Clarisse.

— Sim, claro.

— Se encontrar Dédalo, não confie nele. Não lhe peça ajuda. Simplesmente o mate.

— Clarisse...

— Porque, qualquer um que possa criar algo como o Labirinto, Percy, essa pessoa é do mal. É pura e simplesmente má.

Por um segundo ela me fez recordar Euritíon, o vaqueiro, seu meio-irmão muito mais velho. Tinha o mesmo olhar severo, como se a tivessem usado pelos últimos dois mil anos e estivesse ficando cansada disso. Ela guardou a espada na bainha.

— O treino acabou. Daqui para a frente é de verdade.

Naquela noite dormi em meu próprio beliche, e pela primeira vez desde a ilha de Calipso os sonhos me vieram.

Eu estava na sala de audiência de um rei — uma grande câmara branca com colunas de mármore e um trono de madeira. Sentado nele estava um sujeito gorducho com cabelos vermelhos encaracolados e uma coroa de louros. A seu lado viam-se três garotas que pareciam suas filhas. Todas tinham o mesmo cabelo ruivo e vestiam túnicas azuis.

As portas se abriram com um rangido e um arauto anunciou:

— Minos, Rei de Creta!

Eu fiquei tenso, mas o homem no trono limitou-se a sorrir para as filhas.

— Mal posso esperar para ver a cara dele.

Minos, o canalha real em pessoa, entrou na sala. Era tão alto e sério que fazia o outro rei parecer um bobalhão. A barba pontuda de Minos estava grisalha. Ele parecia mais magro do que em meu último sonho, e suas sandálias estavam enlameadas, mas o mesmo brilho cruel cintilava em seus olhos.

Ele curvou-se rigidamente para o homem no trono.

— Rei Cócalo. Pelo que entendi, o senhor desvendou meu pequeno enigma.

Cócalo sorriu.

— Nem um pouco *pequeno*, Minos. Principalmente quando o senhor anuncia pelos quatro cantos do mundo

que está disposto a pagar mil talentos de ouro para quem conseguir resolvê-lo. A oferta é verdadeira?

Minos bateu palmas. Dois guardas musculosos entraram, carregando com dificuldade uma grande caixa de madeira. Colocaram-na aos pés de Cócalo e abriram. Pilhas de barras de ouro cintilavam. Deviam valer uns zilhões de dólares.

Cócalo assoviou, admirado.

— O senhor deve ter levado seu reino à falência para pagar essa recompensa, meu amigo.

— Isso não é assunto seu.

Cócalo deu de ombros.

— O enigma era bastante simples, na verdade. Um de meus criados o resolveu.

— Pai — advertiu uma das garotas. Parecia a mais velha, ligeiramente mais alta que as outras.

Cócalo a ignorou. Pegou uma concha espiralada das dobras de sua túnica. Um fio de prata havia sido introduzido na concha, de forma que ela pendia como uma imensa conta em um cordão.

Minos deu um passo à frente e pegou a concha.

— Um de seus criados, o senhor disse? Como foi que ele passou o fio sem quebrar a concha?

— Usou uma formiga, pode acreditar. Amarrou um fio de seda na pequena criatura e a convenceu a atravessar a concha colocando mel do outro lado.

— Homem engenhoso — disse Minos.

— Ah, de fato. É o tutor de minhas filhas. Elas gostam muito dele.

Os olhos de Minos se tornaram frios.

— Eu me preocuparia com isso.

Eu queria avisar Cócalo: *Não confie nesse cara! Jogue-o na masmorra com alguns leões famintos ou coisa parecida!* Mas o rei ruivo limitou-se a dar uma risadinha.

— Não se preocupe, Minos. Minhas filhas são sábias para a idade que têm. Agora, quanto ao meu ouro...

— Certo — disse Minos. — Mas, veja, o ouro é para o homem que solucionou o enigma. E só pode haver um homem assim. O senhor está abrigando Dédalo.

Cócalo, desconfortável, mudou de posição no trono.

— Como sabe o nome dele?

— Ele é um ladrão — disse Minos. — Já serviu em minha corte, Cócalo. Colocou minha própria filha contra mim. Ajudou um usurpador a me fazer de bobo em meu palácio. E então fugiu à justiça. Há dez anos que o estou perseguindo.

— Eu não sabia nada disso. Mas ofereci minha proteção ao homem. Ele tem sido muito prestativo...

— Eu lhe ofereço uma opção — disse Minos. — Entregue-me o fugitivo e este ouro é seu. Ou arrisque fazer de mim seu inimigo. O senhor não vai querer Creta como inimiga.

Cócalo empalideceu. Achei estupidez ele parecer tão amedrontado em sua própria sala do trono. Bastava convocar seu exército ou algo assim. Minos só tinha dois guardas. Mas Cócalo simplesmente ficou lá sentado no trono, suando.

— Pai — disse a filha mais velha —, o senhor não pode...

— Silêncio, Élia. — Cócalo enroscava sua barba. Olhou novamente para o ouro cintilando. — Isso me aflige, Minos. Os deuses não amam um homem que quebra seu juramento de hospitalidade.

— Os deuses tampouco amam aqueles que acolhem criminosos.

— Muito bem — Cócalo assentiu. — O senhor terá seu homem acorrentado.

— Pai! — exclamou Élia de novo. Então ela se controlou e passou a um tom mais doce: — Pelo menos nos deixe preparar um banquete para nosso convidado. Depois de uma longa jornada, ele merece um banho quente, roupas novas e uma refeição decente. Eu me sentiria honrada em preparar pessoalmente o banho.

Ela ofereceu um lindo sorriso a Minos, e o velho rei resmungou:

— Creio que um banho não cairia mal. — Olhou para Cócalo. — Vejo-o no jantar, meu senhor. Com o prisioneiro.

— Por aqui, Sua Majestade — disse Élia.

Ela e as irmãs conduziram Minos para fora da sala do trono.

Eu os acompanhei até uma sala de banhos decorada com azulejos de mosaico. O ar estava repleto de vapor. Uma torneira aberta jorrava água quente na banheira. Élia e as irmãs a encheram com pétalas de rosa e algo que devia ser sabonete líquido da Grécia Antiga, porque logo a água estava coberta com uma espuma multicolorida. As garotas viraram-se de lado enquanto Minos despiu sua túnica e entrava na banheira.

— Ahh! — Ele sorriu. — Um banho excelente. Obrigado, minhas queridas. A jornada foi de fato muito longa.

— Está perseguindo sua presa há dez anos, meu senhor? — indagou Élia, piscando. — Deve ser muito determinado.

— Nunca me esqueço de uma dívida. — Minos sorriu. — Seu pai foi sábio em concordar com meu pedido.

— Ah, de fato, meu senhor! — disse Élia. Achei que ela estava exagerando na bajulação, mas o velho estava caindo. As irmãs de Élia gotejaram óleo perfumado na cabeça do rei. — Sabe, meu senhor — continuou Élia —, Dédalo pensou mesmo que o senhor viria. Achou que o enigma podia ser uma armadilha, mas não resistiu à tentação de resolvê-lo.

Minos franziu a testa.

— Dédalo lhe falou sobre mim?

— Sim, meu senhor.

— Ele é um homem mau, princesa. Minha própria filha se rendeu ao feitiço dele. Não lhe dê ouvidos.

— Ele é um gênio — disse Élia. — E acredita que a mulher é tão inteligente quanto o homem. Foi o primeiro a nos ensinar como se de fato pensássemos sozinhas. Talvez sua filha tenha sentido o mesmo.

Minos tentou se sentar, mas as irmãs de Élia o empurraram de volta à água. Élia postou-se atrás dele. Tinha três pequenas esferas na palma da mão. A princípio pensei que fossem cápsulas com produtos de banho, mas ela as atirou na água e das cápsulas passaram a germinar fios de bronze, que começaram a se enrolar ao rei, amarrando seus tornozelos, prendendo suas mãos ao lado do corpo, envolvendo seu pescoço. Embora eu odiasse Minos, era horrível assistir àquilo. Ele se debateu e gritou, mas as garotas eram bem mais fortes. Logo ele estava indefeso, deitado na banheira com o queixo na superfície da água. Os fios de bronze continuavam a se enroscar nele, como um casulo, espremendo seu corpo.

— O que você quer? — perguntou Minos. — Por que está fazendo isto?

— Dédalo tem sido bom conosco, Sua Majestade. — Élia sorriu. — E eu não gosto que ameacem meu pai.

— Diga a Dédalo — grunhiu Minos —, diga que vou caçá-lo mesmo depois da morte! Se existir alguma justiça no Mundo Inferior, minha alma vai persegui-lo por toda a eternidade!

— Bravas palavras, Sua Majestade — replicou Élia. — Desejo-lhe sorte em sua busca de justiça no Mundo Inferior.

E, com isso, os fios envolveram o rosto de Minos, transformando-o em uma múmia de bronze.

A porta da sala de banhos se abriu. Dédalo entrou, carregando uma mala de viagem.

Ele havia cortado o cabelo bem rente. A barba estava totalmente branca. Parecia frágil e triste, mas estendeu a mão e tocou a testa da múmia. Os fios desataram-se e afundaram na banheira. Nada havia dentro deles. Era como se o Rei Minos tivesse simplesmente se dissolvido.

— Uma morte sem dor — ponderou Dédalo. — Mais do que ele merecia. Obrigado, minhas princesas.

Élia o abraçou.

— Não pode ficar aqui, professor. Quando nosso pai descobrir...

— Sim — disse Dédalo. — Receio que lhes tenha trazido problemas.

— Ah!, não se preocupe conosco. Papai vai ficar suficientemente feliz com o dinheiro daquele velho. E Creta fica muito distante daqui. Mas ele vai culpar o senhor pela morte de Minos. Precisa fugir para algum lugar seguro.

— Algum lugar seguro — repetiu o velho. — Durante anos fugi de reino em reino, procurando um lugar seguro. Temo que Minos tenha dito a verdade. A morte não o impedirá de me perseguir. Não haverá lugar sob o sol que possa me abrigar assim que a notícia deste crime correr.

— Então, para onde irá? — perguntou Élia.

— Para onde jurei nunca mais entrar — respondeu Dédalo. — Minha prisão pode ser meu único santuário.

— Não entendi — disse Élia.

— É melhor que não entenda mesmo.

— Mas e quanto ao Mundo Inferior? — uma das irmãs perguntou. — Um julgamento terrível o aguardará! Todo homem deve morrer.

— Talvez — disse Dédalo. Então tirou um pergaminho da mala, o mesmo que eu vira em meu último sonho, com as anotações do sobrinho. — Talvez não.

Ele deu um tapinha no ombro de Élia e então abençoou ela e as irmãs. Olhou mais uma vez para os fios de cobre cintilando no fundo da banheira.

— Encontre-me se puder, rei dos fantasmas.

Ele se virou para a parede de mosaicos e tocou um azulejo. Um sinal brilhante surgiu — com a letra grega Δ — e a parede deslizou para o lado. As princesas deixaram escapar um arquejo.

— Você nunca nos falou de passagens secretas! — disse Élia. — Tem estado muito ocupado.

— O *Labirinto* tem estado ocupado — corrigiu Dédalo. — Não tentem me seguir, minhas queridas, se dão valor à sua sanidade.

Meu sonho se deslocou. Eu estava no subsolo, em uma câmara de pedra. Luke e outro guerreiro meio-sangue estudavam um mapa à luz da lanterna.

Luke praguejou.

— Deveria ser a última curva. — Ele amassou o mapa e o atirou para um lado.

— Senhor! — seu companheiro protestou.

— Mapas são inúteis aqui — afirmou Luke. — Não se preocupe. Eu vou achar.

— Senhor, é verdade que quanto maior o grupo...

— Maior a probabilidade de se perder? Sim, é verdade. Por que você acha que enviamos exploradores desacompanhados para começar? Mas não se preocupe. Assim que tivermos o fio, poderemos liderar a vanguarda até lá.

— Mas como vamos *conseguir* o fio?

Luke ficou de pé e flexionou os dedos.

— Ah, Quintus vai cumprir a parte dele. Tudo o que precisamos fazer é chegar à arena, e ela fica em um entroncamento. É impossível ir a qualquer lugar sem passar por ela. Por isso é necessária uma trégua com seu dono. Só precisamos nos manter vivos até...

— Senhor! — Uma nova voz veio do corredor. Outro cara vestindo uma armadura grega surgiu correndo, carregando uma tocha. — As *dracaenae* encontraram um meio-sangue!

— Sozinho? Andando pelo Labirinto? — Luke franziu a testa.

— Sim, senhor! É melhor vir rápido. Estão na próxima câmara. Ele está encurralado.

— Quem é?

— Ninguém que eu já tenha visto, senhor.

Luke assentiu.

— Uma bênção de Cronos. Venha! Talvez possamos usar esse meio-sangue.

Eles dispararam pelo corredor, e eu acordei num sobressalto, fitando a escuridão. *Um meio-sangue sozinho, andando pelo Labirinto.* Levei muito tempo para conseguir dormir de novo.

Na manhã seguinte, cuidei para que a sra. O'Leary tivesse bastantes biscoitos de cachorro. Pedi a Beckendorf que ficasse de olho nela, o que não pareceu deixá-lo muito feliz. Em seguida, subi a Colina Meio-Sangue e encontrei Annabeth e Argos na estrada.

Annabeth e eu não conversamos muito na van. Argos nunca falava, provavelmente porque tinha olhos pelo corpo todo, inclusive na ponta da língua — pelo menos assim eu ouvira —, e não gostava de mostrar isso.

Annabeth parecia indisposta, como se tivesse dormido ainda pior do que eu.

— Sonhos ruins? — perguntei, afinal.

Ela sacudiu a cabeça.

— Uma mensagem de Íris enviada por Euritíon.

— Euritíon! Algum problema com Nico?

— Ele deixou o rancho ontem à noite e voltou para o Labirinto.

— O *quê*? Euritíon não tentou detê-lo?

— Nico se foi antes que ele acordasse. Ortro o farejou até o mata-burro. Euritíon contou que vinha ouvindo Nico falando sozinho nas últimas noites. Só agora ele acha que Nico estava falando novamente com o fantasma, Minos.

— Ele está em perigo — eu disse.

— Sem dúvida. Minos é um dos juízes dos mortos, mas a maldade é inerente a ele. Não sei o que quer com Nico, mas...

— Não é a isso que me refiro — eu disse. — Tive um sonho ontem à noite... — Contei a ela sobre Luke, que ele mencionara Quintus e que seus homens tinham encontrado um meio-sangue sozinho no Labirinto.

Annabeth contraiu o maxilar.

— Isso é muito, muito ruim.

— Então, o que fazemos?

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Bem, é um bom início que você tenha um plano para nos guiar, certo?

Era sábado, e o trânsito que seguia para a cidade estava pesado. Chegamos ao apartamento de minha mãe aproximadamente ao meio-dia. Quando atendeu à porta, ela me deu um abraço só um pouquinho menos esmagador do que ter um cão infernal pulando em você.

— Eu *disse* a eles que você estava bem — ela contou, mas parecia que o peso do céu acabara de ser tirado de seus ombros, e, pode acreditar, conheço a sensação por experiência própria.

Ela nos fez sentar à mesa da cozinha e insistiu em nos dar seu biscoito azul especial, com pequenos pedaços de chocolate, enquanto a colocávamos a par da missão. Como sempre, tentei minimizar as partes assustadoras (que eram quase todas), mas de algum modo isso só fazia tudo parecer mais perigoso.

Quando cheguei à parte sobre Geríon e os estábulos, minha mãe fingiu que ia me estrangular.

— Não consigo fazê-lo limpar o próprio quarto mas ele limpa cem toneladas de estrume de cavalo dos estábulos de um monstro!

Annabeth riu. Era a primeira vez que a ouvia rir em muito tempo, e isso foi bom.

— Então — disse minha mãe quando acabei de contar —, você destruiu a Ilha de Alcatraz, explodiu o Monte Santa Helena e desalojou meio milhão de pessoas, mas, pelo menos, está são e salvo.

Essa é minha mãe, sempre olhando o lado positivo da situação.

— É — concordei. — Isso resume tudo.

— Queria que Paul estivesse aqui — ela disse a si mesma. — Ele queria falar com você.

— Ah, certo. A escola.

Foram tantos acontecimentos desde então que eu tinha quase me esquecido da visita de orientação escolar à Goode — e o fato de que deixara a sala de música em chamas, e que o namorado de minha mãe me vira pela última vez pulando a janela como um fugitivo.

— O que você disse a ele? — perguntei.

Mamãe sacudiu a cabeça.

— O que eu poderia ter dito? Ele sabe que existe algo diferente em você, Percy. Ele é um homem inteligente. Acredita que você não é uma pessoa má. Não sabe o que está acontecendo, mas a escola o está pressionando. Afinal, foi ele quem o levou para lá. Ele precisa convencê-los de que o incêndio não foi culpa sua. E, como você fugiu, isso parece difícil.

Annabeth me observava. Parecia solidária. Eu sabia que ela já estivera em situações semelhantes. O mundo mortal nunca é fácil para um meio-sangue.

— Vou falar com ele — prometi. — Depois que tivermos encerrado a missão. Se você quiser, posso até contar a verdade para ele.

Minha mãe pôs a mão em meu ombro.

— Você faria isso?

— Bem, sim. Mas ele vai achar que somos loucos.

— Ele já acha isso.

— Então não temos nada a perder.

— Obrigada, Percy. Vou dizer a ele que você estará de volta em... — Ela franziu a testa. — Quando? O que vai acontecer agora?

Annabeth quebrou seu biscoito ao meio.

— Percy tem um *plano*.

Relutante, contei a mamãe.

Ela assentiu devagar.

— Parece muito perigoso. Mas pode funcionar.

— Você tem o mesmo poder, não tem? — perguntei. — Você pode ver através da Névoa.

Mamãe suspirou.

— Não tanto agora. Quando mais nova, era mais fácil. Mas, sim, sempre pude ver mais do que era bom para mim. Foi uma das características que chamou a atenção de seu pai quando nos conhecemos. Mas tenham cuidado. Prometam que ficarão em segurança.

— Vamos tentar, sra. Jackson — disse Annabeth. — Mas manter seu filho em segurança é uma tarefa difícil. — Ela cruzou os braços e olhou pela janela da cozinha. Fiquei brincando com o guardanapo e tentei nada dizer.

Minha mãe franziu a testa.

— O que está havendo com vocês dois? Estão brigando?

Nenhum dos dois respondeu.

— Entendi — disse mamãe, e me perguntei se ela podia ver através de mais coisas do que a Névoa. Parecia que ela entendia o que estava acontecendo entre mim e Annabeth, mas *eu*, com toda certeza, não.

— Bem, lembrem-se de que Grover e Tyson estão contando com vocês dois — disse ela.

— Eu sei — Annabeth e eu falamos ao mesmo tempo, o que me deixou ainda mais constrangido.

Mamãe sorriu.

— Percy, é melhor você usar o telefone no hall. Boa sorte.

Fiquei aliviado em sair da cozinha, embora estivesse nervoso com o que estava prestes a fazer. Fui até o telefone e fiz a ligação. O número se apagara de minha mão havia muito tempo, mas tudo bem. Sem querer, eu o tinha decorado.

Combinamos um encontro na Times Square. Encontramos Rachel Elizabeth Dare diante do Marriott Marquis, e ela estava completamente pintada em dourado.

E digo seu rosto, seu cabelo, suas roupas — tudo. Parecia que tinha sido tocada pelo Rei Midas. Estava de pé como uma estátua com quatro outros garotos, todos pintados com tinta metálica — cobre, bronze, prata. Estavam imobilizados em diferentes poses, e alguns turistas passavam apressados por eles enquanto outros paravam para olhá-los. Alguns jogavam moedas no pedaço de linóleo na calçada.

A placa aos pés de Rachel dizia: ARTE URBANA PARA CRIANÇAS. DOAÇÕES BEM-VINDAS.

Annabeth e eu ficamos ali parados por uns cinco minutos, olhando para Rachel, mas se ela nos viu não demonstrou. Ela não se moveu nem piscou, não que eu pudesse ver. Tendo TDAH, eu não seria capaz de fazer aquilo. Ficar parado por tanto tempo teria me levado à loucura. Era estranho também ver Rachel dourada. Ela parecia a estátua de alguém famoso, uma atriz ou algo assim. Só que os olhos eram verdes, normais.

— Quem sabe se dermos um empurrão nela — sugeriu Annabeth.

Achei aquilo um pouco cruel, mas Rachel não reagiu. Depois de mais alguns minutos, um garoto prateado se aproximou, vindo do ponto de táxi diante do hotel, onde estivera descansando um pouco. Fez uma pose como se estivesse discursando para a multidão, ao lado de Rachel. Ela se mexeu e saiu do linóleo.

— Ei, Percy. — Ela sorriu. — Na hora certa! Vamos tomar um café.

Fomos até um lugar chamado Alce Javanês, na Rua 43 Oeste. Rachel pediu um Espresso Extremo, o tipo de bebida de que Grover gostaria. Annabeth e eu pedimos *smoothies* de fruta e nos sentamos a uma mesa bem embaixo do alce empalhado. Ninguém prestava atenção a Rachel em seu traje dourado.

— Então, seu nome é Annabell, certo? — ela perguntou.

— Annabeth — corrigiu Annabeth. — Você sempre se veste de dourado?

— Normalmente não — disse Rachel. — Estamos arrecadando dinheiro para nosso grupo. Realizamos projetos de arte voluntários para crianças do ensino fundamental, pois estão cortando a arte nas escolas, sabem? Fazemos isso uma vez por mês e conseguimos cerca de quinhentos dólares num fim de semana bom. Mas acho que vocês não querem falar sobre isso. Você também é uma meio-sangue?

— Psiu! — disse Annabeth, olhando à volta. — Que tal anunciar isso ao mundo?

— O.k. — Rachel se levantou e disse bem alto: — Ei, pessoal! Estes dois aqui não são humanos! São metade deuses gregos!

Ninguém nem mesmo olhou para ela. Rachel deu de ombros e sentou-se.

— Acho que não estão interessados.

— Isso não é engraçado — disse Annabeth. — Não é uma piada, garota mortal.

— Parem, vocês duas — eu disse. — Fiquem calmas.

— Eu estou calma — insistiu Rachel. — Sempre que estamos juntos algum monstro nos ataca. Por que ficaria nervosa?

— Olhe — eu disse. — Desculpe pela sala de música. Espero que não tenham expulsado você nem nada.

— Não. Mas me fizeram um monte de perguntas sobre você. Eu me fiz de burra.

— Foi difícil? — perguntou Annabeth.

— O.k., chega! — intervim. — Rachel, temos um problema. E precisamos de sua ajuda.

Rachel olhou para Annabeth, estreitando os olhos.

— *Você* precisa de minha ajuda?

Annabeth misturou o *smoothie* com o canudo.

— Sim — disse, mal-humorada. — Talvez.

Contei a Rachel sobre o Labirinto e por que precisávamos encontrar Dédalo. Expliquei o que havia acontecido nas últimas vezes que entramos.

— Então vocês querem que eu os guie — disse ela. — Por um lugar onde nunca estive.

— Você consegue ver através da Névoa — afirmei. — Exatamente como Ariadne. Estou apostando que é capaz de ver o caminho certo. O Labirinto não conseguirá enganá-la tão facilmente.

— E se você estiver errado?

— Então vamos nos perder. De qualquer forma, será perigoso. Muito, muito perigoso.

— Eu posso morrer?

— Sim.

— Pensei que você tivesse dito que os monstros não ligam para os mortais. Aquela sua espada...

— Sim — concordei. — O bronze celestial não fere os mortais. A maioria dos monstros ignoraria você. Mas Luke... ele não liga para isso. Usa mortais, semideuses, monstros, qualquer um. E mata quem quer que se ponha no caminho dele.

— Cara legal — comentou Rachel.

— Ele está sob a influência de um titã — defendeu-o Annabeth. — Foi iludido.

Rachel correu o olhar entre mim e Annabeth algumas vezes.

— O.k. — disse ela. — Estou dentro.

Eu pisquei. Não havia imaginado que seria tão fácil.

— Tem certeza?

— Ah, meu verão ia ser mesmo chato. Essa foi a melhor oferta que tive até agora. Então, o que eu devo procurar?

— Precisamos encontrar uma entrada para o Labirinto — disse Annabeth. — Tem uma no Acampamento Meio-Sangue, mas você não pode entrar lá. Está fora dos limites para os mortais.

Ela disse *mortais* como se fosse alguma doença terrível, mas Rachel se limitou a assentir.

— O.k. Como é uma entrada para o Labirinto?

— Pode ser qualquer coisa — respondeu Annabeth. — Uma parte de um muro. Uma rocha. Uma porta. Um buraco de esgoto. Mas deve ter a marca de Dédalo. A letra grega Δ, reluzindo em azul.

— Como este? — Rachel desenhou a letra delta com água em nossa mesa.

— Exato — disse Annabeth. — Você sabe grego?

— Não — respondeu Rachel.

Ela tirou do bolso uma grande escova de cabelo de plástico azul e começou a escovar o cabelo, livrando-o da cor dourada.

— Vou me trocar. É melhor vocês virem comigo ao Marriott.

— Por quê? — perguntou Annabeth.

— Porque tem uma entrada assim no porão do hotel, onde guardamos nossas roupas. Ela tem a marca de Dédalo.

MEU IRMÃO DUELA COMIGO ATÉ A MORTE

A porta de metal estava um tanto escondida atrás de um cesto de toalhas sujas do hotel. Não vi nada de estranho nela, mas Rachel me mostrou onde olhar, e reconheci a letra azul levemente marcada no metal.

— Não é usada há muito tempo — disse Annabeth.

— Tentei abri-la uma vez — disse Rachel —, só por curiosidade. Está emperrada por causa da ferrugem.

— Não. — Annabeth deu um passo à frente. — Só precisa do toque de um meio-sangue.

E, realmente, assim que Annabeth pôs a mão a marca emitiu seu brilho azul. A porta de metal foi deslacrada e se abriu com um rangido, revelando uma escada escura que levava para baixo.

— Uau! — Rachel parecia calma, mas eu não sabia se ela estava fingindo. Tinha vestido uma camiseta surrada do Museu de Arte Moderna e seu habitual jeans rabiscado com caneta hidrográfica, a escova de plástico azul aparecendo no bolso. O cabelo ruivo estava preso atrás, mas ainda havia partículas douradas nele e vestígios de *glitter* no rosto. — Então... vocês primeiro?

— Você é a guia — disse Annabeth com simulada gentileza. — Vá na frente.

A escada descia para um amplo túnel de tijolos. Estava tão escuro que eu não conseguia ver meio metro diante de nós, mas Annabeth e eu havíamos renovado nosso estoque de lanternas. Assim que as acendemos, Rachel gritou.

Um esqueleto sorria para nós. Não era humano. Só para começar, era imenso — tinha pelo menos três metros de altura. Fora enforcado, acorrentado pelos pulsos e pelos tornozelos, formando um X gigante no vão do túnel. Mas o que fez um arrepio percorrer minhas costas foi a órbita negra e única no centro do crânio.

— Um ciclope — disse Annabeth. — É muito velho. Não é... ninguém que conheçamos.

Não era Tyson, era o que ela queria dizer. Mas isso não fez eu me sentir muito melhor. Ainda tinha a impressão de que ele fora colocado ali como um aviso. Eu não queria deparar com o que quer que pudesse matar um ciclope adulto.

— Você tem um amigo ciclope? — Rachel engoliu em seco.

— Tyson — eu disse. — Meu meio-irmão.

— Seu *meio-irmão*?

— Espero encontrá-lo aqui embaixo — afirmei. — E Grover, que é um sátiro.

— Ah! — A voz dela quase sumiu. — Bem, então é melhor irmos andando.

Ela passou por baixo do braço esquerdo do esqueleto e continuou andando. Annabeth e eu trocamos olhares. Annabeth deu de ombros. Seguimos Rachel, adentrando mais no Labirinto.

Cerca de quinze metros depois chegamos a um cruzamento. À frente, o túnel de tijolos continuava. À direita, as paredes eram feitas de antigas placas de mármore. À esquerda, o túnel era de terra e raízes de árvores.

Apontei para a esquerda.

— Aquele parece o túnel pelo qual Tyson e Grover seguiram.

Annabeth franziu a testa.

— Sim, mas a arquitetura à direita, de pedras antigas... é mais provável que aquele nos leve a uma parte

antiga do Labirinto, na direção da oficina de Dédalo.

— Precisamos seguir em frente — disse Rachel.

Annabeth e eu olhamos para ela.

— Essa é a escolha menos provável — afirmou Annabeth.

— Não estão vendo? — perguntou Rachel. — Olhem para o chão.

Nada vi além de tijolos gastos e de lama.

— Tem uma claridade ali — insistiu Rachel. — Muito leve. — Em frente é o caminho certo. À esquerda, mais adiante no túnel, aquelas raízes estão se movendo como tentáculos. Não gosto disso. À direita, tem uma armadilha uns cinco metros adiante. Buracos nas paredes, talvez para espigões. Não acho que devamos arriscar.

Eu não via nada do que ela estava descrevendo, mas assenti.

— O.k. Em frente.

— Acredita nela? — perguntou Annabeth.

— Sim — eu disse. — Você não?

Annabeth parecia querer discutir, mas fez um gesto para que Rachel prosseguisse. Juntos, continuamos pelo corredor de tijolos. Era sinuoso, mas não havia mais túneis laterais. Parecíamos estar descendo ainda mais, indo muito para baixo.

— Nenhuma armadilha? — perguntei, ansioso.

— Nada. — As sobranceiras de Rachel se uniram. — Deveria ser fácil assim?

— Não sei — eu disse. — Nunca foi antes.

— Então, Rachel — disse Annabeth —, de onde você é, exatamente?

Ela fez isso soar como: *De que planeta você vem?* Mas Rachel não pareceu ofendida.

— Brooklyn — ela respondeu.

— Seus pais não vão ficar preocupados se você ficar fora até tarde?

Rachel bufou.

— Improvável. Eu poderia ficar fora uma semana e eles nem notariam.

— Por que não? — Dessa vez Annabeth não soou tão sarcástica. Ter problemas com os pais era um assunto que ela entendia.

Antes que Rachel pudesse responder, ouvimos um rangido à frente, como portas imensas se abrindo.

— O que foi isso? — perguntou Annabeth.

— Não sei — respondeu Rachel. — Dobradiças de metal.

— Ah, isso ajuda muito. Perguntei: *o que foi isso?*

Então ouvi passos pesados sacudindo o corredor — vindo em nossa direção.

— Corremos? — perguntei.

— Corremos — Rachel concordou.

Demos meia-volta e fugimos pelo mesmo caminho, mas antes de corrermos dez metros demos de cara com algumas velhas amigas. Duas *dracaenae* — mulheres-cobras de armadura grega — apontavam suas lanças para nosso peito. Entre elas estava Kelli, a *empousa* líder de torcida.

— Ora, ora — disse Kelli.

Destampeei Contracorrente e Annabeth sacou a faca; mas Kelli saltou sobre Rachel antes mesmo que minha

espada deixasse sua forma de caneta. A mão dela se transformou em garra e girou Rachel, as unhas segurando-a com firmeza pelo pescoço.

— Levando sua mortalzinha de estimação para um passeio? — Kelli me perguntou. — São coisinhas tão frágeis. Tão fáceis de quebrar!

Às nossas costas, os passos se aproximavam. Uma forma imensa surgiu da escuridão — um lestrigão gigante de dois metros e meio, com olhos vermelhos e presas.

O gigante lambeu os lábios quando nos viu.

— Posso comê-los?

— Não — disse Kelli. — Seu mestre vai querer estes. Serão motivo de muita diversão. — Ela sorriu para mim. — Agora andem, meios-sangues. Ou vocês todos morrerão aqui, começando pela garota mortal.

Eu poderia dizer que aquele era meu pior pesadelo. E, acredite, já tive muitos pesadelos. Avançamos pelo túnel ladeados pelas *dracaenae*, com Kelli e o gigante atrás, para o caso de tentarmos fugir. Ninguém parecia preocupado com a possibilidade de correremos para a frente. Era a direção que queriam que seguissemos.

Adiante eu podia ver portas de bronze. Tinham cerca de três metros de altura, adornadas com um par de espadas cruzadas. De trás delas vinham ruídos abafados, como se ali houvesse uma multidão.

— Ah, sssim — disse a mulher-cobra à minha esquerda. — Você ssserá muito popular com nosso anfitrião.

Eu nunca olhara uma *dracaena* de perto antes, e não estava nada animado com a oportunidade. Ela teria um rosto bonito, não fossem a língua bifurcada e os olhos amarelos com fendas negras como pupilas. Usava uma armadura de bronze que ia até a cintura. Dali para baixo, onde deviam estar as pernas, viam-se dois maciços corpos de cobra, rajados de bronze e verde. Ela se deslocava com uma combinação de coleio e andar, como se estivesse sobre esquis vivos.

— Quem é seu anfitrião? — perguntei.

Ela sibilou, o que deve ter sido uma risada.

— Ah, você verá. Vocêsss vão ssse dar esssplendidamente. Ele é ssseu irmão, afinal de contasss.

— Meu o quê? — Pensei imediatamente em Tyson, mas isso era impossível. Do que ela estava falando?

O gigante passou à nossa frente e abriu as portas. Segurou Annabeth pela blusa e disse:

— Você fica aqui.

— Ei! — ela protestou, mas o cara tinha duas vezes o tamanho dela e já havia lhe confiscado a faca, e também minha espada.

Kelli riu. Ainda mantinha as garras no pescoço de Rachel.

— Ande, Percy. Entretenha-nos. Vamos esperar aqui com seus amigos, para ter certeza de que você vai se comportar.

Olhei para Rachel.

— Desculpe. Vou tirar você dessa.

Ela fez que sim na medida do possível, com o demônio em seu pescoço.

— Seria legal.

As *dracaenae* me espetaram com a ponta das lanças na direção da porta aberta e eu adentrei em uma arena.

Creio que não era a maior arena em que eu já estivera, mas parecia bastante espaçosa, considerando-se que ficava no subsolo. Era circular com piso de terra, grande o suficiente para alguém contorná-la de carro, desde que andasse bem rente à beira. No centro da arena lutavam um gigante e um centauro, que parecia em pânico. Galopava em torno do inimigo, usando a espada e o escudo, enquanto o gigante agitava uma lança do tamanho de um poste telefônico e a multidão aplaudia.

A primeira fila de assentos ficava três metros acima do piso da arena. Bancos simples de pedra contornavam o espaço inteiro, e todos os lugares estavam ocupados. Havia *dracaenae*, semideuses, gigantes, telquines e criaturas ainda mais estranhas: demônios com asas de morcego, outras que pareciam meio humanas e meio o que você quisesse — ave, réptil, inseto, mamífero.

No entanto, as mais assustadoras eram as caveiras. A arena estava cheia delas, cercando o parapeito. Pilhas delas, com um metro de altura, decoravam os degraus entre os bancos. Elas sorriam de estacas no fundo das arquibancadas e pendiam do teto em correntes, como horríveis candelabros. Algumas pareciam muito velhas — nada mais que ossos branquíssimos. Outras pareciam bastante recentes. Não vou descrevê-las. Acredite, você não ia querer que eu fizesse isso.

No meio de tudo, orgulhosamente exibido na parede ao lado dos espectadores, havia um objeto que não fazia o menor sentido para mim — uma bandeira verde com o tridente de Poseidon no centro. O que *ela* fazia em um lugar horrível como aquele?

Acima da bandeira, sentado em um lugar de honra, estava um velho inimigo.

— Luke — eu disse.

Não tenho certeza se ele pôde me ouvir apesar do rugido da multidão, mas sorriu friamente. Usava uma calça camuflada, camiseta branca e um peitoral de bronze, exatamente como eu vira no sonho. Mas ainda estava sem a espada, o que achei estranho. Ao lado dele sentava-se o maior gigante que eu já vira, muito maior do que o outro no centro da arena, que lutava contra o centauro. O gigante ao lado de Luke devia ter uns cinco metros de altura e era tão largo que ocupava três assentos. Usava tanga, como um lutador de sumô. Sua pele era vermelho-escuro, tatuada com motivos de onda azuis. Deduzi que devia ser o novo guarda-costas de Luke ou algo assim.

Ouviram-se um grito vindo do centro da arena, e dei um salto para trás quando o centauro desabou no chão a meu lado.

Seus olhos encontraram os meus, suplicantes.

— Socorro!

Levei a mão para pegar a espada, mas ela me fora tirada e ainda não havia reaparecido em meu bolso.

O centauro lutava para se levantar enquanto o gigante se aproximava, lança em punho.

Garras seguraram meu ombro.

— Ssse dá valor à vida de ssseusss amigoss — disse minha guarda *dracaena* —, não interfira. Esssta não é sssua luta. Essspere sssua vez.

O centauro não conseguiu se levantar. Uma de suas pernas estava quebrada. O gigante pôs o pé imenso no peito do oponente e ergueu a lança. Então olhou para Luke. A multidão incitava:

— MORTE! MORTE!

Luke não se moveu, mas o lutador de sumô tatuado sentado ao lado dele se levantou. Sorriu para o centauro, que choramingava:

— Por favor! Não!

Então o lutador de sumô estendeu a mão e fez o sinal com o *polegar para baixo*.

Fechei os olhos quando o gigante gladiador baixou a lança. Quando tornei a olhar, o centauro havia desaparecido, desintegrado em cinzas. Tudo que restava dele era um único casco, e o gigante o pegou como um troféu e mostrou à multidão, que urrou em aprovação.

Um portão se abriu no lado oposto do estádio e o gigante saiu marchando em triunfo. Na arquibancada, o lutador de sumô ergueu a mão, pedindo silêncio.

— Boa diversão! — ele gritou. — Mas nada que eu ainda não tivesse visto. O que mais você tem, Luke, filho de Hermes?

Os maxilares de Luke se contraíram. Estava claro que ele não gostava de ser chamado de *filho de Hermes*. Odiava o pai. Mas se pôs calmamente de pé. Seus olhos brilhavam. Na verdade, ele parecia estar de muito bom humor.

— Senhor Anteu — disse Luke, alto o suficiente para que a multidão ouvisse. — Tem sido um excelente anfitrião! Para nós é um prazer diverti-lo para pagar o favor de nos deixar atravessar seu território.

— Um favor que ainda não concedi — grunhiu Anteu. — Eu quero me divertir!

Luke fez uma reverência.

— Creio que agora tenho algo melhor do que centauros para lutar em sua arena. Tenho um irmão seu. — Ele apontou para mim. — Percy Jackson, filho de Poseidon.

A multidão começou a zombar de mim e a me jogar pedras. Consegui me desviar da maioria, mas uma me atingiu na bochecha e fez um corte considerável.

— Um filho de Poseidon? — Os olhos de Anteu se iluminaram. — Então deve lutar bem! Ou morrer bem!

— Se a morte dele o agrada — disse Luke —, permitirá que nossos exércitos cruzem seu território?

— Talvez! — respondeu Anteu.

Luke não pareceu muito satisfeito com o “talvez”. Ele me lançou um olhar penetrante, como se me advertisse de que era melhor eu morrer de um modo bem espetacular, ou estaria em sérios apuros.

— Luke! — gritou Annabeth. — Pare com isso. Deixe-nos ir!

Luke aparentemente só a viu naquele momento. Pareceu atônito por um instante.

— Annabeth?

— Haverá tempo para as fêmeas lutarem depois — interrompeu Anteu. — Primeiro, Percy Jackson, que armas você escolhe?

As *dracaenae* me empurraram para o meio da arena.

Ergui os olhos para Anteu.

— Como você pode ser filho de Poseidon?

Anteu riu, assim como toda a multidão.

— Sou o favorito! — entoou Anteu. — Olhe para meu templo dedicado ao deus dos terremotos, construído com as caveiras de todos que matei em nome dele! A sua se juntará a estas!

Olhei horrorizado para as caveiras — centenas delas — e o estandarte de Poseidon. Como aquele lugar podia ser um templo dedicado a meu pai? Ele era um cara legal. Nunca me pedira sequer um cartão de Dia dos Pais, muito menos a caveira de alguém.

— Percy! — Annabeth me gritou. — A mãe dele é Gaia! Gai...

Seu captor, o lestrigão, cobriu-lhe a boca com uma das mãos. *A mãe dele é Gaia*. A deusa da Terra. Annabeth

estava tentando me dizer que isso era importante, mas eu não sabia por quê. Talvez apenas porque o cara tinha ambos os pais divinos. Isso o tornaria ainda mais difícil de matar.

— Você é louco, Anteu — eu disse. — Se acha que isso é um bom tributo, nada sabe sobre Poseidon.

A multidão gritou insultos para mim, mas Anteu ergueu a mão, pedindo silêncio.

— Armas — ele insistiu. — E então veremos como você morre. Quer machados? Escudos? Redes? Lançadores de chamas?

— Só minha espada — eu disse.

Gargalhadas soaram entre os monstros, mas imediatamente Contracorrente surgiu em minhas mãos, e algumas das vozes na multidão ficaram tensas. A lâmina de bronze brilhou com uma claridade suave.

— Primeiro *round*! — anunciou Anteu.

Os portões se abriram e uma *dracaena* entrou coleando. Tinha um tridente em uma das mãos e uma rede com pesos na outra, no clássico estilo de gladiador. Durante anos treinei lutar contra aquelas armas no acampamento.

Ela tentou me cutucar. Eu me afastei. Ela atirou a rede, esperando emaranhar minha mão que empunhava a espada, mas me desviei facilmente, parti sua lança ao meio e, por uma fenda em sua armadura, golpeei-a com Contracorrente. Com um lamento doloroso, ela se transformou em nada, e os vivas da multidão cessaram.

— Não! — berrou Anteu. — Foi rápido demais! Você deve esperar antes do golpe final. Somente eu dou essa ordem!

Olhei para Annabeth e Rachel. Eu precisava encontrar um modo de libertá-las, talvez distraindo os guardas.

— Belo trabalho, Percy. — Luke sorria. — Você melhorou com a espada, isso eu tenho de reconhecer.

— Segundo *round*! — gritou Anteu. — E mais devagar desta vez! Mais diversão! Espere minha ordem antes de matar alguém ou SOFRERÁ AS CONSEQUÊNCIAS!

Os portões tornaram a se abrir, e desta vez entrou um jovem guerreiro. Era pouco mais velho do que eu, com uns dezesseis anos. Tinha cabelos pretos lustrosos, e o olho esquerdo coberto por um tapa-olho. Era magro e franzino, e por isso a armadura grega estava larga em seu corpo. Cravou a espada no solo, ajustou as tiras do escudo e colocou o elmo com cimeira de crina de cavalo.

— Quem é você? — perguntei.

— Ethan Nakamura — ele disse. — Tenho de matar você.

— Por que está fazendo isso?

— Ei! — gritou um monstro da arquibancada. — Parem de conversar e comecem logo a luta!

Os outros o apoiaram.

— Tenho de me mostrar capaz — disse-me Ethan. — É a única maneira de me alistar.

E então ele atacou. Nossas espadas se chocaram no ar e a multidão rugiu. Aquilo não parecia certo. Eu não queria lutar para entreter um bando de monstros, mas Ethan Nakamura não estava me dando muitas opções.

Ele atacava. Era bom. Pelo que eu sabia, nunca estivera no Acampamento Meio-Sangue, mas fora treinado. Aparou meu golpe e quase acertou em mim seu escudo, mas eu saltei para trás. Ele golpeou com a espada. Rolei para um lado. Trocamos ataques e defesas, observando o estilo de luta do outro. Tentei me concentrar no lado cego de Ethan, mas isso pouco ajudou. Aparentemente, ele vinha lutando com um olho só havia muito tempo, pois era excelente em proteger sua esquerda.

— Sangue! — gritavam os monstros.

Meu oponente ergueu os olhos para as arquibancadas. Era esse seu ponto fraco, percebi. Ele precisava impressioná-los. Eu, não.

Ele emitiu um furioso grito de guerra e me atacou, mas eu aparei sua lâmina e recuei, deixando-o vir atrás de mim.

— Buuu! — gritou Anteu. — Enfrente e lute!

Ethan atacava, mas eu não tinha dificuldade em me defender, mesmo sem escudo. Ele estava vestido para se proteger — armadura pesada e escudo —, o que tornava cansativo lutar de modo ofensivo. Eu era um alvo mais vulnerável, no entanto também era mais leve e mais rápido. A multidão estava enlouquecida, gritando insultos e atirando pedras. Estávamos lutando havia quase cinco minutos e nenhum sangue fora derramado.

Por fim Ethan cometeu um erro. Tentou tocar minha barriga, e eu preendi a guarda de sua espada na da minha e girei. A espada dele caiu no chão. Antes que ele pudesse se recuperar, desci o copo de minha espada em seu capacete e o empurrei para baixo. A armadura pesada ajudou mais a mim do que a ele, que caiu de costas, tonto e cansado. Pousei a ponta da espada em seu peito.

— Acabe logo com isso — grunhiu Ethan.

Ergui os olhos para Anteu. O desprazer deixava seu rosto vermelho duro como pedra, mas ele ergueu a mão e fez o gesto com o *polegar para baixo*.

— Nem pensar. — Embainhei a espada.

— Não seja tolo — grunhiu Ethan. — Eles vão matar nós dois.

Ofereci-lhe a mão. Ele a aceitou com relutância e eu o ajudei a se levantar.

— Ninguém desonra os jogos! — berrou Anteu. — A cabeça de ambos será um tributo a Poseidon!

Olhei para Ethan.

— Quando tiver uma chance, corra. — Então me virei para Anteu. — Por que você mesmo não luta comigo? Se é o favorito de nosso pai, desça aqui e prove!

Os monstros resmungaram nas arquibancadas. Anteu olhou à volta e acho que percebeu que não tinha escolha. Não podia recusar sem parecer um covarde.

— Sou o maior lutador do mundo, garoto — avisou ele. — Luto desde o primeiro pancrácio!

— *Pancrácio?* — repeti.

— Ele se refere a um combate em que se luta até a morte — disse Ethan. — Sem regras. Nenhum golpe proibido. Costumava ser um esporte do Olimpo.

— Obrigado pela dica — eu disse.

— Por nada.

Rachel me observava de olhos arregalados. Annabeth sacudia a cabeça enfaticamente, a mão do lestrigão ainda cobrindo-lhe a boca.

Apontei a espada para Anteu.

— O vencedor leva tudo! Se eu ganhar, todos ficamos livres. Se você ganhar, nós morremos. Jure pelo Rio Estige.

Anteu riu.

— Isso não vai levar muito tempo. Juro em seus termos!

Ele saltou a grade, aterrissando na arena.

— Boa sorte. Vai precisar — disse-me Ethan, e então recuou rapidamente.

Anteu estalou os dedos. Quando sorriu, vi que até mesmo seus dentes eram entalhados com desenhos de

ondas, o que devia tornar a escovação após as refeições realmente chata.

— Armas? — ele perguntou.

— Continuo com minha espada. E você?

Ele ergueu as mãos imensas e agitou os dedos.

— Não preciso de mais nada! Mestre Luke, você será o árbitro desta.

Luke me dirigiu um sorriso.

— Com prazer.

Anteu investiu. Rolei sob suas pernas e o golpeei na parte de trás da coxa.

— Aiiiii! — ele gritou.

Mas, de onde devia ter saído sangue, veio um jorro de areia, como se eu tivesse quebrado uma ampulheta. A areia se espalhou pelo chão de terra, e a terra se acumulou em torno da perna dele, quase como um gesso. Quando a terra se soltou, o ferimento havia desaparecido.

Ele tornou a atacar. Felizmente, eu tinha alguma experiência em lutar contra gigantes. Esquivei-me de lado dessa vez e o atingi debaixo do braço. Enterrei a lâmina de Contracorrente nas costelas dele, até a guarda. Essa era a boa notícia. A má era que a espada foi arrancada de minha mão quando o gigante se virou, e eu fui atirado do outro lado da arena, desarmado.

Anteu gritou de dor. Esperei que ele se desintegrasse. Nenhum monstro jamais havia resistido a um golpe direto de minha espada como esse. A lâmina de bronze celestial deveria destruir a essência dele. Mas Anteu Tateou o punho da arma, puxou a espada e a atirou atrás dele. Mais areia jorrou do ferimento, porém outra vez a terra ergueu-se para cobri-lo. A terra revestiu seu corpo até os ombros. Assim que se desprende, Anteu estava novamente bem.

— Agora você está vendo por que eu nunca perco, semideus! — gabou-se ele. — Venha até aqui para eu esmagá-lo. Vai ser rápido!

Anteu estava entre mim e minha espada. Desesperado, olhei para os lados e percebi o olhar de Annabeth.

A terra, pensei. O que Annabeth tentara me dizer? A mãe de Anteu era Gaia, a mãe terra, a deusa mais antiga de todas. O pai de Anteu poderia ser Poseidon, mas era Gaia quem o estava mantendo vivo. Eu não poderia feri-lo enquanto ele estivesse tocando o solo.

Tentei contorná-lo, mas Anteu antecipou meu movimento. Bloqueou minha passagem, rindo. Agora só estava brincando comigo. Eu estava encurralado.

Ergui os olhos para as correntes que pendiam do teto, balançando em ganchos as caveiras de seus inimigos. De repente tive uma ideia.

Fiz uma finta para o outro lado. Anteu me bloqueou. A multidão urrava e gritava para que Anteu acabasse comigo, mas ele estava se divertindo muito.

— Garoto insignificante — ele disse. — Não é um filho digno do deus do mar!

Senti que minha caneta voltava a meu bolso, mas Anteu não sabia disso. Eu o deixaria acreditar que Contracorrente ainda estava no chão, atrás dele. Ele pensaria que meu objetivo era pegar a espada. Não era grande vantagem, mas era tudo que eu tinha.

Avancei, abaixando-me para que ele achasse que eu rolaria outra vez por entre suas pernas. Enquanto ele se inclinava, pronto para me pegar como uma bola rasteira, saltei, dando meu máximo — pulei em seu antebraço, subi por seu ombro como se fosse uma escada, pisei de sapato em sua cabeça. Ele fez o que era natural. Esticou-se, indignado, e gritou: “EI!” Eu tomei impulso, usando a força dele para me lançar em direção ao teto. Agarrei a parte de cima de uma corrente, e as caveiras e os ganchos balançaram ruidosamente abaixo de mim. Enrosquei as pernas na corrente, como costumava fazer nas cordas da aula de ginástica. Saquei minha espada e

cortei a corrente a meu lado.

— Desça aqui, seu covarde! — gritou Anteu.

Ele tentou me agarrar, mas eu estava fora de seu alcance.

Segurando-me com toda minha força, gritei:

— Venha aqui em cima me pegar! Ou você é lento e gordo demais?

Ele urrou e tentou mais uma vez me agarrar. Pegou uma corrente e tentou içar-se. Enquanto isso, baixei a corrente que eu havia rompido, com o gancho para baixo. Precisei tentar duas vezes, mas finalmente prendi a tanga de Anteu.

— UAAA! — ele gritou.

Rapidamente, passei a corrente livre por um elo da corrente na qual eu próprio me segurava, estiquei-a e a prendi da melhor forma que pude. Anteu tentou mover-se de volta para o chão, mas seu traseiro continuou suspenso pela tanga. Ele precisou se agarrar às outras correntes, com ambas as mãos, para evitar virar de cabeça para baixo. Rezei para que a tanga e a corrente resistissem por mais alguns segundos. Enquanto Anteu xingava e se debatia, eu enrolava as correntes, balançando-me de um lado para o outro como se fosse um macaco enlouquecido. Fiz cambalhotas com ganchos e elos de metal. Não sei como conseguia. Minha mãe sempre disse que tenho um dom para embolar as coisas. Além disso, eu estava desesperado para salvar meus amigos. Seja como for, em poucos minutos o gigante estava suspenso, indefeso, emaranhado em correntes e ganchos.

Saltei para o chão, suado e arfando. Minhas mãos estavam esfoladas de escalar a corrente.

— Ponha-me no chão! — Anteu exigia.

— Solte-o! — ordenou Luke. — Ele é nosso anfitrião!

Tirei a tampa de Contracorrente.

— Vou soltá-lo.

E apunhalei o gigante na barriga. Ele berrou e a areia jorrou, mas ele estava muito no alto para tocar o chão, e a terra não subiu para ajudá-lo. Anteu simplesmente se desfez, derramando-se pouco a pouco, até que nada mais havia além de correntes vazias balançando, uma tanga enorme pendurada em um gancho e um bando de caveiras sorridentes dançando acima de mim como se finalmente tivessem um motivo para sorrir.

— Jackson! — gritou Luke. — Eu devia ter matado você há muito tempo!

— Você tentou — lembrei a ele. — Deixe-nos ir, Luke. Tínhamos um juramento de Anteu. Eu sou o vencedor.

— Anteu está morto — disse ele, exatamente como eu esperava. — O juramento morre com ele. Mas, como estou me sentindo misericordioso hoje, vou mandar matá-lo depressa.

Ele apontou para Annabeth.

— Poupem a garota. — Sua voz tinha um leve tremor. — Irei falar com ela antes... antes de nosso grande triunfo.

Todos os monstros na plateia sacaram uma arma ou mostraram suas garras. Estávamos encurralados. Em irremediável desvantagem numérica.

Então senti algo em meu bolso — uma sensação congelante, ficando cada vez mais fria. *O apito para cães.*

Meus dedos se fecharam em torno dele. Diversas vezes eu evitara usar o presente de Quintus. Devia ser uma armadilha. Mas agora... Eu não tinha escolha. Tirei-o do bolso e soprei. Não emitia qualquer som audível enquanto se desfazia em estilhaços de gelo, derretendo em minha mão.

Luke riu.

— O que isso deveria fazer?

De trás de mim veio um grito de surpresa. O gigante lestrigão que estava vigiando Annabeth passou voando por mim e se chocou contra a parede.

— AUUUUUU!

A *empousa* Kelli gritou quando um mastim negro de duzentos e cinquenta quilos levantou-a como um brinquedo de morder e a lançou pelo ar, direto no colo de Luke. A sra. O’Leary rosnou, e as duas guardas *dracaenae* recuaram. Por um instante os monstros que assistiam não reagiram, inteiramente pegos de surpresa.

— Vamos! — gritei para meus amigos. — Junto, sra. O’Leary!

— A saída mais distante! — gritou Rachel. — É o caminho certo!

Ethan Nakamura seguiu o conselho dela. Juntos, atravessamos a arena correndo e alcançamos a saída mais distante, a sra. O’Leary logo atrás, seguindo-nos. Enquanto corríamos, eu podia ouvir os sons desordenados de um exército inteiro tentando descer das arquibancadas para nos seguir.

ROUBAMOS ALGUMAS ASAS SEMINOVAS

— Por aqui! — gritou Rachel.

— Por que deveríamos segui-la? — perguntou Annabeth. — Você nos levou direto para aquela armadilha mortal!

— Era o caminho que vocês precisavam tomar — afirmou Rachel. — Assim como este aqui. Venham!

Annabeth não parecia nem um pouco satisfeita, mas correu como todos nós. Rachel dava a impressão de saber exatamente aonde estava indo. Dobrava esquinas em disparada e nem sequer hesitava nos cruzamentos. Em uma ocasião disse: “Abaixem-se!”, e todos nos agachamos enquanto um imenso machado oscilava acima de nossas cabeças. Então prosseguimos como se nada tivesse acontecido.

Perdi a conta de quantas curvas dobramos. Não paramos para descansar até chegarmos a um salão do tamanho de um ginásio, com velhas colunas de mármore sustentando o teto. Fiquei parado na porta, procurando ouvir ruídos de perseguição, mas nada ouvi. Aparentemente, tínhamos nos livrado de Luke e de seus servos no Labirinto.

Então percebi mais um fato: a sra. O’Leary sumira. Eu não sabia quando ela tinha desaparecido. Não sabia se ela se perdera ou se fora derrotada por monstros ou o quê. Meu coração pareceu transformar-se em chumbo. Ela havia salvado nossa vida e eu nem tinha esperado para me certificar de que estava nos seguindo.

Ethan desabou no chão.

— Vocês são malucos.

Ele tirou o capacete. Seu rosto brilhava de suor.

Annabeth arquejou.

— Eu me lembro de você! Era um dos garotos indeterminados no chalé de Hermes, faz alguns anos.

Ele olhou para ela.

— Sim, e você é Annabeth. Eu também lembro.

— O que... o que aconteceu com seu olho?

Ethan desviou o olhar, e eu tive a sensação de que aquele era um assunto que ele *não* discutiria.

— Você deve ser o meio-sangue de meu sonho — eu disse. — O que o pessoal de Luke encurralou. Não era Nico, no final das contas.

— Quem é Nico?

— Deixe para lá — Annabeth apressou-se em dizer. — Por que você estava tentando se alistar no lado errado?

Ethan lhe dirigiu um sorriso debochado.

— Não existe um lado certo. Os deuses nunca ligaram para nós. Por que eu não deveria...

— Alistar-se em um exército que o faz lutar até a morte por pura diversão? — completou Annabeth. — Puxa, eu realmente nem imagino.

Ethan esforçou-se para ficar de pé.

— Não vou discutir com você. Obrigado pela ajuda, mas vou dar o fora daqui.

— Vamos atrás de Dédalo — eu disse. — Venha conosco. Quando sairmos daqui, você será bem-vindo no

acampamento.

— Vocês *são* mesmo loucos se acham que Dédalo vai ajudá-los.

— Ele precisa ajudar — disse Annabeth. — Vamos fazê-lo nos ouvir.

Ethan riu com desdém.

— É, bem, boa sorte então.

Agarrei seu braço.

— Você vai simplesmente seguir sozinho pelo Labirinto? Isso é suicídio.

Ele então me olhou com uma raiva quase incontrolável. Seu tapa-olho estava puído nas beiradas e o tecido preto estava desbotado, como se o estivesse usando por muito, muito tempo.

— Você não deveria ter me poupado, Jackson. Não há espaço para misericórdia nesta guerra.

Então saiu correndo para a escuridão, na direção de onde viéramos.

Annabeth, Rachel e eu estávamos tão exaustos que montamos acampamento ali mesmo, naquele salão imenso. Encontrei uns restos de madeira e fizemos uma fogueira. As sombras dançavam nas colunas erguendo-se como árvores à nossa volta.

— Havia algo errado com Luke — murmurou Annabeth, cutucando a fogueira com a faca. — Você percebeu como ele estava agindo?

— Ele me pareceu bastante satisfeito — eu disse. — Como se tivesse passado um dia agradável torturando heróis.

— Isso não é verdade! Havia alguma coisa errada com ele. Parecia... nervoso. Disse aos monstros que me poupassem. Queria me dizer algo.

— Provavelmente: “Oi, Annabeth! Sente-se aqui comigo e assista enquanto faço seus amigos em pedaços. Vai ser divertido!”

—Você é impossível — resmungou Annabeth. Ela guardou a faca e olhou para Rachel. — Então, que caminho tomamos agora, guia?

Rachel não respondeu de imediato. Estava mais quieta desde a arena. Agora, quando Annabeth fazia um comentário sarcástico, Rachel mal se dava o trabalho de responder. Ela queimara a ponta de uma vara no fogo e a estava usando para desenhar figuras de carvão no chão, imagens dos monstros que havíamos visto. Com alguns poucos traços, reproduziu perfeitamente a aparência de uma *dracaena*.

—Vamos seguir a trilha — disse ela. — A luminosidade no chão.

— A luminosidade que nos levou direto para a armadilha? — perguntou Annabeth.

— Deixe-a em paz, Annabeth — intervim. — Ela está fazendo o melhor que pode.

Annabeth se levantou.

— O fogo está diminuindo. Vou procurar mais pedaços de madeira enquanto *vocês* dois discutem a estratégia. — E saiu para as sombras batendo o pé.

Rachel desenhou outra figura com sua varinha — um Anteu de cinzas balançando em suas correntes.

— Em geral, Annabeth não é assim — eu lhe disse. — Não sei o que há com ela.

Rachel ergueu as sobrancelhas.

— Tem certeza de que não sabe?

— O que quer dizer?

— Garotos — murmurou ela. — Totalmente cegos.

— Ei, não venha você também com isso! Olhe, lamento ter envolvido você nesta história.

— Não, você tinha razão — disse ela. — Consigo ver o caminho. Não sei explicar, mas está mesmo claro.

— Ela apontou na direção da outra extremidade da sala, para a escuridão. — A oficina fica naquela direção. O coração do Labirinto. Estamos muito perto agora. Não sei porque o caminho levava àquela arena. Eu... desculpe-me por aquilo. Pensei que você fosse morrer.

Parecia que ela ia chorar.

— Ei, eu estou sempre prestes a morrer — garanti. — Não se sinta mal por isso.

Ela estudou meu rosto.

— Então você faz isso todo verão? Luta contra monstros? Salva o mundo? Você nunca faz, sabe, coisas normais?

Eu nunca pensara sob esse ângulo. A última vez que tivera algo semelhante a uma vida normal fora... bem, nunca.

— Os meios-sangues se acostumam a isso, eu acho. Ou talvez não se acostumem, mas... — Mudei de posição, desconfortável. — E você? O que faz normalmente?

Rachel deu de ombros.

— Eu pinto. Leio muito.

O.k., pensei. Até aqui estamos marcando zero no gráfico de semelhanças.

— E quanto à sua família?

Eu podia sentir as defesas em sua mente se erguendo, como se aquele não fosse um tema seguro.

— Ah... eles são apenas, você sabe, família.

— Você disse que não perceberiam sua ausência.

Ela deixou de lado a varinha com que desenhava.

— Puxa, estou cansada de verdade. Posso dormir um pouco?

— Ah, claro. Desculpe se...

Rachel, porém, já estava se enroscando, usando a mochila como travesseiro. Ela fechou os olhos e ficou imóvel, mas tive a sensação de que não estava de fato dormindo.

Alguns minutos depois, Annabeth voltou. Atirou mais algumas varetas no fogo. Olhou para Rachel, depois para mim.

— Eu faço a primeira vigília — ela disse. — Você também deveria dormir.

— Você não precisa agir assim.

— Assim como?

— Como... Deixe para lá. — Eu me deitei, sentindo-me péssimo. Estava tão cansado que adormeci assim que meus olhos se fecharam.

Em meu sonho, ouvi risos. Risadas frias, ásperas, como facas sendo amoladas.

Eu estava de pé na beira de um fosso nas profundezas do Tártaro. Abaixo de mim a escuridão fervilhava como uma sopa negra como nanquim.

— Tão perto de sua própria destruição, heroizinho — a voz de Cronos soou, em tom de repreensão. — E ainda assim está cego.

A voz estava diferente. Agora parecia quase física, como se falada por um corpo de verdade em vez de... o que quer que ele tenha sido em seu estado esquartejado.

— Preciso muito lhe agradecer — disse Cronos. — Você garantiu minha ressurreição.

As sombras na caverna tornaram-se mais densas e pesadas. Tentei recuar da beira do fosso, mas era como nadar em óleo. O tempo desacelerou. Minha respiração quase parou.

— Um favor — anunciou Cronos. — O Senhor Titã sempre paga suas dívidas. Quem sabe um vislumbre dos amigos que você abandonou...

A escuridão agitou-se à minha volta, e eu me vi em uma caverna diferente.

— Depressa! — disse Tyson.

Ele entrou em disparada na sala. Grover veio tropeçando atrás dele. Ouviu-se um ruído surdo no corredor de onde eles tinham vindo, e a cabeça de uma cobra enorme surgiu na caverna. Aquela criatura era tão grande que seu corpo mal cabia no túnel. As escamas eram cor de cobre. A cabeça tinha o formato de losango, como a de uma cascavel, e os olhos amarelos brilhavam de ódio. Quando ela abriu boca, as presas tinham o tamanho de Tyson.

Ela tentou devorar Grover, mas ele se esquivou. A cobra abocanhou terra. Tyson levantou uma rocha e a atirou no monstro, atingindo-o entre os olhos, mas ele simplesmente recuou e sibilou.

— Isso vai comer você! — Grover gritou para Tyson.

— Como você sabe?

— Isso acabou de me dizer! Corra!

Tyson disparou para um lado, mas a cobra usou a cabeça como um taco e o derrubou.

— Não! — Grover gritou.

Mas, antes que Tyson pudesse recuperar o equilíbrio, a cobra se enrolou em torno dele e começou a apertar.

Tyson resistiu, empurrando com toda sua imensa força, mas a cobra apertou ainda mais. Grover batia nela freneticamente com sua flauta de bambu, mas daria na mesma se estivesse batendo em um muro de pedra.

A caverna toda sacudiu quando a cobra contraiu os músculos, estremecendo para sobrepular a força de Tyson. Grover começou a tocar a flauta, e começou a chover estalactites. A caverna inteira parecia prestes a ruir...

Acordei com Annabeth sacudindo meu ombro.

— Percy, acorde!

— Tyson... Tyson está em apuros! — eu disse. — Precisamos ajudá-lo.

— Primeiro o mais importante — ela replicou. — Terremoto!

E, de fato, o salão estava ribombando.

— Rachel! — gritei.

Os olhos dela abriram-se instantaneamente. Ela agarrou a mochila e nós três corremos. Estávamos quase alcançando o túnel mais distante quando uma coluna a nosso lado gemeu e cedeu com o peso. Continuamos seguindo, enquanto uma centena de toneladas de mármore desabava às nossas costas.

Conseguimos chegar ao corredor e nos viramos a tempo de ver outras colunas desabando. Uma nuvem de poeira branca ergueu-se acima de nós, e continuamos em disparada.

— Querem saber? — disse Annabeth. — Acabei gostando deste caminho.

Não demorou muito até que víssemos à frente uma luz, que parecia iluminação elétrica comum.

— Lá — disse Rachel.

Nós a seguimos até um corredor de aço inoxidável, como eu imaginava que haveria em uma estação espacial ou algo no gênero. Luzes fluorescentes brilhavam no teto. O piso era uma grelha de metal.

Eu estava tão acostumado à escuridão que a luz incomodou meus olhos. Annabeth e Rachel pareciam pálidas na claridade intensa.

— Por aqui — disse Rachel, e voltou a correr. — Estamos perto!

— Isso é um grande engano! — disse Annabeth. — A oficina vai estar na parte mais antiga do Labirinto. Isso não pode...

Ela hesitou, pois havíamos chegado a uma porta dupla de metal. Inscrito no aço, no nível dos olhos, estava um Δ grande e azul.

— Chegamos — anunciou Rachel. — A oficina de Dédalo.

Annabeth pressionou o símbolo nas portas e elas se abriram com um silvo.

— A arquitetura antiga já era — eu disse.

Annabeth franziu a testa. Juntos, entramos.

O primeiro detalhe que me chamou a atenção foi a luz do dia — o sol ofuscante entrando por janelas gigantescas. Não era o tipo de visão esperada no coração de um calabouço. A oficina parecia o estúdio de um artista, com pé-direito de dez metros e muita iluminação, piso de pedra polida e bancadas de trabalho ao longo das janelas. Uma escada em espiral levava a um mezanino. Meia dúzia de cavaletes exibiam diagramas de edifícios e de máquinas feitos à mão, que se assemelhavam aos desenhos de Leonardo da Vinci. Vários *laptops* espalhavam-se pelas mesas. Jarras de vidro de óleo verde — fogo grego — alinhavam-se em uma prateleira. Havia invenções também — estranhas máquinas de metal que eu não sabia para que serviam. Uma delas era uma cadeira de bronze com um punhado de fios elétricos, como uma espécie de instrumento de tortura. Em outro canto erguia-se um ovo de metal gigante do tamanho de um homem. Havia um relógio de pêndulo que parecia totalmente feito de vidro, e era possível ver todas as engrenagens em ação. E da parede pendiam vários conjuntos de asas de bronze e prata.

— *Di immortales* — murmurou Annabeth. Ela correu para o cavalete mais próximo e olhou o esboço. — Ele é um gênio. Olhem as curvas deste edifício!

— E um artista — completou Rachel, perplexa. — Essas asas são impressionantes!

As asas pareciam aperfeiçoadas, comparadas às que eu vira em meus sonhos. As penas estavam mais estreitamente interligadas. Em vez de seladas com cera, tiras autoadesivas estendiam-se pelas laterais.

Mantive a mão em Contracorrente. Aparentemente, Dédalo não estava em casa, mas a oficina parecia ter sido usada havia pouco. Os *laptops* estavam ligados, exibindo seus protetores de tela. Em uma das bancadas, viam-se um *muffin* de *blueberry* mordido e uma xícara de café.

Caminhei até a janela. A vista lá fora era assombrosa. Reconheci as Montanhas Rochosas a distância. Estávamos em seu contraforte, a pelo menos cento e cinquenta metros de altitude, e lá embaixo um vale se estendia, coberto por uma coleção desordenada de pequenos planaltos, rochedos e cumes de pedra vermelhos. Parecia que uma criança enorme andara construindo uma cidade de brinquedo com blocos do tamanho de arranha-céus, e então resolvera derrubar tudo.

— Onde estamos? — perguntei a mim mesmo.

— Colorado Springs — disse uma voz atrás de nós. — O Jardim dos Deuses.

De pé na escada em espiral logo acima, com a arma em punho, estava nosso mestre de esgrima desaparecido, Quintus.

— Você! — disse Annabeth. — O que fez com Dédalo?

Quintus sorriu ligeiramente.

— Confie em mim, minha querida. Você não quer encontrá-lo.

— Olhe, sr. Traidor — ela resmungou —, eu não lutei contra uma mulher-dragão, um homem de três corpos e uma esfinge psicótica para ver *voê*. Agora diga: onde está DÉDALOS?

Quintus desceu a escada, segurando a espada ao lado do corpo. Estava vestido com jeans, botas e sua camiseta de conselheiro do Acampamento Meio-Sangue, o que parecia um insulto agora que víamos que era um espião. Eu não sabia se poderia vencê-lo em uma luta de espada. Ele era bastante bom. Mas percebi que iria ter de tentar.

— Vocês acham que sou um agente de Cronos — ele disse. — Que trabalho para Luke.

— Dã — replicou Annabeth.

— Você é uma garota inteligente — ele afirmou. — Mas está enganada. Só trabalho para mim mesmo.

— Luke mencionou seu nome — eu disse. — Geríon também sabia sobre você. Esteve no rancho dele.

— Naturalmente — ele disse. — Já estive em quase todos os lugares. Até mesmo aqui.

Ele passou por mim como se eu não representasse a menor ameaça e parou diante da janela.

— A vista muda todos os dias — ele refletiu. — Mas é sempre um lugar alto. Ontem era de um arranha-céu que se erguia sobre Manhattan. Anteontem era uma linda vista do Lago Michigan. No entanto, está sempre voltando ao Jardim dos Deuses. Acho que o Labirinto gosta daqui. Um nome adequado, suponho.

— Você já esteve aqui antes — repeti.

— Estive, sim.

— É uma ilusão o que vemos lá fora? — perguntei. — Uma projeção ou algo parecido?

— Não — murmurou Rachel. — É de verdade. Estamos mesmo no Colorado.

Quintus a observou.

— Você tem clarividência, não tem? Faz lembrar de uma outra jovem mortal que conheci. Outra princesa, que terminou sofrendo.

— Chega de jogos — eu disse. — O que foi que você fez com Dédalo?

— Meu garoto — Quintus me fitou —, você precisa tomar aulas com sua amiga sobre como ver claramente. Eu *sou* Dédalo.

Eu poderia ter dado várias respostas, de “Eu sabia”, passando por “MENTIROSO!” a “Certo, e eu sou Zeus”. Mas a única ideia que me ocorreu foi dizer:

— Mas você não é inventor! É um esgrimista!

— Sou ambos — disse Quintus. — E arquiteto. E erudito. E também jogo basquete razoavelmente bem para um sujeito que só começou aos dois mil anos de idade. Um artista de verdade precisa ser bom em muitas áreas.

— É verdade — disse Rachel. — Eu, por exemplo, posso pintar tanto com os pés quanto com as mãos.

— Está vendo? — disse Quintus. — Uma garota de muitos talentos.

— Mas você nem se parece com Dédalo — protestei. — Eu o vi em um sonho e... — De repente, um pensamento horrível me ocorreu.

— É — disse Quintus. — Você afinal percebeu a verdade.

— Você é um autômato. Fez um corpo novo para si mesmo.

— Percy — disse Annabeth, pouco à vontade —, isso não é possível. Isso... isso não pode ser um autômato.

Quintus deu uma risadinha.

— Sabe o que significa Quintus, minha querida?

— Quinto, em latim. Mas...

— Este é meu quinto corpo.

O esgrimista estendeu o braço. Apertou o cotovelo e parte de seu punho se abriu — um compartimento retangular na pele. Ali dentro, engrenagens de bronze zumbiam. Fios brilhavam.

— É assombroso! — exclamou Rachel.

— É esquisito — eu disse.

— Você encontrou uma forma de transferir seu *animus* para uma máquina? — perguntou Annabeth. —

Isso... é artificial.

— Ah, eu lhe asseguro, minha querida, que ainda sou eu. Ainda sou totalmente Dédalo. Nossa mãe, Atena, cuida para que eu nunca me esqueça disso. — Ele puxou a gola da camisa. Na base de seu pescoço estava a marca que eu vira antes, a forma escura de uma ave enxertada em sua pele.

— A marca de um assassino — disse Annabeth.

— Por causa de seu sobrinho, Perdiz — adivinhei. — O garoto que você empurrou da torre.

O rosto de Quintus tornou-se sombrio.

— Eu não o empurrei. Eu simplesmente...

— Fez com que ele perdesse o equilíbrio — completei. — Deixou-o morrer.

Pelas janelas Quintus olhou para as montanhas púrpuras.

— Eu me arrependo do que fiz, Percy. Estava furioso e amargo. Mas não há como voltar atrás, e Atena nunca me permitiu esquecer. Quando Perdiz morreu, ela o transformou em uma pequena ave, uma perdiz de fato. E marcou a forma da ave em meu pescoço como lembrete. Não importa que corpo eu assuma: a marca reaparece em minha pele.

Olhei-o nos olhos e percebi que era o mesmo homem dos sonhos. O rosto podia ser totalmente diferente, mas a mesma alma estava lá — a mesma inteligência e toda aquela tristeza.

—Você é mesmo Dédalo — concluí. — Mas por que foi para o acampamento? Para que nos espionar?

— Para ver se valia a pena salvar seu acampamento. Luke me contara uma história. Preferi tirar minhas próprias conclusões.

— Então você falou *mesmo* com Luke.

— Ah, sim. Várias vezes. Ele é bastante persuasivo.

— Mas agora você viu o acampamento! — insistiu Annabeth. — Então sabe que precisamos de sua ajuda. Não pode permitir que Luke atravesse o Labirinto!

Dédalo pousou a espada na bancada.

— Eu já não tenho o controle do Labirinto, Annabeth. Eu o criei, sim. Na verdade, ele está ligado à minha força vital. Mas permiti que ele existisse e se desenvolvesse por conta própria. Foi esse o preço que paguei pela privacidade.

— Privacidade em relação a quê?

— Aos deuses — ele respondeu. — E à morte. Estou vivo há dois milênios, minha querida, escondendo-me da morte.

— Mas como você consegue se esconder de Hades? — perguntei. — Quer dizer... Hades tem as Fúrias.

— Elas não sabem tudo — disse ele. — Nem veem tudo. Você as encontrou, Percy. Sabe que isso é verdade. Um homem inteligente pode se esconder por muito tempo, e eu me enterrei bem fundo. Somente meu maior inimigo continua a me perseguir, e mesmo ele eu frustrei.

— Você se refere a Minos — eu disse.

Dédalo assentiu.

— Ele me caça incansavelmente. Agora que é um juiz dos mortos, nada lhe daria mais prazer do que me ver diante dele para me punir por meus crimes. Depois que as filhas de Cócalo o mataram, o fantasma de Minos começou a me torturar em meus sonhos. Ele jurou que me perseguiria. Tomei a única atitude que podia. Retirei-me completamente do mundo. Desci a meu Labirinto. Decidi que esse seria meu último feito: eu enganaria a morte.

— E conseguiu, por dois mil anos — maravilhou-se Annabeth. Ela parecia impressionada, apesar das ações horríveis de Dédalo.

Neste exato momento um latido ecoou, vindo do corredor. Ouvi o *ba~BUMP, ba~BUMP, ba~BUMP* de patas enormes, e a sra. O'Leary entrou saltitando na oficina. Ela lambeu meu rosto uma vez, e então quase derrubou Dédalo com um pulo entusiasmado.

— Aí está minha velha amiga! — disse Dédalo, coçando atrás das orelhas da sra. O'Leary. — Minha única companhia durante todos esses longos e solitários anos.

— Você a deixou me salvar — eu disse. — Aquele apito funcionou de verdade.

Dédalo assentiu.

— É claro que sim, Percy. Você tem bom coração. E eu sabia que a sra. O'Leary gostava de você. Eu queria ajudá-lo. Talvez eu... sentisse culpa também.

— Culpa em relação a quê?

— Ao fato de que sua missão seria em vão.

— O quê? — perguntou Annabeth. — Mas você ainda pode nos ajudar. Você precisa! Basta nos dar o fio de Ariadne para que Luke não o consiga.

— Sim... o fio. Eu disse a Luke que os olhos de um mortal clarividente são o melhor guia, mas ele não acreditou em mim. Estava tão focado na ideia de um item mágico! E o fio funciona. Talvez não seja tão preciso quanto sua amiga mortal aqui, mas é bom o bastante. Bom o bastante.

— Onde está o fio? — perguntou Annabeth.

— Com Luke — disse Dédalo, com tristeza. — Eu lamento, minha querida. Mas vocês estão várias horas atrasados.

Tive um calafrio ao perceber por que Luke estava tão bem-humorado na arena. Ele já havia conseguido o fio com Dédalo. Seu único obstáculo era o dono da arena, e eu cuidara disso para ele ao matar Anteu.

— Cronos me prometeu liberdade — contou Quintus. — Assim que Hades for destronado, ele vai me dar o comando do Mundo Inferior. Eu reclamarei meu filho, Ícaro. Vou me acertar com o pobre e jovem Perdiz. Verei a alma de Minos lançada no Tártaro, onde não poderá me importunar novamente. E não mais terei de fugir da morte.

— É essa a sua ideia brilhante? — gritou Annabeth. — Vai permitir que Luke destrua nosso acampamento, mate centenas de semideuses e então ataque o Olimpo? Vai aniquilar o mundo todo só para ter o que quer?

— Sua causa está condenada, minha querida. Vi isso assim que comecei a trabalhar em seu acampamento. Vocês não têm como deter a força de Cronos.

— Isso não é verdade! — ela gritou.

— Estou fazendo o que devo, minha querida. A oferta era boa demais para eu recusar. Sinto muito.

Annabeth derrubou um cavalete. Desenhos arquitetônicos foram espalhados pelo chão.

— Eu o respeitava. Você era meu herói! Você... você construía coisas impressionantes. Resolvia problemas.

Agora... não sei o que você é. Espera-se que os filhos de Atena sejam *sábios*, não apenas inteligentes.

Provavelmente, você é só uma máquina. Deveria ter morrido há dois mil anos.

Em vez de ficar furioso, Dédalo baixou a cabeça.

— Vocês precisam alertar ao acampamento. Agora que Luke tem o fio...

De repente a sra. O'Leary levantou as orelhas.

— Alguém está vindo! — avisou Rachel.

As portas da oficina se abriram violentamente e Nico foi empurrado para dentro, as mãos acorrentadas. Em seguida, Kelli e dois lestrigões marcharam atrás dele, acompanhados pelo fantasma de Minos. Ele parecia quase sólido agora — um pálido rei barbudo, com olhos frios e fiapos da Névoa desprendendo-se de sua túnica.

Ele fixou o olhar em Dédalo.

— Aí está você, meu velho amigo.

Os maxilares de Dédalo se cerraram e ele olhou para Kelli.

— O que isto significa?

— Luke envia seus cumprimentos — disse Kelli. — Achou que talvez você gostasse de ver seu antigo empregador Minos.

— Isto não fazia parte de nosso acordo — disse Dédalo.

— Não, de fato — concordou Kelli. — Mas nós já temos o que queríamos de você, e temos outros acordos para honrar. Minos exigiu algo de nós em troca deste excelente jovem semideus.

— Ela correu um dedo sob o queixo de Nico. — Ele será bastante útil. E tudo que Minos pediu foi sua cabeça, velho.

Dédalo empalideceu.

— Traição.

— Vá se acostumando — disse Kelli.

— Nico, você está bem? — perguntei.

Ele assentiu, melancólico.

— Eu... desculpe-me, Percy. Minos me disse que você estava em perigo. Ele me convenceu a voltar ao Labirinto.

— Você estava tentando nos *ajudar*?

— Fui enganado — ele disse. — Ele enganou todos nós.

Fuzilei Kelli com o olhar.

— Onde está Luke? Por que não está aqui?

A mulher-demônio sorriu como se aquilo fosse nossa piada particular.

— Ele está... ocupado. Está se preparando para o ataque. Mas não se preocupe. Temos mais amigos a caminho. Nesse meio-tempo, acho que vou fazer um lanchinho delicioso!

Suas mãos se transformaram em garras. Seu cabelo incendiou-se e as pernas assumiram sua forma verdadeira: uma perna de burro, outra, de bronze.

— Percy — sussurrou Rachel —, as asas. Acha que...

— Pegue-as — eu disse. — Vou tentar ganhar algum tempo.

E, com isso, o lugar virou um Hades. Annabeth e eu investimos contra Kelli. Os gigantes foram direto para Dédalo, mas a sra. O’Leary saltou em defesa dele. Nico foi empurrado para o chão e lutava contra as correntes, enquanto o espírito de Minos urrava:

— Matem o inventor! Matem-no!

Rachel puxou as asas da parede. Ninguém prestava atenção nela. Kelli atacou Annabeth. Tentei alcançá-la, mas o demônio era rápido e mortal. Ela virou mesas, despedaçou invenções e não permitia que nos aproximássemos. Com o canto do olho, vi a sra. O’Leary cravar as presas no braço de um gigante. Ele uivou de dor e a sacudiu, tentando livrar-se dela. Dédalo tentou pegar sua espada, mas o segundo gigante golpeou a bancada com o punho, lançando a arma no ar. Um jarro de cerâmica contendo fogo grego espatifou-se no chão e começou a queimar, as chamas verdes rapidamente se espalhando.

— A mim! — gritou Minos. — Espíritos dos mortos! Ele ergueu as mãos fantasmagóricas e o ar começou a zumbir.

— Não! — gritou Nico, que agora estava de pé. De algum modo conseguira remover os grilhões.

— Você não me controla, jovem tolo — zombou Minos. — Esse tempo todo, eu é que o tive sob controle! Uma alma por uma alma, sim. Mas não é sua irmã que retornará dos mortos. Sou eu, assim que matar o inventor!

Espíritos começaram a surgir em torno de Minos — formas tremeluzentes que lentamente se multiplicavam, materializando-se em soldados cretenses.

— Eu sou o filho de Hades — insistiu Nico. — Vão embora!

— Você não tem poder sobre mim. — Minos riu. — Eu sou o Senhor dos Espíritos! O rei fantasma!

— Não. — Nico puxou a espada. — *Eu* sou.

E cravou no chão sua lâmina negra, que atravessou a pedra como se fosse manteiga.

— Nunca! — A forma de Minos ondulava. — Eu não...

O chão ribombou. As janelas racharam e estilhaçaram, deixando entrar um jato de ar fresco. Abriu uma fissura no piso de pedra da oficina, e Minos e todos os seus espíritos foram sugados para o vazio com um lamento terrível.

A má notícia: a luta à nossa volta ainda continuava, e eu me distraíra. Kelli precipitou-se sobre mim tão rápido que não tive tempo de me defender. Minha espada deslizou para longe e, ao cair, bati a cabeça com força em uma bancada. Minha visão ficou turva. Eu não conseguia levantar os braços.

Kelli riu.

— Você deve ter um sabor delicioso!

Ela mostrou as presas. Então, de repente, seu corpo enrijeceu. Os olhos vermelhos se arregalaram. Ela arfou:

— Nenhum... espírito... esportivo...

E Annabeth puxou a faca das costas da *empousa*. Com um grito de horror, Kelli dissolveu-se em vapor amarelo.

Annabeth me ajudou ficar de pé. Eu ainda estava tonto, mas não tínhamos tempo a perder. A sra. O’Leary e Dédalo ainda se atracavam com os gigantes, e eu podia ouvir gritos no túnel. Mais monstros vinham em direção à oficina.

— Precisamos ajudar Dédalo! — eu disse.

— Não há tempo — disse Rachel. — Estão vindo muitos!

Ela já estava com as asas e ajudava Nico, pálido e suado de seu combate contra Minos. As asas enxertaram-se instantaneamente nas costas e nos braços dele.

— Agora você! — ela me disse.

Em segundos, Nico, Annabeth, Rachel e eu usávamos asas de cobre. Eu já podia me sentir sendo erguido pelo vento que entrava pela janela. O fogo grego queimava as mesas e a mobília, subindo pela escada circular.

— Dédalo! — gritei. — Venha!

Ele tinha uma centena de cortes — mas vertia óleo dourado, em vez de sangue. Havia encontrado sua espada e usava parte de uma mesa esfaçalhada como escudo contra os gigantes.

— Não vou abandonar a sra. O’Leary! — disse ele. — Vão!

Não havia tempo para discutir. Mesmo que ficássemos, eu não tinha certeza se seríamos úteis.

— Nenhum de nós sabe voar! — protestou Nico.

— É uma ótima hora para aprender — eu disse.

E, juntos, nós quatro saltamos da janela para o céu aberto.

EU ABRO UM CAIXÃO

Saltar de uma janela cento e cinquenta metros acima do solo não é exatamente minha ideia de diversão. Principalmente quando estou usando asas de bronze e batendo os braços como um pato.

Despenquei na direção do vale e das pedras vermelhas lá embaixo. Tinha certeza de que me transformaria em uma mancha de gordura no Jardim dos Deuses quando Annabeth gritou de algum ponto acima de mim:

— Abra os braços! Mantenha-os estendidos.

A pequena parte de meu cérebro que não estava tomada pelo pânico a ouviu, e meus braços responderam. Assim que os estiquei, as asas enrijeceram, encontraram o vento, e minha queda desacelerou. Desci planando, mas num ângulo controlado, como uma pipa em um mergulho.

Bati os braços uma vez, para experimentar. Descrevi um arco no céu, o vento assoviando em meus ouvidos.

— Uhu! — gritei.

A sensação era incrível. Depois de pegar o jeito, a sensação era de que as asas faziam parte de meu corpo. Eu conseguia planar, subir e mergulhar em qualquer direção que quisesse.

Virei-me e vi meus amigos — Rachel, Annabeth e Nico — espiralando acima de mim, reluzindo ao sol. Atrás deles, a fumaça subia das janelas da oficina de Dédalo.

— Aterrissem! — gritou Annabeth. — Estas asas não vão durar para sempre.

— Quanto tempo? — gritou Rachel.

— Não quero descobrir! — disse Annabeth.

Descemos em direção ao Jardim dos Deuses. Descrevi um círculo completo em torno de uma das torres de pedra, assustando alguns alpinistas. Então, nós quatro planamos acima do vale, sobrevoamos uma estrada e pousamos no terraço do centro de visitantes. Era fim de tarde e o lugar estava relativamente vazio, mas arrancamos as asas o mais rápido que pudemos. Olhando-as, vi que Annabeth tinha razão. As faixas autoadesivas que as prendiam às nossas costas já começavam a se dissolver, e as penas de bronze já se soltavam. Era lamentável, mas não podíamos consertá-las nem deixá-las para que fossem encontradas pelos mortais, então as jogamos na lixeira do lado de fora da lanchonete.

Usei o binóculo para turistas para olhar a colina onde estivera a oficina de Dédalo, mas esta havia desaparecido. Não havia mais fumaça. Nem janelas quebradas. Apenas a encosta de uma colina.

— A oficina se deslocou — deduziu Annabeth. — Não temos como saber para onde.

— E o que fazemos agora? — perguntei. — Como voltamos ao Labirinto?

Annabeth olhou para o cume da Pikes Peak a distância.

— Talvez não possamos. Se Dédalo morreu... Ele disse que sua força vital estava ligada ao Labirinto. Toda a obra pode ter sido destruída. Talvez isso detenha a invasão de Luke.

Pensei em Grover e Tyson, ainda em algum lugar lá embaixo. E em Dédalo... Embora ele tivesse feito coisas terríveis e colocado todos os meus amigos em risco, ainda assim aquela parecia uma forma horrível de morrer.

— Não — disse Nico. — Ele não está morto.

— Como pode ter certeza? — perguntei.

— Eu *sei* quando as pessoas morrem. É uma sensação que tenho, como um zumbido nos ouvidos.

— E Tyson e Grover, então?

Nico sacudiu a cabeça.

— Aí já fica mais difícil. Eles não são nem humanos nem meios-sangues. Não têm almas mortais.

— Precisamos ir para a cidade — decidiu Annabeth. — Nossa chance de encontrar uma entrada para o Labirinto será maior. Precisamos chegar ao acampamento antes de Luke e seu exército.

— Poderíamos simplesmente pegar um avião — disse Rachel.

Estremeci.

— Eu não voo.

— Mas foi o que você acabou de fazer.

— Voei baixo aqui — eu disse —, e até mesmo isso é arriscado. Voar alto de verdade... é o território de Zeus... isso eu não posso fazer. Além do mais, não temos tempo de pegar um avião. O Labirinto é o caminho de volta mais rápido.

Eu não queria dizer, mas também tinha esperança de que talvez, apenas talvez, encontrássemos Grover e Tyson no caminho.

— Então precisamos de um carro para nos levar à cidade — disse Annabeth.

Rachel olhou para o estacionamento. Fez uma careta, como se estivesse prestes a fazer algo de que se arrependeria.

— Eu cuido disso.

— Como? — perguntou Annabeth.

— Confie em mim.

Annabeth pareceu preocupada, mas assentiu.

— O.k. Vou comprar um prisma na lojinha de lembranças, tentar criar um arco-íris e mandar uma mensagem de Íris para o acampamento.

— Eu vou com você — disse Nico. — Estou com fome.

— Então fico com Rachel — eu disse. — Encontramos vocês no estacionamento.

Rachel franziu a testa, como se não me quisesse por perto. Eu me senti um tanto mal, mas de qualquer maneira desci com ela até o estacionamento.

Ela seguiu na direção de um carro preto grande estacionado em um canto. Era um Lexus com chofer, do tipo que eu sempre via rodando por Manhattan. O motorista estava na frente do automóvel, lendo um jornal. Usava terno escuro e gravata.

— O que você vai fazer? — perguntei a Rachel.

— Espere aqui — ela pediu, pouco à vontade. — Por favor.

Rachel marchou direto até o motorista e falou com ele. Ele franziu a testa. Rachel disse mais algumas palavras. Ele ficou pálido e rapidamente dobrou o jornal. Assentiu e tateou o celular. Depois de uma ligação breve, abriu a porta traseira do carro para que Rachel entrasse. Ela apontou em minha direção, e o motorista balançou a cabeça um pouco mais, como se dissesse: *Sim, senhora. Como quiser.*

Eu não conseguia imaginar por que ele parecia tão perturbado.

Rachel voltou para me chamar no exato momento em que Nico e Annabeth surgiam, vindos da lojinha.

— Falei com Quíron — informou Annabeth. — Estão fazendo tudo que podem para se preparar para a batalha, mas ele ainda quer que voltemos. Precisarão de cada herói com que puderem contar. Encontramos uma carona?

— O motorista só está esperando por nós — disse Rachel.

O chofer agora conversava com um sujeito de calça cáqui e camisa polo, provavelmente o cliente que alugara o carro. O homem se queixava, mas pude ouvir o motorista dizer:

— Lamento, senhor. É uma emergência. Pedi outro carro para o senhor.

— Venham — chamou Rachel.

Ela nos levou até o carro e entrou sem nem olhar para o locatário atônito. Um minuto depois já estávamos na estrada. Os bancos eram de couro. Havia bastante espaço para as pernas. Do banco traseiro víamos tevês de tela plana embutidas no descanso de cabeça dos bancos da frente, e havia um frigobar com água mineral, refrigerante e petiscos. Começamos a nos empanturrar.

— Para onde, srta. Dare? — perguntou o motorista.

— Ainda não sei, Robert — ela respondeu. — Só precisamos rodar pela cidade e, hã, olhar as coisas.

— Como quiser, senhorita.

Olhei para Rachel.

— Conhece esse cara?

— Não.

— Mas ele largou tudo para nos ajudar. Por quê?

— Apenas fique de olhos abertos — ela disse. — Ajude-me a olhar.

O que não era exatamente uma resposta à minha pergunta.

Rodamos por Colorado Springs por cerca de meia hora e não vimos algo que Rachel considerasse uma possível entrada para o Labirinto. Percebia nitidamente o ombro de Rachel encostado no meu. Fiquei me perguntando quem ela era na realidade, e como pôde abordar um chofer aleatoriamente e conseguir uma carona de imediato.

Depois de cerca de uma hora resolvemos seguir para o norte, na direção de Denver, pensando que talvez fosse mais provável que uma cidade maior tivesse uma entrada para o Labirinto, mas o nervosismo começava a tomar conta de todos nós. Estávamos perdendo tempo.

Então, logo quando saíamos de Colorado Springs, Rachel se endireitou no banco.

— Saia da estrada!

O motorista olhou para trás.

— Como, senhorita?

— Eu vi alguma coisa, acho. Saia aqui.

O motorista desviou do trânsito e pegou a saída.

— O que foi que você viu? — perguntei, porque agora estávamos totalmente fora da cidade. Não havia nada à volta, a não ser morros, campos e algumas casas de fazenda espalhadas.

Rachel pediu ao motorista que entrasse em uma estradinha de terra nada promissora. Passamos por uma placa rápido demais para que eu conseguisse lê-la, mas Rachel anunciou:

— Museu de Mineração e Indústria do Oeste.

Para um museu, não parecia grande coisa — uma pequena construção semelhante a uma antiga estação ferroviária, algumas furadeiras, bombas e velhas escavadeiras mecânicas expostas do lado de fora.

— Lá. — Rachel apontou um buraco na encosta de um morro ali perto, um túnel fechado por tábuas e correntes. — A entrada de uma velha mina.

— Uma porta para o Labirinto? — perguntou Annabeth. — Como pode ter certeza?

— Bem, olhe ali! — disse Rachel. — Quer dizer... *eu* consigo ver, o.k.?

Ela agradeceu ao motorista e todos saltamos. Ele não pediu dinheiro nem nada.

— Tem certeza de que ficarão bem, srta. Dare? Eu teria prazer em ligar para seu...

— Não! — cortou-o Rachel. — Não, de verdade. Obrigada, Robert. Mas estamos bem.

O museu parecia fechado, e assim ninguém nos incomodou quando subimos o morro na direção da entrada da mina. Ao alcançarmos a entrada, vi a marca de Dédalo gravada no cadeado, embora não tivesse a menor ideia de como, da estrada, Rachel conseguira enxergar algo tão minúsculo. Toquei o cadeado e as correntes caíram. Derrubamos algumas tábuas a pontapés e entramos. Para o bem ou para o mal, estávamos de volta ao Labirinto.

Os túneis de terra deram lugar a outros de pedra, que davam voltas e se dividiam, e basicamente tentavam nos confundir, mas Rachel não tinha dificuldade em nos guiar. Dissemos-lhe que precisávamos voltar para Nova York, e ela mal fazia uma pausa quando os túneis ofereciam opções.

Para minha surpresa, Rachel e Annabeth começaram a conversar enquanto caminhávamos. Annabeth fez mais perguntas sobre a vida dela, mas Rachel respondia com evasivas, então começaram a conversar sobre arquitetura. Rachel tinha algum conhecimento sobre o assunto por causa de seus estudos de arte. Elas falaram sobre diferentes fachadas de edifícios por toda a Nova York — “Você já viu aquele”, blá-blá-blá —, então fiquei para trás, caminhando ao lado de Nico em um silêncio desconfortável.

— Obrigado por vir atrás da gente — eu disse a ele, por fim.

Os olhos de Nico se estreitaram. Ele não parecia mais tão zangado quanto antes — só desconfiado, cauteloso.

— Eu devia isso a você por causa do rancho, Percy. Além do mais... queria ver Dédalo com meus próprios olhos. Minos tinha razão, de certo modo. Dédalo *deveria* morrer. Ninguém deveria ser capaz de evitar a morte por tanto tempo. É antinatural.

— Era atrás disso que você estava o tempo todo — eu disse. — Trocar a alma de Dédalo pela de sua irmã. Nico andou mais uns cinquenta metros antes de responder.

— Não tem sido fácil, sabe. Ter apenas os mortos por companhia. Saber que nunca serei aceito pelos vivos. Somente os mortos me respeitam, e mesmo assim só por medo.

— Você poderia ser aceito — eu disse. — Poderia ter amigos no acampamento.

Ele me olhou.

— Acredita mesmo nisso, Percy?

Não respondi. A verdade era que eu não sabia. Nico sempre fora um pouco diferente, mas desde a morte de Bianca ficara quase... assustador. Tinha os olhos do pai — aquele fogo intenso, maníaco, que fazia desconfiar que ele era um gênio ou um louco. E a maneira como ele banira Minos e chamara a *si mesmo* de rei dos fantasmas era impressionante, mas também me deixava apreensivo.

Antes que eu pudesse pensar em alguma resposta, dei uma trombada em Rachel, que havia parado à minha frente. Estávamos em uma bifurcação. O túnel continuava à frente, mas outro saía à direita — um caminho circular cavado em pedra vulcânica negra.

— O que é isto? — perguntei.

Rachel olhou o túnel escuro. No débil feixe de luz da lanterna, seu rosto parecia um dos espectros de Nico.

— É este o caminho? — perguntou Annabeth.

— Não — respondeu ela, nervosa. — Não mesmo.

— Por que paramos, então? — perguntei.

— Ouçam — disse Nico.

Ouvi o vento vindo pelo túnel, como se a saída estivesse próxima. E senti um cheiro vagamente familiar — e que me trouxe más recordações.

— Eucaliptos — eu disse. — Como na Califórnia.

No inverno passado, quando enfrentamos Luke e o titã Atlas no topo do Monte Tamalpais, o ar tinha o mesmo odor.

— Existe algo maligno mais adiante neste túnel — afirmou Rachel. — Algo muito poderoso.

— E cheiro de morte — acrescentou Nico, o que fez eu me sentir *muito* melhor.

Annabeth e eu trocamos olhares.

— A entrada de Luke — ela adivinhou. — A que vai dar no Monte Otris, o palácio dos titãs.

— Preciso verificar — eu disse.

— Percy, não.

— Luke pode estar bem ali — eu disse. — Ou... ou Cronos. Preciso descobrir o que está acontecendo.

Annabeth hesitou.

— Então vamos todos.

— Não — eu disse. — É perigoso demais. Se puserem as mãos em Nico, ou ainda em Rachel, Cronos poderia usá-los. Você fica aqui e os protege.

O que eu não disse: estava preocupado também por Annabeth. Não confiava no que ela faria se visse Luke novamente. Ele a enganara e manipulara muitas vezes antes.

— Percy, não — pediu Rachel. — Não vá lá em cima sozinho.

— Irei rápido — prometi. — Não vou fazer nenhuma bobagem.

Annabeth tirou o boné dos Yankees do bolso.

— Pelo menos leve isto. E tome cuidado.

— Obrigado. — Lembrei-me da última ocasião em que Annabeth e eu havíamos nos separado, quando ela me deu um beijo de boa sorte no Monte Santa Helena. Desta vez, tudo que ganhei foi o boné.

Eu o pus na cabeça.

— Lá vai o nada. — E entrei sorrateiro e invisível no túnel de pedra escura.

Antes mesmo que chegasse à saída, ouvi vozes: os rosnados e os gritos dos demônios marinhos ferreiros, os telquines.

— Pelo menos salvamos a lâmina — disse um deles. — O mestre ainda vai nos recompensar.

— Sim! Sim! — gargalhou alto um segundo. — Recompensas ilimitadas.

Outra voz, esta mais humana, disse:

— Hã, sim, bem, isso é ótimo. Agora, se já acabaram com...

— Não, meio-sangue! — interrompeu um telquine. — Você precisa nos ajudar a fazer a apresentação. É uma grande honra!

— Puxa, obrigado — disse o meio-sangue, e percebi que era Ethan Nakamura, o cara que fugira depois de eu salvar sua triste vida na arena.

Rastejei até o fim do túnel. Precisava ficar me lembrando de que estava invisível. Eles não conseguiriam me ver.

Uma rajada de ar frio me atingiu em cheio quando saí. Eu estava perto do topo do Monte Tam. O Oceano

Pacífico estendia-se lá embaixo, cinzento sob o céu nublado. A cerca de uns cinco metros de onde eu estava, dois telquines posicionavam algum objeto sobre uma pedra grande — algo comprido e estreito, envolto em tecido preto. Ethan os ajudava a desembulhar.

— Cuidado, seu tolo — ralhou o telquine. — Um só toque e a lâmina vai separar sua alma de seu corpo.

Ethan engoliu em seco, nervoso.

— Talvez seja melhor você desembulhar, então.

Olhei para cima, para o pico da montanha, onde uma fortaleza de mármore negro assomava, indistinta, exatamente como eu vira no sonho. Lembrava-me um enorme mausoléu, com muros de quinze metros de altura. Eu não imaginava como os mortais podiam não notar a existência daquela construção ali. Por outro lado, tudo abaixo do pico era nebuloso, como se houvesse um véu espesso entre mim e a metade inferior da montanha. Ali havia magia em ação — uma Névoa muito poderosa. Acima, o céu redemoinhava em uma imensa nuvem-funil. Eu não conseguia ver Atlas, mas podia ouvi-lo gemendo a distância, ainda padecendo sob o peso do firmamento, pouco além da fortaleza.

— Pronto! — exclamou o telquine. Com reverência, ele ergueu a arma, e meu sangue congelou.

Era uma foice — uma lâmina de quase dois metros, curva como uma lua crescente, com o cabo de madeira envolto em couro. A lâmina cintilava em duas cores — aço e bronze. Era a arma de Cronos, a que ele usara para cortar em pedaços o pai, Urano, antes de os deuses a tomarem dele e fatiarem o próprio *Cronos*, lançando-o no Tártaro. Agora a arma fora novamente forjada.

— Temos de sacrá-la em sangue — disse o telquine. — Então você, meio-sangue, ajudará a apresentá-la quando nosso Senhor acordar.

Corri na direção da fortaleza, o sangue latejando em meus ouvidos. Não queria chegar nem perto daquele horrível mausoléu negro, mas sabia o que precisava fazer. Tinha de impedir que Cronos ressurgisse. Aquela poderia ser minha única oportunidade.

Disparei por um vestíbulo escuro, chegando ao saguão principal. O piso brilhava como um piano de mogno — completamente preto e, ainda assim, cheio de luz. Estátuas de mármore negro alinhavam-se ao longo das paredes. Eu não reconhecia os rostos, mas sabia que estava olhando imagens dos titãs que haviam governado antes dos deuses. Na extremidade do salão, entre dois braseiros de bronze, erguia-se um tablado. E sobre ele o caixão dourado.

O salão estava silencioso, exceto pelo crepitar do fogo. Luke não estava ali. Nenhum guarda. Nada.

Estava fácil demais, mas me aproximei do tablado.

O caixão era exatamente como eu lembrava — cerca de três metros de comprimento, grande demais para um ser humano. Era entalhado com elaboradas cenas de morte e destruição, imagens dos deuses sendo esmagados sob carruagens, templos e marcos famosos do mundo todo sendo esvaçados e queimados. Do caixão emanava um frio extremo, como se eu estivesse entrando em um *freezer*. Minha respiração começou a se condensar.

Saquei Contracorrente e encontrei um pouco de consolo no peso familiar da espada em minha mão.

Todas as outras vezes em que eu havia me aproximado de Cronos, sua voz maligna soara em minha mente. Por que estava calado agora? Fora retalhado em mil pedaços, cortado com a própria foice. O que eu encontraria se levantasse a tampa? Como poderiam fazer um novo corpo para ele?

Eu não tinha respostas. Só sabia que, se ele estava prestes a se reerguer, eu precisava liquidá-lo antes que recuperasse sua foice. Eu tinha de descobrir um modo de detê-lo.

Parei ao lado do caixão. A decoração da tampa era ainda mais intrincada que a das laterais — com cenas

de carnificina e poder. No centro, via-se uma inscrição entalhada em letras mais antigas do que o grego, uma linguagem de magia. Eu não conseguia ler com exatidão, mas sabia o que dizia: CRONOS, SENHOR DO TEMPO.

Minha mão tocou a tampa. A ponta de meus dedos tornou-se azul. Gelo formou-se em minha espada.

Então ouvi ruídos atrás de mim — vozes se aproximando. Era naquele momento ou nunca. Empurrei a tampa dourada, que caiu no chão com um imenso *BUMP!*

Levantei a espada, pronto para atacar. Mas quando olhei lá dentro não compreendi o que estava vendo. Pernas mortais, vestidas com calça cinza. Uma camiseta branca, mãos cruzadas sobre a barriga. Um pedaço do peito estava faltando — havia um buraco negro do tamanho de um ferimento de bala, bem onde o coração deveria estar. Os olhos estavam fechados. A pele era pálida. Cabelos louros... e uma cicatriz no lado esquerdo do rosto.

O corpo no caixão era o de Luke.

Eu deveria tê-lo apunhalado naquele momento. Deveria ter descido a ponta de Contracorrente com toda minha força.

Mas fiquei atônito demais. Eu não compreendia. Por mais que odiasse Luke, por mais que ele tivesse me traído, eu simplesmente não conseguia entender por que ele estava no caixão e por que parecia tão definitivamente morto.

Então as vozes dos telquines estavam logo atrás de mim.

— O que aconteceu? — gritou um dos demônios quando viu a tampa do caixão.

Desci do tablado cambaleando, esquecendo que estava invisível, e me escondi atrás de uma coluna quando eles se aproximaram.

— Cuidado! — advertiu o outro demônio. — Talvez ele se mova. Devemos apresentar as oferendas agora. Imediatamente!

Os dois telquines adiantaram-se, desajeitados, e se ajoelharam, erguendo a foice envolta no tecido.

— Meu senhor — disse um deles. — O símbolo de seu poder está reconstruído.

Silêncio. Nada aconteceu no caixão.

— Seu tolo — murmurou o outro telquine. — Ele reclama primeiro o meio-sangue.

— Ei — Ethan recuou —, o que você quer com “ele reclama primeiro o meio-sangue”?

— Não seja covarde! — sibilou o primeiro telquine. — Ele não quer sua morte. Somente sua lealdade. Ofereça a ele seus serviços. Renuncie aos deuses. Isso é tudo.

— Não! — eu gritei. Foi estupidez, mas corri para o meio do salão e tirei o boné. — Ethan, não faça isso!

— Um invasor! — Os telquines arreganharam os dentes de leão-marinho. — Em breve o mestre vai cuidar de você. Rápido, garoto!

— Ethan — pedi —, não dê ouvidos a eles. Ajude-me a destruí-lo.

Ethan voltou-se para mim, o tapa-olho fundindo-se às sombras em seu rosto. Sua expressão era de algo como piedade.

— Eu lhe disse que não me poupasse, Percy. “Olho por olho, dente por dente.” Já ouviu este ditado? Aprendi o que significa da forma mais difícil: quando descobri qual deusa era a minha mãe. Sou filho de Nêmesis, a deusa da vingança. E é para isto que fui feito.

Então virou-se para o tablado.

— Eu renuncio aos deuses! O que foi que eles fizeram por mim? Quero vê-los destruídos. Servirei a Cronos.

O castelo retumbou. Uma coluna de luz azul ergueu-se do chão, aos pés de Ethan Nakamura, deslizou até o

caixão e começou a tremeluzir, como uma nuvem de pura energia. Então pousou ali dentro.

Luke sentou-se apertado. Seus olhos se abriram e já não eram azuis. Eram dourados, da mesma cor do caixão. O buraco em seu peito desaparecera. Ele estava inteiro. Saltou do caixão com facilidade, e onde seus pés tocaram o chão o mármore congelou como crateras de gelo.

Ele olhou para Ethan e para os telquines com aqueles olhos dourados horríveis, como se fosse um recém-nascido, incerto do que estava vendo. Então os voltou para mim, e, ao me reconhecer, um sorriso insinuou-se em sua boca.

— Este corpo foi bem preparado. — A voz era como uma gilete percorrendo minha pele. Era a voz de Luke, mas ao mesmo tempo não era. Sob ela havia outro som, mais terrível, antigo e gélido, como metal raspando em pedra. — Não acha, Percy Jackson?

Eu não conseguia me mexer. Não conseguia responder.

Cronos atirou a cabeça para trás e gargalhou. A cicatriz em seu rosto tremeu.

— Luke temia você — disse a voz do titã. — A inveja e o ódio foram instrumentos poderosos. Mantiveram-no obediente. Agradeço a você por isso.

Ethan recolheu-se, tomado de horror. Cobriu o rosto com as mãos. Os telquines tremiam, ainda segurando a foice.

Finalmente, recuperei o controle. Investi contra aquela criatura que um dia fora Luke, empurrando minha espada contra seu peito, mas a pele repeliu o golpe como se fosse feita de puro aço. Ele me olhou, divertindo-se. Então, fez um gesto rápido com uma das mãos e eu voei pelo salão.

Bati com força contra uma coluna. Tentei me levantar, piscando para me livrar dos pontos luminosos diante dos olhos, mas Cronos já segurava o cabo de sua foice.

— Ah... muito melhor — ele disse. — Mordecostas era como Luke a chamava. Um nome apropriado. Agora que foi completamente reforjada, ela irá de fato *morder*.

— O que fez com Luke? — gemi.

Cronos ergueu a foice.

— Ele me serve com todo seu ser, como exijo. A diferença é que ele temia você, Percy Jackson, e eu, não.

Foi naquele momento que corri. Não tive a menor dúvida em relação a isso. Nenhuma reflexão do tipo: puxa, será que eu deveria enfrentá-lo e tentar lutar? Não. Eu simplesmente corri.

Mas meus pés pareciam feitos de chumbo. O tempo desacelerou à volta, como se o mundo estivesse se transformando em gelatina. Eu já experimentara essa sensação e sabia que era o poder de Cronos. Sua presença era tão forte que podia distorcer inclusive o tempo.

— Corra, heroizinho. — Ele ria. — Corra!

Olhei para trás e vi que ele se aproximava devagar, brandindo sua foice como se desfrutasse a sensação de tê-la novamente nas mãos. Nenhuma arma no mundo poderia detê-lo. Nenhuma quantidade de bronze celestial.

Ele estava a uns três metros de mim quando ouvi:

— PERCY!

A voz de Rachel.

Algo passou voando por mim, e uma escova de cabelos de plástico azul atingiu Cronos no olho.

— Ai! — ele gritou.

Por um momento era apenas a voz de Luke, cheia de surpresa e dor. Meus membros ficaram livres e corri direto para Rachel, Nico e Annabeth, parados no saguão de entrada, os olhos arregalados de pavor.

— Luke? — chamou Annabeth. — O que...

Agarrei-a pela camiseta e a arrastei comigo. Corri o mais rápido que já correria na vida, direto para fora da fortaleza. Estávamos quase de volta ao Labirinto quando ouvi o berro mais alto do mundo — a voz de Cronos, recuperando o controle:

— ATRÁS DELES!

— Não! — gritou Nico.

Ele bateu as mãos e um bloco de pedra pontiagudo e denteado, do tamanho de uma carreta de nove eixos, ergueu-se do chão diante da fortaleza. O tremor causado por ele foi tão forte que as colunas da frente da construção vieram abaixo. Ouvi gritos abafados dos telquines lá dentro. A poeira subia por toda parte.

Nós nos lançamos no Labirinto e continuamos correndo, o uivo do Senhor Titã estremecendo o mundo inteiro que ficava para trás.

Corremos até ficar exaustos. Rachel nos desviava de armadilhas, mas não tínhamos destino algum em mente — só queríamos ir para *longe* da montanha escura e do rugido de Cronos.

Paramos em um túnel de pedra branca molhada, que parecia parte de uma caverna natural. Eu não conseguia ouvir nada nos seguindo, porém não me sentia nada seguro. Ainda podia me lembrar daqueles olhos dourados sobrenaturais no rosto de Luke, e da sensação de que meus membros estavam lentamente se transformando em pedra.

— Não consigo dar nem mais um passo — arquejou Rachel, com as mãos no peito.

Annabeth chorara todo o tempo enquanto corria. Então, ela desabou e pôs a cabeça entre os joelhos. Seus soluços ecoavam no túnel. Nico e eu nos sentamos lado a lado. Ele colocou a espada perto da minha e respirou fundo, trêmulo.

— Foi uma droga — ele disse, e eu pensei que aquilo resumia muito bem os acontecimentos.

— Você salvou nossa vida — eu disse.

Nico limpou a poeira do rosto.

— Culpe as garotas por me arrastarem até lá com elas. Foi o único ponto em que conseguiram concordar. Precisávamos ajudar você ou estragaria tudo.

— Que bom que elas confiam tanto em mim. — Varri a caverna com a luz de minha lanterna. A água pingava das estalactites como chuva em câmera lenta. — Nico... você, hã, se revelou.

— O que quer dizer?

— Aquela parede de rocha negra! Aquilo foi impressionante. Se antes Cronos não sabia quem você era, agora ele sabe... um filho do Mundo Inferior.

Nico franziu a testa.

— Grande coisa.

Deixei para lá. Achei que ele só estivesse tentando esconder o quanto estava apavorado, e eu não podia culpá-lo por isso.

Annabeth ergueu a cabeça. Seus olhos estavam vermelhos de chorar.

— O que... o que havia de errado com Luke? O que fizeram com ele?

Contei-lhe o que tinha visto no caixão, a forma como a última parte do espírito de Cronos entrara no corpo de Luke quando Ethan Nakamura prometeu servi-lo.

— Não — disse Annabeth. — Isso não pode ser verdade. Ele não pode...

— Ele se entregou a Cronos — afirmei. — Sinto muito, Annabeth, mas o Luke morreu.

— Não! — ela teimou. — Você viu quando Rachel o atingiu.

Assenti, olhando Rachel com respeito.

— Você acertou o Senhor dos Titãs no olho com uma escova azul de plástico.

Rachel pareceu envergonhada.

— Era a única coisa que eu tinha.

— Mas você *viu* — insistiu Annabeth. — Quando o acertou, apenas por um segundo, ele ficou confuso.

Voltou a ser ele mesmo.

— Então talvez Cronos não estivesse completamente estabelecido no corpo, ou algo assim — falei. — Isso não quer dizer que Luke estava no controle.

— Você *quer* que ele seja mau, é isso? — gritou Annabeth. — Você não o conhecia antes, Percy. Eu sim!

— O que há com você? — rebati. — Por que continua a defendê-lo?

— Ei, vocês dois — interveio Rachel. — Parem com isso.

Annabeth voltou-se para ela.

— Fique fora disso, mortal! Se não fosse você...

O que quer que fosse dizer, sua voz falhou. Ela baixou a cabeça outra vez e voltou a soluçar, infeliz. Eu queria consolá-la, mas não sabia como. Ainda me sentia atordoado, como se a desaceleração do tempo provocada por Cronos tivesse afetado meu cérebro. Eu simplesmente não conseguia compreender o que vira. Cronos estava vivo. Armado. E o fim do mundo, provavelmente, estava próximo.

— Precisamos seguir em frente — disse Nico. — Ele enviará monstros em nossa captura.

Ninguém estava em condições de correr, mas Nico tinha razão. Eu me levantei com esforço e ajudei Rachel a ficar de pé.

— Você se saiu bem lá atrás — eu lhe disse.

Ela conseguiu me dirigir um pequeno sorriso.

— É, bem, não queria que você morresse. — Ela enrubesceu. — Quer dizer... só porque, você sabe. Você me deve favores demais. Como vou cobrá-los se você morrer?

Ajoelhei-me ao lado de Annabeth.

— Ei, me desculpe. Precisamos ir.

— Eu sei — ela disse. — Estou... estou bem.

Era óbvio que ela *não* estava bem. Mas se levantou, e começamos a vagar novamente pelo Labirinto.

— De volta a Nova York — eu disse. — Rachel, você pode...

Fiquei paralisado. Alguns metros à nossa frente, o feixe de minha lanterna parou em um pedaço de tecido vermelho caído no chão. Era um gorro rastafári: o que Grover sempre usava.

Minhas mãos tremiam quando peguei o gorro. Parecia ter sido pisoteado por uma imensa bota enlameada. Depois de tudo que eu passara naquele dia, não conseguia tolerar a ideia de que algo pudesse ter acontecido também a Grover.

Então percebi outro detalhe. O chão da caverna era macio e úmido por causa da água que pingava das estalactites. Havia pegadas grandes como as de Tyson e outras menores — cascos de bode — seguindo para a esquerda.

— Precisamos segui-los — eu disse. — Eles foram por ali. Deve ter sido recentemente.

— E quanto ao Acampamento Meio-Sangue? — perguntou Nico. — Não temos tempo.

— Precisamos encontrá-los — concordou Annabeth. — São nossos amigos.

Ela pegou o gorro amassado de Grover e tomou a dianteira.

Eu a segui, preparando-me para o pior. O túnel era traiçoeiro. Inclínava-se em ângulos estranhos e era escorregadio, por causa da umidade. Metade do tempo escorregávamos e deslizávamos em vez de andar.

Por fim chegamos ao fim de uma rampa, e então estávamos em uma caverna ampla com imensas colunas de estalagmites. No centro do salão corria um rio subterrâneo, e Tyson estava sentado à margem, embalando Grover no colo. Os olhos de Grover estavam fechados. Ele não se mexia.

— Tyson! — gritei.

— Percy! Venha rápido!

Corremos até ele. Grover não estava morto, graças aos deuses, mas todo o corpo dele tremia, como se estivesse morrendo de frio.

— O que aconteceu? — perguntei.

— Tantas coisas! — murmurou Tyson. — Uma cobra enorme. Cães enormes. Homens com espadas. Mas então... nós nos aproximamos daqui. Grover estava nervoso. Ele correu. Quando chegamos neste salão, ele caiu. Assim.

— Ele disse alguma palavra? — perguntei.

— Disse: “Estamos perto.” Então bateu a cabeça nas pedras.

Ajoelhei-me ao lado dele. A única vez em que vira Grover desmaiar fora no Novo México, quando sentiu a presença de Pã.

Corri o facho da lanterna pela caverna. As pedras cintilavam. Na extremidade oposta via-se a entrada de outro salão, ladeada por gigantescas colunas de cristal que pareciam diamantes. E além daquela entrada...

— Grover — chamei. — Acorde.

— Hãããããã.

Annabeth também se ajoelhou ao lado dele e jogou um pouco da água gelada do rio em seu rosto.

— Upa! — Suas pálpebras tremularam. — Percy? Annabeth? Onde...

— Está tudo bem — eu disse. — Você desmaiou. A presença foi forte demais para você.

— Eu... eu lembro. Pã.

— Sim — eu disse. — Algo muito poderoso está logo depois daquela passagem.

Fiz apresentações rápidas, pois Tyson e Grover não conheciam Rachel. Tyson disse a Rachel que ela era bonita, o que fez as narinas de Annabeth tremerem, como se ela fosse cuspir fogo.

— Bem — eu disse —, venha, Grover. Apoie-se em mim.

Annabeth e eu o ajudamos a se erguer, e juntos atravessamos o rio subterrâneo. A corrente era forte. A água chegava até nossa cintura. Disse a mim mesmo que permanecesse seco, o que é uma habilidade muito útil, mas isso não ajudou os outros, e eu ainda podia sentir o frio, como se andasse em meio a uma rajada de vento e neve.

— Creio que estamos nas Cavernas Carlsbad — disse Annabeth, rangendo os dentes. — Talvez uma parte inexplorada.

— Como você sabe?

— Carlsbad fica no Novo México — ela respondeu. — Isso explicaria o último inverno.

Assenti. O desmaio de Grover acontecera quando passávamos pelo Novo México. Lá ele se sentira mais perto do poder de Pã.

Saímos da água e continuamos andando. À medida que os pilares de cristal se avultavam, comecei a sentir o poder que emanava do salão ao lado. Eu estivera na presença de deuses antes, mas ali era diferente. Minha pele formigava com energia viva. Meu cansaço se dissipou, como se eu acabasse de acordar de uma boa noite de sono. Eu podia sentir que estava ficando mais forte, como uma daquelas plantas nos vídeos em câmera lenta. E o aroma que vinha da caverna não era nada parecido com a umidade abafada do subterrâneo. Cheirava a

árvores, a flores e a um dia quente de verão.

Grover choramingava de excitação. Eu estava atônito demais para falar. Até mesmo Nico parecia sem palavras. Entramos na caverna, e Rachel disse:

— Ah, uau.

As paredes cintilavam com cristais — vermelhos, verdes e azuis. Naquela estranha luz, cresciam lindas plantas — orquídeas gigantes, flores em formato de estrela, trepadeiras repletas de frutinhas laranja e púrpura que se insinuavam entre os cristais. O chão da caverna era coberto por um musgo verde e macio. O pé-direito era mais alto do que o de uma catedral, faiscando como uma galáxia de estrelas. No centro do salão havia uma cama em estilo romano, de madeira dourada, no formato de um U bem arredondado, cheia de almofadas de veludo. Alguns animais perambulavam em torno dela — mas eram animais que não deveriam estar vivos. Havia um dodô, um outro que parecia um cruzamento entre um lobo e um tigre, um imenso roedor — que poderia ser a mãe de todos os porquinhos-da-índia — e, vagando atrás da cama, colhendo frutinhas com a tromba, via-se um mamute peludo.

Deitado na cama estava um sátiro idoso. Ele observava nossa aproximação com olhos tão azuis quanto o céu. Seu cabelo encaracolado era branco, assim como a barba pontuda; os chifres eram enormes, de um marrom lustroso, e curvos. Seria impossível para ele escondê-los debaixo de um chapéu como Grover fazia. De seu pescoço pendia um conjunto de flautas de bambu.

Grover pôs-se de joelhos diante da cama.

— Senhor Pã!

O deus sorriu bondosamente, mas havia tristeza em seus olhos.

— Grover, meu querido e bravo sátiro. Espero você há muito tempo.

— Eu... me perdi — desculpou-se Grover.

Pã riu. Era um som maravilhoso, como a primeira brisa da primavera, enchendo toda a caverna de esperança. O lobo-tigre suspirou e descansou a cabeça no joelho do deus. O dodô bicou afetuosamente os cascos de Pã, fazendo um estranho som no fundo do bico. Eu podia jurar que ele estava assobiando “It’s a Small World”.

Ainda assim, Pã parecia cansado. Sua forma inteira tremeluzia, como se ele fosse feito de Névoa.

Percebi que meus outros amigos também estavam ajoelhados. Tinham uma expressão de assombro no rosto. Então me ajoelhei.

— Você tem um dodô que cantarola — eu disse estupidamente.

Os olhos do deus cintilaram.

— Sim, esta é a Dedê. Minha pequena atriz.

Dedê, o dodô, pareceu ofendida. Ela bicou de leve o joelho de Pã e cantarolou algo que soou como uma marcha fúnebre.

— Este lugar é lindo! — exclamou Annabeth. — É melhor do que qualquer edifício já projetado.

— Fico feliz que goste daqui, querida — disse Pã. — É um dos últimos lugares inexplorados que restam no mundo. Temo que meu reino lá em cima tenha acabado. Só restam pequenas reservas dele. Pedacos minúsculos de vida. Este aqui vai se manter preservado... um pouco mais.

— Meu senhor — disse Grover —, por favor, precisa voltar comigo! Os Anciãos nunca acreditarão! Vão ficar loucos de alegria! O senhor pode salvar o mundo selvagem!

Pã pousou a mão na cabeça de Grover e desarrumou-lhe os cachos do cabelo.

— Você é tão jovem, Grover. Tão bom e sincero. Creio que escolhi bem.

— Escolheu? — perguntou Grover. — Eu... eu não consigo entender.

A imagem de Pã tremulou, transformando-se momentaneamente em fumaça. O porquinho-da-índia gigante correu para debaixo da cama com um guincho aterrorizado. O mamute peludo grunhiu, nervoso. Dedê enfiou a cabeça debaixo da asa. Então Pã reapareceu.

— Dormi por muitos éons — disse o deus, com sofrimento. — Meus sonhos foram sombrios. Acordo de tempos em tempos, e a cada vez meu período desperto é menor. Agora estamos próximos do fim.

— O quê? — gritou Grover. — Mas... não! O senhor está bem aqui!

— Meu querido sátiro — disse Pã. — Tentei dizer ao mundo, há dois mil anos. Anunciei a Lysas, um sátiro muito parecido com você. Ele vivia em Éfeso e tentou espalhar a notícia.

Os olhos de Annabeth se arregalaram.

— A velha história. Um marinheiro passando pela costa de Éfeso ouviu uma voz gritando da margem: “Diga-lhes que o grande deus Pã está morto.”

— Mas não era verdade! — exclamou Grover.

— Sua espécie nunca acreditou — disse Pã. — Vocês, doces e teimosos sátiros, recusaram-se a aceitar minha morte. E eu os amo por isso, mas vocês só retardaram o inevitável. Vocês apenas estenderam minha longa e dolorosa passagem, meu sombrio sono crepuscular. Ele precisa terminar.

— Não! — A voz de Grover tremia.

— Querido Grover — disse Pã —, você precisa aceitar a verdade. Seu companheiro, Nico, ele compreende.

Nico assentiu lentamente.

— Ele está morrendo. Deveria ter morrido há muito tempo. Isto aqui... é mais como uma lembrança.

— Mas os deuses não podem morrer — disse Grover.

— Eles podem desaparecer aos poucos — afirmou Pã —, quando tudo que representam tiver deixado de existir. Quando seu poder se esvai e seus locais sagrados sucumbem. O mundo selvagem, meu querido Grover, está tão pequeno agora, tão destruído, que nenhum deus pode salvá-lo. Meu reino acabou. É por isso que preciso que você leve uma mensagem. Você deve voltar ao conselho. Deve dizer aos sátiros, às dríades e aos outros espíritos da natureza que o grande deus Pã *está* morto. Conte a eles sobre minha morte. Porque eles precisam parar de esperar que eu os salve. Eu não posso. A salvação tem de partir de cada um. Todos vocês precisam...

Ele parou e franziu a testa para o dodô, que voltara a cantarolar.

— Dedê, o que está fazendo? — perguntou Pã. — Está cantando “Kumbaya” outra vez?

Dedê ergueu a cabeça inocentemente e piscou os olhos amarelos. Pã suspirou.

— São todos uns cínicos. Mas, como eu ia dizendo, meu querido Grover, cada um de vocês deve aceitar meu chamado.

— Mas... não! — choramingou Grover.

— Seja forte — disse Pã. — Você me encontrou. E agora precisa me libertar. Tem de levar adiante meu espírito. Ele não pode mais ser carregado por um deus. Deve ser assumido por todos vocês.

Pã olhou-me diretamente com seus olhos azul-claros, e percebi que ele não estava falando apenas dos sátiros. Referia-se também aos meios-sangues e aos humanos. Todos.

— Percy Jackson — disse o deus. — Sei o que você viu hoje. Conheço suas dúvidas. Mas eu lhe dou esta notícia: quando chegar a hora, você não será dominado pelo medo.

Voltou-se para Annabeth.

— Filha de Atena, sua hora está chegando. Você terá um papel muito importante, embora talvez não seja o

que você imaginou.

Então olhou para Tyson.

— Mestre Ciclope, não se desespere. Os heróis raramente correspondem às nossas expectativas. Mas você, Tyson... seu nome permanecerá vivo entre os ciclopes por gerações. E a srta. Rachel Dare...

Rachel encolheu-se quando ele disse o nome dela. Recuou, como se sentisse alguma culpa, mas Pã limitou-se a sorrir. E ergueu a mão em uma bênção.

— Sei que acredita que a compensação não é possível — ele disse. — Mas você é tão importante quanto seu pai.

— Eu...

A voz de Rachel falhou. Uma lágrima escorreu por seu rosto.

— Sei que não acredita nisso agora — continuou Pã. — Mas espere as oportunidades. Elas virão.

Finalmente ele se voltou para Grover.

— Meu querido sátiro — disse gentilmente —, levará minha mensagem?

— Eu... eu não posso.

— Você pode, sim — disse Pã. — É o mais forte e o mais corajoso. Seu coração é sincero. Você acreditou em mim mais do que qualquer outro, razão pela qual deve levar a mensagem, e deve ser o primeiro a me libertar.

— Eu não quero.

— Eu sei — disse o deus. — Mas meu nome, *Pã*... originalmente queria dizer *rústico*. Sabia disso? Com o correr dos anos, porém, passou a significar *todos*. O espírito do mundo selvagem deve passar para todos vocês agora. Precisam dizer a todos que encontrarem: se quiserem achar Pã, aceitem o espírito de Pã. Reconstruam o mundo selvagem, um pouco de cada vez, cada um em seu canto do globo. Não podem esperar que ninguém mais, nem mesmo um deus, faça isso por vocês.

Grover enxugou os olhos. Então, lentamente, pôs-se de pé.

— Passei a vida toda procurando o senhor. Agora... eu o liberto.

Pã sorriu.

— Obrigado, querido sátiro. Minha bênção final.

Ele fechou os olhos, e o deus se dissolveu. Uma névoa branca dividiu-se em feixes de energia, mas de um tipo que não era assustador como o poder azul que eu vira emanar de Cronos. Aquilo preencheu a caverna. Uma espiral enevoadada me invadiu pela boca. Invadiu também Grover e os outros. Mas acho que Grover recebeu uma quantidade um pouco maior. Os cristais tornaram-se turvos. Os animais nos lançaram um olhar triste. Dedê, o dodô, suspirou. Então todos ficaram cinzentos e desfizeram-se em pó. As trepadeiras murcharam. Então estávamos sozinhos em uma caverna escura, com uma cama vazia.

Liguei minha lanterna.

Grover respirou fundo.

— Você... está bem? — perguntei.

Ele parecia mais velho e mais triste. Pegou o gorro das mãos de Annabeth, limpou a lama e o enfiou com firmeza na cabeça coberta de cachos.

— Precisamos ir agora e contar a eles — ele disse. — O grande deus Pã está morto.

As distâncias eram mais curtas no Labirinto. Ainda assim, quando Rachel nos levou de volta à Times Square, eu me sentia como se tivesse percorrido todo o caminho desde o Novo México. Saímos do porão do Marriott e paramos na calçada, na luz clara do sol de verão, estreitando os olhos para olhar o trânsito e a multidão.

Eu não conseguia chegar a uma conclusão do que parecia menos real: Nova York ou a caverna de cristal onde vira um deus morrer.

Levei todos até um beco, onde podia conseguir um bom eco. Então assoviei o mais alto que pude, cinco vezes.

Um minuto depois, Rachel suspirou:

— São lindos!

Um grupo de pégasos descia do céu, voando entre os edifícios. Blackjack vinha à frente, seguido por quatro de seus amigos, brancos.

Ei, chefe!, disse ele em minha mente. *Você sobreviveu!*

— É — respondi. — Sou sortudo mesmo. Escute, precisamos de uma carona até o acampamento, e rápido. *É a minha especialidade! Ih, cara, esse ciclope está com você, é? Ei, Guido! Como é que estão suas costas!*

O pégaso Guido gemeu e queixou-se, mas acabou concordando em carregar Tyson. Todos começaram a montar — exceto Rachel.

— Bem — ela me disse. — Acho que é só.

Assenti, constrangido. Ambos sabíamos que ela não podia ir para o acampamento. Olhei para Annabeth, que fingia estar muito ocupada com seu pégaso.

— Obrigado, Rachel — eu disse. — Não teríamos conseguido sem você.

— Eu não teria perdido isso por nada. Quer dizer, exceto por quase morrer, e por Pã... — Sua voz falhou.

— Ele falou algo sobre seu pai — lembrei. — O que ele quis dizer?

Rachel torceu a alça de sua mochila.

— Meu pai... O trabalho do meu pai. Pode-se dizer que ele é um empresário famoso.

— Quer dizer que... você é *rica*?

— Bem, sim.

— Então foi assim que conseguiu que o chofer nos ajudasse? Bastou dizer o nome de seu pai e...

— Sim — Rachel me interrompeu. — Percy... meu pai é um empreendedor imobiliário. Ele viaja o mundo todo procurando terras inexploradas. — Ela respirou fundo, irritada. — O mundo selvagem. Ele... ele o compra. Odeio isso, mas ele derruba tudo e constrói loteamentos e *shoppings* horrorosos. E agora que eu vi Pã... a morte de Pã...

— Ei, você não pode se culpar por isso.

— Você não sabe do pior. Eu... eu não gosto de falar sobre minha família. Não queria que vocês soubessem. Desculpe-me. Eu não devia ter dito nada.

— Não — eu disse. — É legal. Olhe, Rachel, você foi maravilhosa. Você nos guiou pelo Labirinto. Foi tão corajosa! É só isso que conta para mim. Não me importa o que seu pai faz.

Rachel me olhou, agradecida.

— Bem... se você quiser andar novamente por aí com uma mortal... pode me ligar.

— Ah, sim. Claro.

Suas sobrancelhas se juntaram. Acho que não pareci muito entusiasmado, mas não era essa minha intenção. Eu só não sabia o que dizer com todos os meus amigos ali perto. E acho que meus sentimentos tinham ficado bastante confusos nos últimos dias.

— Quer dizer... eu gostaria muito — eu disse.

— Meu número não está na lista — ela avisou.

— Eu o tenho.

— Ainda está em sua mão? Sem essa.

— Não. Eu... acho que decorei.

Seu sorriso voltou lentamente, bem mais feliz dessa vez.

— Até mais então, Percy Jackson. Vá salvar o mundo por mim, o.k.?

Ela saiu andando pela Sétima Avenida e desapareceu no meio da multidão.

Quando voltei aos cavalos, Nico estava tendo problemas. Seu pégaso ficava se esquivando dele, assustado, relutante em deixá-lo montar.

Ele cheira a gente morta!, queixava-se o pégaso.

Ei, cara, disse Blackjack. *Vamos lá, Porkpie. Um monte de semideuses tem cheiro estranho. Não é culpa deles. Oh-oh, eu não me referi a você, chefe.*

— Vão sem mim! — disse Nico. — Não quero mesmo voltar para aquele acampamento.

— Nico — falei —, precisamos de sua ajuda.

Ele cruzou os braços e fechou a cara. Então Annabeth pôs a mão em seu ombro.

— Nico — ela disse. — Por favor.

Aos poucos sua expressão se suavizou.

— Tudo bem — ele disse, relutante. — Por *você*. Mas não vou ficar.

Levantei uma sobrancelha para Annabeth, como se dissesse: *Como é que de repente Nico está lhe dando ouvidos?*

Ela me deu língua.

Por fim conseguimos que todos montassem um pégaso. Disparamos pelo ar e logo sobrevoávamos o Rio East, com Long Island estendida à nossa frente.

Pousamos no meio da área dos chalés e fomos imediatamente recebidos por Quíron, Sileno — o sátiro barrigudo — e alguns arqueiros do chalé de Apolo. Quíron ergueu uma sobrancelha ao ver Nico, mas, se eu esperava que ele ficasse surpreso com nossas notícias recentes sobre Quintus ser Dédalo, ou sobre a ressurreição de Cronos, estava enganado.

— Era o que eu temia — disse Quíron. — Precisamos correr. Vamos torcer para que vocês tenham retardado o Senhor Titã, mas sua vanguarda ainda virá. Estarão ansiosos por sangue. A maior parte de nossas

defesas já está posicionada. Venham!

— Espere um momento — pediu Sileno. — E o que aconteceu com a busca de Pã? Você está quase três semanas atrasado, Grover Underwood! Sua licença de buscador está revogada!

Grover respirou fundo. Então se empertigou e olhou Sileno nos olhos.

— Licenças de buscador não têm mais importância. O grande deus Pã está morto. Ele se foi e nos deixou seu espírito.

— *O quê?* — O rosto de Sileno tornou-se vermelho vivo. — Sacrilégio e mentiras! Grover Underwood, vou mandá-lo para o exílio por falar assim!

— É verdade — eu disse. — Estávamos lá quando ele morreu. Todos nós.

— Impossível! Vocês são todos mentirosos! Destruidores da natureza!

Quíron estudou o rosto de Grover.

— Falaremos nisso mais tarde.

— Falaremos agora! — exclamou Sileno. — Devemos resolver isso...

— Sileno — interrompeu Quíron —, meu acampamento está prestes a ser atacado. A questão de Pã esperou dois mil anos. Receio que tenha de esperar um pouco mais. Supondo-se que ainda estejamos aqui esta noite.

E com esse comentário feliz Quíron empunhou o arco e galopou na direção do bosque, e nós o seguimos como pudemos.

Era a maior operação militar que eu já vira no acampamento.

Estavam todos na clareira, vestidos com armadura completa, mas dessa vez não era para a captura da bandeira. O chalé de Hefesto preparara armadilhas em torno da entrada do Labirinto — arame farpado, fossos com potes de fogo grego, fileiras de lanças pontiagudas para desviar um ataque. Beckendorf manjava duas catapultas do tamanho de picapes, já com munição e apontadas para o Punho de Zeus. O chalé de Ares estava na linha de frente, a postos em formação de falange, com Clarisse dando ordens. Os chalés de Apolo e de Hermes estavam espalhados pela floresta com os arcos preparados. Muitos haviam tomado posição nas árvores. Até as dríades estavam armadas com arcos, e os sátiros trotavam por ali com porretes de madeira e escudos feitos de cascas irregulares de árvores.

Annabeth foi se juntar a seus irmãos do chalé de Atena, que haviam armado uma tenda de comando e dirigiam as operações. Uma bandeira cinza exibindo uma coruja tremulava do lado de fora. Nosso chefe de segurança, Argos, montava guarda na entrada. Os filhos de Afrodite corriam de um lado para o outro arrumando as armaduras de todos e oferecendo-se para desembaraçar nossas cimeiras de crina de cavalo. Até mesmo os filhos de Dioniso haviam encontrado algo para fazer. O deus ainda não estava por ali, mas seus gêmeos louros também corriam para lá e para cá oferecendo aos guerreiros suados garrafas de água e caixas de suco.

Parecia uma configuração bastante boa, mas Quíron murmurou a meu lado:

— Não é suficiente.

Pensei no que vira no Labirinto, em todos os monstros no estádio de Anteu e no poder de Cronos que eu sentira no Monte Tam. Meu coração se abateu. Quíron tinha razão, mas aquilo era tudo o que podíamos reunir. Só daquela vez desejei que Dioniso estivesse ali, mas, mesmo que estivesse, não sabia se ele poderia ajudar. Quando o assunto era guerra, era proibido aos deuses interferir diretamente. Ao que parecia, os titãs não levavam em conta restrições desse tipo.

Mais adiante, no limite da clareira, Grover conversava com Juníper. Ela segurava suas mãos enquanto ele lhe contava nossa história. Lágrimas verdes formaram-se nos olhos dela quando ele deu a notícia sobre Pã.

Tyson ajudou os filhos de Hefesto a preparar as defesas. Ele recolheu pedras e as empilhou perto das catapultas como munição.

— Fique comigo, Percy — disse Quíron. — Quando a luta começar, quero que espere até sabermos com o que estamos lidando. Você deverá ir para onde mais precisarmos de reforços.

— Eu vi Cronos — contei, ainda aturdido com aquele fato. — Olhei diretamente nos olhos dele. Era Luke... e não era.

Quíron correu os dedos pela corda de seu arco.

— Ele tem olhos dourados, eu diria. E em sua presença o tempo parece se tornar fluido.

Assenti.

— Como ele pode se apossar de um corpo mortal?

— Não sei, Percy. Os deuses assumiram formas mortais por eras, mas se tornar de fato... fundir a forma divina à mortal, não sei como isso pôde ser feito sem que o corpo de Luke se transformasse em cinzas.

— Cronos disse que o corpo havia sido preparado.

— Estremeço só de pensar o que isso pode significar. Mas talvez isso restrinja os poderes de Cronos. Por um tempo, pelo menos, ele está confinado em uma forma humana. É ela que o mantém inteiro. Tomara que também o limite.

— Quíron, se ele liderar esse ataque...

— Não creio que será assim, meu garoto. Eu sentiria se ele estivesse se aproximando. Não há dúvida de que era o que planejava, mas acredito que você o atrapalhou quando derrubou sobre ele a sala do trono. — Ele me olhou com ar de censura. — Você e seu amigo Nico, filho de Hades.

Um bolo se formou em minha garganta.

— Desculpe-me, Quíron. Sei que devia ter lhe contado. É só que...

Quíron ergueu a mão.

— Entendo por que agiu assim, Percy. Você se sentia responsável. Tentou protegê-lo. Mas, meu garoto, se sobrevivermos a isso, devemos confiar um no outro. Devemos...

Sua voz vacilou. O chão sob nossos pés estava tremendo.

Todos na clareira pararam o que estavam fazendo. Clarisse gritou uma única ordem:

— Juntar escudos!

Então o exército do Senhor dos Titãs irrompeu do Labirinto, como uma explosão.

Eu já participara de lutas antes, mas aquela era uma batalha de grandes proporções. A primeira visão que tive foi de uma dúzia de lestrigões gigantes irrompendo do chão e gritando tão alto que parecia que meus ouvidos iam explodir. Eles carregavam escudos feitos de carros achatados e bastões que eram troncos de árvore com agulhões enferrujados na ponta. Um dos gigantes atacou a falange de Ares com um golpe lateral de seu bastão, e todo o chalé foi jogado para o lado, uma dúzia de guerreiros lançados ao vento como bonecos de pano.

— Fogo! — gritou Beckendorf.

As catapultas entraram em ação. Duas pedras grandes foram arremessadas na direção dos gigantes. Uma foi desviada por um carro-escudo, mal o amassando, mas a outra atingiu o peito de um lestrigão, que desabou. Os arqueiros de Apolo dispararam uma saraivada, dezenas de flechas fincadas na espessa armadura dos gigantes, fazendo com que parecessem porcos-espinhos. Várias encontraram fendas nas armaduras, e alguns gigantes evaporaram ao toque do bronze celestial.

Mas quando parecia que os lestrigões estavam prestes a ser vencidos, a próxima onda surgiu do Labirinto: trinta, talvez quarenta *dracaenae* em armadura completa de batalha, brandindo lanças e redes. Elas se dispersaram em todas as direções. Algumas foram pegas nas armadilhas que o chalé de Hefesto preparara. Uma delas ficou presa nas lanças pontiagudas e se tornou alvo fácil para os arqueiros. Outra acionou uma armadilha, e potes de fogo grego explodiram em chamas verdes, engolindo várias das mulheres-cobras. Mas muitas outras continuaram a surgir. Argos e os guerreiros de Atena avançaram na direção delas. Ali perto, Tyson cavalgava um gigante. Ele conseguira, sabe-se lá como, subir nas costas do monstro e o golpeava na cabeça com um escudo de bronze — *BONG! BONG! BONG!*

Quíron apontava calmamente flecha após flecha, derrubando um monstro a cada disparo. No entanto, mais inimigos continuavam a sair do Labirinto. Por fim, um cão infernal — não a sra. O’Leary — saltou do túnel e disparou na direção dos sátiros.

— VÁ! — Quíron gritou para mim.

Saquei Contracorrente e parti para o ataque.

Enquanto atravessava correndo o campo de batalha, vi cenas horríveis. Um meio-sangue inimigo estava lutando contra um filho de Dioniso, mas não era uma grande disputa. O inimigo o feriu no braço com sua lâmina e então o golpeou na cabeça com o punho da espada, e o filho de Dioniso caiu. Outro guerreiro inimigo disparava flechas em chamas na direção das árvores, levando o pânico a nossos arqueiros e às dríades.

Uma dezena de *dracaenae* de repente separou-se do combate principal e serpenteou pelo caminho que levava ao acampamento, como se soubessem aonde estavam indo. Se conseguissem sair dali, poderiam queimar todo o lugar, sem nenhuma resistência.

A única pessoa próxima delas era Nico di Angelo. Ele golpeou um telquine, e sua espada negra de ferro estígio absorveu a essência do monstro, sorvendo a energia dele até que nada além de poeira restasse.

— Nico! — gritei.

Ele olhou para onde eu apontava, viu as mulheres-cobras e imediatamente compreendeu.

Respirou fundo e estendeu a espada negra.

— Sirvam-me — convocou.

A terra tremeu. Uma fissura abriu-se na frente das *dracaenae*, e uma dúzia de guerreiros mortos-vivos saiu rastejando da terra, cadáveres horríveis em uniformes militares dos mais diversos períodos — revolucionários americanos, centuriões romanos, soldados da cavalaria de Napoleão montados em esqueletos de cavalos. Em sincronia, eles sacaram as espadas e travaram combate com as *dracaenae*. Nico caiu de joelhos, mas eu não tinha tempo para me certificar de que ele estivesse bem.

Aproximei-me do cão infernal, que agora forçava os sátiros a recuar para o bosque. A besta tentou abocanhar um deles, que se esquivou, mas em seguida lançou-se sobre outro, que foi lento demais. O escudo de casca de árvore do sátiro rachou quando ele caiu.

— Ei! — gritei.

O cão infernal virou-se. Rosnou para mim e saltou. Ele teria me feito em pedaços com suas garras, mas quando caí para trás, meus dedos se fecharam em torno de um pote de cerâmica — um dos recipientes de Beckendorf com o fogo grego. Atirei-o na boca do cão, que se incendiou. Afastei-me depressa, respirando com dificuldade.

O sátiro que fora pisoteado não se mexia. Corri para vê-lo, mas então ouvi a voz de Grover:

— Percy!

Começara um incêndio na floresta. As chamas estrepitavam a três metros da árvore de Júniper, e ela e Grover, enlouquecidos, tentavam salvá-la. Grover tocou uma canção de chuva em sua flauta. Júniper tentava desesperadamente vencer as labaredas com seu xale verde, mas só estava piorando a situação.

Corri na direção deles, saltando por entre duelos, costurando entre pernas de gigantes. A água mais próxima era a do riacho, a quase um quilômetro dali... mas eu precisava agir. Então me concentrei. Senti um repuxo no abdome, um estrondo nos ouvidos. Uma parede de água veio fluindo impetuosamente entre as árvores, encharcando o fogo, Júniper, Grover e praticamente tudo mais.

Grover cuspiu água.

— Obrigado, Percy!

— Sem problema!

Corri de volta para a luta, e Grover e Júniper me seguiram. Grover tinha um porrete nas mãos e Júniper segurava uma varinha, como uma chibata à moda antiga. Ela parecia muito zangada, como se fosse dar uma surra no traseiro de alguém.

Quando parecia que a batalha estava equilibrada outra vez — que talvez tivéssemos uma chance —, um grito sobrenatural ecoou, vindo do Labirinto, um ruído que eu já ouvira antes.

Campe disparou para o céu, as asas de morcego totalmente abertas. Ela pousou no topo do Punho de Zeus e inspecionou a carnificina. Seu rosto estava cheio de um júbilo maligno. As cabeças mutantes de animais rugiam em sua cintura. As cobras sibilavam e se enroscavam em suas pernas. Na mão direita ela segurava um novelo brilhante de linha — o fio de Ariadne —, mas o jogou em uma boca de leão em sua cintura e sacou as espadas curvas. As lâminas reluziam com o veneno verde. Campe berrou em triunfo, e alguns dos campistas gritaram. Outros tentaram correr e foram pisoteados por cães infernais ou por gigantes.

— *Di Immortales!* — gritou Quíron.

Ele apressou-se em apontar uma flecha, mas Campe pareceu pressentir o gesto. Levantou voo com impressionante velocidade, e a flecha de Quíron passou zunindo, inofensiva, ao lado de sua cabeça.

Tyson se desvencilhou do gigante, que ficara inconsciente após receber inúmeros golpes. Correu para as nossas fileiras, gritando:

— Enfrentem! Não fujam dela! Lutem! Mas então um cão infernal saltou sobre ele, e Tyson e o animal saíram rolando.

Campe pousou na tenda de comando de Atena, achatando-a. Corri atrás dela e vi Annabeth a meu lado, acompanhando-me, a espada em punho.

— Talvez isso seja o fim — ela disse.

— Pode ser.

— Foi bom lutar com você, Cabeça de Alga.

— Idem.

Juntos saltamos em direção ao monstro. Campe silvou e nos atacou. Esquivei-me, tentando distraí-la enquanto Annabeth investia em um ataque, mas o monstro parecia capaz de se concentrar nas duas mãos separadamente. Bloqueou a espada de Annabeth, que precisou saltar para trás a fim de evitar a nuvem de veneno. Só pela proximidade com a criatura parecia que estávamos no meio de uma neblina ácida. Meus olhos queimavam. Meus pulmões não conseguiam ar suficiente. Eu sabia que não podíamos nos manter firmes por mais do que alguns segundos.

— Venham! — gritei. — Precisamos de ajuda!

Mas ninguém veio. Estavam todos ou caídos ou lutando para salvar a própria vida ou apavorados demais para dar um passo à frente. Três das flechas de Quíron estavam fincadas no peito de Campe, mas ela apenas rugia mais alto.

— Agora! — disse Annabeth.

Atacamos juntos, desviando dos golpes do monstro, furamos sua guarda e quase... *quase* conseguimos cravar as espadas no peito de Campe, mas uma enorme cabeça de urso nos atacou, saindo da cintura do monstro, e recuamos para não ser mordidos.

Bum!

Minha visão escureceu. Só percebi que Annabeth e eu estávamos caídos no chão. O monstro tinha as patas dianteiras em nosso peito, imobilizando-nos. Centenas de cobras coleavam acima de mim, sibilando, o som parecendo risadas. Campe ergueu as espadas tingidas de verde, e vi que Annabeth e eu não tínhamos saída.

Foi quando, atrás de mim, algo uivou. Uma parede de escuridão caiu sobre Campe, derrubando o monstro de lado. Então a sra. O'Leary estava junto a nós, rosnando e tentando abocanhar Campe.

— Boa, garota! — disse uma voz familiar.

Dédalo lutava, saindo do Labirinto, atingindo inimigos à esquerda e à direita à medida que abria caminho até onde estávamos. Ao lado dele havia mais alguém — um gigante conhecido, muito mais alto do que os lestrigões, com uma centena de braços ondulantes, cada um deles segurando uma grande lasca de pedra.

— Briareu! — gritou Tyson, espantado.

— Salve, irmãozinho! — berrou Briareu. — Agente firme!

E quando a sra. O'Leary saiu do caminho com um salto, o centímano lançou uma saraivada de pedras contra Campe. As pedras pareciam aumentar de tamanho ao deixar as mãos de Briareu. Eram tantas que parecia que metade da Terra havia aprendido a voar.

BUUUUUM!

Onde estava Campe um momento antes, agora se erguia uma montanha de rochas, quase tão alta quanto o Punho de Zeus. O único sinal de que o monstro um dia existira eram as pontas de duas espadas projetando-se do cascalho.

Uma onda de vivas se ergueu entre os campistas, mas nossos inimigos ainda não estavam liquidados. Uma das *dracaenae* gritou:

— Acabem com elesss! Matem todosss ou Cronosss vai esssfolar vocêsss vivosss!

Aparentemente, aquela ameaça era mais aterrorizante do que nós. Os gigantes avançaram em uma última e desesperada investida. Um surpreendeu Quíron com uma rasteira nas patas traseiras, fazendo-o tropeçar e cair. Seis gigantes comemoraram gritando e lançaram-se ao ataque.

— Não! — eu gritei, mas estava longe demais para ajudar.

Então aconteceu. Grover abriu a boca e emitiu o som mais horrível que eu já ouvira. Era como um trompete ampliado mil vezes — um som de puro medo.

Em sincronia, as forças de Cronos largaram as armas e correram para se salvar. Os gigantes atropelaram as *dracaenae* tentando alcançar o Labirinto primeiro. Telquines, cães infernais e meios-sangues inimigos corriam desordenadamente atrás deles. O túnel fechou-se com um estrondo, e a batalha chegou ao fim. A clareira estava em silêncio, exceto por alguns focos de incêndio na floresta e os gritos dos feridos.

Ajudei Annabeth a se levantar e corremos até Quíron.

— Você está bem? — perguntei.

Ele estava caído de lado, tentando, em vão, se erguer.

— Que constrangedor — murmurou. — Acho que vou ficar bem. Felizmente, não sacrificamos centauros com patas... ai!... patas quebradas.

— Você precisa de ajuda — afirmou Annabeth. — Vou buscar um médico no chalé de Apolo.

— Não — insistiu Quíron. — Há feridos mais graves para socorrer. Vão! Eu estou bem. Mas, Grover... mais tarde precisamos conversar sobre como você fez aquilo.

— Foi impressionante — concordei.

— Não sei de onde saiu. — Grover corou.

Juníper o abraçou com força.

— Eu sei!

Antes que ela pudesse dizer mais, Tyson chamou:

— Percy, venha rápido! É Nico!

Havia fumaça subindo de suas roupas pretas. Seus dedos estavam cerrados, e a grama em torno de seu corpo estava amarela, morta.

Virei-o o mais delicadamente que pude e pus a mão em seu peito. O coração batia debilmente.

— Tragam néctar! — gritei.

Um dos campistas de Ares mancou até onde estávamos e me entregou um cantil. Pinguei um pouco da bebida mágica na boca de Nico. Ele tossiu e espirrou, e as pálpebras tremularam, abrindo-se.

— Nico, o que aconteceu? — perguntei. — Você consegue falar?

Ele assentiu, fraco.

— Nunca tentei convocar tantos antes. Eu... eu vou ficar bem.

Nós o ajudamos a se sentar e lhe demos um pouco mais de néctar. Ele piscou, olhando para todos como se estivesse tentando se lembrar de quem éramos, e então seus olhos focalizaram alguém atrás de mim.

— Dédalo — falou em voz baixa.

— Sim, meu garoto — disse o inventor. — Cometi um erro muito grave. Vim para corrigi-lo.

Dédalo tinha alguns arranhões que sangravam óleo dourado, mas parecia em melhor condição do que a maioria de nós. Aparentemente, seu corpo de autômato curava-se sozinho e com rapidez. A sra. O'Leary estava atrás dele, lambendo os ferimentos na cabeça do dono e deixando o cabelo dele em pé, com um aspecto engraçado. Briareu estava perto, cercado por um grupo de campistas e sátiros assombrados. Ele parecia meio tímido, mas distribuía autógrafos em armaduras, escudos e camisetas.

— Encontrei o centímano quando vinha pelo Labirinto — explicou Dédalo. — Parece que ele tinha a mesma ideia, queria vir ajudar, mas estava perdido. Então viemos juntos. Ambos viemos reparar um erro.

— Sim! — Tyson pulava. — Briareu! Eu sabia que você viria!

— Eu não sabia — disse o centímano. — Mas você me lembrou de quem eu sou, ciclope. Você é o herói.

Tyson corou, e eu lhe dei tapinhas nas costas.

— Sei disso há muito tempo — eu disse. — Mas, Dédalo... o exército do titã ainda está lá embaixo. Mesmo sem o fio, eles voltarão. Vão encontrar um caminho, mais cedo ou mais tarde, com Cronos na liderança.

Dédalo embainhou a espada.

— Você está certo. Enquanto houver o Labirinto, seus inimigos poderão usá-lo. Motivo pelo qual o

Labirinto não pode continuar existindo.

Annabeth o fitou.

— Mas você disse que o Labirinto está ligado à sua força vital! Enquanto você estiver vivo...

— Sim, minha jovem arquiteta — concordou Dédalo. — Quando eu morrer, o Labirinto também morrerá. Então, tenho um presente para você.

Ele tirou uma sacola de couro que estava pendurada nas costas, abriu-a e pegou ali um lustroso *laptop* prata — um dos que eu vira na oficina. Na parte de cima via-se uma letra Δ azul.

— Meu trabalho está aqui — ele disse. — Foi tudo que consegui salvar do incêndio. Anotações sobre projetos que nunca comecei. Alguns de meus esboços favoritos. Não consegui desenvolvê-los ao longo dos dois últimos milênios. Não ousei revelar minha obra ao mundo mortal. No entanto, talvez você a considere interessante.

Ele entregou o computador a Annabeth, que o olhou como se tivesse ouro nas mãos.

— Está dando para mim? Mas isto não tem preço! Vale... eu nem sei quanto!

— Uma pequena compensação pela maneira como agi — afirmou Dédalo. — Você tinha razão, Annabeth, sobre os filhos de Atena. Devemos ser sábios, e eu não fui. Um dia você será uma arquiteta muito melhor do que eu fui. Pegue minhas ideias e as aperfeiçoe. É o mínimo que posso fazer antes de morrer.

— Peraí — eu disse. — Morrer? Mas você não pode se matar. Isso não está certo!

Ele sacudiu a cabeça.

— É mais certo que me esconder de meus crimes por dois mil anos. A genialidade não é desculpa para o mal, Percy. Minha hora chegou. Preciso enfrentar minha punição.

— Você não terá um julgamento justo — disse Annabeth. — O espírito de Minos agora é um juiz...

— Vou aceitar o que vier — ele replicou. — E confiar na justiça do Mundo Inferior, tal como ela é. Isso é tudo que podemos fazer, não é mesmo?

Ele encarou Nico, cujo rosto tornou-se sombrio.

— Sim — concordou.

— Você aceita minha alma como resgate, então? — perguntou Dédalo. — Pode usá-la em troca da de sua irmã.

— Não — disse Nico. — Vou ajudá-lo a libertar seu espírito. Mas Bianca morreu. Deve ficar onde está.

Dédalo assentiu.

— Muito bem, filho de Hades. Está se tornando sábio. — Em seguida se voltou para mim. — Um último favor, Percy Jackson. Não posso deixar a sra. O'Leary sozinha. E ela não tem desejo algum de voltar para o Mundo Inferior. Você pode cuidar dela?

Olhei para o imenso cão negro que choramingava pateticamente, ainda lambendo o cabelo de Dédalo. Fiquei pensando que o prédio de minha mãe não permitiria cães, principalmente cães maiores do que os apartamentos, mas disse:

— Sim. Claro que posso.

— Então estou pronto para ver meu filho... e Perdiz — ele disse. — Preciso lhes pedir perdão.

Annabeth tinha lágrimas nos olhos.

Dédalo virou-se para Nico, que sacou a espada. A princípio temi que Nico fosse matar o velho inventor, mas ele apenas disse:

— Sua hora passou há muito. Liberte-se e descanse.

Um sorriso de alívio abriu-se no rosto de Dédalo, que se tornou imóvel como uma estátua. Sua pele ficou

transparente, revelando as engrenagens e os mecanismos de bronze que giravam dentro de seu corpo. Então, a estátua se transformou em cinzas e se desintegrou.

A sra. O’Leary uivou. Afaguei-lhe a cabeça, fazendo o melhor que podia para consolá-la. A terra ribombou — um terremoto que provavelmente pôde ser sentido em todas as principais cidades do país — quando o antigo Labirinto ruiu. Em algum lugar, eu esperava, os restos da força de ataque do titã haviam sido enterrados.

Olhei a carnificina na clareira, e os rostos cansados de meus amigos.

— Venham — eu os chamei. — Temos trabalho a fazer.

Foram muitas as despedidas.

Aquela noite foi a primeira vez que vi as mortalhas do acampamento sendo usadas de fato em corpos, e não foi algo que eu queira presenciar de novo.

Entre os mortos, Lee Fletcher, do chalé de Apolo, que fora derrubado pelo bastão de um gigante. Ele foi envolto em uma mortalha dourada sem decoração alguma. O filho de Dioniso, que caíra lutando contra um meio-sangue inimigo, foi coberto por uma mortalha de um roxo intenso com bordado de parreiras. O nome dele era Castor. Senti vergonha por tê-lo visto no acampamento por três anos e nunca ter me dado o trabalho de saber seu nome. Tinha dezessete anos. Seu irmão gêmeo, Pólux, tentou dizer algumas palavras, mas sua voz falhou e ele limitou-se a apanhar a tocha. Acendeu a pira funerária no centro do anfiteatro, e em segundos a fileira de mortalhas foi engolida pelo fogo, enviando fumaça e faíscas para as estrelas.

Passamos o dia seguinte tratando os feridos — que eram quase todo mundo. Os sátiros e as dríades trabalhavam para reparar os danos à floresta.

Ao meio-dia, o Conselho dos Anciãos de Casco Fendido convocou uma reunião de emergência no bosque sagrado. Os três sátiros seniores estavam lá, assim como Quíron, acomodado na cadeira de rodas. A pata de cavalo quebrada estava em processo de cura, então ele ficaria confinado à cadeira por alguns meses, até que o membro estivesse forte o bastante para sustentar seu peso. O bosque estava repleto de sátiros, dríades e náiades fora d'água — centenas deles, ansiosos para ouvir o que aconteceria. Juníper, Annabeth e eu nos encontrávamos ao lado de Grover.

Sileno queria exilar Grover imediatamente, mas Quíron o convenceu a pelo menos ouvir primeiro os testemunhos. Assim, contamos a todos o que acontecera na caverna de cristal e o que Pã dissera. Em seguida, várias testemunhas da batalha descreveram o estranho som que Grover emitira e que mandara o exército do titã de volta ao subterrâneo.

— Era pânico — insistia Juníper. — Grover apelou para o poder do deus selvagem.

— Pânico? — perguntei.

— Percy, durante a primeira guerra entre deuses e titãs, o Senhor Pã soltou um grito horrível que afugentou os exércitos inimigos — explicou Quíron. — Esse é... *era* seu maior poder, uma onda maciça de medo que ajudou os deuses a alcançar a vitória. A palavra pânico vem de Pã, veja bem. E Grover usou esse poder, evocado de dentro de si.

— Absurdo! — gritou Sileno. — Sacrilégio! Talvez o deus selvagem tenha nos concedido uma bênção. Ou talvez a música de Grover tenha sido tão ruim que afugentou o inimigo!

— Não foi isso, senhor — afirmou Grover. Ele parecia bem mais calmo do que eu estaria se fosse insultado daquele modo. — Pã permitiu que o espírito dele fosse transmitido para todos nós. Precisamos agir. Cada um de nós deve trabalhar para renovar o mundo selvagem, para proteger o que resta dele. Precisamos disseminar a notícia. Pã está morto. Não existe mais ninguém, somente nós.

— Depois de dois mil anos de buscas, é nisto que você quer que acreditemos? — gritou Sileno. — Nunca! Precisamos continuar a procura. Exilem o traidor!

Alguns dos sátiros mais velhos murmuraram sua anuência.

— Uma votação! — exigiu Sileno. — De qualquer maneira, quem acreditaria neste jovem sátiro ridículo?

— Eu acreditaria — disse uma voz familiar.

Todos se viraram. Entrando no bosque, vinha Dioniso. Ele usava um terno preto formal — e por isso eu quase não o reconheci —, gravata púrpura e camisa roxa, o cabelo escuro e encaracolado cuidadosamente penteado. Seus olhos estavam injetados, como sempre, e o rosto, rechonchudo e corado, mas ele parecia estar sofrendo mais de pesar do que de abstinência de vinho.

Todos os sátiros se levantaram em respeito e fizeram uma reverência quando ele se aproximou. Dioniso fez um gesto com a mão e uma cadeira brotou do chão perto da de Sileno — um trono feito de parreiras.

Dioniso sentou-se e cruzou as pernas. Estalou os dedos e um sátiro apressou-se a lhe oferecer uma travessa com queijos e biscoitos e uma Coca Diet.

O deus do vinho olhou a multidão reunida à volta.

— Sentiram minha falta?

Os sátiros mais do que depressa concordaram e curvaram-se.

— Ah, sim, muito mesmo, senhor!

— Bem, eu não senti falta deste lugar! — disse Dioniso, áspero. — Trago más notícias, meus amigos. Notícias do mal. Os deuses menores estão mudando de lado. Morfeu passou para o grupo do inimigo. Hécate, Jano e Nêmesis, também. Zeus sabe quantos mais.

Um trovão ribombou a distância.

— Retiro isso — disse Dioniso. — Nem *Zeus* sabe. Agora quero ouvir a história de Grover. De novo, desde o começo.

— Mas, meu senhor — protestou Sileno. — É pura bobagem!

Os olhos de Dioniso cintilaram com fogo púrpura.

— Acabo de saber que meu filho Castor morreu, Sileno. Não estou de bom humor. Você faria bem se não me aborrecesse.

Sileno engoliu em seco e fez sinal para que Grover recomeçasse.

Quando Grover chegou ao fim, o sr. D assentiu.

— Parece mesmo o tipo de atitude que Pã tomaria. Grover está certo. A busca é vergonhosa. Vocês devem começar a pensar por si mesmos. — Ele voltou-se para um sátiro. — Traga-me uvas descascadas, agora!

— Sim, senhor! — O sátiro saiu afobado.

— Devemos exilar o traidor! — insistiu Sileno.

— Eu digo não — opôs-se Dioniso. — É este meu voto.

— Eu também voto não — manifestou-se Quíron.

Sileno contraiu o maxilar, mostrando teimosia.

— Todos a favor do exílio?

Ele e os outros dois sátiros idosos ergueram a mão.

— Três a dois — anunciou Sileno.

— Ah, certo — disse Dioniso. — Mas, infelizmente para vocês, o voto de um deus conta como dois. E, como eu votei contra, estamos empatados.

Sileno levantou-se, indignado.

— Isso é um ultraje! O conselho não pode ficar em um impasse.

— Então, que ele seja extinto! — disse o sr. D. — Eu não ligo.

Sileno curvou-se rigidamente, acompanhado pelos dois amigos, e eles saíram do bosque. Cerca de vinte

sátiros os seguiram. Os outros permaneceram onde estavam, murmurando, constrangidos.

— Não se preocupem — disse-lhes Grover. — Não precisamos de um conselho para nos dizer o que fazer. Podemos decidir isso por nós mesmos.

Ele repetiu para todos as palavras de Pã — que precisavam salvar o mundo selvagem um pouco de cada vez. Então começou a dividir os sátiros em grupos — os que iriam para os parques nacionais, aqueles que procurariam as últimas áreas selvagens e os que defenderiam os parques e jardins nas grandes cidades.

— Bem — Annabeth me disse —, parece que Grover está crescendo.

Mais para o fim da tarde encontrei Tyson na praia, conversando com Briareu, que construía um castelo de areia com cerca de cinquenta de suas mãos. Ele não estava prestando muita atenção ao que fazia, mas as mãos haviam erguido um complexo de três andares com paredes fortificadas, um fosso e uma ponte levadiça.

Tyson desenhava um mapa na areia.

— Tome a esquerda no recife — ele disse a Briareu. — Depois desça direto quando vir o navio naufragado. Então, quase um quilômetro e meio a leste, passando pelo cemitério de sereias, você começará a ver o fogo aceso.

— Está ensinando a ele o caminho das forjas? — perguntei.

Tyson assentiu.

— Briareu quer ajudar. Vai passar aos ciclopes técnicas que foram esquecidas, como fazer armas e armaduras melhores.

— Quero ver ciclopes — concordou Briareu. — Não quero mais ficar sozinho.

— Duvido que fique solitário lá embaixo — eu disse um tanto melancólico, pois nunca fora ao reino de Poseidon. — Vão mantê-lo ocupado de verdade.

O rosto de Briareu assumiu uma expressão feliz.

— Isso parece bom! Só queria que Tyson também pudesse ir.

Tyson corou.

— Preciso ficar aqui com meu irmão. Você vai se sair bem, Briareu. Obrigado.

O centímão apertou minha mão umas cem vezes.

— Vamos nos ver de novo, Percy. Sei disso!

Então ele deu um grande abraço de polvo em Tyson e adentrou o oceano. Ficamos olhando até sua cabeça enorme desaparecer sob as ondas.

Dei uma palmadinha nas costas de Tyson.

— Você o ajudou muito.

— Só conversei com ele.

— Você acreditou nele. Sem Briareu, nunca teríamos derrubado Campe.

— Ele atira pedras bem! — Tyson sorriu.

— Sim. — Ri. — Atira mesmo. Venha, grandão. Vamos jantar.

Foi bom ter um jantar normal no acampamento. Tyson se sentou comigo à mesa de Poseidon. O pôr do sol sobre o Estreito de Long Island estava lindo. As coisas não haviam se normalizado totalmente, mas quando fui até o braseiro e joguei parte de minha refeição nas chamas, como uma oferenda a Poseidon, senti que tinha de fato muito a agradecer. Meus amigos e eu estávamos vivos. O acampamento estava em segurança. Cronos sofrera um revés, pelo menos por algum tempo.

Minha única preocupação era Nico, que zanzava nas sombras, do outro lado do pavilhão. Haviam lhe oferecido um lugar à mesa de Hermes, e até mesmo à mesa principal com Quíron, mas ele recusara.

Depois do jantar, os campistas se dirigiram ao anfiteatro, onde o chalé de Apolo prometia uma cantoria para elevar os ânimos, mas Nico se desviou e desapareceu no bosque. Decidi que era melhor segui-lo.

Ao passar pelas sombras das árvores percebi que estava ficando muito escuro. Eu nunca sentira medo na floresta, embora sempre soubesse que havia muitos monstros ali. No entanto, pensei na batalha do dia anterior e me perguntei se em algum momento seria capaz de andar de novo por aqueles bosques sem me lembrar do horror daquela luta.

Nico não estava à vista, mas, após alguns minutos de caminhada, vi uma luz à frente. A princípio, pensei que ele tivesse acendido uma tocha, quando me aproximei, porém, vi que o brilho era um fantasma. A forma tremeluzente de Bianca di Angelo encontrava-se na clareira, sorrindo para o irmão. Ela lhe disse algo e tocou o rosto dele — ou tentou. Então sua imagem desapareceu.

Nico virou-se e me viu, mas não pareceu zangado.

— Dizendo adeus — falou com a voz rouca.

— Sentimos sua falta no jantar — afirmei. — Poderia ter se sentado comigo.

— Não.

— Nico, você não pode perder todas as refeições. Se não quiser ficar com Hermes, talvez possam abrir uma exceção e colocá-lo na Casa Grande. Há quartos suficientes.

— Eu não vou ficar, Percy.

— Mas... você não pode simplesmente ir embora. É perigoso demais lá fora para um meio-sangue solitário. Você precisa de treinamento.

— Eu treino com os mortos — ele replicou, sem emoção. — Este acampamento não é para mim. Existe uma razão de não terem construído um chalé para Hades aqui, Percy. Ele não é bem-vindo, não mais do que no Olimpo. Meu lugar não é aqui. Preciso ir embora.

Eu queria argumentar, mas parte de mim sabia que ele tinha razão. Isso não me agradava, mas Nico deveria encontrar seu próprio e sombrio caminho. Lembrei-me da caverna de Pã e de que o deus selvagem se dirigira a cada um de nós individualmente... exceto a Nico.

— Quando você vai? — perguntei.

— Agora mesmo. Tenho milhares de perguntas, como: quem era minha mãe? Quem pagou a escola para mim e para Bianca? Quem era o advogado que nos tirou do Hotel Lótus? Não sei *nada* de meu passado. Preciso descobrir.

— Faz sentido — admiti. — Mas espero que não tenhamos de ser inimigos.

Ele baixou o olhar.

— Lamento por ter agido como um garoto mimado. Deveria ter ouvido você em relação a Bianca.

— Por falar nisso... — Peguei algo no bolso. — Tyson encontrou isto quando estávamos limpando o chalé. Pensei que talvez você a quisesse. — Estendi uma estatueta de Hades feita de chumbo, a estatueta de Mitomagia que Nico abandonara ao fugir do acampamento no inverno anterior.

Nico hesitou.

— Não brinco mais com esse jogo. É para crianças.

— Tem um poder de ataque de quatro mil — tentei persuadi-lo.

— Cinco mil — Nico me corrigiu. — Mas só se o adversário atacar primeiro.

Sorri.

— Talvez seja bom ser criança de vez em quando. — Joguei a estatueta para ele.

Nico a examinou na mão por alguns segundos e então a enfiou no bolso.

— Obrigado.

Estendi a mão. Ele a apertou, relutante. Sua mão era fria como gelo.

— Tenho muito a investigar — ele disse. — Alguns deles... Bem, se descobrir algo útil, eu o informarei.

Não sabia do que ele estava falando, mas assenti.

— Mantenha contato, Nico.

Ele se virou e adentrou na floresta. As sombras pareciam se curvar em sua direção enquanto ele caminhava, como se tentassem chamar sua atenção.

Uma voz atrás de mim disse:

— Lá vai um rapaz muito perturbado.

Virei-me e deparei com Dioniso ali em pé, ainda com o terno preto.

— Venha caminhar comigo — ele chamou.

— Para onde? — perguntei, desconfiado.

— Só até a fogueira. Eu estava começando a me sentir melhor, então pensei em conversar um pouco com você, que sempre consegue me irritar.

— Hã, obrigado.

Atravessamos a floresta em silêncio. Percebi que Dioniso estava flutuando, seus lustrosos sapatos pretos pairando a uns dois centímetros do chão. Acho que ele não queria sujá-los.

— Temos sofrido muitas traições — ele disse. — A situação não está boa para o Olimpo. No entanto, você e Annabeth salvaram este acampamento. Não estou muito certo se deveria lhe agradecer por isso.

— Foi um esforço conjunto.

Ele deu de ombros.

— Ainda assim, suponho que tenha sido necessária alguma competência para fazer o que vocês dois alcançaram. Achei que você devesse saber... que não foi perda total.

Chegamos ao anfiteatro, e Dioniso apontou para a fogueira. Clarisse estava sentada ao lado de um garoto hispânico grandalhão que lhe contava uma piada. Era Chris Rodriguez, o meio-sangue que enlouquecera no Labirinto.

Voltei-me para Dioniso.

— Você o curou?

— A loucura é minha especialidade. Foi bastante simples.

— Mas... você foi legal. Por quê?

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Eu sou legal! Eu simplesmente transpiro bondade, Perry Johansson. Você não tinha percebido?

— Hã...

— Talvez eu tenha me sentido padecido pela morte de meu filho. Talvez tenha pensado que esse garoto, Chris, merecia uma segunda chance. Seja como for, acho que isso melhorou o humor de Clarisse.

— Por que está me dizendo isso?

O deus do vinho suspirou.

— Ah, por Hades! Se eu soubesse... Mas lembre, garoto, que um gesto generoso pode ser tão poderoso quanto uma espada. Como mortal, eu nunca fui um grande lutador, atleta ou poeta. Eu apenas fazia vinho. As pessoas em meu vilarejo riam de mim. Diziam que eu nunca daria boa coisa. Agora olhe para mim. Às vezes

coisas pequenas podem tornar-se de fato muito grandes.

Ele me deixou sozinho pensando naquelas palavras. E, enquanto observava Clarisse e Chris cantando juntos uma estúpida canção junto à fogueira, de mãos dadas no escuro, onde achavam que ninguém podia vê-los, não pude deixar de sorrir.

MINHA FESTA DE ANIVERSÁRIO SOFRE UMA SOMBRIA REVIRAVOLTA

O restante do verão pareceu estranho de tão normal. As atividades diárias prosseguiram: arco e flecha, escalada na pedra, equitação com pégasos. Jogamos captura da bandeira (embora todos evitássemos o Punho de Zeus). Cantamos em torno da fogueira, disputamos corridas de bigas e pregamos peças nos outros chalés. Passei bastante tempo com Tyson e brincando com a sra. O'Leary, mas ela ainda uivava à noite quando sentia muita saudade do antigo dono. Annabeth e eu estávamos sempre perto um do outro, mas nunca muito perto. Eu ficava feliz quando estava com ela, mas isso doía um pouco, e doía quando não estávamos juntos também.

Eu queria falar com ela sobre Cronos, no entanto não conseguia mais fazer isso sem tocar no nome de Luke. E esse era um tema que eu não podia trazer à tona. Ela me dispensava todas as vezes que eu tentava.

Julho se passou, com fogos de artifício na praia no Quatro de Julho. Agosto foi tão quente que os morangos começaram a assar nos campos. Finalmente, chegou o último dia no acampamento. O formulário padrão apareceu em minha cama depois do café da manhã, advertindo-me de que as harpias da limpeza me devorariam se eu ainda estivesse ali depois do meio-dia.

Às dez horas eu estava no topo da Colina Meio-sangue, à espera da van que me levaria para a cidade. Providenciei para que a sra. O'Leary ficasse no acampamento, onde ela seria cuidada conforme Quíron me prometera. Tyson e eu nos revezaríamos visitando-a durante o ano.

Eu esperava que Annabeth fosse comigo para Manhattan, mas ela só veio se despedir. Disse que combinara de ficar no acampamento um pouco mais. Cuidaria de Quíron até que a pata dele estivesse completamente recuperada e continuaria estudando o *laptop* de Dédalo, que a mantivera ocupada nos últimos dois meses.

Depois iria para a casa do pai, em São Francisco.

— Vou para uma escola particular — ela disse. — Provavelmente, vou odiar, mas... — Ela deu de ombros.

— É, bem, então me ligue, o.k.?

— Claro — ela disse com certa frieza. — Vou ficar atenta para o caso de...

Lá estava ele de novo. *Luke*. Ela não conseguia nem pronunciar o nome dele sem abrir uma imensa caixa de dor, preocupação e raiva.

— Annabeth — eu disse —, qual era o final da profecia?

Ela fixou os olhos na floresta a distância, mas não disse nada.

— *Descerás na escuridão do labirinto infinito* — recordei. — *O morto, o traidor e o perdido reerguidos*. Erguemos muitos mortos. Salvamos Ethan Nakamura, que veio a ser um traidor. Erguemos o espírito de Pã, que estava perdido.

Annabeth sacudiu a cabeça, como se quisesse me fazer parar.

— *Ascenderás ou cairás pelas mãos do rei spectral* — pressionei. — Este não era Minos, como pensei. Era Nico.

Ao escolher ficar do nosso lado, ele nos salvou. *Da criança de Atena, a defesa final...* este era Dédalo.

— Percy...

— *A destruição virá quando o último suspiro do herói acontecer.* Agora faz sentido. Dédalo morreu para destruir o

Labirinto. Mas qual era o último...

— *E perderás um amor para algo pior que morrer.* — Annabeth tinha lágrimas nos olhos. — Este era o último

verso, Percy. Está feliz agora?

O sol de repente parecia mais frio.

— Ah! — eu disse. — Então Luke...

— Percy, eu não sabia de quem a profecia falava. Eu... eu não sabia se... — Ela gaguejou, impotente. —

Luke e eu... durante anos ele foi o único que se importou de verdade comigo. Eu pensei...

Antes que pudesse continuar, uma faísca de luz surgiu perto de nós, como se alguém tivesse aberto uma cortina de ouro no ar.

— Você nada tem de que se desculpar, minha querida.

De pé ali no morro estava uma mulher alta, com um vestido branco, o cabelo escuro trançado sobre um dos ombros.

— Hera — disse Annabeth.

A deusa sorriu.

— Você encontrou as respostas, como eu imaginava. Sua missão foi um sucesso.

— *Um sucesso?* — perguntou Annabeth. — Luke se foi. Dédalo está morto. Pã está morto. Como isso...

— Nossa família está a salvo — insistiu Hera. — Esses outros já foram tarde, minha querida. Estou orgulhosa de você.

Cerrei os punhos. Não podia acreditar que ela estivesse dizendo aquilo.

— Foi você que pagou Gerión para nos deixar passar pelo rancho, não foi?

Hera encolheu os ombros. Seu vestido cintilou com as cores do arco-íris.

— Eu queria encurtar o caminho de vocês.

— Mas não se importou com Nico. Ficaria feliz em vê-lo entregue aos titãs.

— Ah, por favor.

Hera fez um gesto de desprezo, e continuou:

— Foi o próprio filho de Hades quem disse. Ninguém o quer por perto. Aqui não é o lugar dele.

— Hefesto tinha razão — rosnei. — Você só se importa com sua família *perfeita*, não com as pessoas reais.

Os olhos dela brilharam perigosamente.

— Tome cuidado, filho de Poseidon. Guiei-o no Labirinto mais do que você possa imaginar. Estava a seu lado quando você enfrentou Gerión. *Eu* permiti que sua flecha o acertasse. Mande-o para a ilha de Calipso.

Abri caminho para a montanha dos titãs. Annabeth, minha querida, você certamente vê como ajudei. Eu acolheria com alegria um sacrifício por meus esforços.

Annabeth ficou imóvel como uma estátua. Ela poderia ter dito “obrigada”. Poderia ter prometido jogar um pouco de churrasco no braseiro para Hera e deixar tudo para lá. Mas ela cerrou o maxilar, teimosa. Tinha a mesma expressão de quando enfrentou a Esfinge — a de que não aceitaria uma resposta qualquer, mesmo que isso a pusesse em sérios apuros. Percebi que essa era uma das qualidades que eu mais admirava em Annabeth.

— Percy tem razão. — Ela se voltou contra a deusa. — *Você é* que não pertence a este lugar, Rainha Hera.

Portanto, da próxima vez... não, obrigada, mas não vamos querer nada.

A expressão de desdém de Hera foi pior do que a de uma *empousa*. Sua silhueta começou a brilhar.

— Você vai se arrepender deste insulto, Annabeth. Vai se arrepender, e muito.

Desviei os olhos quando a deusa assumiu sua verdadeira forma divina e desapareceu em uma labareda de luz.

O alto da colina estava novamente em paz. Mais adiante, no pinheiro, Peleu, o dragão, ressonava sob o Velocino de Ouro, como se nada tivesse acontecido.

— Desculpe-me — disse Annabeth. — Eu... eu preciso voltar. Vou manter contato.

— Ouça, Annabeth...

Pensei no Monte Santa Helena, na ilha de Calipso, em Luke e em Rachel Elizabeth Dare, e em como, de repente, tudo se tornara tão complicado. Queria dizer a Annabeth que eu não desejava ficar tão longe dela.

Mas então Argos buzinou lá embaixo na estrada, e perdi minha oportunidade.

— É melhor você ir — disse Annabeth. — Cuide-se, Cabeça de Alga.

Ela desceu a colina correndo. Fiquei olhando até ela chegar aos chalés. Annabeth não olhou para trás nem uma única vez.

Dois dias depois era meu aniversário. Eu nunca anunciei a data, porque sempre caía logo depois do final do acampamento, portanto nenhum de meus amigos campistas podia vir, e eu não tinha muitos amigos mortais. Além disso, ficar mais velho não parecia motivo para celebrar, já que, de acordo com a grande profecia, eu destruiria ou salvaria o mundo quando completasse dezesesseis anos. Já estava fazendo quinze. Meu tempo estava se esgotando.

Minha mãe preparou uma festa íntima em nosso apartamento. Paul Blofis compareceu, mas estava tudo bem porque Quíron manipulara a Névoa a fim de convencer todos da Goode High School de que eu nada tivera a ver com a explosão na sala de música. Agora Paul e outras testemunhas estavam certos de que Kelli era uma líder de torcida louca e incendiária, enquanto eu fora simplesmente um inocente espectador que, em pânico, saíra correndo do local. Eu ainda estava inscrito como calouro na Goode, e começaria a estudar no mês seguinte. Se quisesse manter meu recorde de ser expulso da escola todos os anos, teria de me empenhar mais.

Tyson também foi à minha festa, e mamãe assou dois bolos azuis extras só para ele. Enquanto Tyson enchia com ela as bolas de gás, Paul Blofis me pediu que o ajudasse na cozinha.

Quando estávamos servindo o ponche, ele disse:

— Ouvi dizer que sua mãe o inscreveu para ter aulas de direção no outono.

— É. Legal. Estou ansioso.

Na verdade, eu sempre sonhei em conseguir a carteira de motorista, no entanto acho que não estava mais tão empolgado, e Paul podia perceber. De uma forma estranha, ele às vezes me lembrava Quíron, pela maneira como olhava você e *via* o que estava pensando. Acho que era por causa da aura de professor.

— Você teve um verão difícil — ele disse. — Tenho a sensação de que perdeu alguém importante. E... teve problemas com garotas?

Eu o fitei.

— Como sabe disso? Mamãe...

Ele ergueu as mãos.

— Sua mãe não disse nada. E eu não vou me intrometer. Só sei que tem algo diferente em você, Percy. Tem muita coisa acontecendo em sua vida, e eu não sei o que é. Mas eu também já tive quinze anos, e posso adivinhar pela sua expressão... Bem, você passou por dias difíceis.

Fiz que sim com a cabeça. Eu havia prometido a mamãe que contaria a Paul a verdade sobre mim, mas aquele não parecia o momento certo. Ainda não.

— Perdi alguns amigos nesse acampamento que frequento — eu disse. — Bem, não eram amigos muito chegados, mas ainda assim...

— Eu sinto muito.

— É. E, hã, acho que essa história das garotas...

— Tome. — Paul me passou um copo de ponche. — Ao seu aniversário de quinze anos. E que o próximo ano seja melhor.

Brindamos com nossos copos de papel e bebemos.

— Percy, eu me sinto um pouco mal por lhe pedir para pensar em mais um assunto — disse Paul. — Mas queria lhe fazer uma pergunta.

— Sim?

— Diz respeito a uma garota.

Fechei a cara.

— O que quer dizer?

— Sua mãe — disse Paul. — Estou pensando em pedir a mão dela.

Quase deixei o copo cair.

— Você quer dizer... casar com ela? Você e ela?

— Bem, era essa a ideia. Tudo bem para você?

— Está pedindo minha permissão?

Paul coçou a barba.

— Não sei se é permissão, se chega a tanto, mas ela é sua mãe. E sei que você está passando por muita coisa. Eu não me sentiria bem se não conversasse com você primeiro, de homem para homem.

— Homem para homem — repeti. Aquilo soava estranho. Pensei em Paul e em minha mãe, como ela ria mais e parecia mais feliz quando ele estava por perto, e como Paul se esforçara para me fazer ser aceito na escola. Então me vi dizendo: — Acho que é uma ótima ideia. Vai fundo.

Ele então abriu um sorriso muito largo.

— Saúde, Percy. Vamos nos juntar à festa.

Estava me preparando para soprar as velas quando a campainha tocou.

Minha mãe franziu a testa.

— Quem pode ser?

Era estranho, porque nosso prédio novo tinha porteiro, mas ele não interfonara. Mamãe abriu a porta e deixou escapar um suspiro.

Era meu pai. Vestindo bermuda, camisa havaiana e sandálias Birkenstock, como sempre. A barba escura estava muito bem aparada e os olhos verde-mar faiscavam. Usava um boné surrado, decorado com iscas de pesca, em que se lia: boné da sorte de netuno.

— Posei... — Mamãe se interrompeu. Estava vermelha até a raiz dos cabelos. — Hã, olá.

— Olá, Sally — disse Poseidon. — Está linda como sempre. Posso entrar?

Mamãe emitiu um som agudo que poderia ser tanto “Sim” quanto “Socorro”. Poseidon entendeu como um sim e entrou.

Paul olhava de um para outro, tentando ler nossas expressões. Por fim, ele deu um passo à frente.

— Oi, eu sou Paul Blofis.

Poseidon ergueu as sobrancelhas ao trocarem um aperto de mãos.

— *Blowfish*, você disse?

— Ah, não. É Blofis.

— Ah, sei — disse Poseidon. — Uma pena. Eu sou Poseidon.

— Poseidon? Um nome interessante.

— É, eu gosto. Já tive outros, mas prefiro Poseidon.

— Como o deus do mar.

— Exatamente.

— Bem! — mamãe interrompeu. — Hã, estamos muito felizes que você tenha vindo. Paul, este é o pai do Percy.

— Ah! — Paul assentiu, embora não parecesse muito feliz. — Entendo.

Poseidon sorriu para mim.

— Aí está você, meu garoto. E Tyson, olá, filho!

— Papai! — Tyson atravessou a sala aos pulos e deu um grande abraço em Poseidon, quase derrubando o boné de pesca dele.

O queixo de Paul caiu. Ele olhou para mamãe.

— Tyson é...

— Não é meu — ela garantiu. — É uma longa história.

— Eu não podia perder os quinze anos de Percy — disse Poseidon. — Ora, se estivéssemos em Esparta, Percy hoje seria um homem!

— É verdade — disse Paul. — Já fui professor de história antiga.

Os olhos de Poseidon cintilaram.

— É o meu assunto. História antiga. Sally, Paul, Tyson... vocês se importariam se eu pegasse Percy emprestado por um momento?

Ele passou o braço pelos meus ombros e me conduziu à cozinha.

Assim que ficamos sozinhos, o sorriso dele desapareceu.

— Você está bem, meu filho?

— Sim. Estou bem. Acho.

— Ouvi algumas histórias — disse Poseidon. — Mas queria ouvi-las diretamente de você. Conte-me tudo.

Foi o que fiz. E foi meio desconcertante, porque Poseidon ouvia com tamanha atenção que seus olhos não deixaram meu rosto por um só instante. Sua expressão não mudou durante todo o tempo que eu falei. Quando cheguei ao fim, ele assentiu lentamente.

— Então Cronos está mesmo de volta. Não vai levar muito tempo para a guerra plena nos alcançar.

— E quanto a Luke? — perguntei. — Ele morreu mesmo?

— Não sei, Percy. Isso é muitíssimo perturbador.

— Mas o corpo dele é mortal. Você não pode simplesmente destruí-lo?

Poseidon parecia confuso.

— Mortal, talvez. Mas há algo diferente em Luke, meu filho. Não sei como ele foi preparado para hospedar a alma do titã, mas não morrerá facilmente. E, no entanto, temo que deva ser morto se quisermos mandar Cronos de volta ao fosso. Preciso pensar sobre isso. Infelizmente, tenho meus próprios problemas.

Lembrei-me do que Tyson me contara no início do verão.

— Os velhos deuses do mar?

— Isso mesmo. A batalha chegou primeiro para mim, Percy. Na verdade, não posso ficar aqui muito tempo. Neste exato momento o oceano está em guerra. É tudo que posso fazer para evitar que furacões e tufões destruam a superfície de seu mundo, tão intensa é a luta.

— Deixe-me ir para lá — eu disse. — Deixe-me ajudar.

Os olhos de Poseidon se enrugaram quando ele sorriu.

— Ainda não, meu filho. Pressinto que você será necessário aqui. O que me lembra... — Ele pegou uma bolacha de areia e a colocou em minha mão. — Seu presente de aniversário. Gaste-a com sabedoria.

— Hã, gastar uma bolacha de areia?

— Ah, sim. Por aqui ela é conhecida como “dólar de areia”. No meu tempo, podia-se comprar muito com uma destas. Acho que você vai descobrir que ainda compra muita coisa, se usada na situação certa.

— Que situação?

— Quando chegar a hora — disse Poseidon —, acho que você saberá.

Fechei minha mão em torno da bolacha de areia, mas algo me incomodava.

— Pai — eu disse —, lá no Labirinto encontrei Anteu. Ele disse... bem, disse que era seu filho favorito. Decorou toda a arena com caveiras e...

— Consagrou-as a mim — completou Poseidon. — E você está se perguntando como alguém pôde fazer algo tão horrível em meu nome.

Assenti, constrangido.

Poseidon pousou a mão queimada de sol em meu ombro.

— Percy, seres menores tomam muitas atitudes horríveis em nome dos deuses. Isso não significa que os deuses aproveem. A maneira como nossos filhos e filhas agem em nosso nome... bem, em geral diz mais sobre *elas* do que sobre nós. E *você*, Percy, é meu filho favorito.

Ele sorriu, e naquele momento o simples fato de estar com meu pai na cozinha foi o melhor presente de aniversário que já tive. Então mamãe chamou da sala:

— Percy? As velas estão derretendo!

— É melhor você ir — disse Poseidon. — Mas, Percy, uma última notícia que você deve saber. Aquele incidente no Monte Santa Helena...

Por um segundo pensei que ele estivesse falando do beijo que Annabeth me dera, e corei, mas então percebi que ele falava de algo muito maior.

— As erupções continuam — ele disse. — Tífon está se agitando. É muito provável que em breve, em alguns meses, talvez um ano no máximo, ele escape dos grilhões.

— Desculpe-me — eu disse. — Não era minha intenção...

Poseidon ergueu a mão.

— Não é culpa sua, Percy. Isso aconteceria mais dia, menos dia, com Cronos acordando os monstros

antigos. Mas saiba que se Tífon acordar... será diferente de tudo que você já enfrentou. A primeira vez que ele apareceu, todas as forças do Olimpo mal foram suficientes para combatê-lo. E quando ele acordar novamente, virá para cá, para Nova York. Seguirá direto para o Olimpo.

Era exatamente o tipo de boa notícia que eu queria em meu aniversário, mas Poseidon me deu palmadinhas nas costas como se tudo estivesse bem.

— Agora preciso ir. Aproveite seu bolo.

E, com isso, ele se transformou em névoa e foi levado pela janela em uma brisa quente do oceano.

Deu certo trabalho convencer Paul de que Poseidon partira pela saída de incêndio, mas como as pessoas não podem desaparecer no ar, ele não teve outra escolha senão acreditar.

Comemos bolo azul e sorvete até não aguentarmos mais. Então brincamos de um punhado de jogos de grupo, como mímica e Banco Imobiliário. Tyson não entendeu a dinâmica da mímica e ficava gritando a resposta que estava tentando representar. Mas acabou se revelando bom de verdade no Banco Imobiliário. Ele me tirou do jogo após a quinta rodada e começou a levar mamãe e Paul à falência. Deixei-os jogando e fui para meu quarto.

Coloquei uma fatia intacta do bolo azul na cômoda. Então tirei meu cordão do Acampamento Meio-Sangue e o deixei no peitoril da janela. Nele agora havia três pingentes, representando meus três verões no acampamento — um tridente, o Velocino de Ouro e o último: um intrincado labirinto, simbolizando a Batalha do Labirinto, como os campistas haviam começado a se referir ao episódio. Perguntei-me qual seria o pingente do próximo ano, se eu ainda estivesse lá para ganhá-lo. Se o acampamento sobrevivesse até o verão seguinte.

Olhei para o telefone em minha cabeceira. Pensei em ligar para Rachel Elizabeth Dare. Minha mãe me perguntara se eu queria convidar mais alguém naquela noite, e eu tinha pensado em Rachel. Mas não liguei. Não sei por quê. A ideia me deixava quase tão nervoso quanto uma porta para o Labirinto.

Tateei meus bolsos e os esvaziei — Contracorrente, um lenço de papel, a chave do apartamento. Então tateei o bolso da camisa e senti um pequeno volume. Eu nem percebera, mas estava usando a camisa de algodão branco que Calipso me dera em Ogígia. Tirei o pedaço de tecido, desembrulhei-o e encontrei o raminho de enlace lunar. Era um galho minúsculo, murcho depois de dois meses, mas eu ainda podia sentir o leve aroma do jardim encantado. Fiquei triste.

Lembrei-me do último pedido de Calipso: *Plante um jardim em Manhattan por mim, o.k.?* Abri a janela e passei para a saída de incêndio.

Minha mãe guardava uma jardineira ali. Na primavera ela costumava enchê-la de flores, mas agora havia apenas terra, à espera de algo novo. Era uma noite clara. A lua estava cheia sobre a Rua 82. Plantei o pequeno galho de enlace lunar com cuidado e o borrifei com um pouco de néctar de meu cantil do acampamento.

A princípio nada aconteceu.

Então, enquanto eu observava, uma pequenina planta prateada brotou do solo — uma muda de enlace lunar brilhando na noite quente de verão.

— Bela planta — disse uma voz.

Dei um salto. Nico di Angelo estava na saída de incêndio, ao meu lado. Simplesmente aparecera ali.

— Desculpe-me — ele disse. — Não queria assustar você.

— Está... está tudo bem. Quer dizer... o que você está fazendo aqui?

Ele crescera uns dois centímetros nos últimos dois meses. Seu cabelo era uma massa desgrenhada e negra.

Usava camiseta preta, jeans preto e um novo anel de prata com uma caveira. Sua espada de ferro estígio pendia ao lado do corpo.

— Fiz algumas investigações — ele contou. — Pensei que você gostaria de saber. Dédalo recebeu sua punição.

— Você o viu?

Nico assentiu.

— Minos queria que ele fervesse em *fondue* de queijo pela eternidade, mas meu pai tinha outros planos.

Dédalo construirá viadutos e rampas de acesso nos Campos de Asfódelos para sempre. Vai ajudar a aliviar o congestionamento do trânsito. Na verdade, acho que o velho ficou bastante feliz com isso. Ainda está construindo. Ainda está criando. E pode ver o filho e Perdiz nos fins de semana.

— Legal.

Nico cutucou o anel de prata.

— Mas essa não é a verdadeira razão de eu ter vindo. Também fiz algumas descobertas. Quero lhe oferecer algo.

— O quê?

— Um jeito de vencer Luke — ele disse. — Se eu tiver razão, é o *único* modo de você ter uma chance.

Respirei fundo.

— O.k. Estou ouvindo.

Nico olhou para dentro de meu quarto e franziu as sobrancelhas.

— Aquilo... aquilo é bolo de aniversário azul?

Ele parecia faminto, talvez um pouco melancólico. Imaginei se o pobre garoto algum dia tivera uma festa de aniversário, ou se já fora convidado para alguma.

— Venha comer bolo e sorvete — chamei. — Parece que temos muito que conversar.



RICK RIORDAN

nasceu em 1964, em San Antonio, Texas, Estados Unidos, onde mora com a mulher e os dois filhos. Autor best-seller do New York Times, premiado pela YALSA e pela American Library Association, por quinze anos ensinou inglês e história em escolas de São Francisco, e é a essa experiência que ele atribui sua habilidade em escrever para o público jovem. Além de Percy Jackson e os Olimpianos, Riordan é autor das séries Os heróis do Olimpo, também inspirada na mitologia grega, e As crônicas dos Kane, que visita deuses e mitos do Antigo Egito.

PERCY JACKSON & OS OLIMPIANOS

Clique abaixo para conhecer os livros



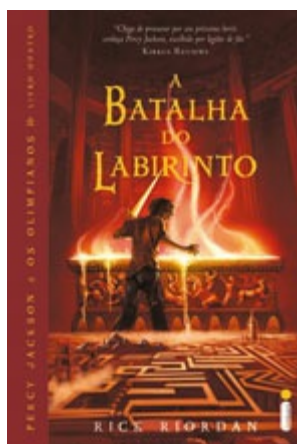
Livro Um



Livro Dois



Livro Três



Livro Quatro



Livro Cinco



Livro Seis



Conheça os livros da série "As crônicas dos Kane"



Livro Um



Livro Dois



Conheça o livro da série



Livro Um